



NOS DOMÍNIOS DO CORPO
E DA ESPÉCIE: EUGENIA E
BIOTIPOLOGIA NA
CONSTITUIÇÃO
DISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO
FÍSICA

André Luiz dos Santos Silva

PRÊMIO CBCE DE LITERATURA CIENTÍFICA



**NOS DOMÍNIOS DO CORPO E DA ESPÉCIE:
EUGENIA E BIOTIPOLOGIA NA CONSTITUIÇÃO
DISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

André Luiz dos Santos Silva



Porto Alegre

2014

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S586n Silva, André Luiz dos Santos

Nos domínios do corpo e da espécie [recurso eletrônico] : eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da educação física / André Luiz dos Santos Silva. – Porto Alegre : Orquestra, 2014.

260 p. : il. col. ; 15 x 21cm.

E-book.

ISBN 978-85-65862-17-2

1. Educação física – Eugenia. 2. Educação física – Biotipologia. 3. Eugenia. 5. Biotipologia. I. Título.

CDU 613.71

613.94

Bibliotecária Responsável Denise Pazetto CRB-10/1216

Coordenação Editorial: Flávio Possani

Projeto Gráfico e Diagramação: Orquestra Comunicação Editorial

Edição: Orquestra Comunicação Editorial

(51) 3024-2324

www.orquestraeditora.com.br

Copyright © 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

Chancela: CBCE

Apoio: Ministério do Esporte

Coleção: Prêmios CBCE de Literatura Científica

Comissão Editorial:

COORDENAÇÃO: Paula Cristina Costa Silva

Leonardo Alexandre Peyré-Tartaruga

Christiane Garcia Macedo

INTEGRANTES: Diego Mendes

Admir Soares A. Júnior

Carlos Herold Junior

Fábio Zoboli

Rosianny Campos Berto

Edivaldo Góis Júnior

Luis Eduardo Thomassim

Alexandre Palma

Fábio Nakamura

Wellington Lunz

Luciana Carletti

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO:

- Efeitos de um Treinamento de Força no Meio Aquático com Diferentes Volumes em Homens Jovens - *Adriana Cristine Koch Buttelli*
- Quando o Silêncio é Rompido: Homossexualidades e Esportes na Internet - *Luíza Aguiar dos Anjos*
- Educação Física: Atuação Profissional e Condições de Trabalho em Academias - *Alessandra Dias Mendes*
- Efeitos de Diferentes Programas de Treinamento de Força no Meio Aquático com Diferentes Volumes nas Adaptações Neuromusculares de Mulheres Jovens - *Maira Cristina Wolf Schoenell*
- Efeitos Agudos e Crônicos do Treinamento em Hidroginástica no Perfil Lipídico e na Enzima Lipase Lipoprotéica de Mulheres Pré-menopáusicas Dislipidêmicas - *Rochelle Rocha Costa*

DIRETORIA NACIONAL DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (GESTÃO 2011/2013)

Presidente: Leonardo Alexandre Peyré-Tartaruga

Vice-Presidente: Edson Marcelo Húngaro

Direção Administrativa: Maria do Carmo Morales Pinheiro

Direção Financeira: Nair Casagrande

Direção Científica: Alexandro Andrade

Direção de Comunicação: Paula Cristina Costa Silva

Coordenador Nacional de GTT's: Marcia Chaves Gamboa

Coordenador Nacional das SE's: Carlos Fabre Miranda

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada corretamente a fonte.

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS SILVA

Licenciado e Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Mestre e Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME), nesta mesma instituição. Docente do curso de graduação em Educação Física no Centro Universitário Metodista do Sul - IPA e dos cursos de graduação em Educação Física e Pedagogia na Universidade Feevale.

PREFÁCIO

Os debates sobre a constituição disciplinar da Educação Física datam de longa data colocando em diálogo conhecimentos advindos das ciências biológicas em relação à sua aplicabilidade pedagógica. Médicos, militares e pedagogos protagonizaram diferentes análises que ora mais, ora menos, ressaltaram a importância deste campo acadêmico profissional no fortalecimento do corpo dos indivíduos e, conseqüentemente, do corpo da Nação.

As décadas iniciais do século XX foram fecundas na instituição de diferentes fóruns de debates, que, em consonância com o pensamento político do período, construíram representações, práticas e discursos que buscaram combinar e, por vezes, confundir ciência com nacionalismo. O ideário higienista, articulado com as prescrições eugênicas, foi tema recorrente nesses fóruns cuja profusão de registros podem ser identificados em livros, artigos, trabalho apresentados em congressos e reportagens em jornais de grande circulação. Foi sobre esses registros que se debruçou grande parte dos estudos acadêmicos produzidos no campo da Educação Física desde os anos de 1980. O destaque conferido ao movimento higienista e à ciência eugênica resultou, em grande medida, dessas fontes promovendo uma certa compreensão de que essas duas “ciências” formaram o saber basilar da constituição disciplinar da Educação Física brasileira.

A pesquisa desenvolvida por André Luiz dos S. Silva, ainda que percorra um caminho semelhante, produz outros modos de ver a configuração política e científica que gravitava me torno dos cuidados e controles sobre a saúde da população visando o aprimoramentos do corpo-indivíduo e do corpo-espécie: a articulação entre Eugenia e Biotipologia.

Se a “ciência da melhoria da espécie” já era tema recorrente nas pesquisas da Educação Física, a “ciência das constituições, temperamentos e caracteres” mostra-se em sua investigação como uma preciosa novidade. Sua presença e perseverança no debate da época trazem novas injunções teóricas e metodológicas à estruturação da área assim como do que era esperado de sua intervenção pedagógica. Nesse sentido, merece destaque o olhar atento de André que, ao perscrutar algumas das fontes já analisadas, vasculhou novos rastros e deles extraiu detalhes ainda pouco investigados e debatidos.

Nos domínios do corpo e da espécie: Eugenia e Biotipologia na constituição disciplinas da Educação Física revela variações sobre um mesmo tema. Ancorado nas formulações teóricas e metodológicas de Michel Foucault, seu autor desenvolve análises peculiares sobre o caráter disciplinar da Educação Física e o uso da Biotipologia como um de seus dispositivos. Assim, ao construir sua narrativa a partir desse entrelaçamento explícita rupturas e continuidades no que tange à construção do corpo e dos sujeitos. Explícita, sobretudo, o lugar conferido à Educação Física nesse processo lento, sutil e minucioso.

A premiação da tese e a consequente publicação desse livro atestam a qualidade da investigação cujo modo de pesquisar mostra-se pleno de responsabilidade e ousadia uma vez que André fez afirmações que ainda não haviam sido ditas. Tal atitude demonstra não apenas coragem de lançar novas interpretações, mas acima de tudo, faz ver que pesquisa se faz com liberdade e autonomia. Desfrutemos, pois dessa possibilidade.

Silvana Vilodre Goellner

SUMÁRIO

Introdução	13
A constituição da Educação Física como “disciplina”	17
Eugenia, Biotipologia e seus fundamentos orgânico-hereditários	25
Entre documentos e conceitos, os procedimentos de confecção da narrativa	31
1 A "ciência da melhoria da espécie" e a constituição disciplinar da Educação Física	37
1.1 A Eugenia e o Brasil: configurações contextuais a partir de fins da década de 1920	37
1.2 Lamarck, Mendel e Darwin: o debate eugênico sobre Evolução e Hereditariedade	44
1.3 "[...] em prol do fortalecimento de nosso povo, da eugenia de nossa raça [...]": A Educação Física e seus usos da ciência da melhoria da espécie	55
1.3.1 Hereditariedade, Evolução e Eugenia no interior da Educação Física	59
1.3.2 Ausências e silenciamentos quando autores eugenistas são publicados na Educação Física	81
1.3.2.1 Antônio Austregésilo	82
1.3.2.2 Fernando Magalhães	85
1.3.2.3 Júlio Pires Porto-Carrero	88
1.3.2.4 "A Educação Physica [...] começa onde a acção da eugenia acaba"	90
1.3.2.5 Edgard Roquette-Pinto	92
1.3.3 Renato Kehl e Fernando de Azevedo: o retorno aos anos 1910/1920, quando “sanear é eugenizar”	95
1.3.3.1 Renato Ferraz Kehl	96
1.3.3.2 Fernando de Azevedo	104
1.4 “A Educação Physica [...] começa onde a acção da eugenia acaba”	115

2	A Biotipologia como dispositivo, e o fichamento biométrico como tecnologia: fundamento teórico e prática legítima à Educação Física	118
2.1	O corpo como espelho da alma: Ideias e precursores da Biotipologia	120
2.2	Apontamentos sobre a Biotipologia na Argentina e Brasil	129
2.3	Componentes e Conectores do "Dispositivo Biotipológico"	137
2.3.1	Conectores - Articulações Institucionais e possibilidade de vínculos com outras Áreas de saber	141
2.3.2	Componente I - Núcleo de produção e divulgação da Biotipologia ..	146
2.3.2.1	A Biotipologia nos periódicos da Educação Física	146
2.3.2.2	Médicos afeitos à Biotipologia e à Educação Física	155
2.3.2.2.1	Waldemar Berardinelli	155
2.3.2.2.2	Augusto Sette Ramalho	162
2.3.2.2.3	Áureo Moraes	167
2.3.2.2.4	Floriano Peixoto Martins Stoffel	170
2.3.2.2.5	Peregrino Júnior	172
2.3.2.2.6	Arthur Ramos de Araújo Pereira	176
2.3.2.3	O debate biotipológico nos Congressos de Educação Física	179
2.3.2.4	O saber biotipológico em aulas e conferências	185
2.3.3	Componente 2 - A inserção do saber biotipológico nas Fichas Biométricas	189
2.3.4	Componente 3 - Instrumentos, arquitetura, estética e a produção da tecnologia Biotipográfica	207
2.4	Entre críticas e resistências, o auxílio da Biotipologia à constituição disciplinar da Educação Física	218
	Tecendo Considerações	223
	Referências	230
	Fontes pesquisadas	241
	Anexo	260

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	
Ed. Física e Constituição	16
Fonte: Berardinelli, 1942, p.505	
Imagem 2	
Capa nº 26	35
Fonte Revista de Educação Física (Exército), setembro de 1935	
Imagem 3	
"Grande eugenista brasileiro"	115
Fonte: Dr. Renato Kehl, 1942, p 08.	
Imagem 4	
"A Ciência Brasileira Apreciada no Estrangeiro."	118
Fonte: A Ciência..., 1934, s/p.	
Imagem 5	
Diagrama do Biótipo Humano	121
Fonte: Berardinelli, 1942, p. 80	
Imagem 6	
Correcionais em apresentação ao VII Cong. Nac. de Educação	144
Fonte: Na casa de correção, 1935, p. 19	
Imagem 7	
Tipos constitucionais	151
Fonte: Coteau, 1940, p. 19	
Imagem 8	
Mesa de Viola	169
Fonte: Berardinelli, 1942, p. 91	
Imagem 9	
Antropômetro Viola-Aureo Moraes	170
Fonte: Moraes, 1937, p.29	

Imagem 10		
	Projeto para o departamento médico.....	207
	Fonte: Ramalho 1935, p.11	
Imagem 11		
	A Educação Física no Colégio Militar.....	208
	Fonte: A Educação Física..., 1934, p.25	
Imagem 12		
	Instrumental do Gabinete de Biometria	209
	Fonte: Gabinete de Biometria,1935, p. 18-19	
Imagem 13		
	Gabinete Bimétrico da Estrada de Ferro Central do Brasil	210
	Fonte: A Estrada de Ferro..., 1944, p.71.	
Imagem 14		
	"A ficha biométrica nos corpos da tropa"	213
	Fonte: A Ficha Biométrica, 1936, p.8	
Imagem 15		
	Alunas das Escolas Técnicas Secundárias	215
	Fonte: Stoffel, 1937, p. 22	

LISTAS DE QUADROS E GRÁFICO

Quadro 1		
Grupo de documentos acessados.	33	
Fonte: Elaborado pelo autor		
Quadro 2		
Lista de artigos publicados por Renato Kehl na revista Educação Física e suas correlatas publicações anteriores	99	
Fonte: Elaborado pelo Autor		
Quadro 3		
Lista de artigos publicados por Fernando de Azevedo na revista Educação Física e suas correlatas publicações anteriores	113	
Fonte: Elaborado pelo Autor		
Quadro 4		
Quadro geral dos modos como a Eugenia apresenta-se no interior da Educação Física.	116	
Fonte: Elaborado pelo Autor		
Quadro 5		
Comparativo entre Ficha Biométrica de Educação Física e Ficha e exame decorrente do Regulamento Geral de Educação Física.	196	
Fonte: Elaborado pelo Autor		
Quadro 6		
Efeitos do “Dispositivo Biotipológico”	221	
Fonte: Elaborado pelo Autor		
Gráfico		
Relação anual de publicações sobre Biotipologia nos periódicos da Ed. Física	147	
Fonte: Elaborado pelo autor		

... façam, um passeio... um passeio amável pelo mundo da educação física, que é um mundo surpreendente e belo, cheio de claras, de saudáveis paisagens. Bem sei que todos vós lhe conheceis perfeitamente o itinerário. Mas eu desejo ser vosso “ciceroni” nessa rápida excursão quasi tão teórica e platônica quanto aquelas que Xavier de Maistre realizou à roda (...) – eu desejo ser vosso guia nesse passeio para a alegria de mostrar-vos, além dos velhos roteiros do passado, as novas encruzilhadas do presente, que se abrem amplas e límpidas, no rumo do futuro.

(PEREGRINO Jr – Catedrático de Biotipologia da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. 1942, p.15)

O mundo da história efetiva conhece apenas um único reino onde não há providência, nem causa final, mas somente as mãos de ferro da necessidade que sacode o copo de dados do acaso (FOUCAULT, 1979, p.28).

INTRODUÇÃO

Esse manusear de alfarrábios, esse trato com os fantasmas de outras éras, não era feito, porém, por um philologo frio, por um excavador sem alma, por um desses espíritos que, incapazes de compreender e de viver o presente, vão se refugiar, covardes e falhos no passado. (OUVINDO..., 1936, p.45)

Assim a revista Educação Physica apresenta, em 1936, Fernando de Azevedo¹, importante intelectual brasileiro que em suas obras iniciais dedica-se a falar sobre a Educação Física². Muito mais que apresentar, a revista refere-se a Azevedo como um sujeito que dialogava com seu tempo e encontrava em sua contemporaneidade seus problemas históricos.

Assim procede esta obra. O manusear de alfarrábios e o trato com os fantasmas de outras eras relaciona-se com questões que marcam o contexto de produção desta investigação. Aqui, nestes escritos, a história não é refúgio, é potência viva que reverbera o tempo presente.

A contemporaneidade da Eugenia e Biotipologia, temáticas que, neste texto, entrelaçam-se à Educação Física, manifesta-se com características distintas daquelas situadas nas primeiras décadas do século XX. A elas foram agregados outros elementos contextuais, novos saberes, assim como, alguns de seus atributos foram reinventados.

Assim, ao eger as inserções da Eugenia e Biotipologia na Educação Física das imediações das décadas de 1930 e 1940, este texto parte das evidências e ranços eugênicos e biotipológicos na Educação Física contemporânea.

¹ Dedicou-se a falar sobre a Educação Física, sobretudo nas décadas de 1910 e 1920. Foi um dos responsáveis pela reforma do Ensino no Rio de Janeiro, por volta de fins dos anos 1920, e São Paulo, nos primeiros anos da década de 1930 (FRAGA, GOELLNER e SILVA, 2011).

² O termo “Educação Física”, quando grafado com as iniciais em maiúsculo refere-se a um campo “disciplinar”, cujos fundamentos serão tratados de modo mais detido no item “A constituição disciplinar da Educação Física”. Nos momentos em que a palavra “educação física” se apresentar com as letras iniciais em minúsculo, estará sendo utilizada como sinônimo de “práticas de exercitação física”, “movimentos corporais”, “atividades físicas”, dentre outros.

Potência, rendimento, excelência técnica e performance são alguns dos atributos agregados à Educação Física ao longo dos anos, seja no cenário esportivo, seja nos imperativos da beleza e saúde. Nesse sentido, a Educação Física vem se vinculando a uma série de saberes que tem direcionado seu fazer prático.

Entre fins dos anos 1910 e 1920, a Eugenia, ciência da melhoria da raça, é incorporada aos dizeres de Fernando de Azevedo³ e Renato Kehl⁴ que propagandeavam as práticas de exercitação física como capazes de eugениzar a população brasileira. Concebida como uma ciência que legaria a boa descendência à espécie humana, a Eugenia, apoiada nas teorias da Hereditariedade⁵, versava sobre os exercícios físicos e constituía na interface com Higiene, Saneamento, Educação, etc., uma rede de relações de saber-poder. A educação física ajudaria, de acordo com Silva (2008), a constituir uma estética eugênica na medida em que colocava à mostra belos corpos se exercitando. Desempenharia as anatomias defeituosas, restabeleceria a beleza e vigor, ensinaria modos de ser homem e quais as posturas adequadas às mulheres (SILVA e GOELLNER, 2010); (SILVA e GOELLNER, 2008).

Em 1922, Nicola Pende, médico endocrinologista, sistematiza a Biotipologia⁶, na Itália. Entendida como a ciência das constituições, temperamentos e caracteres, parte dos mesmos pressupostos das concepções lombrosianas⁷. De modo geral, para os biotipologistas, a hereditariedade e os funcionamentos das glândulas de secreção hormonal, ao lado de influências do meio, determinariam os indivíduos, seus modos de ser e se portar, suas tendências e seus destinos. Deste modo, haveria na matriz biológica um componente determinante na constituição dos sujeitos e seria por meio das investigações no corpo que se tornaria possível compreender, por exemplo, a criminalidade, diversos tipos de manifestações mórbidas, além de direcionar os sujeitos de acordo com suas tendências. No corpo se manifestariam as paixões, os vícios e as

³ Sobre as relações entre Fernando de Azevedo e a Eugenia, indicamos: Fraga, Goellner e Silva (2011).

⁴ Renato Kehl foi um dos médicos eugenistas mais influentes do Brasil. Sobre as relações entre Renato Kehl e a Educação Física indicamos Silva (2008).

⁵ Há uma profícua discussão acerca das teorias da hereditariedade e seus vínculos com Eugenia. Assim sendo, as especificidades das proposições de Lamarck, Mendel, Weismann, Galton, etc. conferiram perspectivas distintas à “ciência da melhoria da espécie”. Stepan (2005), Silva (2008) e Silva (2007) transitam por essas discussões.

⁶ Anteriormente às propostas de Pende, De Giovanni, na Itália, é apontado como importante intelectual que se dedicou aos estudos da Biotipologia, influenciando fortemente os biotipologistas italianos que o sucederam. Nicola Pende agrega à Biotipologia os estudos acerca dos hormônios e suas influências, o que confere a ele importante peso na história da ciência constitucionística. Além da escola italiana, outros países dedicaram-se a estudar a Biotipologia: na França, Sigaud; na Alemanha, Kretschmer (GOMES; SILVA; VAZ, 2012).

⁷ Cesare Lombroso foi o criador da criminologia positiva na Itália. Este autor parte de estudos antropomorfos para estabelecer uma natureza do delito (FERLA, 2009). Lombroso buscava no corpo similitudes entre grupos de indesejáveis e com isso constituiu sua antropologia criminal no século XIX (GOULD, 1999; FERLA, 2009).

virtudes... no corpo estaria a resposta para as atrocidades e as genialidades humanas. Caberia identificar na materialidade da carne os tipos morfológicos para melhor direcioná-los, educá-los, tratá-los e julgá-los. Logo, a materialidade biológica seria o elemento central nos processos da biotipologia, lócus de investigação capaz de responder à Criminalística, à Medicina, à Educação e à Educação Física.

Em 1882, Francis Galton cunha o termo Eugenia, em 1922, Nicola Pende sistematiza a Biotipologia... Apesar de passado quase um século e apresentar contextos distintos é possível perceber nas proximidades dos dias de hoje algumas semelhanças, ou quem sabe, permanências de tais práticas científicas.

Em 1980, nasce Yao Ming, Filho de Fang Fenghi (1,9m de estatura) e Yao Zhiyuan (mais de 2m de estatura), ambos ex-atletas de basquete. Yao Ming nasceu pesando 5 quilos e, aos 10 anos, media 1,65m. As referências sobre sua história nos apontam que os vínculos políticos de sua mãe com as concepções maoístas da China, na década de 1970, materializaram o sonho local da criação de superatletas. Balizados pelas referências eugênicas, as linhagens de Fang Fenghi e Yao Zhiyuan foram submetidas a investigações cautelosas, a fim de atestarem caracteres ótimos para a prática esportiva, possibilitando, assim, a assertiva da prescrição eugênica.

Medindo 2,29m de estatura, Yao Ming atualmente possui 32 anos e é o atleta mais alto da NBA americana⁸. Seu corpo é um dos mais altos do mundo e tornou-se uma máquina de performance.

Michael Phelps é um dos maiores expoentes da natação mundial. Seu corpo quebrou mais de 30 recordes e conquistou, em uma única edição dos Jogos Olímpicos, em Pequim (2008), a marca histórica de oito medalhas. Dotado de pernas proporcionalmente curtas, o que reduz o atrito com a água, pés grandes que atuam como nadadeiras e uma envergadura (2m) maior que sua estatura (1.92m), possibilitando-lhe braçadas excepcionalmente fortes, Phelps apresenta um corpo altamente "adaptado" ao meio líquido.

Do mesmo modo, o nadador brasileiro, Thiago Pereira, também é apresentado como possuidor de um "biótipo" adequado à natação. Com pernas ligeiramente curvadas para trás, resultado da hiperextensão dos joelhos e com tornozelos com grande amplitude articular, seus segmentos inferiores apresentam eficiência anatômica que confere ao seu corpo vantagens dentre os demais competidores⁹.

⁸ Associação Nacional de Basquete americana. Trata-se de uma liga de basquete que organiza e divulga essa prática esportiva nos EUA.

⁹ Algumas páginas e sites da internet apresentam as adaptações dos corpos de Phelps e Tiago Pereira ao meio líquido, dentre as quais destaca-se: <http://veja.abril.com.br/quem/thiago-pereira-michael-phelps.shtml>, acesso em abril/2011.

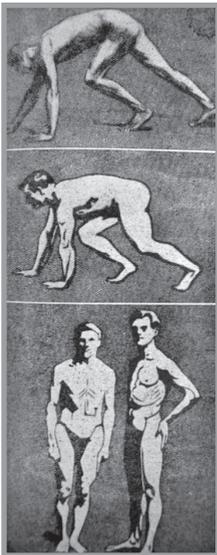
Muitas das imagens, textos e publicidades vinculadas a Thiago Pereira, Michael Phelps, assim como outros atletas, representam seus corpos dentro da dinâmica das teorias evolutivas, atestando superioridades biológicas de adaptação mediante as exigências do meio.

No campo esportivo Michael Phelps e Thiago Pereira representam a superioridade manifesta no corpo e que o esporte pôs à mostra. Para as proposições biotipológicas, apresentam "tipos constitucionais" adequados à natação. Seus corpos atestam a eficácia de biótipos específicos para cada modalidade, tal qual "fazia" a Biotipologia.

Dentre os pressupostos básicos da "ciência constitucionalística" do início do século XX, está a "crença" de que a partir de marcas no corpo é possível inferir sobre aptidões físicas, fisiológicas e até mesmo tendências criminais, patológicas e psicológicas. De acordo com Kretschmer, isso se daria uma vez que os aspectos somáticos e psicológicos obedecem a um mesmo determinismo biológico (citado por BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933).

Deste modo, dentre as tantas atribuições da Biotipologia, estava o trabalho de mensurar e classificar corpos para então orientá-los a partir de suas especificidades e potencialidades. O esporte, as ginásticas e as práticas corporais de movimento deveriam ser prescritos a partir das características constitucionais de cada sujeito, uma intenção clara de se cultivar corpos mais produtivos.

Assim ilustra Berardinelli (1942), ao se referir às práticas esportivas:



O longilíneo é mais apto para a corrida; o brevilíneo, para a força; o mediolíneo participa de ambas aptidões, escreve o Dr Theoris, instrutor dos estudos biotipológicos na educação física e no atletismo. O brevilíneo é mais resistente, porém mais lento, menos ágil; o longilíneo, o mais rápido, mais ágil, porém menos resistente. Um é o tipo cavalo de corrida, o outro é o tipo de cavalo de tração, escreveu Pende. (BERARDINELLI, 1942, p. 508)

Imagem 1: Ed. Física e Constituição
Fonte: Berardinelli, 1942, p.505

Se nas prescrições biotipológicas das décadas de 1920 e 1930, seria improdutivo treinar um brevílneo para correr longas distâncias, ou ainda um longilíneo para arremessar peso, no contexto atual é possível questionar a eficiência do corpo de Phelps nas provas de atletismo, por exemplo.

Com pernas proporcionalmente curtas e pés grandes, Michael Phelps tem sido, frequentes vezes, representado como um sujeito sem muita desenvoltura em terra firme. Como um "peixe fora d'água", Phelps "deveria" seguir os determinismos de seu corpo e explorar as potencialidades de seu biótipo. Assim como propõe a Biotipologia, no corpo estariam os indicativos das aptidões e tendências "naturais".

Yao Ming, Tiago Ferreira e Michael Phelps nos permitem questionar nos dias de hoje algumas semelhanças às proposições eugênicas, assim como, indicam usos de alguns dos pressupostos da Biotipologia. E assim, partindo de problematizações emergentes no contexto atual, esta tese se encaminha para as imediações dos anos 1930 a fim de tratar das possíveis relações entre Eugenia, Biotipologia e Educação de tempos passados.

A constituição da Educação Física como “disciplina”

A partir dos anos 1920 e, com maior ênfase nos anos 1930, irrompe um interesse do Estado, assim como de alguns setores da sociedade, sobre a Educação Física, demandando um plano nacional para a Área (GOELLNER, 2003).

Naquele momento, era notável a ânsia por modernizar o país, o que se traduziu nas reformas educacionais, sanitárias, urbanas, etc. Vista como uma população sem um perfil étnico, viciosa, incapaz para o trabalho, vadia e incivilizada, urgia regenerá-la em prol do nacionalismo. Questões como unidade nacional, disciplina e organização racional do trabalho passam a interferir no fazer de educadores, médicos, juristas, arquitetos, etc. A Educação e a Educação Física passam a ser vistas como salvaguarda da “causa cívica”, atuando em vistas à saúde, ao disciplinamento e à capacidade de trabalho (LINHALES; LIMA; OLIVEIRA, 2009). Em decorrência disso, a partir de fins da década de 1920, a Educação Física ganha evidência e representatividade em diversas instâncias.

Em 18 de abril de 1931, o ministro da Educação, Francisco de Campos, estabelece a prática obrigatória de Educação Física para as classes de ensino básico (RIBEIRO,

2009). Em 1937, é criada a divisão de Educação Física vinculada ao já existente Ministério da Educação e Saúde (FERREIRA NETO, 1999).

Entre 1926 e 1937 a Associação Brasileira de Educação acolhia o debate sobre a Educação Física por meio da “Secção de Educação Physica e Hygiene” (SEPH) (LINHALES, 2009). A mesma associação, em 1935, promove, no Rio de Janeiro, o VII Congresso Nacional de Educação, cujos debates enfatizaram os “problemas” da Educação Física.

Em 1934, por meio do artigo 131 da Constituição da República, a disciplina de Educação Física foi inserida como obrigatória nos currículos das escolas primárias e secundárias no Brasil (BOMBASSARO; VAZ, 2009). No ano seguinte, é incluída na Constituição do Estado do Espírito Santo (FERREIRA NETO, 1998).

Em 1937, uma nova Constituição da república é outorgada pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas mantendo, em seu texto, a presença da Educação Física (FERREIRA NETO, 1998).

Todos os elementos apontados acima nos indicam a atenção à “cultura física” na virada da década de 1920 para 1930. Segundo Linhales (2009), é na proximidade dos anos 1930 que se via cada vez mais evidente a necessidade de se materializar a formação em Educação Física no país.

Assim sendo, em 1929, houve a restauração do primeiro curso de formação de professores. Após aproximadamente sete anos de funções interrompidas, o Centro Militar de Educação Física (CMEF), sediado na Escola de Sargentos de Infantaria – Vila Militar – é reaberto em função da visita do então presidente da república. Naquela ocasião, o tenente Ignácio Rolim, ao organizar uma apresentação de ginástica, chamou a atenção de Washington Luís que solicitou a reabertura do Centro Militar. Apesar de sua inauguração datar de 1922, o Centro Militar, devido à revolução que aconteceu naquele mesmo ano, foi fechado antes mesmo de formar a primeira turma (RIBEIRO, 2009; FERREIRA NETO, 1999).

Chancelada pelo curso provisório do Centro Militar, a primeira turma foi composta por 50 alunos que se formaram em janeiro de 1930, mesmo ano em que a escola é transferida para Fortaleza de São João, no bairro Urca, no Distrito Federal. O início das aulas da segunda turma aconteceu no segundo semestre de 1930 e alguns dos professores que se formaram naquele ano foram incorporados aos docentes da instituição. Segundo Ribeiro (2009), ainda em 1930, foram criados centros Militares de Educação Física similares nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

A partir de 1931, novos cursos tutelados pelos militares foram inaugurados

nos estados do Espírito Santo e São Paulo, o que colocam esses estados como pioneiros na formação de professores de Educação Física civis no país (FERREIRA NETO 1998; 1997).

Em 1933, por meio do decreto 23254 de 19 de outubro de 1933, o Centro Militar de Educação Física é transformado em Escola de Educação Física do Exército (EEFE), um marco para os cursos de Educação Física do país, uma vez que a EEFE torna-se o parâmetro para os cursos de formação até a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, em 1939.

A década de 1930 presencia, ainda, a emergência de cursos e departamentos de Educação Física nos Estados de Pernambuco, Pará, Bahia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (FERREIRA NETO, 1999).

Alvo de interesse do Estado, a Educação Física se vê num momento favorável aos seus processos de sistematização, entretanto, cabe ressaltar que o período compreendido entre fins da década de 1920 e início dos anos 1930 era herdeiro de discussões incipientes e de pouca solidez enquanto estruturação acadêmico-profissional¹⁰ (GÓIS JR. e LOVISOLO, 2005).

O acesso aos documentos sinaliza a constante manifestação de distintos intelectuais que infatizavam a necessidade de legitimidade científica e racionalidade no fazer prático da Educação Física. Neste sentido é possível destacar:

A história da cultura física no Brasil é muito simples de ser feita, porque, em verdade, sômente agora é que ela entrou nos moldes do rigorismo científico. (MEDEIROS, 1935, p.01)

Por várias vezes já temos frisado que, em Educação Física é mais desastroso o empirismo que a falta de exercícios. (Cardoso, 1939, p.06)

Em 1920, Fernando de Azevedo apontava em duas obras, “Da Educação Physica” e “Antinöus,” a necessidade dos estudos fisiológicos, higiênicos, anatômicos

¹⁰ O estado atual da historiografia da Educação Física permite dizer que até a década de 1930 a intenção de se constituir cursos de formação em Educação Física não passou de movimentos isolados e, de certo modo, incipientes, que não foram capazes de sistematizar e consolidar a Educação Física como Área de intervenção e investigação (FERREIRA NETO, 1999); (GOIS JR e LOVISOLO, 2005).

e pedagógicos para formação de moças e rapazes aptos à sociedade. Ruy Barbosa, em seu parecer sobre a instrução pública, datado de 1882 e publicado na íntegra, em 1934, na Revista Educação Physica, já sinalizava que os “exercícios do corpo” não deveriam se pautar nas práticas empíricas desenvolvidas na agricultura nem mesmo na caserna. Deveriam ser sistematizados com fins à otimização e restabelecimento da saúde, constituindo-se como uma “sciencia” e uma “arte do movimento”.

Neste mesmo sentido, em meio às considerações dos trabalhos apresentados ao VII Congresso Nacional de Educação, em 1935, encontra-se como sugestão, a “Sistematização dos conhecimentos científicos que devem servir de base à educação física (...)” (VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1935, p. 256). Naquele mesmo evento, junto às conclusões das teses sobre “Organização de Institutos ou Escolas de Educação Física”, consta como diretriz a necessidade do “trabalho de pesquisas em Educação Física” (VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1935, p. 257).

Nas páginas das revistas Educação Physica e Educação Física (Exército), científicidade e racionalidade são exaltados, visibilizados e reafirmados como necessários constantemente. Ao longo dos treze anos de sua existência, o periódico Educação Physica pronuncia-se como “Revista Technica que visa apoiar a causa da educação physica: Vulgarizando os princípios científicos que servem de base (...) (EDUCAÇÃO PHYSICA, nº 02, s/p., 1932). Em comemoração ao primeiro aniversário da Revista de Educação Física (Exército), Toledo de Abreu aponta os percalços enfrentados pelo órgão de divulgação da Escola do Exército e afirma que a revista segue “(...) difundindo os meios científicos destinados ao desenvolvimento somático, (...) (1934, nº12, p.01).

Neste sentido, a Educação Física em seu processo de constituição disciplinar chama para o debate acadêmico uma série de outras disciplinas, ressignificando saberes, ampliando espaços acadêmicos, constituindo bases científicas e diretrizes práticas capazes de sustentar a Área disciplinarmente.

Nutrição¹¹, Psicologia¹², Biotipologia¹³, Puericultura¹⁴ e Higiene¹⁵, além de

¹¹ TABELA das vitaminas: uma contribuição para facilitar, às donas de casa e aos interessados em geral nos problemas de alimentação, a aplicação dos bons princípios da nutrição. Educação Physica, Rio de Janeiro, n. 52, p. 40-41, mar. 1941.

¹² BARROS, Raul Clemente do Rego. Considerações sobre o ensino da psicologia aplicada a educação física. Educação Physica, Rio de Janeiro, n. 61, p. 24-25, dez. 1941. JAMES, William. A psicologia vista por um psicólogo. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano 4, n. 21, p. 24, abr. 1935.

¹³ Mais referências sobre esta ciência estão inseridas ao longo do texto.

¹⁴ LAGES, Waldemar. Iniciação indispensável à verdadeira puericultura. Educação Physica, Rio de Janeiro, n. 67, p. 26-28, ago. 1942.

¹⁵ HIGIENE geral: conselhos fundamentaes. Educação Physica, Rio de Janeiro, n. 1, p. 118, [s. m.] 1932.

HIGIENE pratica: o banho de sol. Tradução de Ivanhoé G. Martins. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, [s. p.], mar. 1933.

COELHO NETO. Higiene e cultura física. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano 3, n. 18, p. 36, dez. 1934.

incontáveis artigos sobre sistematização e racionalização da técnica esportiva compõem um quadro de busca de legitimidade acadêmica e afirmação disciplinar.

Entretanto, cabe ressaltar que o entendimento de disciplina, nesta narrativa, refere-se a um dos mecanismos internos de regulação do discurso, cuja mecânica estabelece limites e regras à construção de novas proposições, estabelecendo objetos de investigações, horizontes teóricos e legitimidade científica (FOUCAULT, 2010a). Esses elementos só são possíveis, na Educação Física brasileira, justamente na década de 1930 e é pelas imediações desse período que se inicia este estudo.

Michel Foucault, ao longo de seus textos, propõe dois usos para o termo: a) disciplina vinculada à ordem do poder; b) disciplina vinculada à ordem do saber.

O primeiro uso diz respeito aos procedimentos que intencionam a individualização dos sujeitos, ao exercício de poder que atua sobre o corpo-indivíduo e sua normalização¹⁶. O segundo, como dito, propõe o conceito disciplina como uma forma de regulação do discurso, um dos elementos que auxiliam na manutenção de sua ordem. O discurso em Foucault (2010a) seria o elemento pelo qual se luta, o poder que se quer exercer e, não somente, “aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação” (p.10).

Com a intenção de se manter a eficácia do discurso uma série de esquemas de restrição são constituídos para organizar e controlar os riscos de seu potencial produtivo. Nesse sentido, Foucault (2010a, p. 09) aponta:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Acerca dos mecanismos de limitação do discurso, estes podem operar do interior do próprio discurso, ou, ainda, podem lhes ser externos. Os mecanismos externos de limitação, entretanto, propõem uma série de procedimentos que, por meio de sistemas de exclusão: a) separam o verdadeiro do falso; b) interditam o desejo de se falar tudo o que se quer em qualquer lugar e em qualquer circunstância; c) rejeitam e anulam a palavra ilegítima e desqualificada como por exemplo, a fala de um louco (FOUCAULT, 2010a).

¹⁶ A esse respeito ver Vigiante e Punir (FOUCAULT, 2010b) e Em defesa da Sociedade (FOUCAULT, 1999)

Nos procedimentos internos de regulação são os discursos que exercem seu próprio controle por princípios de classificação, ordenação e distribuição. Dentre seus mecanismos¹⁷ Foucault sinaliza a disciplina que pressupõe novidades nos termos dos enunciados e das proposições, não dizendo respeito ao que deve ser repetido ou redescoberto. De modo anônimo a disciplina propõe ainda objetos, técnicas, regras, instrumentos e métodos próprios, apresentando um conjunto de proposições estabelecidas como verdadeiras (FOUCAULT, 2010a).

Apesar de a disciplina estabelecer um caráter relativo e móvel, seus encaminhamentos operam conforme um jogo restrito que envolve alguns elementos: a) um plano de objeto determinado; b) um dado horizonte teórico; c) um modelo legítimo cientificamente.

O “plano de objeto determinado” refere-se ao lócus de investigação, seria o objeto sobre o qual a disciplina se debruça, elemento que também serve a seu caráter identitário. Segundo Foucault (2010a) o objeto determinado da Medicina está circunscrito à doença, assim como do da Botânica às plantas. No caso da Educação Física, mais especificamente aquela situada nas imediações da década de 1930, seu objeto estava circunscrito às práticas de exercício/movimento humano com destaque aos esportes, às ginásticas, assim como às danças, lutas etc.

Além do plano de objeto determinado, para que uma proposição pertença a uma disciplina deve estar vinculada em um dado horizonte teórico e construir-se sobre um modelo legítimo cientificamente. Foucault (2010a) ao abordar os estudos de Mendel, datados de meados do século XIX, sugere que as noções de hereditariedade pensadas pelo monge austríaco inscreveram-se em métodos e horizontes teóricos não muito familiares à biologia de sua época. Os conceitos, técnicas e os modos como Mendel conduziu sua investigação, apesar de terem gerado, em princípio, certo estranhamento acabou, tempos depois, constituindo um horizonte teórico e um modelo legítimo cientificamente no plano da Biologia.

Deste modo, as disciplinas estabelecem uma série de instrumentos, conceitos, técnicas e métodos, ou ainda, um modelo legítimo cientificamente, cujos encaminhamentos devem ser pertencentes a um determinado eixo teórico. Nas palavras de Foucault:

[...] uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições

¹⁷ Dizem respeito ao “comentário”, “autor” e “disciplina” (FOUCAULT, 2010a).

consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos [...] (2010a, p. 30)

Neste sentido, o conceito de disciplina direciona os encaminhamentos deste estudo uma vez que auxilia a questionar qual o sistema de métodos, técnicas e instrumentos a Educação Física propõe ou se apropria por volta da década de 1930? Que conjunto de proposições, conceitos e, em quais horizontes teóricos se vincula?¹⁸

Talvez, essas primeiras questões levem a pensar no estabelecimento técnico teórico e instrumental como elementos constituintes da verdade no interior da Educação Física. Entretanto não é em direção a esse entendimento que se encaminha a tecitura deste texto, afinal:

A medicina não é constituída de tudo o que se pode dizer de verdadeiro sobre a doença; a botânica não pode ser definida pela soma das verdades que concernem às plantas. (...) a botânica ou a medicina são feitas tanto de erros como de verdades (...). (FOUCAULT, 2010a, p. 31)

Os erros que se operam no interior das disciplinas, então, não devem ser vistos como resíduos dos processos de constituição das verdades, ou meros esquecimentos. Ao contrário, o erro tem função positiva em seu interior e serve a uma eficácia histórica.

Porém, ao mesmo tempo em que as disciplinas “acolhem” esses erros em função de sua positividade estratégica, elas extirpam o que Foucault chama de “teratologia do saber”. Diferentemente dos erros, esse monstros que se criam no interior das disciplinas, se não banidos de suas margens, podem abalar a noção de “campo do verdadeiro” - terreno constituído com fins a sua manutenção como tal.

Esse campo não se refere à ordem do erro ou da verdade. Diz respeito a uma proposição que, antes mesmo de ser considerada correta ou equivocada, situa-se em uma noção de verdadeiro.

Em resumo, uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina: antes de poder ser declarada verdadeira ou falsa, deve encontrar-se, como diria M. Canguilhem, “no verdadeiro”. (FOUCAULT, 2010a, p. 33 e 34)

¹⁸ Cabe ressaltar que essas não são as questões centrais deste estudo. Dizem respeito a uma primeira problematização de caráter geral. Mais adiante, no próximo item as questões relativas ao conceito de disciplina serão articuladas às especificidades da Eugenia e da Biotipologia, dando origem a algumas questões que norteiam a tese.

Horizonte teórico, objetos determinados, legitimidade científica e proposições verdadeiras são algumas das características das disciplinas e que auxiliam a pensar a Educação Física como tal. Assim, esse conceito subsidia o ajuste do foco de investigação circunscrevendo os processos de constituição da Educação Física como disciplina, nas proximidades da década de 1930.

Com apoio nesse primeiro balizador, os encaminhamentos da pesquisa acessaram documentos capazes de dizer coisas sobre a Educação Física em sua “vontade de saber” (FOUCAULT, 1979).

O processo de constituição disciplinar da Área construiu condições favoráveis à criação dos dois primeiros periódicos específicos de discussão e difusão da Educação Física no país: a Revista de Educação Física¹⁹, editada por militares e a revista Educação Physica, editada por professores civis, ambas no ano de 1932. Segundo Ferreira Neto (2002), essas foram as duas únicas Revistas de circulação nacional que se mantiveram ativas ao longo da década de 1930²⁰.

No contato com os periódicos, buscou-se, em um primeiro momento, identificar possíveis inserções da Eugenia no processo de constituição disciplinar da Educação Física. Entretanto, as fontes indicaram que além da “ciência da melhoria da espécie”, os debates sobre Biotipologia, apoiados em fundamentos semelhantes ao da Eugenia, faziam-se presentes por meio de grande número de artigos²¹. Assim, Eugenia e Biotipologia constituem-se como as duas únicas perspectivas científicas que tratam, ao mesmo tempo, do corpo-indivíduo e do corpo-espécie. A partir dos indicativos feitos pelos periódicos da Educação Física, novos encaminhamentos foram necessários.

¹⁹ O periódico intitula-se “Revista de Educação Física”, entretanto, para marcar sua diferenciação optou-se por agregar o termo Exército entre parênteses ao final da denominação, deste modo sua menção será feita como Revista de Educação Física (Exército).

²⁰ Somente na década de 1940 novos periódicos iniciam suas edições, a saber: Boletim de Educação Física – 1941, Revista Brasileira de Educação Física – 1944, Arquivos da Escola Nacional de Educação Física – 1945, Revista da APEF – 1953 e Boletim da FIEP, 1969. (FERREIRA NETO, 2002).

²¹ Aproximadamente 70 artigos citam o termo Biotipologia.

Eugenia, Biotipologia e seus fundamentos orgânico-hereditários

A biotipologia humana é a sciencia que estuda integralmente o individuo-espécie (...)
(NARDI, 1938, p.23).

A Eugenia surgiu como movimento político-científico que visava melhorar a condição racial humana. Inspirada no controle do cruzamento seletivo, muito utilizado na agricultura, propunha a aplicação de tais mecanismos aos homens e mulheres a fim de obter melhorias progressivas de geração em geração. Sustentada sobre a base dos pressupostos teóricos da hereditariedade, a Eugenia fazia uso de técnicas de mensurações biométricas e investigações genealógicas para identificar as características que se queria ampliar a um número cada vez maior de sujeitos, assim como, destacar atributos que se queria extinguir da espécie humana. Desse modo, baseada na ordenação e classificação dos indivíduos, visava ao incentivo da procriação de seres identificados como superiores, restringindo a proliferação de “degenerados” (SILVA, 2008).

Gestada em meados do século XIX, Francis Galton, primo de Charles Darwin, é apontado como responsável por sua sistematização e pelos seus primeiros estudos. Nesse período, a Eugenia consolida-se em meio a discursos raciais, relatando sobre hierarquias sociais, mecanismos da hereditariedade e evidenciando o degenerado. Em seus atributos de ciência, propôs meios legítimos de melhorar e regenerar a espécie.

Concebida pela intelectualidade da época como sinônimo de modernidade e avanço, a Eugenia despertava fascínio, uma vez que estabeleceria significado legítimo às ideias e proposições de hierarquia racial presentes naquela sociedade.

No Brasil, Renato Kehl inaugura, em 1917, uma campanha de divulgação eugênica, tendo como marco inicial uma palestra sobre Eugenia, na Associação Cristã de Moços – SP. Em 1918, é fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, sob os auspícios do próprio Kehl e Arnaldo Vieira de Carvalho. Os dizeres e os anseios da Eugenia, naquele momento, diziam respeito a uma série de intervenções em diversos campos, dentre eles o Saneamento, Higiene, Educação e também educação física.

O movimento eugênico brasileiro atinge seu auge, realizando, em 1929, o I Congresso Brasileiro de Eugenia. Nesse mesmo ano, o “Boletim de Eugenia” começa

a ser editado, tendo seu último número lançado em 1933²². Em 1931, Renato Kehl encabeça a Comissão Central Brasileira de Eugenia, um órgão que promoveria o estudo e a divulgação da causa eugênica. Nesses espaços, nesse período, grupos de eugenistas dedicam-se a construir propostas de políticas públicas para serem apresentadas ao governo que se iniciaria no ano de 1930²³.

Contemporânea à Eugenia, a Biotipologia bebe em premissas e em condições contextuais muito semelhantes às da “ciência da melhoria da espécie”. Pensada ao largo das discussões criminológicas que há muito se faziam presentes, a Biotipologia tinha o intuito de conhecer os caracteres que diferenciam cada indivíduo, os elementos que marcam sua individualidade, uma perspectiva distinta daquela que concebia puramente o homem-espécie, comum nos dizeres dos anatomistas, fisiologistas, psicólogos e estatísticos (GALERA, 2007). Nesse sentido, Berardinelli nos indica que a Biotipologia:

Diz respeito ao estudo das questões particulares, individuais que acometem o indivíduo. Os factos geraes interessam ao philosopho, ao político, ao administrador, ao economista, ao historiador. Mas ao educador, ao orientador profissional, ao director de esportes e principalmente ao clínico importa, sobretudo, o caso particular, concreto, “este caso”, “este indivíduo aqui [...]” (1935, p. 27).

Por mais que os autores da Biotipologia se interessem pelo indivíduo, os procedimentos de classificação e agrupamentos, assim como as investigações hereditárias, apontam fortes articulações da Biotipologia com os estudos das populações, ou ainda, um interesse grande no modo como os indivíduos se “comportam” frente à espécie.

Alguns estudos indicam que a Biotipologia seria uma ciência derivada da Eugenia de Galton, ou ainda, ciência que conferiu praticidade e aplicabilidade aos pressupostos eugênicos (MIRANDA, 2003; 2005; VALLEJO e MIRANDA, 2004). No caso da Argentina, Eugenia e Biotipologia estiveram imbricadas por meio de redes de relações

²² Apesar de sua fase profícua, ainda na primeira metade da década de 1930, a Eugenia brasileira começa a perder força política e adeptos (SOUZA, 2006; REIS, 1994).

²³ Em 1932, Renato Kehl, Miguel Couto e Roquete Pinto foram designados pelo Ministério do Trabalho a pensarem sobre os problemas da imigração no País. Em 1934, a Assembleia Constituinte acatou as indicações da “Comissão de Imigração”, resultando na restrição da entrada de asiáticos e judeus no Brasil. Essa restrição foi retirada da Constituição, em 1937, após o golpe do Estado Novo (DIWAN, 2007).

políticas, intelectuais e institucionais. Nesse sentido, destacam-se a *Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesis y Medicina Social* e a *Escuela Politécnica de Biotipología, Eugenesis y Medicina Social* (PALMA e DI VICENZO, 2009). Além dessas instituições, ressaltam-se ainda os *Anales de Biotipología, Eugenesis y Medicina Social*, periódico que circulou entre 1933 e 1941 (NAVARLAS, 2008).

Apesar de possuírem pressupostos análogos – fundamentados nas teorias da hereditariedade e nas práticas Biométricas – o acesso aos documentos referentes às proposições eugênicas e biotipológicas no Brasil não apontam similaridade de relação ao caso argentino. Ao longo dos anos 1920 e 1930, poucas são as menções que eugenistas²⁴ fazem à doutrinas constitucionalísticas e às suas referências. De modo semelhante, as obras acessadas de autores biotipologistas como W. Berardinelli (1942; 1933) e Isaac Brown (1934), apesar de mencionarem a “ciência da melhoria da espécie”, não indicam grande proximidade aos eugenistas e aos fundamentos da Eugenia, em suas proposições²⁵.

No debate produzido pela Educação Física, o médico militar professor da Escola de Educação Física do Exército, Augusto Sette Ramalho, em seu “Lições de Biometria Aplicada” (1938) dedica um capítulo para falar sobre “Biotipologia e Educação Física”. Em meio a seus argumentos, o autor aponta críticas ao termo “Educação Física” e “Educação Física Ortogenética”, este último, proposto por Nicola Pende para designar as práticas de exercício com fins ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. A fim de abarcar os indivíduos em todas as fases do “desenvolvimento humano”, Ramalho propõe “Ginástico” e ainda “Educação Física Eugênica”, cujas ações estariam direcionadas às diversas faixas etárias com intenções de proporcionar a constituição harmônica de todas as partes do corpo. Em 1935, o autor publica ainda “Cadernetas de Saúde” no periódico do Exército, no qual argumenta a necessidade de um instrumento que acompanharia a vida dos sujeitos desde o nascimento. Registraria doenças, lesões e alergias, subsídios para a prescrição médica, podendo, inclusive, servir ao “juízo pré-nupcial”:

²⁴ As referências são feitas às obras de Renato Kehl (1937; 1935; 1933) e Octavio Domingues (1936; 1933), assim como os artigos publicados no Boletim de Eugenia (1929-1932) e Actas e Trabalhos apresentados ao I Congresso Brasileiro de Eugenia (1929).

²⁵ Dentre as passagens onde os biotipologistas fazem referência à Eugenia, destacam-se: Berardinelli (1942) dedica um capítulo de seu livro à discussão da “Sexualidade, Matrimônio, Eugenesis e Constituição”. Neste capítulo, de apenas 4 páginas, Berardinelli aponta o estudo do temperamento a partir da Biotipologia como uma boa ferramenta a indicar casamentos felizes e duradouros. Destacam-se ainda os comentários acerca das obras Berardinelli (1942;1933), nas quais renomados intelectuais mencionam a eugenia em meio aos dizeres sobre a Biotipologia.

[...] não permitindo casamentos de indivíduos cuja caderneta de saúde contivesse informes que o incapacitasse para fornecer uma prole sadia. (RAMALHO, 1935c, p.33)

Apesar do destaque dado a tais passagens, no volume geral das publicações de Sette Ramalho, a articulação entre os conceitos não vai muito além dos elementos descritos acima. Igualmente, nos periódicos da Educação Física, poucos são aqueles que citam Eugenia e Biotipologia em um mesmo artigo (apenas 8 ao longo de aproximadamente 170) e, em nenhum deles, há articulações conceituais/propositivas²⁶.

Assim sendo, os encaminhamentos deste estudo apoiam-se nos indícios das fontes acessadas, ressaltando os limites políticos, acadêmicos e institucionais entre Biotipologia e Eugenia, doutrinas científicas que, no interior da Educação Física, como dito, configuram-se como as duas únicas perspectivas que articulam, em um só tempo, o corpo-indivíduo e o corpo-espécie.

Os entendimentos de indivíduo e espécie, neste texto, são norteados pelas proposições conceituais de Biopoder estabelecidas por Michel Foucault.

Nos séculos XVII e XVIII, constituiu-se uma série de técnicas e saberes sobre o corpo, reveladores de um interesse “anátomo-político”. No seio dessa sociedade, intensificou-se o olhar para o indivíduo com dispositivos disciplinares que viriam focar sua unidade, atentando para seu alinhamento, visibilidade e vigilância (FOUCAULT, 1999a). Para tanto, tais técnicas valeram-se da vigília, dos exames e das sanções normalizadoras; repensaram e produziram outros modos de distribuição espacial. A emergência dessas técnicas constituiu uma tecnologia disciplinar da vida (FOUCAULT, 1999a).

A todo esse processo de intervenção e interesse no corpo, no indivíduo, Foucault chamou “disciplina”, cujas características não a localizam como um instrumento ou uma instituição, mas sim, como uma rede móvel que impossibilita circunscrever seus limites, um elemento de múltiplos formatos que operam no interior de um jogo, ou ainda:

[...] ela é uma arte de distribuição espacial dos indivíduos;
[...] exerce seu controle não sobre o resultado de uma
ação, mas sobre seu desenvolvimento; é uma técnica de

²⁶ Dentre os autores que utilizam os dois termos em um mesmo artigo, destaca-se Peregrino Jr. (1942; 1943b), sem, entretanto, articular seus fundamentos. A Eugenia é citada de passagem.

poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos; funciona por meio de um controle minudente do tempo. (MAIA, 2003, p. 84)

Em sua função de docilizar, enquadrar e adestrar os corpos, a disciplina os faz geradores de força e, para tanto, centra-se nos corpos, tornando-os individuais. Cabe destacar que docilizar, aqui, não perpassa necessariamente e exclusivamente o adestramento do corpo enclausurado, mas também o do liberto que aprende como se comportar em uma sociedade disciplinar e a se identificar como indivíduo. Assim sendo, temos, com Foucault (1999a, p. 297), que a técnica disciplinar: “[...] é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo”.

À medida que essa técnica de poder emerge, surgem como suas estratégias, uma série de instituições e procedimentos atravessados por essa lógica individualizante. Hospitais, institutos asilares e prisões são alguns exemplos, que apesar de já existirem há tempo, assumem os elementos próprios da disciplina, por volta do século XVIII. Os calabouços já não serviriam à constituição de uma sociedade disciplinar; neste sentido se faz necessário um reordenamento dessa Instituição. Um emblema da reorientação da lógica de funcionamento das prisões, obedecendo aos anseios do disciplinamento, é a arquitetura do Panóptico²⁷, que diz respeito a uma construção circular, cujo pátio possui uma torre capaz de observar todos os presos, em qualquer momento.

O Panóptico causa a sensação de estar sendo vigiado, as celas individualizam, o disciplinamento é introjetado e a lógica produz corpos dóceis.

Por volta do século XVIII, ao lado da constituição e consolidação disso que Foucault tem chamado disciplinamento, surge outra tecnologia distinta, centrada na população, com técnicas e procedimentos massificantes, chamada tecnologia de regulamentação.

Instaurou-se, então, um interesse pelo corpo-espécie, a construção de tecnologias que se ocupariam das massas humanas, atentando-se a aspectos inerentes à vida. Seu olhar jogou-se sobre a morte, a natalidade, as doenças, etc., voltando-se às manifestações do corpo da população (FOUCAULT, 1999a).

²⁷ Sobre essa temática, indicamos: Foucault (1999b) e Perrot (2000).

Nesses termos, as tecnologias regulamentadoras fazem uso de uma série de mecanismos distintos daqueles tipicamente disciplinares e voltam-se às grandes populações, previsões, estimativas estatísticas (FOUCAULT, 1999a).

A regulamentação surge como uma tecnologia de poder que:

[...] não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa nova técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é do outro, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes. (FOUCAULT, 1999a, p. 288)

Essa nova tecnologia voltada para o homem-espécie investe nas taxas de mortalidade e natalidade, de reprodução e longevidade, ocupa-se dos tratamentos estatísticos, instaurando um olhar globalizante, tentando verificar regularidades, produzindo efeitos de massa. Há a preocupação com a espécie humana e seu meio com vistas aos problemas das cidades e as exigências da Medicina Social. Essa tecnologia regulamentadora, primeiramente, intervém na natalidade, morbidade, incapacidades biológicas diversas e efeitos do meio, usando, para tanto, mecanismos preditivos, estimativos e estatísticos. Esse modo regulamentar da espécie dedica-se à população, ao mesmo tempo, como um problema político e científico.

Essa lógica de funcionamento, pensada por Foucault como “regulamentação”, como visto, difere da lógica disciplinar que olha para o detalhe, que foca o indivíduo. Técnicas disciplinares e técnicas regulamentares, apesar de guardarem especificidades, quando articuladas, maximizam forças, potencializando efeitos. No diálogo da disciplina com a regulação, constituem-se os conceitos de norma e de “sociedade de normalização”.

Neste tipo de organização social, o biopoder seria o poder de assegurar a vida, um poder que se vale de mecanismos, tanto disciplinares, como regulamentares, que age tanto no orgânico, quanto no biológico. Fruto dessa sociedade de normalização, uma série de saberes foram constituídos, dentre eles, “a ciência da melhoria da espécie” e as “doutrinas constitucionálisticas”.

Eugenia e Biotipologia profanam os corpos, mensuram suas articulações, examinam suas profundidades. Tais exames servem para classificar e hierarquizar, servem para identificar os indivíduos e para os constituir. Seus fundamentos localizam esses corpos no interior de uma população, generalizam os resultados, massificam os indivíduos, ocupando-se da espécie, via hereditariedade. Eugenia e Biotipologia são saberes normalizadores, são técnicas de um Biopoder, articulando disciplina e regulamentação, ocupando-se do orgânico e do hereditário no interior da Educação Física.

Nesse sentido, o debate orgânico-hereditário refere-se à “norma” na perspectiva foucaultiana, ou ainda ao Biopoder. Trata da aproximação entre Eugenia e Biotipologia sustentada pela articulação entre seus fundamentos, algumas de suas proposições e efeitos, na justa medida com a “sociedade de normalização”.

Eugenia e Biotipologia inauguram o debate orgânico-hereditário na Educação Física, inserindo-se como “ciências” legítimas justamente no período de constituição disciplinar da Área.

Assim sendo, utilizando como baliza o conceito discursivo de disciplina, alguns questionamentos foram suscitados: de que modo os instrumentos, métodos e técnicas provenientes da Eugenia e Biotipologia foram apropriados pela Educação Física? De que modo o(s) “horizonte(s) teórico(s)” adotados pela Eugenia e Biotipologia serviram à constituição disciplinar da Área? Em que medida a Educação Física é acolhida nas produções de eugenistas e biotipologistas? Quais as inserções dos fundamentos eugênicos e biotipológicos no fazer prático da Educação Física?

A partir destas questões delineiam-se os encaminhamentos desta investigação que objetiva abordar a inserção da Eugenia e Biotipologia no processo de constituição disciplinar da Educação Física, assim como, evidenciar os mecanismos constituídos em suas relações e seus possíveis efeitos na manutenção/constituição da Área.

Entre documentos e conceitos, os procedimentos de confecção da narrativa

Para a constituição desta narrativa, foi necessário colocar em diálogo uma série de documentos cujas articulações compuseram redes de relações, lacunas e indagações. O processo de construção desse emaranhado de fontes partiu dos periódicos Educação Physica e Revista de Educação Física (Exército), que se configuraram como primeiro ponto de interseção, a partir do qual encaminhou-se o acesso a outros tantos documentos.

A Revista Educação Física, que esteve ativa entre 1932 a 1945, lançou, ao longo de sua existência, 88 números e incontáveis artigos. Segundo Goellner (2003), atingiu grande circulação e tornou-se importante periódico nacional e internacional. Ao longo da pesquisa, todas as edições da revista foram acessadas.

A Revista de Educação Física (Exército) inicia sua publicação em maio de 1932 e sua circulação está ativa até os dias de hoje. Entretanto, chegou a suspender suas edições entre os anos de 1942 a 1947, em função do envolvimento do Exército Brasileiro na Segunda Grande Guerra²⁸.

Esse periódico teve todos os números visitados, de 1932 a 1950, apesar disso, a última publicação, datada de outubro de 1942, torna-se o marco final de acesso à revista. A eleição dessa referência temporal foi feita em decorrência de dois fatores que se encaminham: a) Em meio aos documentos foi possível notar indícios de uma mudança no tom da discussão sobre biotipologia nos primeiros anos da década de 1940. A ciência sistematizada por Pende passa a sofrer uma série de críticas, indicando mudanças nos seus encaminhamentos nas imediações desse período. b) Aparecem outras proposições teóricas que passam a disputar espaço com a Biotipologia: Bioquímica, Nutrição e Psicologia²⁹. Enveredar por esse caminho demandaria acesso às coletâneas de Congressos, componentes curriculares e matriz teórica dos cursos de Educação Física emergentes após 1942, superdimensionado o volume de documentação.

Com relação às especificidades da Eugenia, é importante ressaltar que em decorrência das práticas nazifacistas³⁰ houve um enfraquecimento das discussões eugênicas na América Latina nos períodos posteriores a Segunda Guerra Mundial³¹ (STEPAN, 2005)

²⁸ O conteúdo dos artigos da Revista de Educação Física (Exército) foi digitalizado e, em 02/2010, estava totalmente disponível na página: <http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/paginas/arevista.htm>. Entretanto, os anúncios publicitários e capas do periódico foram suprimidos do documento online. Em decorrência disso, privilegiou-se o documento impresso. Em 20/11/2011, o acesso à coleção online foi negado para as edições de 1932 a dezembro de 2002. Além disso, o endereço eletrônico havia mudado para: <http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/>. Os números da Revista de Educação Física (Exército) necessários para a construção desta investigação, assim como a coleção completa da Revista Educação Física, foram acessados no acervo histórico da Biblioteca da Escola de Educação Física da UFRGS.

²⁹ Porém de vertente distinta da Psicologia Experimental apoiada nas teorias biotipológicas.

³⁰ Terminada a segunda grande guerra, muitos dos crimes e seus criminosos foram julgados e condenados, entre 1945 a 1947, na cidade de Nuremberg (Alemanha). Além das ações de julgamento dos crimes de guerra, o tribunal elaborou um código de ética para pesquisas com seres humanos, que ficou conhecido como Código de Nuremberg, publicado em 1947 (MASIEIRO, 2003). A Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 10 de dezembro de 1948, foi uma iniciativa dos países emergentes no pós-guerra, gerada pela barbárie cometida contra a figura humana durante a segunda guerra mundial (BICUDO, 2003).

³¹ Contrariando as proposições de Stepan (2005), Vallejo e Miranda (2004) apontam que a Eugenia na Argentina manteve-se atuando no âmbito político, social e acadêmico por aproximadamente três décadas após o julgamento de Nuremberg. Como um dos exemplos, é possível citar a Facultad Eugenesica Integral e Humanistica, criada em 1957 e que continuou funcionando até a década de 1980, obviamente que sofrendo ajustes em decorrência das necessidades contextuais.

Assim como sugere Stepan, houve um esvaziamento do debate sobre Eugenia no periódico do exército, quando sua circulação é retomada em 1947. Com base em Ferreira Neto (2002) “Catálogo de Periódicos de Educação Física (1933-2000)”, o último artigo da Revista que utiliza em seus títulos o termo eugenia e suas variações (Eugênico, eugênica, eugenético, etc.) data de 1942, de autoria de Pacífico Castelo Branco³². Assim sendo, os anos após a Segunda Guerra não se configuram terreno fértil para investigar a Eugenia no formato que esta tese propõe.

Metodologicamente as revistas Educação Physica e Educação Física (Exército) constituem-se como primeiro grupo de fontes acessadas e por esses periódicos, outros registros foram indicados, os quais, por sua vez, apontaram para outras fontes; processo fundamental para a arquitetura da narrativa e que permitiu a construção do seguinte grupo de documentos:

<i>Grupo de documentos acessados</i>
<i>Produções decorrentes/destinadas à Educação Física</i>
<i>Atas da Seção de Educação Física e Higiene da Associação Brasileira de Educação – 1926 a 1937.</i>
<i>Anais do VII Congresso Nacional de Educação – 1935</i>
<i>Anais do I Congresso Panamericano de Educação Física, Volumes 1 e 2 – 1943</i>
<i>Revista de Educação Física – 1932 a 1942</i>
<i>Revista Educação Physica – 1932 a 1945.</i>
<i>Livro de autoria de Sette Ramalho (1938)</i>
<i>Livros de autoria de Peregrino Jr. (1943;1940)</i>
<i>Livros de autoria de Fernando de Azevedo (1920a;1920b;1915)</i>
<i>Regimentos, fichas cadastrais, históricos escolares e livros de alterações de militares do Centro Militar de Educação Física e Escola de Educação Física do Exército.</i>

³² BRANCO, Pacífico Castello. A educação física e a eugenia. Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ano XI, n. 54, p. 45, ago. 1942. A busca pelo termo Eugenia foi feito em todo Catálogo, coordenado por Ferreira Neto e a última ocorrência do termo Eugenia data de 1948: BOLETIM de serviço de recreação, esportes e educação física do SESI: a natação sob o duplo ponto de vista eugênico e social. Revista Brasileira de Educação Física, Rio de Janeiro, ano V, n. 55, p. 8-9, out. 1948. Cabe ressaltar que esse levantamento foi feito por meio de ferramenta de busca somente nos títulos dos textos, mas que auxilia a pensar a ausência do termo Eugenia e suas variações nos artigos publicados após 1947. De 1932 a 1942, cinco textos trazem Eugenia em seus títulos.

<i>Produções decorrentes da Eugenia</i>
<i>Actas e Trabalhos do I Congresso Brasileiro de Eugenia – 1929.</i>
<i>Boletins de Eugenia – 1929 a 1933.</i>
<i>Livros de autoria de Renato Kehl (1937; 1935a; 1935b; 1933; 1927; 1926a; 1926b; 1923; 1922; 1920)</i>
<i>Livros de autoria de Octávio Domingues (1936; 1933; 1929)</i>
<i>Anais de Eugenia – 1919</i>
<i>Produções decorrentes da Biotipologia</i>
<i>Livros de autoria de Waldemar Berardinelli (1942; 1933a; 1933b) e Waldemar Berardinelli e João Mendonça (1933)</i>
<i>Livros de autoria de Rocha Vaz (A mulher as glândulas de secreção interna, s/d.)</i>
<i>Livro de autoria de Álvaro Ferraz (1929) e Alvaro Ferraz e Andrade de Lima Jr (1939)</i>
<i>Livro de autoria de Sette Ramalho (1943)</i>
<i>Livro de autoria de Isaac Brown (1934)</i>
<i>Livro de autoria de Everardo Beckheuser (1941)</i>

Quadro 1: Grupo de documentos acessados.

Fonte: Elaborado pelo Autor

Deste modo, cabe ressaltar que apesar de as revistas da Educação Física constituírem-se, nesta narrativa, como espaço primeiro de acesso às fontes, este não se trata de um estudo sobre periódicos, deste modo questões acerca a frequência de publicações, política editorial etc, só foram abordadas quando capazes de trazer elementos para pensar as inserções da Biotipologia e Eugenia no processo de consituição disciplinar da Educação Física.

Outro elemento que deve ser destacado refere-se às representações de raça e seus possíveis desdobramentos, elementos não privilegiados neste estudo.

Ao longo do acesso às fontes foi possível perceber tais representações em vários documentos, cuja maioria evidenciava corpos fortes, saudáveis, belos e brancos, como é possível perceber na imagem que se segue.



Imagem 2: Capa nº 26.
Revista de Educação Física (Exército), set. de 1935.

A partir de representações como essas, diálogos com a Eugenia e Biotipologia seriam possíveis, uma vez que tais perspectivas científicas intensionavam a constituição de corpos como o da ilustração da capa nº 26 da Revista de Educação Física (Exército). Entretanto, cabe ressaltar que o desejo de construir corpos fortes, belos e brancos não eram exclusivo à Eugenia ou Biotipologia. As intenções nacionalistas da “Era Vargas”, a herança de uma cultura escravocrata e as intenções racistas presentes em diversos intelectuais constituíram um contexto racial favorável a representações como essas. Inegável que tais intenções raciais serviriam/serviram às intenções Eugenicistas e Biotipológicas, entretanto, entendemos ser arriscado tomar tais representações como fruto da apropriação de fundamentos da Eugenia por parte da Educação Física, sobretudo porque, como dito, essa não é a intenção de análise deste texto.

Assim sendo, destaca-se que os limites investigativos desta tese situam-se na justa medida do conceito de disciplina. Ao estabelecer o foco de investigação nos aspectos referentes aos substratos teórico/metodológicos provenientes da Eugenia e Biotipologia intenciona-se investigar as técnicas, instrumentos, conceitos e métodos, assim como, o(s) “horizonte(s) teórico(s)” decorrentes da Eugenia e Biotipologia ³³.

³³ Dentre outros temas não abordados neste texto, destaca-se as relações entre as práticas esportivas e as políticas Nazistas e Facistas. Em meio a estes textos é comum elogios à figura de Adolf Hitler, Benito Mussoline e menções à Eugenia (D’ALBUQUERQUE, 1937; ENCERRAMENTO dos cursos..., 1934; Abreu, 1933d). Acerca desse debate, ver Camargo (2010).

O manuseio da documentação foi instrumentalizada por alguns conceitos de Michel Foucault que além das noções de disciplina e biopoder já discutidos anteriormente, forneceu ainda os conceitos de “dispositivo” e “tecnologia” que permitiram a descrição e análise da mecânica orgânico-hereditária no interior da Educação Física.

Ao longo da narrativa, optou-se pelo uso de “notas de pesquisa” como recurso descritivo dos encaminhamentos metodológicos, espaços construídos para contar a história do modo como se constituiu esta investigação. Para tanto, caixas de texto, similares a esta posicionada à esquerda, foram lançadas ao longo da tese com a intenção de fornecer algumas pistas sobre o artesanato da pesquisa. Marcada pelas “ferramentas” foucaultianas, pela multiplicidade de documentos e por instrumentos criados para fazê-los falar, a narrativa fez uso de conceitos distintos, cujas especificidades demandaram modos de organização diferentes dos documentos. Ao utilizar as notas de pesquisa, a construção textual é acompanhada dos ajustes/experimentações metodológicas que lhes deram subsídio.

Além disso, ao adotar tal recurso, há a intenção de recusa ao clássico bloco único de texto “enterrado” em meio a tantos estudos e que, muitas vezes, ata a fluidez da leitura e da escrita. A descrição feita nestes espaços resiste ao tom impessoal do verbo reflexivo, substituído por um texto explicitamente em primeira pessoa, uma negativa clara às noções de neutralidade e cientificidade. Enfim, acerca das notas de pesquisa, cabe ao leitor o juízo de lê-las, ou não.

1 A “CIÊNCIA DA MELHORIA DA ESPÉCIE” E A CONSTITUIÇÃO DISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA

1.1 A Eugenia e o Brasil: configurações contextuais a partir de fins da década de 1920

Em 1930, Getúlio Vargas assume o Estado por meio de uma revolução que impediu a posse do então Presidente eleito Julio Prestes. O apoio militar, assim como toda a condição pela qual Vargas assume o poder, marca o fim da república velha e dá indícios de políticas autoritárias e “progressistas”³⁴ (STEPAN, 2005).

A ascensão do estadista gaúcho decorre de uma crise, que se tornava cada vez mais evidente em fins dos anos 1920, e se intensificava na medida em que grupos sociais manifestavam sua oposição ao controle político vinculado à oligarquia dos donos de terra. Os críticos da política do “café com leite”, então, deram visibilidade e voz de comando ao chefe do governo provisório, Getúlio Vargas (PANDOLFI, 1999).

Eleito presidente da república pelos parlamentares em 1934, as manobras do governo Vargas conferiram, ao longo de seu mandato, maior possibilidade de intervenção do Estado.

A constituição da república que passou a vigorar a partir de 1934 foi substituída por outra, em 1937. Nessa ocasião, Vargas apresentou uma carta constitucional que respaldava o intervencionismo estatal, a centralização política e um modelo de organização social antiliberal. Cabe ressaltar que, desde a primeira Grande Guerra, o modelo liberal de organização social já vinha sendo criticado, apresentando como outra possibilidade o modelo autoritário, estatizante e totalitário (PANDOLFI, 1999).

Contemporaneamente ao Estado Novo, Hitler comandava a Alemanha, Mussolini, a Itália e Salazar, Portugal. O Brasil estava a *pari passu* de grandes nações, expoentes mundiais. O totalitarismo havia se estabelecido (PANDOLFI, 1999).

A agitação política com indícios autoritários estabelece-se em fins da década de 1920 e início dos anos 1930, incitando um novo ânimo aos eugenistas brasileiros ávidos de apoio político intervencionista. Os ares de uma nova constituição, em decorrência do fim da república velha, geraram expectativa de maior inserção eugênica, uma vez que o debate sobre identidade nacional estava posto (STEPAN, 2005).

³⁴ Apesar desses indícios, Pandolfi (1999) ressalta que havia uma diversidade de forças políticas apoiando Vargas, algumas delas de caráter mais centralizador e autoritário, outras que defendiam propostas mais liberais e autônomas. Essa diversidade de apoio político não localizava Vargas dentro de uma ou outra perspectiva. Nesse sentido, o governo que se iniciava em 1930, apesar dos indícios de autoritarismo, poderia se encaminhar para seu extremo oposto.

Nos anos finais da década de 1920, o movimento eugênico brasileiro encontrava-se em sua fase mais profícua, contando um bom número de adeptos, dentre os quais: intelectuais, cientistas e autoridades políticas. O bom encaminhamento do movimento eugênico brasileiro, entretanto, não se fez ao acaso, pode ser considerado resultante de um processo de divulgação dos ideais eugênicos desde fins da década de 1910 (SOUZA et al., 2009).

Nesse contexto favorável, foi realizado, entre os dias 1º e 7 de julho de 1929, o I Congresso Brasileiro de Eugenia, talvez a manifestação pública mais importante da história da Eugenia no Brasil (STEPAN, 2005). Esse evento foi organizado em comemoração ao Centenário da Academia Nacional de Medicina, uma das principais instituições do campo médico nos primeiros anos do século XX (SOUZA et al., 2009). Reunidas na sede da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro havia mais de 200 pessoas, dentre as quais, eugenistas de diversos países dos continentes Americano e Europeu (SILVA, 2008).

Ainda no ano de 1929, o “Boletim de Eugenia”, primeira revista específica de Eugenia da América Latina, começa a ser editado. Com finalidade de: centralizar a atenção e interesse dos intelectuais; ampliar a divulgação científica e legitimar concepções e ações eugênicas. A revista que se inicia com poucas páginas vai dando vazão a inúmeros artigos e ampliando discussões (SOUZA, 2006; ROSA, 2005).

Em 1931, Renato Kehl encabeça a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE), um órgão que promoveria o estudo e a divulgação da causa eugênica com vistas à constituição de políticas públicas (SILVA, 2008). Inspirada na estrutura e funcionamento da Sociedade Alemã para a Higiene da Raça, a CCBE estaria ainda vinculada à Federação Internacional das Associações Eugênicas e agregava importantes nomes da intelectualidade brasileira, dentre os quais: Octávio Domingues (1897-1972) e Toledo de Piza Júnior (1898-1988), professores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba (HABIB, 2010); Hernani Lopes e Porto Carrero, presidentes da Liga Brasileira de Higiene Mental (REIS, 1994); Belisário Pena, médico sanitarista; Gustavo Lessa e Caetano Coutinho, membros do Departamento Nacional de Saúde Pública (SOUZA, 2006).

As discussões principiadas no I Congresso Brasileiro de Eugenia, nas páginas do Boletim de Eugenia e nas reuniões da CCBE deram subsídios a algumas políticas públicas estatais. Entretanto, a articulação entre o movimento eugênico brasileiro e órgãos governamentais já estava sendo firmada em períodos anteriores.

Amaury de Medeiros, membro do Congresso Nacional, apresentou, em 1927, uma proposta de lei instituindo exames pré-nupciais. Entretanto, as ações legislativas foram interrompidas em função de sua morte, ainda naquele ano.

No início da década de 1930, Belisário Penna foi nomeado diretor do Departamento Nacional de Saúde, órgão do Ministério da Educação e Saúde Pública. Membro da CCBE, Penna representou esperança de elaboração de uma legislação antialcoólica e de intervenções eugênicas mais ostensivas (STEPAN, 2005).

Naquele momento, eugenistas pressionam o Congresso Nacional argumentando contra a degeneração que os imigrantes não selecionados poderiam desencadear. Nesse sentido, Roquette Pinto³⁵ e Renato Kehl foram convidados a participar de um comitê vinculado ao Ministério do Trabalho para dar instruções sobre os problemas de imigração (STEPAN, 2005). Em 1934, a Assembleia Constituinte acata as indicações da “Comissão de Imigração”, resultando na restrição da entrada de asiáticos e judeus no Brasil (DIWAN, 2007).

Entre fins da década de 1920 e início da década de 1930, além da franca expansão do movimento eugenista brasileiro, é possível perceber que alguns sujeitos e instituições a ele vinculados passam a direcionar suas discussões para uma perspectiva que vai se diferenciando da Eugenia propalada até meados dos anos 1920.

Até então, a Eugenia brasileira estava fortemente vinculada à Higiene, Saneamento e Educação. Os limites entre essas Áreas eram confusos e suas ações, similares³⁶ (SILVA, 2008).

Caracterizada por Stepan (2005) como uma “Eugenia branda”, o modo como as teorias eugênicas adentram o Brasil apresentam peculiaridades, se comparado ao modelo eugênico anglo-saxão³⁷.

³⁵ Médico-antropólogo, foi diretor do Museu Nacional de Antropologia do Rio de Janeiro entre 1916 e 1936 e presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia (SANTOS, 2010).

³⁶ Stepan (2005) indica que essa não era uma característica exclusiva da Eugenia brasileira. De modo geral, nos países da América Latina, os limites e ações da Eugenia se confundiam com a Higiene e Saneamento.

³⁷ Corrêa (2006) ressalta que em ocasião da I Conferência Pan-americana de Eugenia, ocorrida em Cuba no ano de 1927, considerável número de representantes latino-americanos posicionou-se contrariamente à intenção norte-americana e cubana de instituição de um “Código Pan-americano de Eugenia”. Para os delegados latino-americanos, a proposta não estabelecia nexos com as realidades regionais, não passando de mera fantasia racista, e resguardavam para seus países a autonomia de decidir sobre as diretrizes eugênicas mais adequadas às suas realidades. Em 1934, na Argentina, a II Conferência Pan-americana de Eugenia também é marcada por resistências aos modelos norte-americanos, ao considerar o saneamento, educação e higiene vinculados à Eugenia. No que se refere às Conferências Pan-americanas de Eugenia, Corrêa (2006) aponta, como efeito de suas realizações e, sobretudo, da resistência de alguns delegados latino-americanos, a falência de um projeto que intenciona constituir uma política eugênica para a região. Entretanto, Miranda (2003) aponta algumas divergências quanto à tese sustentada por Stepan (2005), ao apontar a Eugenia Latina como uma vertente branda. A tese de que na América Latina a Eugenia constituiu-se por meio de ações de saneamento, higiene e educação deve ser revista, uma vez que as intervenções na Argentina tiveram caráter tão duro como na Europa anglo-saxônica.

Vinculada ao movimento higiênico-sanitário, a Eugenia brasileira indicava os caminhos da educação, higiene e saneamento como capazes de regenerar, eugenicamente, a população (ROSA, 2005). No prefácio de “Eugenia e Medicina Social”, publicado em 1920, de autoria de Renato Kehl, Belizário Pena assim conceitua Eugenia:

(...) uma ciência vasta que abrange problemas sociais dos mais importantes, e acompanha de perto a hygiene sua precursora no aperfeiçoamento da humanidade. (1920a, p. 4)

Belizário Pena e Renato Kehl, dentre outros afeitos ao movimento eugenista brasileiro, entendiam que o país carecia de instrução pública, reformas estruturais, educação higiênica e assistência à saúde de modo geral, além disso, as diferenças entre preceitos higiênicos e eugênicos não eram tão evidentes³⁸.

A partir de fins da década de 1920, às discussões eugênicas são incorporadas diretrizes mais “duras”, e as relações com a higiene e educação passam a ser negadas por determinados grupos de intelectuais.

Alguns tantos psiquiatras³⁹ ligados à Liga Brasileira de Higiene Mental⁴⁰ (LBHM) começam, a partir de fins da década de 1920, a se pronunciarem abertamente a favor da “Eugenia Negativa”, destacando medidas como esterilização compulsória. Ernani Lopes, presidente da LBHM desde 1929, proferiu, em uma das reuniões da Liga, que Juliano Moreira⁴¹ autorizava medidas de esterilização em algumas mulheres alienadas que poderiam vir a receber alta. Lopes ressalta que as mulheres esterilizadas apresentavam nítidas indicações de transmissão hereditária de suas taras e patologias (REIS, 1994).

Os textos e as discussões suscitadas por Renato Kehl, considerado um dos maiores expositores da Eugenia no Brasil, também coaduna com esta nova configuração da Eugenia brasileira. Fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918, editor do Boletim de Eugenia e autor de diversos títulos sobre o assunto, Kehl desloca-se de uma posição centrada nas intervenções sanitárias e higiênicas, entre fins da década de

³⁸ Mais adiante, ao longo deste capítulo, alguns dos motivos que permitiram a proximidade entre Saneamento e Eugenia, nas décadas de 1910 e 1920, serão discutidos.

³⁹ Dentre eles: Cunha Lopes, Pacheco e Silva, Henrique Roxo e Ernani Lopes.

⁴⁰ No início da década de 1920, após o fechamento da Sociedade Eugênica de São Paulo, a Eugenia se vincula institucionalmente à LBHM (REIS, 1994). Outra instituição que acolheu os postulados eugênicos foi a Liga Pró-Saneamento do Brasil, assim como, outras academias, associações e revistas de medicina (SOUZA et al., 2009).

⁴¹ Um dos mais importantes nomes da psiquiatria no Brasil; membro da Sociedade Eugênica de São Paulo.

1910 e meados da década de 1920, para um posicionamento cujo foco vai se aproximando das leis da hereditariedade mendelianas. Desse modo, passa a desconsiderar as ações de melhorias ambientais e culturais em favor de medidas como exames médicos pré-nupciais, leis de controle imigratório, esterilização, segregação, etc.⁴².

Em 1932, no “Boletim de Eugenia”, Renato Kehl publica o seguinte artigo: “Organização dos deficientes, dos criminosos e dos socialmente inadaptados”. Valendo-se de exemplos de outros países, Kehl argumenta em favor da segregação dos “débeis mentais” e “epiléticos”, sujeitos que deveriam ser ainda separados por sexo, “a fim de impedir que se reproduzam ou causem prejuízo à sociedade” (p.54). Concluindo, o eugenista pronuncia-se favorável aos exames obrigatórios e registros de anormalidades de crianças matriculadas nas escolas...

(...) afastando-as do convívio das normais, dando-lhes ensino adequado e asilando, em colônias especiais, pelo tempo que for necessário as que se mostrarem perigosas ou incompatíveis para a vida em completa liberdade. Desse modo seria restringida, progressivamente, a procriação dos elementos de perturbação social e de degradação da sociedade e, por conseguinte, prevenidos crimes e desgraças que se registram todos os dias. (KEHL, 1932, p.55)

De autoria do professor R. Rugles Gates, o texto intitulado “Eugenia e Educação”, publicado no Boletim de Eugenia número 39, argumenta que as práticas eugênicas já se manifestavam na Grécia antiga, na idade média e em meio aos “indus” e “esquimais”. Mais feliz e mais proeminente eram aquelas organizações sociais que delas faziam uso. Em tom de crítica à sociedade contemporânea, Gates aponta: “ainda criamos condições nas quais muitos dos incapazes [...] podem casar e perpetuar sua linhagem a expensas do povo” (GATES, 1932, p. 56).

Apresentado pelos editores do “Boletim de Eugenia” como “precursor da ciência da boa geração”, Arthur Schopenhauer (1788-1860) teve algumas de suas notas publicadas na edição de out/dez de 1932. Em uma das passagens o autor assim se posiciona:

⁴² O caso de Renato Kehl demanda um cuidado maior e as discussões acerca desse médico serão retomadas ao longo deste capítulo.

Se pudéssemos transformar em eunucos todos os degenerados e fechar nos conventos todas as idiotas e dar aos indivíduos bem dotados um harém e às mulheres inteligentes homens de caráter, ver-se-ia nascer, em pouco tempo, uma geração superior do século de Pericles! (SCHOPENHAUER, 1932, p.85)

Outros tantos intelectuais vinculados ao movimento eugênico também se pronunciavam abertamente em favor da Eugenia radical⁴³. Ainda nas publicações do Boletim de Eugenia é possível ver discussões acerca de “O problema immigratório e o futuro do Brasil⁴⁴”, “Limitação da natalidade⁴⁵”, “Esterilização para o aperfeiçoamento humano⁴⁶”, “O aborto⁴⁷”, “Esterilização temporária⁴⁸”, “A limitação do nascimento⁴⁹”, “O exame pré-nupcial⁵⁰”, “Birth Control: esterilização e pena de morte⁵¹”, dentre outros.

Cabe ressaltar que o radicalismo propagado de modo mais ostensivo a partir de fins dos anos 1920 encontrava resistência por parte de outros tantos intelectuais.

Edgard Roquette-Pinto figurava entre os críticos ao radicalismo, argumentando que os problemas do povo brasileiro não derivavam dos determinantes raciais, mas sim, estariam vinculados às más condições de saúde, educação e saneamento (SANTOS, 2010).

Uma circunstancia importante não deve ser esquecida na apreciação anthropologica dos mestiços. É que a sua condição social, muitas vezes precária, apresenta aos observadores homens doentes que são tidos por degenerados. (ROQUETE-PINTO, 1927, p. 201)

Boa parte dos eugenistas que se pronunciava em favor de medidas radicais, encontrava sustentação teórica na genética mendeliana. Avesa às contribuições do meio

⁴³ Octávio Domingues, Salvador Toledo de Piza Jr. (HABIB, 2010), Cunha Lopes, Pacheco e Silva, Henrique Roxo e Ernani Lopes - vinculados à Liga Brasileira de Higiene Mental (REIS, 1994); Monteiro Lobato (HABIB, 2003), dentre outros.

⁴⁴ Trata-se do resumo da conferência de Antônio de Queiroz Telles no Rotary Clube de São Paulo, com o título: “O problema immigratorio e o futuro do Brasil” (TELLES, 1929).

⁴⁵ Renato Kehl “Limitação da natalidade” (1929a).

⁴⁶ “Esterilização para o aperfeiçoamento humano” (1929).

⁴⁷ O aborto (1930).

⁴⁸ Esterilização temporária (1930).

⁴⁹ A limitação do nascimento (1930).

⁵⁰ E.R. O exame médico pré-nupcial e o voto da Sociedade Francesa de Eugenia (1931).

⁵¹ Octavio Domingues. Birth Control: esterilização e pena de morte (1931).

para o aprimoramento das células germinativas, a genética legitimaria o olhar pessimista e relegaria à insignificância biológica as ações de investimento educacional e sanitário.

Roquette-Pinto, afeito às leis mendelianas, publica, em 1927, seu “Seixos Rolados: Estudos Brasileiros⁵²” e ao longo de suas páginas pronuncia-se em favor da genética dedicando algumas páginas à explicação de seus mecanismos. Apesar de convicto nas leis de Mendel, Roquete-Pinto criticava ferrenhamente o radicalismo eugênico (SANTOS, 2010).

No pensamento de Roquette-Pinto, se o plasma germinal não se altera, a única possibilidade de intervenção, naqueles que já nasceram, seria a melhoria das condições ambientais. Em suas palavras:

Sendo certo que a herança se resume ao que existe no gérmen, não adianta muito, para melhorar as futuras gerações, agir sobre o soma. Mas como não é possível agir directamente sobre o gérmen, só há um meio de resolver o caso: melhorar as condições em que o soma se desenvolve, visto que elle é depositário do gérmen [...]
(ROQUETE-PINTO, 1927, p. 172)

Além de Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca, vinculado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, também se pronuncia contrariamente ao radicalismo eugênico e ao pessimismo racial.

Em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, Fonseca, por meio de sua conferência “Os grandes problemas da anthropologia”, dirige duras críticas ao pessimismo racial declarado que Renato Kehl defendia em seu “Lições de Eugenia”. Valendo-se da legitimidade acadêmica de pesquisador do Museu Nacional, Fróes da Fonseca referia-se à obra de Kehl como uma manifestação racista, com a qual a “ciência antropológica” não estava de acordo (SOUZA, 2006).

Fróes da Fonseca partilhava de pensamento semelhante ao de Roquette-Pinto e insistia na necessidade de melhoria das condições ambientais, afinal, o povo mestiço brasileiro sofria de problemas sociais, não biológicos (SOUZA, 2006).

⁵² Em 1929, Roquette-Pinto, no I Congresso Brasileiro de Eugenia, pronuncia a conferência: “Nota sobre os typos anthropológicos do Brasil”. Em defesa ao mestiço, o texto de autoria do pesquisador do Museu Nacional tomou-se importante referência para a constituição da obra “Casagrande e Senzala”, de autoria de Gilberto Freyre. Acerca dessa discussão, indica-se: (MAIO, 2010a; MAIO, 2010b; SANTOS, 2010).

Assim, importantes nomes da intelectualidade brasileira posicionavam-se contrários ao radicalismo eugênico indicando, no interior do movimento, divergências e conflitos.

A “onda” de pessimismo biológico que se constituiu em fins dos anos 1920, apesar do vigor de sua emergência, perde fôlego já nos primeiros anos da década de 1930.

Em 1933, Adolf Hitler ascende ao cargo de Chanceler da Alemanha, nesse mesmo ano, Renato Kehl publica, em tons de extremo radicalismo, seu “Aparas Eugenicis”. 1933 marcou também o fim da circulação do “Boletim de Eugenia” e a publicação da primeira edição de “Casa Grande e Senzala”⁵³. Se é possível conceber que o período circunscrito entre fins dos anos 1920 e início dos anos 1930 como o mais profícuo para a eugenia brasileira, indica que, a partir de 1932, o movimento eugênico, sobretudo sua vertente radical, começa a se enfraquecer (SOUZA, 2006; REIS, 1994).

O período caracterizado por arroubos de Eugenia negativa marcou também os rumos do debate sobre herança biológica, permitindo maior visibilidade aos fundamentos da genética. Os debates sobre as leis de Mendel tornam-se mais frequentes e, no interior do movimento eugênico, passa a ocupar boa parte da pauta de discussão.

1.2 Lamarck, Mendel e Darwin: o debate eugênico sobre Evolução e Hereditariedade

No início do século XIX, Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (1744-1829) propõe uma das primeiras teorias sobre a evolução, que, de pronto, não angariou muitos adeptos em meio à elite intelectual do início do século XIX. Em 1858, quando Charles Darwin publica a primeira edição de “A Origem das Espécies”, Lamarck passa a ser apontado como uma explicação alternativa às proposições evolutivas de Darwin e seu trabalho ganha fôlego novo (STEPAN, 2005).

Popularmente conhecida como “Teoria do uso e desuso”, ou ainda “hereditariedade dos caracteres adquiridos”, a doutrina de Lamarck propunha que as influências externas ao organismo vivo poderiam ser transmitidas aos seus descendentes,

⁵³ Partidário das ideias de Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca e Franz Boas, o sociólogo Gilberto Freyre constrói Casa Grande e Senzala, obra que, ao longo da década de 1930, reuniria grande parte da intelectualidade nacional em favor de uma perspectiva racial distinta do radicalismo eugênico (MAIO, 2010; PESAVENTO, 2004).

gerando transmutações. Desse modo, a evolução era estimulada por adaptações do organismo ao meio ambiente (STEPAN, 2005).

Charles Darwin, ao escrever “A Origem das Espécies”, o fez movido por dúvidas e incertezas acerca da teoria lamarckiana e, como resultado de suas investigações, toma a seleção natural como causa das variantes evolutivas e atribui pouca relevância ao efeito da influência externa na produção da variabilidade⁵⁴ (BLACK, 2003).

Nesse momento, não são claras as noções distintivas entre células germinativas e células somáticas. Entretanto, após ter completado o primeiro volume de “*Variation*” (1861), Darwin volta a repensar a importância das proposições de Lamarck (MAYR, 1998).

August Weismann (1834-1914), biólogo alemão, argumenta, em 1890, que o “*germ-plasm*” seria independente do “*somaplasm*”. Em sua proposição, o “*germ-plasm*” diz respeito a um conjunto de células responsáveis pela hereditariedade, assim sendo, seriam herdadas de seus ascendentes e legadas às gerações posteriores sem sofrer interferência de agentes externos. O “*somaplasm*”, por outro lado, seria modificado a partir de estímulos ambientais, entretanto, as alterações não se tornariam hereditárias. As proposições de Weismann eram, portanto, distintas do lamarckismo que, como dito, pregava a herança de caracteres adquiridos (STEPAN, 2005).

As teorias de Weismann, Darwin, Lamarck, dentre outros, estimularam experimentações de cruzamentos de plantas e animais. Por volta dos anos 1900, De Vries, Correns e Tschermak, em locais diferentes e num espaço de poucos meses, publicam, independentemente, seus resultados sobre as teorias da hereditariedade.

Weismann, De Vries, Correns e Tschermak concluem, no final do século XIX, o que Mendel já havia considerado em 1865, quando publica no “*Proceeding of the natural history society of Brünn*” os resultados de seus experimentos. Entretanto, as conclusões dos cruzamentos de plantas manipulados por Mendel ficaram “esquecidos” até 1900. Segundo Mayr (1998), Mendel não havia publicado sistematicamente as considerações de seus estudos e os textos que vieram a público não tiveram grande alcance, possíveis explicações para seu “esquecimento”.

Em decorrência da agitação acerca dos estudos sobre hereditariedade, em fins do século XIX, Gregor Mendel é “redescoberto” e a ele foi atribuída a primazia propositiva da independência entre células germinativas e somáticas (MAYR, 1998).

⁵⁴ Além de Darwin, outros importantes intelectuais questionavam as proposições lamarckianas: Spencer (1820–1903), filósofo que se ocupava das questões evolutivas; Haeckel (1834–1919), Zoólogo Alemão que ajudou a popularizar as ideias de Darwin; Francis Galton, intelectual que sistematizou a ciência Eugenia (MAYR, 1998).

Apesar da teoria cromossômica da herança genética apresentar coerência e demonstrações experimentais, dúvidas e incertezas rondavam a hereditariedade no início do século XX. Assim, a Genética não foi prontamente aceita por todos os pesquisadores e as teorias de Lamarck continuavam oferecendo respostas à intelectualidade da época (HABIB, 2010).

Segundo Habib (2010), geneticistas do início do século XX apresentavam incompreensões acerca de possíveis diálogos entre a genética mendeliana e a teoria de evolução proposta por Darwin. As confusões conceituais, os equívocos, as dúvidas e as múltiplas teorias acerca da herança biológica se fizeram presentes até a formulação e legitimação da Teoria Sintética da Evolução, na década de 1940⁵⁵ (WAIZBORT, 2005).

Apoiada em fortes bases darwinianas, a referida “Teoria Sintética” pode ser entendida como uma proposição teórica que articula a genética mendeliana às proposições de Darwin sobre a evolução das espécies (WAIZBORT, 2005; HABIB, 2010). Nesse sentido,

(...) o processo pelo qual as espécies de seres vivos se diversificam é o da descendência com modificação submetida continuamente às pressões ambientais da seleção natural. (WAIZBORT, 2005, p.294)

Cabe ressaltar que o entendimento acerca da hereditariedade e evolução que se tem atualmente decorre da teoria sintética e que os documentos eleitos para constituição deste texto compreendem o período de formulação da síntese, logo, como dito, dúvidas e inquietações rondavam as discussões sobre herança e evolução. Assim, a leitura dos documentos se procede com os cuidados que demandam o contexto das fontes.

No Brasil, por volta de meados dos anos 1920, um grupo de cientistas (biólogos, zoologistas e zootecnistas) vinculados às instituições agrícolas apropriam-se do mendelismo anglo-saxão, evidenciando as especificidades de suas leis em meio à comunidade acadêmica. Há de pensar que o mendelismo difunde-se nos EUA que, neste período, se constitui como um polo de desenvolvimento científico, atrativo para os estudantes latinos (STEPAN, 2005).

⁵⁵ Como marcos do processo de constituição da Teoria Sintética pode-se destacar: *Genetics and the origin of species* (1937), de autoria de Theodosius Dobzhansky, apontada como obra inicial da *Evolutionary Synthesis*. Em 1942, é publicado *Evolution: the Modern Synthesis*, de autoria de Julian Huxley (HABIB, 2010).

Dentre as instituições brasileiras pioneiras nos estudos da Genética destaca-se a Escola de Agricultura Luiz de Queiroz de Piracicaba, uma referência no ensino e na pesquisa da hereditariedade de viés mendeliano, desde fins da década de 1910⁵⁶ (HABIB, 2010; STEPAN, 2005).

Em 1918, Carlos Teixeira Mendes, professor da então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, pronuncia-se em palestra no departamento de Zootecnia, cujo tema centrava-se nas leis de Mendel (STEPAN, 2005). Também de autoria do professor Mendes, a tese de cátedra, defendida em 1917, é apontada por Habib (2010) como marco das discussões mendelianas na referida instituição⁵⁷.

Já nos anos 1920, Octávio Domingues, zootecnista e também professor da escola de Piracicaba, refutava a articulação entre Lamarck, Mendel e Darwin e se posicionava a favor das teorias da genética mendeliana. Altamente crítico ao Neolamarckismo⁵⁸, Domingues dedicava esforços na seleção mendeliana de animais e pouca atenção dava às intervenções ambientais. Pode-se dizer que Domingues aproximava-se da tradição norte-americana ao debater sobre a hereditariedade.

O zoologista e professor da escola agrícola de Piracicaba, Salvador Toledo de Piza Jr., entendia que as proposições de Lamarck não eram totalmente refutáveis, uma vez que apresentavam explicações a alguns fenômenos hereditários ainda pouco esclarecidos por meio das leis de Mendel. Próximo à tradição genética alemã, Piza Jr, em meio a pesquisas, teorias e incertezas, constrói seu próprio mecanismo explicativo da Hereditariedade, intitulada “Teoria do Platinema”⁵⁹.

Octávio Domingues e Salvador Toledo de Piza Jr ingressaram no movimento eugênico em fins da década de 1920 e, com isso, agregaram as discussões científicas que mobilizavam o campo da agricultura. O peso de seus nomes, sobretudo da apropriação científica que lhes era própria, densificaram as discussões no interior do movimento

⁵⁶ A escola de Piracicaba foi fundada em 1901 com o nome Escola Prática de Agricultura de Piracicaba, cujo nível de ensino, atualmente, equivaler-se-ia ao ensino médio. Ao longo de aproximadamente 30 anos sofreu várias mudanças de nome, a saber: Escola Prática “Luiz de Queiroz” (1905 – 1911); Escola Agrícola “Luiz de Queiroz” (1911 – 1931); Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Essa última denominação decorre de sua incorporação à Universidade de São Paulo. Parece haver controvérsias quanto à data de constituição da escola como ensino superior, sendo 1931, data sugerida pelo sítio eletrônico da ESALQ e, 1925, nos documentos comemorativos da escola (HABIB, 2010).

⁵⁷ Sobre o ensino da Genética na ESALQ, ver Habib (2010), especialmente o capítulo I.

⁵⁸ De acordo com Martins (2010), o Neolamarckismo pode ser entendido como uma denominação que abarca um grupo de teorias que aceita a transmissão dos caracteres adquiridos. Tais teorias, entretanto, são bastante heterogêneas, uma vez que para se agregarem nesse amplo grupo bastava a aceitação de algum modo de influência ambiental direta na hereditariedade e a oposição ao Darwinismo.

⁵⁹ Sua teoria foi apresentada entre 1929 e 1930, porém não logrou boa aceitação em meio à comunidade científica brasileira (HABIB, 2010).

eugênico. Neste ínterim, a genética foi oferecida como suporte teórico, base legítima às possíveis intervenções eugênicas⁶⁰. Segundo Habib:

Além da ciência, os professores de Piracicaba ofereceram suporte institucional, via ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e suas disciplinas de pesquisa e ensino, garantindo, portanto, ciência pura, ciência aplicada e base acadêmica para a eugenia brasileira. (2010, p.317)

Os rumos do movimento eugênico brasileiro, em fins da década de 1920, mudaram sensivelmente se comparados aos encaminhamentos da Eugenia entre fins da década de 1910 até meados da década de 1920. O lamarckismo, sugerido pelas discussões das décadas de 1910 e 1920, divide espaço com os debates acerca da genética mendeliana e da teoria da evolução proposta por Darwin. Apesar das leis de Mendel não serem prontamente aceitas por todos os eugenistas, as discussões sobre hereditariedade tornaram-se mais densas e a linguagem da Eugenia torna-se mais “acadêmica” e menos panfletária.

Em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, ocorrido em 1929, é possível perceber as discussões acerca da Genética. André Dreyfus e A. J. de Sampaio constroem suas conferências sobre as leis de Mendel numa tentativa de solucionar “O estado actual do problema da hereditariedade”.

Nesse sentido, André Dreyfus⁶¹, didaticamente explicita seus mecanismos de pesquisa, afirmando que os resultados obtidos nas investigações com plantas são aplicáveis à espécie humana. Em sua conferência, critica os eugenistas que atribuem ao meio ambiente causa do melhoramento progressivo da espécie (SOUZA et al., 2009; ROSA, 2005). De acordo com Dreyfus:

⁶⁰ Importante ressaltar que a genética não era um conhecimento novo para os eugenistas brasileiros, nem mesmo se configurou como teoria de específico domínio de Domingues e Piza Jr. A saber, Roquete Pinto, convicto das teorias mendelianas, dominava o campo e a disseminava em seus livros, palestras e aulas, no Museu Nacional. Entretanto, o modo como Roquete Pinto dialogava a Eugenia com os pressupostos mendelianos era completamente distinto das proposições dos professores de Piracicaba (SOUZA et al., 2009).

⁶¹ Um dos pioneiros da genética mendeliana na Universidade de São Paulo (STEPAN, 2005). Cria, nessa mesma instituição, em 1938, a cadeira de biologia geral, considerada pela historiografia um marco no ensino de Genética no Brasil (HABIB, 2010).

Outra crença de vários eugenistas que tem infelizmente que ser abandonada é a de que um meio favorável, boa alimentação, instrução desenvolvida, poderão influir sobre o patrimônio hereditário. (...)

Um meio favorável, (...), é utilíssimo para o indivíduo, e taes praticas só podem merecer nossa inteira aprovação, mas não seria justo que com isso se pretendesse modificar a espécie, pois si um meio favorável permite a exteriorisação de caracteres que sem elle permaneceriam latentes, este meio favorável não cria nem destróe factores hereditários. (1929, p.96)

André Dreyfus argumenta que as proposições de Lamarck ficaram fragilizadas perante incapacidades de se provar a herança dos caracteres adquiridos, ao passo que os experimentos a partir de Mendel apresentavam resultados coerentes e consistentes.

Dreyfus, ao apresentar os motivos que o levaram a criticar o Neolamarckismo, contrariou também a eficácia eugênica de campanhas antialcoólicas e antivenéreas. Segundo Rosa (2005), apesar dessas críticas não serem novidades em meio aos eugenistas, a exposição de Dreyfus teria gerado certo desconforto nos propositores de tais medidas “sanitárias”.

Ainda no I Congresso Brasileiro de Eugenia, A. J. de Sampaio⁶² promove as discussões acerca da “Genética Vegetal”. Organizando sua fala em torno de três postulados: “A genética vegetal é de real valor para a Economia Política”; “Todos os vegetais são modificáveis e perfectíveis”; “São possíveis novos germes pathogenicos e com elles novas moléstias”, Sampaio faz referência a teorias genéticas e seus autores. No decorrer dos argumentos, usa termos mendelianos como “Genotypo”, “Phenotypo”, “Mutaçao”, “dominate”, “recessivo”, “allelomorphia”, etc.. Além disso, faz alusão a autores clássicos da genética como De Vries, Weismann e Mendel.

⁶² Botânico do Museu Nacional. Publica no Boletim de Eugenia, em outubro de 1929, o texto intitulado: “O ensino de genética nas escolas primárias”. Octávio Domingues, em publicações posteriores no próprio Boletim de Eugenia, faz menções elogiosas ao professor Sampaio, ressaltando a importância de sua proposta de implantação da genética como componente curricular nas escolas (HABIB, 2010).

Além dos referidos André Dreyfus e A. J. Sampaio, conferências como as de Newton Belleza (1929) (“Consanguinidade”), A. J. Azevedo Amaral⁶³(1929) (“O problema eugênico da imigração”) e de Renato Kehl (1929c) (“A Eugenia no Brasil: esboço histórico bibliográfico”), apresentaram discussões sobre a hereditariedade.

Rosa (2005) argumenta que no interior do “Boletim de Eugenia” a “ciência da melhoria da espécie se distancia do saneamento” à medida que o debate acerca da hereditariedade e evolução ganha corpo e a defesa aberta em favor do mendelismo vai ganhando adeptos.

O periódico, que circulou entre janeiro de 1929 a abril-junho de 1933, publica seu primeiro número anunciando seus propósitos de debate acadêmico, divulgação dos ideais eugênicos e a intenção de se construir um Instituto Brasileiro de Eugenia. Ao longo de seus 42 números, entretanto, a revista passa por mudanças ganhando outras orientações, sobretudo, a partir de 1932⁶⁴.

Por volta dos números 06-07 (junho-julho/1929), o “Boletim de Eugenia” tornou-se suplemento da revista médica “Medicamenta”, aumentando sua tiragem e atingindo um número maior de leitores.

Habib (2010) aponta que, em busca de legitimidade, o “Boletim de Eugenia” publica artigos assinados por eugenistas/estudiosos brasileiros, ao lado de diversos textos de importantes eugenistas estrangeiros como: Hermann Muckermann, Diretor do Instituto de Eugenia de Berlim (SOUZA, 2006); Lundborg, Diretor do Instituto de Biologia Racial de Upsala (HABIB, 2010); Victor Delfino, médico eugenista argentino; O. Decroly, Membro da *Société Belge d'Éugénique*; Eugen Fischer, diretor do Kaiser Wilhelm Institut fuer Anthropologie und Eugenik, em Berlim (ROSA, 2005); etc..

Dentre os diversos temas discutidos ao longo do período em que a revista esteve em circulação, Rosa (2005) destaca: genética, legislação, conceitos básicos da Eugenia, eventos acadêmicos e de divulgação da causa eugênica e a institucionalização da Eugenia no Brasil.

O acesso ao periódico colocou em evidência a ausência do debate sobre a Educação Física, indicando outras temáticas e interesses do movimento eugênico naquele momento.

⁶³ Azevedo Amaral, ao longo do Governo Vargas, torna-se importante voz dentro do pensamento político (SOUZA et al., 2009).

⁶⁴ Diz respeito à mudança de editor. Mais adiante tal questão será apresentada.

Segundo Habib (2010), a hereditariedade ganha espaço desde o primeiro número do periódico. Ao longo do ano de 1929, foram publicados 16 textos sobre o assunto.

Em janeiro de 1930, Octávio Domingues publica seu primeiro artigo nos Boletins de Eugenia e, a partir de então, lança-se a explicar os mecanismos da genética mendeliana, combatendo duramente as proposições de Lamarck e seus revisionários. Em tradução do texto de Varigny, intitulado “Da Eugenia”, Domingues faz o seguinte apontamento em nota de pé de página:

A hereditariedade dos caracteres chamados adquiridos não é ‘fraca’, mas sim inexistente, pelo menos em face das provas experimentais negativas que há muito se multiplicam numa tentativa, sempre frustrada de prová-la⁶⁵.

A partir do ano de 1931, o Boletim de Eugenia passa a ceder mais espaço às discussões de genética, o que também se manifesta em textos mais densos.

Entretanto, como dito, acerca dos estudos sobre a hereditariedade havia uma confusão conceitual que impedia muitos eugenistas de perceberem a contradição existente entre o mendelismo e o lamarckismo.

Neste sentido, no texto intitulado “Nova theoria sobre a hereditariedade”, Renato Kehl cita a teoria dos “Plastinemas”, constituída por Piza Jr., afirmando a necessidade de mais estudos e teorias capazes de desvendar as dúvidas que rondavam o mendelismo, naquele momento. Nas palavras de Kehl:

O mecanismo da hereditariedade mendeliana não obstante as pesquisas realizadas até a presente data mantêm-se obscuro em vários pontos. Faltava, sobretudo, explicação para a ausência completa dos cromossomos no núcleo em período de repouso, que desaparecem, completamente, na inter-phase’, só reaparecendo na cinese seguinte, individualizados e dispostos como primitivamente. (KEHL, 1930c, p.03)

⁶⁵ Nota do tradutor Octavio Domingues: In: VARIGNY (1931).

Não raras vezes os mendelistas aceitavam as proposições de Lamarck, concebendo, em alguma medida, a influência do meio sobre o plasma germinal. Nesse sentido, as teorias da Blastoforia (corrupção das células germinativas) foram disseminadas e utilizadas (STEPAN, 2005).

Constituída por Augusto Forel, a Blastoforia seria o mecanismo pelo qual o álcool, cigarro e doenças venéreas afetariam a hereditariedade, constituindo-se como uma lesão no plasma germinal, algo diferente da normalidade proposta pela genética. Seria um ajuste entre Lamarck e Mendel (STEPAN, 2005).

O ceticismo sobre o mendelismo apresentado por alguns intelectuais, somado a incertezas genéticas, apontaram o Neolamarckismo como alternativa. Além disso, a tradição religiosa instaurada no Brasil via na Genética mendeliana e na Evolução postulada por Darwin forte carga material (STEPAN, 2005).

Desse modo, os esforços individuais na aquisição de boas qualidades físicas, morais e intelectuais não seriam transmitidos hereditariamente, o que não era visto com bons olhos diante de uma perspectiva moral. A evolução proposta por Darwin, centrada na permanência dos mais aptos, e a independência entre células somáticas e germinativas constituía-se de modo brutal e impessoal. Já a teoria de Lamarck abria espaço às escolhas individuais e estaria mais afinado às noções tradicionais de moralidade.

Além da tradição religiosa, o histórico intercâmbio entre Brasil e França pode ter sido outro fator favorável ao lamarckismo. Já em períodos da constituição da Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918, a França era tomada como referência para os eugenistas brasileiros. O estatuto da referida instituição constituiu-se de uma transcrição fiel das proposições da sociedade eugênica francesa. Apoiada sobre bases lamarckistas, a França, durante muitos anos, foi destino da elite letrada latino-americana, uma relação que possibilitou acesso facilitado às ideias lamarckistas no Brasil e na América Latina (STEPAN, 2005).

Em 1926, Paul Kammerer, um dos mais renomados lamarckistas revisionários, comete suicídio após o anúncio de que seus dados experimentais em favor do Lamarckismo haviam sido forjados. As proposições de Lamarck e as muitas teorias neolamarckistas, apesar de permanecerem explicando fenômenos hereditários e evolutivos, vão perdendo força ao longo dos anos 1930 (STEPAN, 2005).

Entretanto, segundo Stepan (2005), sobretudo nos países de língua latina, isso acontece morosamente. Apesar de o Brasil partilhar desse fenômeno de manutenção lamarckiana, no interior do movimento eugênico, críticos do lamarckismo acirram seus ataques.

Em 1932, com viagem marcada à Europa, Renato Kehl, então editor do “Boletim de Eugenia”, vê-se na iminência de buscar outro editor para dar encaminhamento ao periódico. Em decorrência da profícua relação política e acadêmica com Octávio Domingues e Salvador Toledo de Piza Jr., Kehl convida os professores da ESALQ para assumirem a editoração da revista (HABIB, 2010).

Nesse momento, a institucionalização da Eugenia já havia ocorrido por meio da Comissão Central Brasileira de Eugenia, cujo projeto consistia em difundir essa ciência e sistematizar ações políticas a serem apresentadas ao governo (ROCHA, 2011). Fundada em 1931, a instituição eugênica brasileira possuía entre seus membros os já referidos Octávio Domingues e Salvador Toledo de Piza Jr.

Apesar de se inserirem no movimento eugênico apenas em fins da década de 1920, os professores da ESALQ mantiveram ostensiva participação, direcionando, a partir de 1932, os rumos do “Boletim de Eugenia” (HABIB, 2010).

A escolha de Domingues e Piza Jr. para editar o periódico não foi aleatória. A apropriação e inserção científica dos novos editores poderiam contribuir para maior legitimidade do Boletim, afinal, naquele momento, os referidos professores da ESALQ já eram considerados renomados pesquisadores brasileiros (HABIB, 2010).

Com a mudança, o boletim deixa de ser suplemento da revista *Medicamenta* e passa a ser filiado à “Revista de Agricultura”, periódico vinculado à Escola Luiz de Queiroz, de Piracicaba. Com isso, o Boletim de Eugenia recebe duplo auxílio: a) acadêmico, uma vez que se insere em uma das mais renomadas instituições de pesquisas do país; b) financeiro, dada a profunda crise pela qual passava⁶⁶ (HABIB, 2010).

O afastamento de Kehl da editoração do “Boletim de Eugenia” e a ocupação do cargo por Domingues e Piza Jr. poderiam gerar maior inserção política e acadêmica do movimento eugênico brasileiro, assim como mais adeptos e mais visibilidade à campanha em prol do melhoramento da espécie (HABIB, 2010).

Ao mudar os editores, uma série de mudanças ocorreu: o periódico de edição mensal passa a circular trimestralmente; o local de edição passa do Rio de Janeiro para Piracicaba; com formato menor, o Boletim de Eugenia torna-se mais parecido com uma revista; o número de páginas aumenta consideravelmente e o tom dos textos adota um caráter mais científico-acadêmico, apresentando maior densidade nas discussões (HABIB, 2010).

⁶⁶ Boa parte dos gastos para a manutenção do periódico provinha de recursos próprios de Renato Kehl.

Segundo Habib (2010), das mudanças ocorridas com a troca dos editores, um dos elementos mais perceptíveis é a ênfase que passa a ser dada ao debate acadêmico acerca da genética mendeliana e, não raras vezes os experimentos agrícolas lançaram luz aos mecanismos hereditários humanos.

No texto intitulado “Hereditariedade da cor de pele no casamento branco-preto”, Piza Jr. esclarece que a tonalidade da pele dos filhos de casais constituídos por um negro e um branco obedeceria ao mesmo mecanismo do cruzamento de raças de coelhos e linhagens de sementes.

Uma vez cruzada uma coelha de orelhas longas com um coelho de orelhas curtas, o resultado seria filhotes com orelhas intermediárias. Linhagens de sementes vermelhas cruzadas com sementes brancas produziriam sementes rosadas de aspecto mais ou menos uniforme.

Em meio à terminologia genética, esquemas com caracteres são cruzados entre si, produzindo descendentes híbridos [$AA + aa = Aa, Aa$], permitindo, assim, o entendimento de mecanismos responsáveis por produzir, por exemplo, a cor de pele. As orelhas com tamanhos intermediários e as sementes rosadas explicariam o fenômeno humano dos filhos “morenos” de paternidade negra com branca.

A fim de esclarecer os mecanismos da herança biológica, Octávio Domingues assina o texto intitulado “A pretensa hereditariedade alcoólica” (1932a), no qual descreve os procedimentos científicos realizados por pesquisadoras inglesas. Após inocular álcool sucessivas vezes em cobaias, verificou-se que a fecundidade e a mortalidade não foram alteradas. Além disso, o peso e o crescimento dos descendentes das cobaias também não foram corrompidos.

As páginas do “Boletim de Eugenia” passam a imprimir os resultados de pesquisas científicas feitas com animais e plantas e suas possíveis relações com a hereditariedade humana. Gráficos, tabelas e todo arsenal metodológico e estético utilizado pela ciência compõem os artigos do primeiro e único periódico brasileiro especificamente voltado à discussão eugênica.

1.3 “[...] em prol do fortalecimento de nosso povo, da eugenia de nossa raça [...]”: A Educação Física e seus usos da “ciência da melhoria da espécie”

Os encaminhamentos do movimento eugênico brasileiro na década de 1930, como dito, apontam para “novos rumos”. As propostas de uma Eugenia branda e focada na melhoria das condições ambientais foram cedendo cada vez mais espaço para o radicalismo das discussões e propostas de segregação, esterilização, controle do nascimento, imigração, etc.. As leis da hereditariedade assumem lugar de destaque no debate eugênico. Mendel, Lamarck e Darwin tornam-se figuras recorrentes nos textos, indicando as bases referenciais para a constituição do projeto eugênico que se esboçava.

Naquele momento, o movimento eugênico, gozando de reconhecimento, insere nomes de importantes eugenistas em setores do governo a fim de pensar os problemas da imigração, do trabalho e da saúde pública. Além disso, as propostas eugênicas e tudo que representavam passam a ser acolhidas por alguns partidos políticos, sendo materializadas em suas intenções de governo⁶⁷. Academicamente, o movimento eugênico, além de se vincular às mais importantes instituições eugênicas do mundo⁶⁸, estabelece contato estreito com pesquisadores eugenistas de relevo internacional⁶⁹.

Ao passo que o movimento eugênico assim se manifesta, os modos como a Educação Física apresenta/utiliza a “ciência da melhoria da espécie” revelam divergências. Mesmo considerando que o movimento eugênico acolhe pensamentos heterogêneos, é possível perceber descompasso entre as Áreas.

Neste sentido, é possível identificar as seguintes passagens presentes, respectivamente, nos periódicos Educação Física (Exército) e Educação Physica:

Inilludível dever é [...]: educar a infancia e a juventude na disciplina physica e mental do esporte sadio e eugênico, para torna-los os homens robustos aptos do amanhã... (INICIATIVA, 1938, s.p.)

⁶⁷ No “Boletim de Eugenia” (n° 39 – jul/set, 1932) Octávio Domingues ressalta a introdução de diretrizes eugênicas nas propostas dos partidos PRP (Partido Republicano Paulista) e PD (Partido Democrático) (ROCHA, 2011; HABIB, 2010).

⁶⁸ Federação Internacional das Associações Eugênicas, *Société Française d’Eugénique*, Sociedade de Antropologia-Etnologia do Porto, Sociedade Mexicana de Eugenia *Eugenics Education Society* de Londres, *Eugenics Society of London*, Instituto de Eugenia de Berlin, Instituto de Eugenia e Biologia Racial de Uppsala e da *Eugenics Record Office* de Nova York (SOUZA, 2006; ROSA, 2005).

⁶⁹ Hermann Muckermann, Eugen Fischer, O Decroly, Victor Delfino, Dr. H. Lundborg, Dr. John A. Mjoen, dentre outros (ROSA, 2005).

Para a confecção deste capítulo, a Eugenia é “dissecada” no ‘corpus’ dos registros produzidos pela Educação Física em seu período de constituição disciplinar. Em um primeiro momento, busquei textos que citam o termo “Eugenia” no interior das revistas de Educação Física (1932-1945), Anais do VII Congresso Nacional de Educação (1935), Anais do Primeiro Congresso Pan-americano de Educação Física (1943) e Actas da Secção de Educação Physica e Hygiene, vinculada à Associação Brasileira de Educação (1926-1937). O acesso a esses documentos identificou o debate acerca da Eugenia apenas ao longo das edições da Revista de Educação Física (Exército) e Educação Physica. Paralelamente, foram acessadas produções vinculadas ao movimento eugênico brasileiro: “Boletins de Eugenia” (1929-1933), “Actas e Trabalhos do I Congresso Brasileiro de Eugenia” (1929) e livros de autores eugenistas, cujas indicações referenciais encontram-se no corpo do texto.

“Nos exercícios físicos, procurarei a saúde, a beleza e a força, como expressões de aperfeiçoamento para a raça brasileira. Viverei vida sóbria, eugênica e alegre, combatendo todos os vícios que degradam a humanidade. Reveste-se de grande significação o novo ato do Governo Mineiro em prol da cruzada eugênica do Brasil...” (DESENVOLVIMENTO, 1934, p.29)

A Eugenia, no interior da Educação Física, é apresentada de modo bastante peculiar. Nos registros acessados, foi possível perceber menção recorrente ao termo, entretanto, seu sentido é, em muitos casos, subvertido e em outros, esvaziado daqueles apregoados pelo movimento eugênico contemporâneo à década de 1930⁷⁰.

Não raras vezes, é possível encontrar passagens nas quais o termo Eugenia surge sem maiores explicações, pontuando frases, sendo usado como sinônimo de povo, higiene e nação.

Uma vez identificados e devidamente cadastrados no banco de dados, os documentos produzidos no interior da Educação Física foram organizados de modos diversos, ora dialogando com suporte bibliográfico, ora com outras fontes acessadas ao longo da investigação. Os rearranjos dos documentos foram direcionados por questões inerentes ao conceito discursivo de disciplina proposto por Foucault (2010).

Em 1940, no texto intitulado “Os primeiros profissionais do esporte”, publicado na revista Educação Physica, Hollanda Loyola escreve sobre a profissionalização de atletas, argumentando contra o fenômeno que rondava seu tempo. Ao enveredar-se pela Grécia antiga, pelos longínquos Jogos Olímpicos, Loyola aponta que a profissionalização esportiva legaria

⁷⁰ Coelho Neto publica, em 1934, na Revista de Educação Física (Exército), o texto intitulado “Higiene e Cultura Física”. O mesmo artigo comporia, em 1937, a edição de número 13 da revista Educação Physica. Coelho Neto manifesta seu entendimento acerca da Eugenia de modo distinto das conceituações debatidas no interior do movimento eugênico. Em suas próprias palavras: “Dois são os meios principais que temos para defender-nos de tais inimigas [as enfermidades], (...); é a cultura physica, outro é a hygiene, constituindo a somma dos dois a “eugenia” ou sciencia do aperfeiçoamento physico e moral do homem” (COELHO NETO, 1937, p.81).

excesso de tempo ocioso, popularidade e vaidade aos profissionais do esporte. No parágrafo no qual o autor encerra seus argumentos, na exata última frase de seu texto, encontram-se as seguintes palavras:

Aproveitemo-los e façamos do esporte um complemento da educação integral da nossa mocidade, não uma profissão, mas um processo sadio para a eugenia da raça e para elevação moral do povo. (LOYOLA, 1940a, p.09)

Holanda Loyola⁷¹, ao utilizar a palavra Eugenia, não estabelece qualquer relação com seus mecanismos; a “ciência da melhoria da espécie” é empregada somente para pontuar, com devida eloquência, a tentativa de moralizar as práticas esportivas e alertar sobre seus possíveis danos.

De modo semelhante, é inserida em textos que articulam a Educação Física à construção de uma raça brasileira, forjando argumentos em prol da coesão social, unidade racial e otimismo à nação⁷². Sem mencionar seus mecanismos, nem explicitar os fundamentos biológicos nos quais estaria assentada, a Eugenia, em diversos textos publicados nos periódicos de Educação Física, é utilizada evocando, assim, algum tipo de valor a ela agregado.

Os fatores que poderiam legar legitimidade aos seus usos podem ser diversos, dentre os quais: seu apelo à cientificidade, seu *status* de modernidade e civismo, promessa de pureza, saúde e perfeição para as futuras gerações, etc.. Mesmo considerando que em meio a esses elementos identificam-se críticas ao racismo científico⁷³, no interior da

⁷¹ Em outros tantos artigos, a “ciência da melhoria da espécie” também é assim apresentada. A saber: EDITORIAL, 1939; LOYOLA 1939b; LOYOLA, 1940b; OITO ANOS DE LUTA, 1940; BEM VINDA A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, 1945. VALÉRIO, 1933; ABREU, 1933a; OS CORPOS DO EXÉRCITO SÃO VERDADEIRAS ESCOLAS..., 1938, entre outros. Dentre os modos como a Educação Física manifesta seus entendimentos e usos da Eugenia, esse que utiliza a “ciência da melhoria da espécie” como termo que pontua frases, desprovido de seu limite teórico/acadêmico, usado como sinônimo de nação, raça, higiene e povo, constituiu-se, ao longo dos documentos acessados para esta tese, o modo mais recorrente. No total somam, aproximadamente, 25 textos publicados nas revistas Educação Física e Educação Física (Exército).

⁷² O movimento nacionalista transita pela recusa às teorias climáticas e raciais que determinavam o fracasso e a incivilidade da nação brasileira. Em resposta a isso, outros modos de se interpretar o Brasil começam a surgir, valorizando os movimentos de identidade nacional. Cabe ressaltar que esse não foi um movimento uníssono e que comportava grandes contradições (ROSA, 2005).

⁷³ Dentre os críticos, ressaltam-se Roquette-Pinto (1929), Franz Boas (MAIO, 2010b), Fróes da Fonseca (SOUZA, 2006), Antonio Austregésilo (ROSA, 2005), dentre outros.

Educação Física, a palavra Eugenia encontra-se constantemente positivada⁷⁴, como é possível perceber nos fragmentos a seguir: “[...] valor eugênico de nossa raça.” (RODRIGUES, 1933, s/p.); “[...] o conjunto eugênico que deve ser o homem moderno.” (CHATEAUBRIAND, 1934, p.01); “[...] para o bem estar do indivíduo e para a eugenia das raças, para o melhoramento das condições orgânicas do homem.” (LOYOLA, 1941, p.09), dentre outros.

Assim, agregada de valor e inserida em discussões em prol da identidade nacional, o vocábulo eugenia prestaria possível auxílio aos mecanismos de convencimento. Articulada a argumentos diversos, ressaltaria expressões de caráter ufanista, evidenciaria deveres cívicos, reafirmaria a tradição higiênico-sanitária e legitimaria o debate, servindo a uma função persuasiva⁷⁵.

Em determinados artigos, apesar da presença do termo, seus fundamentos e suas possibilidades de ação via Educação Física sequer são mencionados. Em outros, os modos como alguns autores da Educação Física apresentam os fundamentos da Eugenia, não sinalizam semelhança àqueles propostos pelo movimento eugênico. No interior da Educação Física, é possível perceber, ainda, uma defasagem teórica acerca dos conceitos da Eugenia em voga na década de 1930. Além disso, artigos de importantes membros do movimento eugênico, quando publicados nos periódicos da Educação Física, apresentam as seguintes características: alguns sequer mencionam a Eugenia; outros tantos citam o termo e apresentam os fundamentos da “ciência da melhoria da espécie”, porém fazendo um debate datado da década de 1910 e 1920, quando “sanear é eugenizar” (KEHL, 1922, p.27).

Assim, a Educação Física apresenta/utiliza a Eugenia de maneiras diversas e, partindo disso, este capítulo propõe-se a discutir alguns desses modos, indicando as proximidades e distanciamentos do movimento eugênico brasileiro da década de 1930. Apoiados em Foucault (2010a), os argumentos discutem em que medida a Educação Física, em seu processo de constituição disciplinar, apropria-se dos mecanismos e fundamentos da Eugenia; problematizam a “ciência da melhoria da espécie” como suporte referencial capaz de direcionar ações, subsidiar produção de conhecimento e estabelecer diretrizes ao fazer prático da Educação Física.

⁷⁴ Calmon (1945) e Paranaguá (1945) manifestam críticas ao arianismo alemão. Eva Hyde em seu artigo “Educação” (1939, p.02) manifesta-se contrária ao racismo e outras formas de preconceito que, segundo a autora, constituem-se em “intolerância, ódio e perseguição”. Apesar das posições contrárias ao racismo, em nenhum dos textos foram feitas menções à Eugenia.

⁷⁵ Interessantes artigos inserem-se nessa perspectiva. A saber: Calmon (1938; 1940) opera duras críticas às teorias climáticas e geográficas propostas por Gobineau e Lapouge, cujos fundamentos lançam um olhar pessimista ao Brasil e sua

1.3.1 Hereditariedade, Evolução e Eugenia no interior da Educação Física

Matti Jarvinen, atual recordman de dardo com 72m,84, não é filho de um desconhecido. Seu pae foi campeão da olimpíada de Atenas, no lançamento do disco. [...]. Operou-se aqui o que se chama de “seleção do sangue”, ou melhor, da raça, sob o aspécto da potencialidade física por via hereditária. (ZAULI, 1933, s/p.)

Em fevereiro de 1933, no quinto número da Revista de Educação Física (Exército), Bruno Zauli assina o artigo intitulado “Os atletas dos anos 2000”, no qual fala do melhoramento da raça via cruzamento de bons progenitores. A boa herança seria materializada na melhoria do desempenho esportivo e na “quebra” dos recordes olímpicos.

O texto de Zauli impressiona em dois aspectos: 1) sua coerência com as leis da hereditariedade e com os ideais eugênicos; 2) pela originalidade dos argumentos apresentados.

Em nenhum momento Zauli faz menção a Lamarck, Mendel, Darwin, Weissman, etc.. Apesar disso, o texto apresenta argumentos coesos às noções básicas da hereditariedade mendeliana ao apontar o parentesco como determinante na constituição do talento esportivo.

Segundo Zauli, o desenvolvimento e o emprego da boa técnica, assim como os estudos da fisiologia seriam de grande importância para o bom desempenho esportivo. Entretanto, dado o adiantamento de tais estudos, suas ações estariam limitadas, afinal já teriam “emprestado todo o seu auxílio aos recordes”. A despeito disso, as marcas esportivas continuavam caindo. Para Bruno Zauli, bons progenitores legariam, via mecanismos da hereditariedade, suas boas características, possibilitando o nascimento de sujeitos melhorados para o esporte.

Os termos utilizados por Zauli são distintos daqueles apregoados pelos referenciais mendelianos, lamarckistas, etc., assim como, também, são distintos alguns

população. Lourenço Fº (1939) e Abreu (1933b), ao contrário, aproximam-se das citadas teorias deterministas, sem mencioná-las. Apesar de apoiados em pressupostos diferentes, os textos não mencionam os mecanismos da Eugenia e fazem uso do vocábulo a fim de tornar seus argumentos mais vivos, enérgicos ou mais compreensíveis. Ainda nessa perspectiva, é possível citar: Loyola (1940d).

Da relação de textos produzidos no interior da Educação Física que abordam a Eugenia, selecionei, para construção deste item, aqueles que apresentam concepções acerca da hereditariedade e evolução, a fim de investigar em que medida as bases da “ciência da melhoria da espécie” são apropriadas pela Educação Física. Os textos eleitos foram questionados acerca da interferência das práticas de exercitação física nos mecanismos da hereditariedade e foram comparados ao debate suscitado por eugenistas/movimento eugênico sobre a herança biológica e a influência da Educação Física como prática eugênica.

mecanismos de manifestação da hereditariedade ali presentes. A saber: Zauli aponta que o melhoramento racial opera-se em ciclos de 25 anos; para a formação do talento esportivo bastaria o bom sangue paterno, à mãe caberia apenas “uma constituição sã, normal”.

Ao longo de seu texto, Zauli não utiliza o termo Eugenia, apesar disso, seu artigo opera de modo coerente com os preceitos da “ciência da melhoria da espécie”. A noção básica de que a boa ascendência garante uma descendência aperfeiçoada é ilustrada por meio do esporte.

Além da coerência com as leis hereditárias e com os pressupostos eugênicos, Zauli é original na medida em que seus textos são comparados com os textos de eugenistas que escrevem sobre Educação Física⁷⁶.

Em 1936, Octávio Domingues aponta que as qualidades manifestas nos atletas são decorrentes da boa herança. Caberia ao exercício, apenas, colocá-las em evidência. Tanto em Domingues quanto em Zauli, as qualidades físicas dos atletas são resultantes da hereditariedade, logo é possível identificar semelhança entre seus textos.

A diferença entre os autores, entretanto, reside no modo como a hereditariedade manifesta-se no esporte. Octávio Domingues, no afã de apontar os equívocos acerca dos mecanismos hereditários, ressalta a “ignorância” de tantos intelectuais crentes na transmissão dos caracteres adquiridos. Assim o tema “esporte”, em Domingues, surge envolto em inquietações e incômodos teóricos. De modo distinto e original, Zauli apresenta em tons de entusiasmo algumas promessas que a melhoria racial poderia legar ao esporte, o que pode ser percebido no fragmento a seguir:

[...] veremos dentro de 25 anos uma nova geração de Jarvinen, no qual o melhoramento da raça será mais notável ainda. Serão atletas que poderão facilmente lançar o dardo a 80 ms., desenvolvendo uma energia no

⁷⁶ Ao longo da década de 1930, as discussões sobre Educação Física no interior do movimento eugênico perdem força (SILVA, 2008). Assim, poucos autores pronunciam-se acerca dos exercícios físicos, dentre os quais, destacam-se Renato Kehl e Octávio Domingues.

lançamento que um engenheiro alemão calculou em um cavalo e meio de força, aproximadamente. [...]

Estou perfeitamente convencido que este atleta futuro terá na sua árvore genealógica ascendentes que tenham sido corredores, ainda que não excepcionais. (ZAULI, 1933, s/p.)

No interior da Educação Física, o texto de Zauli destoa aos demais que tratam da hereditariedade do melhoramento racial. Sem limites definidos entre legado hereditário e os efeitos decorrentes de boas condições ambientais, muitos dos textos que citam ou tematizam a Eugenia no interior da Educação Física não estabelecem relações entre as Áreas, ou, quando isso ocorre, seus mecanismos divergem do debate eugênico que se fazia nos anos 1930.

De modo distinto, Bruno Zauli inaugura um encaminhamento argumentativo que poderia articular Eugenia e Educação Física aos moldes do que se discutia no movimento eugênico brasileiro da década de 1930. Assim, as discussões hereditárias e seus mecanismos, manifestos na melhoria da espécie, encontrariam guarida nos feitos e na visibilidade esportiva.

As relações estabelecidas por Zauli, entretanto, não lograram maiores adeptos. Assim como as ideias contidas em seu texto, seu nome não volta a assinar artigos nas revistas de Educação Física. Além disso, Zauli não colabora no “Boletins de Eugenia” (1929-1933), seu nome não está relacionado entre os participantes do VII Congresso Nacional de Educação⁷⁷ (1935), I Congresso Pan-americano de Educação Física (1943), nem do I Congresso Brasileiro de Eugenia (1929).

Bruno Zauli surge em 1933, publica seu único texto nas revistas de Educação Física e registra possíveis encaminhamentos para as relações com a Eugenia. Entretanto, os rumos tomados pelas duas Áreas seguiram direções distintas.

Em maio de 1936, Souza Ramos publica, na Revista de Educação Física (Exército), o texto “Indivíduo, Esporte e Raça”. Seu argumento inicia-se pelos feitos de Licurgo, legislador espartano, que teria condenado à morte inúmeras crianças nascidas

⁷⁷ Referente ao VII Congresso Nacional de Educação, o nome Bruno Zauli não consta entre os “Representantes junto ao Congresso”, “Comissão Executiva”, “Presidentes de Honra” e conferencistas. Além disso, não compõe o “Quadro diretor da Associação Brasileira de Educação” de 1934 a 1936 e não assina as atas referentes à: “Convenção Nacional de Educação”; “oficialização da ortografia simplificada”. No “Boletim de Eugenia” não assina artigos, não é apontado como colaborador do periódico. Nos Anais do I Congresso Brasileiro de Eugenia não há referências a Zauli, seja como participante, conferencista, nem mesmo, referência bibliográfica.

com más formações físicas. Considerado pelos eugenistas um dos precursores da “ciência da melhoria da espécie”, Licurgo é exaltado por Ramos e suas leis postas como exemplo.

Diferentemente de Bruno Zauli, Ramos cita a Eugenia e discute seus fundamentos. Com ênfase nas práticas de esterilização, o autor constrói seus argumentos na tentativa de legitimar um dos mecanismos da “Eugenia negativa”. Além de abordar uma vertente pouco recorrente nos periódicos da Educação Física, Ramos propõe funções para a Área, auxiliando o aperfeiçoamento da espécie, como é possível perceber no seguinte fragmento:

Cabe aos esportes suprir as falhas dos processos de seleção racial e do seu aperfeiçoamento.

O esporte, qualquer que seja a modalidade, robustece o indivíduo tornando-o inacessível aos males que o possam debilitar. (RAMOS, 1936, p.38)

O documento assinado por Souza Ramos indica a Educação Física como mecanismo auxiliar capaz de desenvolver saúde e robustez à raça. Apesar de não se deter em explicações acerca dos mecanismos e fundamentos da Eugenia, o autor indica os limites e possibilidades de ação da “ciência da melhoria da espécie” e da Educação Física.

O artigo de Souza Ramos sugestiona sua apropriação acerca dos fundamentos da Eugenia e sinaliza possíveis relações entre a “ciência de Galton” e as práticas esportivas. Apesar disso, assim como Bruno Zauli, Ramos publica apenas um texto nos periódicos da Educação Física. No acesso a outros tantos documentos, não foi possível identificar menções a seu nome, nem mesmo ao texto “Indivíduo, Esporte e Raça”. Ao passo que Ramos indica possíveis relações entre eugenia e Educação Física, sua proposta não agrega outros intelectuais, assim como seu nome deixa de povoar os periódicos da Área.

Em julho de 1932, a Revista de Educação Física (Exército) publica um de seus primeiros artigos que cita o termo Eugenia. De autoria do Tenente Antônio de Molina, o texto intitulado “A importância da Educação Física para um povo” traz um breve levantamento histórico para argumentar que a humanidade evoluiu ao lado das práticas de exercitação. Em meio ao texto do Tenente Molina (1932), a guerra atua como um “processo seletivo eugênico invertido”, uma vez que jovens belos e robustos são mortos nos campos de batalha. Mediante esse quadro de “degeneração” Molina apresenta como “contraveneno”:

[...] o trabalho físico que é o único meio de retemperar a raça por fortificar os jovens, apressar o seu amadurecimento e melhorar a riqueza, pelo acréscimo resultante do aumento do capital precioso força-saúde. (MOLINA, 1932,s/p.)

Após citar os inúmeros benefícios para a Educação integral - física, moral e intelectual - e suas manifestações de “força” “dextresa”, “resistencia”, “coragem”, “tenacidade”, “velocidade”, “audácia” e “tempera de caráter”, Molina (1932) dá pistas de seu entendimento acerca da hereditariedade. Apresentando divergências com relação a boa parte do debate sobre hereditariedade no interior do movimento eugênico brasileiro da década de 1930, Molina sugestiona que as qualidades desenvolvidas pela Educação Física seriam transmitidas aos descendentes e mais bem desenvolvidas nas gerações futuras.

Em julho de 1940, Nicolau Ciancio publica o artigo “Crianças nervosas”, na revista Educação Physica. O texto, cujo tema aborda o comportamento infantil, indica que a manifestação nervosa seria um “sintoma” cuja causa deveria ser investigada. Em meio às possíveis razões do desencadeamento do nervosismo entre as crianças estão: a educação, o ambiente onde vivem, seu tipo constitucional, as doenças hereditárias e os hormônios secretados pelas glândulas suprarrenais.

Ao referir-se à hereditariedade, Nicolau Ciancio limita-se a falar da sífilis e, em duas linhas, conclui o assunto. “Entre as primeiras [doenças hereditárias] deve procurar-se sempre com cuidado a sífilis, que é, muitas vezes, a causadora de psicopatias” (1940, p.28).

Antônio Caifano publica, em julho de 1938, o texto “O valor social da Educação Physica”, na revista Educação Physica. Em duas páginas, Caifano aborda temas como “A Eugenesia”, “Medicina Social Preventiva”, “Medicina curativa” e “A Educação Physica”. Na introdução de seu texto o termo hereditariedade é mencionado, entretanto, sem explicitar seus mecanismos.

Assim como Caifano (1938), Inácio de Freitas Rolim (1940) sugere que “valentia” e “combatividade” são qualidades transmissíveis hereditariamente. No artigo “Educação moral e Educação Physica”, Rolim assim se pronuncia:

[...] é durante o tempo de paz que os instrutores forjam e afiam a espada de guerra, é então necessário recorrer-se aí a todos os meios de educação - mesmo os mais

modestos - para conservar as qualidades hereditárias de valentia e de combatividade de uma raça e enriquecer dêsses predicados as gerações novas [...] (1940, p.10)

Passagens como as do texto de Inácio Rolim, ao sugerirem a educação como o elemento central na conservação dos caracteres hereditários, revelam diferenças sensíveis às produções dos autores eugenistas que indicam balizas ao termo. A hereditariedade, ao ser usada como um descriptor de coisas que vai sendo legado de geração a geração, configura-se como um elemento sem limites de atuação.

Tendo em vista o modo como o movimento eugênico passa a debater as proposições de Lamarck, Mendel e Darwin ao longo da década de 1930, os usos que parte dos autores da Educação Física faz da hereditariedade diverge da densidade acadêmica contida em alguns textos publicados, por exemplo, no “Boletim de Eugenia”.

Inácio de Freitas Rolim (1940), Antônio Caifano (1938), Nicolau Ciancio (1940) e Antônio de Molina (1932), dentre outros tantos⁷⁸, ao construírem seus textos citam a herança biológica e ao fazê-lo não se detêm a maiores descrições sobre seus processos. Os trechos sobre a hereditariedade foram construídos pelos autores de forma breve sem deixar muitas pistas acerca de suas teorias. Em alguns artigos, como o de Inácio Rolim (1940), é possível questionar se há sob seus dizeres uma teoria hereditária sustentando seus argumentos.

A ausência de explicações, somada ao modo diverso como esses autores usam tal tema, coloca em suspeição o entendimento acerca da hereditariedade e Eugenia de parte dos intelectuais autorizados a falar sobre a Educação Física.

Diferentemente de Caifano (1938), Molina (1932), Rolim (1940) e Ciancio (1940), os textos assinados por Luís Bisquertt⁷⁹ (1938), H. V. M. (1941) e Pacífico Castelo Branco (1942) descrevem de modo mais detido os mecanismos hereditários, os procedimentos da Eugenia e os relaciona com a Educação Física. Apesar disso, reforçam a tese de que a Educação Física não acompanha o movimento eugênico quanto ao debate acadêmico sobre hereditariedade.

Com o título “A Educação Physica Hodierna” e datado de 1938, Bisquertt utiliza um recurso recorrente em textos publicados nas revistas de Educação Física. Assim, ao falar da importância dos exercícios físicos reconta passagens da antiguidade

⁷⁸ A ginástica como fator... (1935); Loyola (1942); etc..

⁷⁹ Professor do Instituto de Educação Física da Universidade do Chile.

clássica e cita uma possível China de tempos longínquos. Abordando os séculos XVI, XVII e XVIII, o autor “chega” nos períodos de proposições científicas que permitiram bases legítimas para as práticas de exercitação física. Feito esse preâmbulo histórico, Bisquertt coloca-se a falar da “Educação Física hodierna” e utiliza como disparador do argumento a seguinte afirmação: “O papel do exercício como melhorador do typo humano já não se discute” (1938, p.13). A fim de sustentar seu pressuposto, o autor descreve o modo como a Educação Física atua na melhoria progressiva do “typo humano”:

Baseada no movimento, característica fundamental de tudo que vive, sua acção chega à intimidade dos tecidos, influenciando nas actividades do protoplasma celular⁸⁰.
(BISQUERTT, 1938, p.13)

Apesar de não fazer referência a Lamarck, as proposições de Bisquertt sugerem proximidade com as teorias do uso e desuso. Ao apontar que o movimento poderia influir diretamente no protoplasma, o autor dá pistas ao entendimento de que os benefícios da prática da Educação Física poderiam ser legados de geração a geração.

Em comum acordo com Luís Bisquertt (1938), a revista *Educação Physica* publica o texto de H. V. M. (1941), intitulado “comentando... Esportividade Estética”. Com o foco no corpo feminino, o autor propõe o exercício físico como método de embelezar as formas, corrigir defeitos físicos e sugestiona a transmissibilidade, de geração a geração, de seus benefícios.

Sem referir-se às teorias da hereditariedade, o texto de H. V. M. (1941) suscita o entendimento de que, ao largo dos anos, o exercício físico sedimentaria o embelezamento feminino.

Acreditamos, pois que as mulheres continuem a utilizar a esportividade em favor da estética. As gerações do futuro serão assim numerosas vezes de físico padronizadamente belos. E ficarão destarte em minoria flagrante as obesas,

⁸⁰ Martins (2010) aponta que o zoólogo Gustav Jäger (1832-1917), em 1876, propôs noção de “protoplasma germinativo”, negando a transmissão de caracteres adquiridos. Segundo Polizello (2008), dentro do protoplasma haveria, segundo o botânico suíço Karl Naegeli, uma estrutura chamada ideoplasma responsável pela hereditariedade. Apesar de o termo protoplasma não oferecer um entendimento único, Bisquertt (1938), em seu texto, sugere a transmissão hereditária de caracteres adquiridos ao mencionar a influência na atividade do protoplasma celular.

as desproporcionadas, as de pernas lamentavelmente finas, as curvas, as corcundas e as desengonçadas. Felizes os que estes tempos presenciarem!!... (1941, p.32)

Em outro trecho, afirma:

É de se esperar também que o perfil elegante as curvas harmoniosas proporcionadas por um século de eugenia possam passar como patrimônio hereditário. (1941, p.32)

O entendimento de eugenia sugerido por H. V. M. (1941) diz respeito a um conjunto de práticas, de qualquer ordem, capaz de beneficiar o indivíduo. De modo distinto da noção de melhoria da espécie, Eugenia surge como sinônimo de práticas, dentre as quais, a Educação Física. Desse modo, os fragmentos destacados acima suscitam a hereditariedade de caracteres adquiridos.

Luis Bisquertt (1938) e H. V. M. (1941) em seus textos indicam, mesmo que de modo incipiente, concepções acerca da hereditariedade e, na medida em que assim procedem, revelam equívocos acerca dos mecanismos hereditários.

Cabe ressaltar, entretanto, que em 1938, como dito, a “Teoria Sintética da Evolução” sistematizava seus primeiros encaminhamentos e, apesar de o mendelismo já pairar como certeza para muitos estudiosos, os equívocos e as lacunas acerca da hereditariedade ainda se faziam presentes.

Nas referências do movimento eugênico brasileiro contidas nas “Actas e trabalhos do I Congresso Brasileiro de Eugenia” e no “Boletim de Eugenia”, também é possível identificar dúvidas e incompreensões acerca dos mecanismos hereditários. As temáticas relativas ao alcoolismo, tabaco e sífilis surgem ora como um problema de ordem hereditária, ora como um problema congênito. Além disso, a presença constante de menções à Blastoforia indica dúvidas e incertezas acerca do que pode ou não ser transmitido hereditariamente aos descendentes⁸¹.

⁸¹ No Boletim de Eugenia, E. Apert (1930) atesta a capacidade de modificação hereditária de doenças como, por exemplo, a sífilis, por meio dos mecanismos da Blastoforia. No texto “A syphilis e o casamento”, A. Tapedino apresenta resultados positivos de estudos que relacionam ‘neoarsenobenzol’ na cura da Lues. A fim de justificar a importância de estudos como esses, Tapedino fala da sífilis como agente desagregador da família e ressalta seu caráter hereditário. Segundo o autor, a doença “Impressiona, fundamentalmente, as células germinativas e os filhos dos lúéticos herdaram má semente...” (1930, p. 04). No número anterior do Boletim de Eugenia (39, julho a setembro de 1932a), Octávio Domingues publica o artigo “A pretensa hereditariedade alcoólica”, no qual critica o equívoco de certos pesquisadores em pensar que o

Desse modo, os desencontros entre os eugenistas ao se pronunciarem sobre a hereditariedade poderiam retirar o “peso” dos pronunciamentos encharcados de dúvidas e incompreensões propostos por Bisquertt (1938) e H. V. M. (1941).

Apesar disso, deve-se considerar que, no momento de publicação do texto de Bisquertt e H. V. M., o debate suscitado em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia já contava quase uma década e o “Boletim de Eugenia” havia cessado sua circulação há mais de cinco anos, o que pode indicar uma defasagem temporal nas discussões sobre o tema.

Em 1942, Pacífico Castelo Branco publica na Revista de Educação Física (Exército) o texto intitulado “A Educação Física e a Eugenia”. Ao fazer referência a importantes nomes da “ciência da melhoria da espécie”, como Renato Kehl e Octávio Domingues, o autor estabelece relações entre Eugenia e Educação Física de um modo distinto do apregoado por tais eugenistas.

Em meio a noções de hereditariedade, fundamentos eugênicos e possíveis relações com a Educação Física, Castelo Branco (1942) tece seus argumentos em meio a trechos teóricos, indicando falta de sintonia com o movimento eugênico.

Logo no primeiro parágrafo de seu texto, o autor assim se pronuncia:

Agora que já sabemos o que é a Educação Física e como deve ser praticada nas diferentes idades, vejamos qual a influência que a mesma pode exercer sobre a nossa raça. (BRANCO, 1942, p.45).

Castelo Branco segue o texto explicitando o que seria fruto da hereditariedade e o que seria resultante do “meio”. Segundo o autor, características hereditárias seriam aquelas inatas e o “meio”, um propulsor, um estímulo para o seu desenvolvimento. Assim sendo:

[...] a Educação Física, como todas as medidas eutécnicas, só exerce influência direta sobre o indivíduo, sobre a geração que atua e só tardiamente sobre a herança. (BRANCO, 1942, p.45)

álcool teria alguma influência sobre as células reprodutivas. Ainda de autoria de Octávio Domingues, o “Boletim de Eugenia”, número 16, publica o artigo intitulado “Transmissão congênita da Tuberculose”, cuja discussão fundamenta-se na incapacidade do agente infeccioso alterar o plasma germinal e ser transmitido hereditariamente. Para tanto, Domingues explicita os mecanismos de contágio que se estabelecem por meio da placenta materna.

Sugerido por Castelo Branco, o conceito de Eutecnia e seus mecanismos emerge como um dos novos limites da Eugenia, apresentados a partir de fins da década de 1920.

Naquele período, alguns eugenistas, em suas manifestações, passam a revisitar o conceito de Eugenia limitando suas ações e reconfigurando sua identidade. Renato Kehl, em seu “Lições de Eugenia”, cuja primeira edição data de 1929⁸², dedica algumas passagens de seu livro a estabelecer alguns ajustes conceituais. Nesse sentido, destaca a diferença entre práticas eugênicas e eutécnicas. Sem qualquer influência sobre as células de reprodução, a Eutecnia ocupar-se-ia em fornecer bom ambiente para seu pleno desenvolvimento, assim, Kehl faz o seguinte alerta:

Não confundir as práticas eugênicas com as propostas pela eutecnia que, por serem de ordem paracínética, não influem sobre a individualidade genética. A eutecnia ocupa-se, apenas, de melhorar o ambiente, para torná-lo mais propício à vida dos indivíduos. (1935a, p. 17)

Educação, Saneamento e Higiene, devido a sua ordem paracínética, assumem uma posição secundária, configurando-se como práticas acessórias, auxiliares, de apoio à Eugenia, compondo, assim, o quadro da Eutecnia.

Assim como Kehl, Roquette-Pinto apresenta de modo semelhante o conceito de “Euthenia”. Em um dos capítulos de “Seixos Rolados” (1927), o autor destina-se especialmente a falar da Eugenia, seus mecanismos e seus fundamentos. Após apresentar as ideias de Galton, a genética mendeliana, os encaminhamentos da Biometria, Roquette-Pinto faz alusão às boas condições ambientais:

Ao lado da Eugenia fatalista que prega: fóra da herança não há salvação, constitui-se a Euthenia, preocupada em favorecer a aquisição de melhores caracteres somáticos por parte dos que estão vivendo. (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 203)⁸³

⁸² Ao longo deste texto faz-se uso da segunda edição do “Lições de Eugenia”, datado de 1935. Apesar de apresentar diferenças sensíveis, o uso da edição de 1935 não oferece prejuízos à investigação, uma vez que as duas edições da obra estão inseridas na fase mais radical e centradas em aspectos biológico-hereditários do movimento eugênico. Além disso, o modo como Renato Kehl refere-se à Educação Física não difere da edição de 1929 para a de 1935.

⁸³ Na obra “A hereditariedade em face da Educação” (1929), Octávio Domingues também faz uso do conceito de “Eutechnia” nos mesmos modos que Kehl e Roquette-Pinto.

Relativamente à Eugenia, cujos mecanismos hereditários são capazes de determinar a boa prole, a Eutecnia, prática acessória ao bom desenvolvimento da hereditariedade, passa, hierarquicamente, a ocupar uma posição inferior. Os estudos acerca da genética mendeliana e o aumento em seu número de adeptos desvincularam a Eugenia das práticas “paracínéticas” como Educação, Saneamento, Higiene e Educação Física.

Nesse sentido, os argumentos de Castelo Branco (1942), parecem estar de acordo com as novas definições propostas pelos eugenistas.

A eugenia visa a hereditariedade, a raça, a espécie humana. A Educação Física serve para estimular, exaltar orientar as boas ou más heranças, sem, entretanto, transmudá-las umas em outras; a não ser, após muitas gerações que venham praticando regularmente a Educação Física. (p.45)

A coerência entre Pacífico Castelo Branco (1942) e as proposições de Kehl, Roquette-Pinto e Octávio Domingues estabelecem-se no caráter hereditário da Eugenia e na função auxiliar e estimuladora do exercício físico. A Educação Física é apontada por Castelo Branco (1942), assim como por Renato Kehl e Octávio Domingues, como prática salutar, porém de ação restrita ao estímulo às manifestações da hereditariedade.

Entretanto, ao passo que essas noções se estabelecem no texto de Castelo Branco (1942), o autor afirma que a exercitação física praticada ao longo de várias gerações poderia legar hereditariamente suas benesses. Nesse mesmo sentido, o autor alega:

Os exercícios físicos são muito úteis ao desenvolvimento do indivíduo, como acabamos de demonstrar, mas as qualidades adquiridas com a pratica da Educação Física não se inscrevem no patrimônio biológico, a não ser tardiamente é que estes carateres podem ser estabilizados pela repetição seletiva precedida através de várias gerações. (Renato Kell) (sic) (BRANCO, 1942, p.45)

Apesar de Castelo Branco acessar a discussão estabelecida no interior do movimento eugênico da década de 1930, como é possível perceber nas referências a

Domingues, Kehl e às proposições conceituais datadas desse período, o autor, ao longo de seu texto, defende argumentos distintos e, mutos deles, refutados por importantes nomes do movimento eugênico, como por exemplo, Renato Kehl e Octávio Domingues.

O artigo de apenas uma página contido na Revista de Educação Física (Exército) foi publicado fazendo uma referência peculiar ao nome Renato Kehl. Grafado com “ll”, enquanto a escrita apropriada seria “hl”, Castelo Branco (1942) atribui a Renato Kehl autoria de relações entre Eugenia e Educação Física que o próprio Kehl, da década de 1930, nega.

Quem se preocupa, portanto, com o corpo, quem goza vida saudável, obedece a cuidados profiláticos e faz exercícios físicos está se tratando higienicamente, não, porém cuidando precipuamente das gerações futuras, principal fim visado pela Eugenia. (KEHL, 1932, p. 79)

Ironicamente o “Kell” ao qual Castelo Branco (1942) se referia não parece ser o mesmo Kehl que publica “Lições de Eugenia” (1929 e 1935a), “Porque sou eugenista” (1937), “Aparas Eugênicas” (1933) e inúmeros artigos no “Boletim de Eugenia”⁸⁴.

Sem fazer referência a Lamarck, Pacífico Castelo Branco (1942) descreve as possibilidades de atuação da Educação Física apoiado nas concepções de transmissibilidade dos caracteres adquiridos. Em consonância com os dizeres de Fernando de Azevedo, datados de 1920a, Castelo Branco (1942) argumenta que a Educação Física praticada ao longo dos anos poderia sedimentar-se no patrimônio hereditário, legando melhorias substanciais para as gerações vindouras.

Apesar das referências a Kehl, Octávio Domingues e a apresentação de conceitos como Eugenia e Eutecnia indicarem aproximação de Castelo Branco ao movimento eugênico da década de 1930, os argumentos que compõem seu texto apresentam discordâncias ao debate que se fazia no movimento eugênico da década de 1930, sobretudo acerca da herança biológica e suas relações com a Educação Física.

⁸⁴ Cabe ressaltar que na revista Educação Physica os textos de autoria de Kehl apresenta conteúdos muito distintos daqueles publicados no interior do movimento eugênico da década de 1930. De caráter mais brando e sem mencionar os mecanismos da hereditariedade, Kehl, no interior da Educação Física, suscita vínculos com saneamento e higiene. Estes elementos serão tratados no item “Eugenistas falam à Educação Física: o retorno aos anos 1910/1920, quando ‘sanear é eugenizar’”.

Como dito anteriormente, é importante considerar o momento de inconsistências teóricas no plano da hereditariedade, o que suscita ressalva entre aqueles que se propõem a versar sobre o tema. A respeito disso, Bisquertt assim se pronuncia:

A Educação physica constitue uma das bases da eugenia, sciencia nova que trata de estabelecer as regras que os paes deverão seguir para assegurar uma descendência forte e sadia Se bem que todavia esteja muito longe a última palavra sobre **hereditariedade**, é indubitável que poderão applicar-se à espécie humana processos semelhantes aos que permitiram modificar-se as espécies animaes e vegetaes num sentido utilitário para o homem. Está a ponto de nascer uma verdadeira “anthropotechnica”. (BISQUERTT, 1938, p.13 – grifo do autor)

Entre tuberculosos, sífilíticos, alcoólatras e mestiços⁸⁵ de toda ordem é possível identificar divergências entre os eugenistas, o que revela, como dito, incertezas genéticas, preconceitos e posicionamentos políticos distintos. Entretanto, acerca da Educação Física, Renato Kehl e Octávio Domingues apresentam entendimentos semelhantes quanto à inviabilidade hereditária dos benefícios gerados pelas práticas de exercitação.

Com intenção de corrigir equívocos conceituais que estabeleciam, sem muitos critérios acadêmicos, diálogo entre proposições hereditárias dissonantes, Kehl, assim como outros eugenistas [Octávio Domingues, Salvador Toledo de Piza Jr. e o já citado Roquette-Pinto], lançam-se a conceituar e apontar equívocos que, na década de 1930, tornar-se-iam inconcebíveis⁸⁶.

⁸⁵ Divergências acerca da miscigenação podem ser verificadas ao longo das publicações do “Boletim de Eugenia”. Assinado pelo professor Luiz L. da Silva, o texto “Cruzamento do branco com preto”, publicado em Julho de 1930, posiciona-se contrário ao “cruzamento das raças”. Em suas justificativas: “o negro tem o índice cefálico quase nulo” (SILVA, 1930, p.03). Apesar de partir de argumentos diferentes, Piza Jr. (1933, p. 12) do mesmo modo desaconselha o “casamento branco com preto”, uma vez que tais uniões “não são naturais”. Herman Lundborg, diretor do Instituto de Biologia Racial de Upsala, Suécia, afirma ser conveniente o cruzamento entre indivíduos pertencentes a “raças próximas” e desaconselha, mediante maus resultados, o cruzamento de sujeitos de “raças distantes” (LUNDBORG, 1931). Contrariando o pessimismo quanto à mistura racial, Octávio Domingues manifesta-se a favor da miscigenação: “Mestiçamento de raças humanas não é degeneração. É antes origem e fonte de nossos biótipos entre os quais teremos aqueles capazes de uma adaptação melhor ao meio brasileiro” (DOMINGUES, 1932b, p.68).

⁸⁶ Gunter Just, no “Boletim de Eugenia” n°40, aponta: “As aptidões inatas de uma pessoa podem ser completamente desenvolvidas em uma ambiência favorável; entretanto as melhores condições ambientes serão capazes de desenvolver apenas as aptidões que existem” (JUST, 1932, p.79). Nesse sentido, Rugles Gates, no “Boletim de Eugenia” n° 39, assim

Nesse sentido, “Eugenismo” é conceituado como um sinônimo de Eutecnia. Fundamentado em práticas laterais e auxiliares à Eugenia, não atua no plasma germinal. “Eugenismo é educação, é saneamento é higiene é esporte, é legislação (...) em suma é tudo que auxilia as aptidões inatas, diz respeito ao melhoramento do meio ambiente” (KEHL, 1929b, p. 01).

Concebida como boa prática ambiental, a Educação Física, assim como a Higiene, Saneamento e Educação, não figura no quadro de intervenções eugênicas. Apesar de dúvidas acerca de alguns mecanismos hereditários e da divergência de alguns eugenistas sobre a Blastoforia, no que diz respeito à Educação Física, em específico, os textos eugenistas citados ao longo desta tese foram convergentes ao dizer que os benefícios provenientes de tal prática não alteram o plasma germinal e não são legados às futuras gerações.

Desse modo, em “Lições de Eugenia” (1935a), Kehl aponta: “Assistência e Educação Física não se enquadram (...) na Eugenia: suas influências são laterais e não idiocinéticas, isto é não agem sobre o plasma germinal” (1935a, p.16). Em outro texto, afirma:

Há os que confundam Eugenia com Educação Física, com plástica, com educação sexual, (...) ou a considere um simples ramo da higiene. (KEHL, 1933, p. 56).

Em consonância com os dizeres de Kehl⁸⁷, Octávio Domingues, em seu “Hereditariedade e Eugenia” (1936), dedica um capítulo a falar da “Eugenia e os Esportes”, no qual refuta as ideias de Lamarck, atribuindo-lhes o motivo de vários equívocos. “Daí o louvor exagerado dos esportes. Daí a ideia de que o atletismo é caminho andado para a conquista do ideal eugênico” (DOMINGUES, 1936, p. 51). E conclui dizendo:

se pronuncia: “(...) há tradicionalmente uma diferença fundamental entre eugenia e educação, pois que aos eugenistas dizem respeito primeiramente as qualidades inatas, as potencialidades hereditárias que passam de geração em geração, e aos educadores concerne fazer expressarem-se e desenvolverem-se completamente essas aptidões hereditárias” (GATES, 1932, p.58).

⁸⁷ De acordo com Catañeda (2003), entre Kehl e Domingues havia divergências devido ao primeiro apoiar seus estudos em bases lamarckianas e o segundo, em bases mendelianas. Entretanto, o acesso ao grande volume de documentos produzidos por Renato Kehl indica, assim como propõe Souza (2006), que os postulados de Kehl revelam não só uma fase lamarckiana, mas também weismaniana-mendeliana, o que aponta para uma proximidade entre Kehl e Domingues, sobretudo a partir de fins da década de 1920.

É que ninguém se lembra que o atleta já nasce feito (...) e sua robustez é uma consequência direta do vigor de seu corpo, da boa conformação de seus raios ósseos, da proporcionalidade desejável das diversas partes de seu corpo – qualidades essas inatas, herdadas fatalmente. O que o exercício faz é pô-las à mostra, desenvolvê-las. (DOMINGUES, 1936, p. 51)

A Educação Física, assim como os demais aportes da Eugenia, é relegada a uma posição de menor importância se comparada a ações de caráter hereditário.

Apesar de alguns eugenistas atestarem a possibilidade de agentes externos como o tabaco, o álcool, cocaína, etc. corromperem o plasma germinal, indicando confusões entre Lamarck, Mendel e Darwin, no que se refere à Educação Física, as possibilidades de interferência nas células de reprodução são rigorosamente negadas.

Acerca das práticas de exercitação física e suas possibilidades de intervenção hereditária, autores eugenistas e alguns intelectuais da Educação Física divergem radicalmente, indicando descompasso entre as Áreas.

Apesar de os eugenistas, aqui citados, posicionarem-se contrários às possibilidades de atuação eugênica das práticas físicas, isso não acarreta em seu esquecimento.

Em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, o Dr. Jorge Moraes apresenta a tese: “Da Educação Physica como fator eugênico e suas orientações no Brasil”. Após discussão ávida dos presentes à sessão aprovaram-se, por unanimidade, as conclusões trazidas em sua tese. Vejamos:

1ª. A bem da saúde e desenvolvimento da raça, o 1º. Congresso Brasileiro de Eugenia appella para a classe medica a fim de aprofundar a cultura nacional no que diz respeito às bases e orientações científicas da Educação Physica a começar pela escolha do método apropriado aos brasileiros e ao seu clima.

2ª. O 1º. Congresso Brasileiro de Eugenia incita o Governo da Republica a que, com máxima urgência: a) organize Escolas Superiores de Educação Physica para

conveniente preparo dos professores indispensáveis à cultura physica nacional. b) institua o Conselho Superior de Educação Physica Nacional, órgão consultivo e orientador do grande problema eugênico. c) estabeleça, da melhor maneira possível, a fiscalização especializada do caso, em todos os estabelecimentos de ensino, associações desportivas e outros centros de cultura physica. d) Promova o preparo de Gymnasios e campos apropriados à gymnastica analytica e jogos ao ar livre para uso do povo em geral.

3ª. O actual Congresso Eugénico proporá para suas futuras reuniões theses relativas à Educação Physica do povo brasileiro. (MORAES, 1929, p. 309)

Segundo as conclusões aprovadas nesse mesmo evento, Octávio Domingues em seu “Hereditariedade e Eugenia”, destaca: “Os princípios da Eugenia e a observância dos seus preceitos não excluem a influência benéfica da educação escolar (...), física, intelectual (...), convenientemente orientada” (DOMINGUES, 1936, p. 237).

Ao dizer não excluem a influência benéfica aponta, de todo modo, que os elementos acima citados não atuam de modo direto, mas como auxiliares no processo de constituição de uma política eugênica que se queria para o Brasil.

O incentivo por parte do movimento eugênico às práticas eutécnicas como Saneamento, Educação e Educação Física indicam a eutecnia como importante auxiliar, apesar de ser ineficaz do ponto de vista hereditário.

Apesar dos desencontros teóricos apresentados por H. V. M. (1941), Luís Bisquertt (1938), Pacífico Castelo Branco (1942) e a falta de explicação acerca dos mecanismos da hereditariedade trazidos nos textos de Antônio Molina (1932), Nicolau Ciancio (1940), Ignácio Rolim (1940) e Hollanda Loyola (1942), outros intelectuais⁸⁸ vinculados à Educação Física apresentam os mecanismos da Eugenia e seus pressupostos hereditários de modo coerente ao que se discutia no interior do movimento eugênico brasileiro da década de 1930.

⁸⁸ Dentre os quais destacam-se: Bush (1942); Carrel (1939); Areno (1941); Lages (1942); A Eugenia... (1933) e Marques (1935).

Entretanto, seus textos carregam como particularidade a ausência de relações entre Eugenia e Educação Física. Os poucos artigos que se propõem articular as Áreas apenas esboçam algum vínculo de modo breve e superficial. Desse modo, ao passo em que a Eugenia é apresentada em seus mecanismos e proposições, em muitos dos textos o termo Educação Física sequer é mencionado, em outros, a menção é passageira.

Em 1933, a revista de Educação Física (Exército) publica, em seu quarto número, o artigo “A Eugenia e a Constituinte”. O texto versa sobre uma proposta de política pública que defende prerrogativas aos indivíduos considerados eugênicos. Assim, o incentivo público às famílias bem nascidas daria subsídios ao aumento da natalidade sã. Tais proposições estariam de acordo com a Comissão da Sociedade Alemã de Higiene Racial.

As referências à Higiene Racial alemã e a coerência entre a política pública e os fundamentos teóricos da Eugenia dão a esse texto um caráter distinto daqueles que aqui foram apresentados até o momento. As discussões contidas em “A Eugenia e a Constituinte” (1933) apresentam similaridade àquelas suscitadas no interior do movimento eugênico brasileiro.

Apesar disso, ou, talvez, justamente devido a essa coerência, o texto, em nenhum momento, menciona a Educação Física, mesmo estando presente em um periódico especializado da Área. Possíveis relações entre a “ciência da melhoria da espécie” e as práticas de movimento sequer são apontadas, além disso, não são feitas referências a quaisquer autores da Educação Física.

Nesse mesmo sentido, Waldemar Lages⁸⁹ publica, na revista Educação Física, o texto intitulado “Iniciação indispensável à verdadeira puericultura”. Dividido em duas partes, o primeiro momento do texto fala sobre a “Higiene pré-nupcial”, abordando temas como esterilização e restrição matrimonial. O texto que aponta medidas da Eugenia negativa sustenta seus argumentos pela necessidade de amparo aos sadios, de aumento da natalidade sã e contenção de estados doentios causados por doenças venéreas e a tuberculose. No fim da primeira parte, descreve os motivos que levaram a Alemanha a investir nos sujeitos sãos. Com autoridade de quem conhece a Alemanha e mantém relações com uma das maiores nações expoentes da Eugenia, o autor argumenta:

⁸⁹ Livre docente de Pediatria da Faculdade de Medicina da Bahia, ex-assistente da clínica de crianças da Universidade de Berlim – Charité (LAGES, 1942, p.26).

A Alemanha, por exemplo, convenceu-se, com os cálculos efetuados, que ela gastava anualmente com a manutenção dos loucos, mais do que seria necessário para amparar os sadios, abrigando-os assim das moléstias. (LAGES, 1942, p.26)

Na segunda parte do texto, intitulada “Higiene pré-natal”, o autor aborda os meios de infecção da tuberculose e da sífilis. Apontando os mecanismos biológicos de transmissão, Waldemar Lages revela apropriação teórica acerca de distinções entre elementos hereditários e congênitos. A seguir, menciona as práticas alimentares e equívocos comuns entre as gestantes.

Apesar do texto assinado por Lages não focar especificamente os encaminhamentos eugênicos, abordando também práticas higiênicas, o autor apresenta domínio acerca dos mecanismos hereditários e percebe os limites entre Eugenia e Higiene. Ao passo que a coerência teórica se estabelece, as relações com a Educação Física também não são mencionadas.

Em abril de 1941, Waldemar Areno⁹⁰ publica o texto “Higiene e Saúde⁹¹”, no qual relaciona a Educação Física com Higiene, sugerindo o intercâmbio entre as Áreas para a constituição de um “serviço social” eficiente. Ao longo do texto, Areno afirma: “a educação física e a higiene são irmãs” (ARENO, 1941, p.40). No encadear de seus argumentos, aborda as questões da maternidade destacando os cuidados com a gestação e com a infância, discutindo o “desenvolvimento humano” em cada uma de suas fases.

Com propriedade acadêmica e de modo coerente às discussões suscitadas pelo movimento eugênico brasileiro, Areno (1941) aborda o tema da “Higiene pré-concepcional”, o que o leva a citar a Eugenia. Ao discutir, de modo claro e fundamentado, os limites da “ciência da melhoria da espécie” e seus propósitos, o autor, brevemente, aborda os mecanismos da hereditariedade, indicando algumas medidas de preservação e melhoria desse patrimônio. Nesse sentido, versa sobre temas como: exame médico pré-nupcial, segregação, esterilização, dentre outros, evidenciando seus mecanismos:

⁹⁰ Professor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

⁹¹ O artigo em questão teria sido apresentado ao Curso de Assistência Social, da Secretaria de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal (ARENO, 1941).

A esterilização consiste em um processo cirúrgico simples e inofensivo, no homem a ligação dos canais deferentes, e na mulher, das trompas de falópio. Impedindo no homem a fecundação e na mulher a concepção, essa medida não sendo de qualquer forma nociva, permite aos indivíduos a continuação das atividades sexuais, excluindo-lhes, somente, o direito que lhes era facultado, de disseminar o mal, de produzir seres inúteis à sociedade. (ARENO, 1941, p.41)

Waldemar Areno discute com densidade os fundamentos da Higiene em sua relação estreita com as práticas de exercício do corpo, entretanto, as referências à Educação Física cessam quando o autor, com o mesmo rigor acadêmico, apresenta os mecanismos da Eugenia.

Ainda nessa perspectiva, Reinaldo Bush, em 1942, publica “Como evitar a prole doentia”, na revista Educação Physica. Assinando, no interior da Área, um dos textos mais densos acerca da Eugenia, Bush inicia seus argumentos do seguinte modo:

O homem, como rei da natureza, faz uso de sua inteligência conseguindo, pelo cruzamento experimental e seleção de genitores entre animais domésticos, produtos de bela perfeição física e de apuradas capacidades inatas. [...]. Quando cruza animais e alcança êxitos, o homem acredita nos princípios de uma ciência nova – a Genética – cujos fundamentos são encontrados nas leis de segregação e da independência dos fatores, bem como no comportamento dominante, recessivo ou equilibrado destes elementos, revelados pelo genial experimentador Gregório Mendel, [...] (BUSCH, 1942, p. 58)

Entretanto, segundo Bush (1942), apesar dos inúmeros resultados positivos obtidos por meio das seleções e cruzamentos de plantas e animais, a espécie humana ainda não teria usado em si o legado da ciência que potencializa os seres vivos. Em sequência, Bush (1942) aborda o exame médico pré-nupcial e os mecanismos hereditários

da doença. Para tanto, utiliza-se dos fundamentos teóricos da genética mendeliana, esclarecendo alguns de seus funcionamentos. Didaticamente, Reinaldo Bush explica, com exemplos, algumas possíveis manifestações da hereditariedade doentia. Nas palavras do autor:

Para ilustrar essa breve digressão genética citemos dois estados doentios hereditários [...]: a epilepsia e a deficiência mental. Ambas são de natureza recessiva. Sendo assim, se os dois membros de um casal foram portadores de gen de um desses males, será fatal o aparecimento da doença, em um ou mais filhos. No caso de se casarem um epilético ou portador do respectivo gen com uma deficiente mental, a prole será formada de tipos intermediários entre o estado de saúde e o dessas doenças; os filhos serão portadores de neuropatias, propensos ao alcoolismo, etc. Se indivíduos com essa herança casam-se com geneticamente semelhantes, a prole será de degenerados. Mas se por felicidade contraírem núpcias com pessoa sadia física e mentalmente, os filhos poderão ser sãos, quasi sãos ou neuropatas. É a este fato que os médicos psiquiatras chamam de regeneração da estirpe. Mas, para que ela se dê, mister se faz (afora a casualidade do bom casamento) que a solução do problema das núpcias se oriente pelos princípios da Eugenia, sob indicação do médico que fizer exame prévio dos candidatos. Assim haverá boas sementes para melhores gerações. (BUSH, 1942, p. 58)

Mendel, os mecanismos da Genética e o exame médico pré-nupcial são discutidos em meio a doenças hereditárias, processos de escolha de maridos e esposas e casais malsãos. A Eugenia presente no texto de Reinaldo Bush apresenta coerência e densidade teórica, se comparada às produções eugenistas da década de 1930. No entanto, as relações entre os mecanismos biológicos da Eugenia não são relacionados à Educação Física que, ao longo de seu texto, sequer é mencionada.

O Marechal Joaquim Cunha Marques publica, em 1935, na Revista de Educação Física (Exército), o texto intitulado “Nos domínios da Eugenia: cuidados necessários à conservação da saúde e melhoramento da raça”. Em seu artigo atribui o seguinte objetivo à Eugenia: “[...] melhorar e aperfeiçoar a raça humana, por meio da seleção dos caracteres hereditários, físicos, intelectuais e morais” (MARQUES, 1935, p.06).

Após breve passagem sobre os possíveis precursores da Eugenia, o autor localiza na modernidade os fundamentos científicos da ciência vinculando-os aos estudos da hereditariedade. Ao longo do texto, Marques cita Francis Galton e seus postulados. Em comparação às “Leis da Eugenia”, capítulo constituinte de “Seixos Rolados” de autoria de Roquette-Pinto, os postulados de Galton, citados por Marques, apresentam estreita consonância com os propostos por Roquette-Pinto, indício de sintonia com os pressupostos eugênicos e com o movimento eugênico brasileiro da década de 1930.

Em sequência, Marques apresenta as possibilidades preventivas, negativas e positivas de intervenção eugênica e reforça que os mecanismos de seleção marital devem se pautar em evidências hereditárias manifestas em disposições físicas e intelectuais.

Após discorrer sobre as especificidades da Eugenia, seus mecanismos e proposições, Marques aponta para as relações estabelecidas entre a Eugenia e outras Áreas, dentre as quais, estão presentes aquelas que visam boas condições ambientais.

São muito íntimas as relações existentes entre a Eugenia e outros ramos de conhecimentos humanos. Entre eles citaremos a biologia, a Higiene, a Medicina Social, a Pedagogia e a Moral. Tendo por fim essencial as condições da espécie humana, necessita estudar o meio físico, as influencias hereditárias, as questões de seleção e cruzamento, a profilaxia das enfermidades de natureza médica ou social, os problemas relacionados com a imigração, o maltusianismo e a inspeção dos nascimentos. (MARQUES, 1935, p.07)

Feitos estes apontamentos, Marques estabelece vínculos com práticas acessórias à Eugenia. Sem citar o termo Eutecnia, como fizeram Renato Kehl, Octávio Domingues e Roquette-Pinto, Marques enfatiza a importância das boas condições ambientais para a manifestação da Eugenia. Nesse sentido, abre brechas em seu texto para introduzir a Educação Física e suas especificidades. Assim, o autor argumenta:

Em relação às directrizes racionais da cultura física, de importância capital, é de notar o extraordinário progresso realizado pela Escola de Educação Física do Exército, que resultou da transformação do antigo Centro Militar de Educação Física, na Fortaleza de São João.

Trata-se de uma contribuição valiosa, para dar maior impulso à solução de todos os problemas que se enquadram no corpo de doutrina da Eugenia. São evidentes, incontestáveis os reflexos da cultura física sobre as condições mentais, psíquicas, quer do indivíduo, quer da coletividade, além do **hábito da saúde** que se instala vitorioso nos organismos robustos. (MARQUES, 1935, p.07)

Marques (1935) tematiza a Eugenia na Revista de Educação Física (Exército) com discussões densas, coerentes aos textos de alguns eugenistas vinculados ao movimento eugênico brasileiro da década de 1930. Ao longo de seus argumentos, o autor cita a Educação Física, entretanto, tais referências foram feitas por meio de um pronunciamento entusiasmado e elogioso à Escola de Educação Física do Exército. Assim, Marques (1935) não menciona quaisquer mecanismos de intervenção, além de não estabelecer relações de ordem orgânico-biológica entre as Áreas⁹².

Marques (1935), Reinaldo Bush (1942), Waldemar Areno (1941), Waldemar Lages (1942) e Alexis Carrel (1939)⁹³, publicam seus textos tematizando, com densidade, a Eugenia, explicitando seus mecanismos e algumas de suas propostas de ação. Apesar de tais artigos comporem edições de revistas especializadas de Educação Física, relações entre Eugenia e as práticas de exercício física não são feitas a partir dos fundamentos da herança biológica.

Em síntese, o debate sobre hereditariedade, Evolução e Eugenia no interior da Educação Física constituiu-se de modo heterogêneo indicando entendimentos diversos na Área, o que possibilitou identificar: a) autores que citam hereditariedade, Eugenia e sugerem vínculos com a Educação Física, porém não explicitam seus mecanismos nem

⁹² De modo semelhante a Marques (1935), Pacífico Castelo Branco (1933) publica “Da Eugenia” na Revista de Educação Física (Exército), revelando boa apropriação acerca do conceito de Eugenia e seus precursores. Cita o nome de importantes eugenistas como Renato Kehl, Octávio Domingues, além de Francis Galton. Ao estabelecer, entretanto, relações entre a “ciência da melhoria da espécie” e Educação Física, aponta a Escola de Educação Física do Exército como “escola de eugenia”, não estabelecendo, assim, qualquer tipo de relação pautada em fundamentos biológicos.

⁹³ Texto intitulado “O amor conjugal” publicado na revista Educação Physica em outubro de 1939.

os fundamentos biológicos que dão suporte; b) autores que evidenciam os mecanismos biológicos da hereditariedade e Eugenia relacionando-os à Educação Física. Entretanto, o entendimento acerca de tais pressupostos teóricos revela inconsistências, dúvidas e equívocos, se comparados aos debates no interior da Eugenia, na década de 1930; c) autores que, de modo semelhante ao movimento eugênico da década de 1930, explicitam com densidade e coerência os mecanismos da Eugenia e seus fundamentos hereditários. No entanto, tais pressupostos não são relacionados à Educação Física, que, em muitas vezes, sequer é mencionada.

Se é possível conceber distintas concepções acerca da Eugenia, evolução e hereditariedade, tais debates suscitados nos periódicos da Área indicam relações pouco profícuas e distanciadas entre Educação Física e Eugenia. Além das fragilidades e inconsistências teóricas, dos silenciamentos ante a possibilidade de articulação entre a “ciência da melhoria da espécie” e Educação Física, ressaltam-se as manifestações da Eugenia brasileira ao (des)vincular, no plano da herança biológica, as possíveis relações entre as Áreas.

Deste modo, apesar de textos no interior da Educação Física apresentarem apropriação teórica dos fundamentos da Eugenia, a falta de menção às práticas de exercitação, aos esportes e às ginásticas sinalizam lacunas no que se refere ao objeto determinado da Educação Física, condição básica para que a relação entre as Áreas se estabeleça no plano disciplinar.

1.3.2 Ausências e silenciamentos quando autores eugenistas são publicados na Educação Física

O acesso às produções acadêmicas da Educação Física apontou a presença de importantes nomes que, de algum modo, estiveram vinculados ao movimento eugênico brasileiro. Renato Kehl, Antônio Austregésilo, Porto Carrero, Roquette-Pinto, Oscar Fontenelle, Fernando Magalhães e Fernando de Azevedo⁹⁴, compõem o quadro de eugenistas que “falam” à Educação Física.

⁹⁴ O acesso às obras assinadas por Azevedo, assim como documentos produzidos no interior do movimento eugênico indicam que sua relação com a Eugenia, estreita entre fins dos anos 1910 e início dos anos 1920, torna-se mais distanciada ao longo da década de 1930.

O modo como esses sujeitos se pronunciam, os temas abordados, os encaminhamentos argumentativos e as ausências em seus textos auxiliam a pensar as relações entre Eugenia e Educação Física.

1.3.2.1 Antônio Austregésilo

Antônio Austregésilo (1876-1960) nasceu em Sergipe – PE e formou-se em medicina em 1899, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tornou-se o primeiro professor de Neurologia da mesma instituição, em 1912, e fundou os periódicos Arquivos Brasileiros de Medicina e Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria (TEIVE, 1999). Ocupou cargo de vice-presidência e presidência da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (REIS, 1995).

Dedicado à literatura, Austregésilo participou do movimento Literário e artístico da Escola do Recife, quando conheceu Tobias Barreto. Autor de inúmeros ensaios e do romance “Vidas Desgraçadas” (1950), Austregésilo, em 1914, assumiu a cadeira nº 30 da Academia Brasileira de Letras⁹⁵.

Juntamente com Afrânio Peixoto e Juliano Moreira, esteve vinculado aos estudos da psiquiatria e medicina legal. O interesse desses intelectuais dirigia-se também às discussões da Higiene Mental e Eugenia. Segundo Souza (2006), Rosa (2005), Kobayashi, Faria e Costa (2009) Antônio Austregésilo teria se tornado membro da Sociedade Eugênica de São Paulo. Entretanto, os “Annaes de Eugenia” não apontam seu nome como “Sócio Fundador”, nem mesmo entre os “Membros da Sociedade”.

Apesar dessas inconsistências, sua relação com a Eugenia estabelece-se por meio da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBMH). Fundada em 1923 por Gustavo Riedel⁹⁶, a LBHM sofreu influência do Congresso Médico Latino-Americano, realizado em Havana no ano de 1922 (REIS, 1994; SOUZA, 2006). A

Para a construção deste argumento, filtrei, no banco de dados, textos publicados no interior da Educação Física por eugenistas que, de algum modo, vincularam-se ao movimento eugênico brasileiro. Ao agrupar os textos por autoria, foi possível compará-los com seus outros textos sobre a Eugenia publicados fora dos periódicos da Educação Física. Nesse processo, além do acesso direto aos documentos, contei com o auxílio de suportes bibliográficos que discutem a produção dos eugenistas em questão.

⁹⁵ ACADEMIA Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=539&sid=308> acesso em 28/04/2012.

⁹⁶ Médico, psiquiatra e titular da Academia Nacional de Medicina (ROCHA, 2011; ROSA, 2005; SOUZA, 2006).

intenção de Riedel era institucionalizar e verticalizar a discussão sobre higiene mental, já iniciada no Instituto de Profilaxia Mental do Engenho de Dentro.

Segundo Reis (1994), a Fundação da LBHM reuniu e vinculou à nova instituição boa parte da elite psiquiátrica do país. Além disso, importantes intelectuais interessados no debate sobre higiene mental também se agregaram à liga que se formava. Entre eles, destacam-se: Renato Kehl, Juliano Moreira e Miguel Couto.

Antônio Austregésilo foi presidente de honra da LBHM, instituição que acolhe o debate eugênico no início da década de 1920, quando a Sociedade Eugênica de São Paulo já havia fechado suas portas (REIS, 1994). O debate eugênico no interior da LBHM passa por mudanças profundas, quando nos primeiros anos da década de 1930 um grupo importante de psiquiatras, adeptos da vertente radical da Eugenia, passa a controlar a instituição. Entretanto, o radicalismo no interior da Liga não se tornou uníssono, encontrando em Antônio Austregésilo forte posicionamento contrário. Desse modo argumentou contra o racismo e a Eugenia alemã, idolatrada por muitos eugenistas vinculados ao movimento eugênico brasileiro.

Em 1936, em ocasião do I Congresso Afro-Brasileiro de Recife, apresenta o trabalho intitulado “A mestiçagem como fator Eugênico”. Segundo Austregésilo, a Eugenia alemã era vista como um “mito”, ferindo aqueles que tinham nas proposições alemãs um exemplo de prática pautada em pressupostos científicos (REIS, 1994).

Ao fazer duras críticas aos intelectuais que condenavam a mestiçagem, apontava que a questão deveria ser investigada com cautela, afirmando que o problema do brasileiro não era racial, mas sim a carência de melhor assistência à saúde, educação e nutrição⁹⁷. Após atribuir ao branco português parte da responsabilidade das mazelas sociais como o álcool e a loucura, Austregésilo usa como argumento uma série de ilustres mestiços brasileiros para reafirmar a viabilidade da mistura racial (Reis, 1994):

A maior parte dos nossos homens e dos super-homens brasileiros no domínio da política, das ciencias, das artes plásticas ou não, foram ou são mestiços. Rapidamente podemos citar Gonsalves Dias, Tobias Barreto, Cotegipe, Floriano Peixoto, Carlos Gomes, Rebouças,

⁹⁷ Outros intelectuais como Roquette-Pinto, Gilberto Freyre, Manoel Bonfim, etc. eram partidários da tese defendida por Austregésilo (REIS, 1994).

José do Patrocínio, Nilo Peçanha, Machado de Assis, Juliano Moreira, Olavo Bilac, Lima Barreto e muitos outros, enfim... (AUSTREGÉSILO *apud* REIS, 1994, p.188)

A proximidade de Austregésilo com o movimento eugênico apresentou conflitos e resistências, sobretudo no que se refere ao radicalismo e ao pessimismo relativo à miscigenação⁹⁸. Apropriado dos mecanismos e fundamentos da Eugenia, posiciona-se contrário ao modelo alemão de se conceber a “ciência da melhoria da raça”.

No interior da Educação Física, o autor teve 17 textos publicados, sendo 16 na revista Educação Physica e 1 na Revista de Educação Física (Exército). A inserção de Austregésilo nos periódicos especializados da Área inicia-se em 1938 e segue até 1943, quando publica “O cultivo da Alegria” no número 74 da revista Educação Physica.

Em 1938a, no artigo intitulado “Desportos – jogos, passeios – diversões – viagens”, Austregésilo evidencia os benefícios do esporte para a formação do indivíduo. Destacando aspectos como “camaradagem”, “alegria”, “coragem”, “sagacidade”, etc. o esporte ainda afastaria as “preocupações libidinosas ou obscenas”. Ressalta, ainda, a iniciativa dos ingleses e norte-americanos que têm adotado as práticas físicas nas universidades e constituído clubes esportivos. Ao longo do texto, atribui importância ao divertimento, às viagens, aos jogos de diversas ordens, afirmando que tais práticas cultivam a felicidade e o bem-estar. Por fim, ressalta que o estudo, o trabalho e a mecanização da vida precisam ser atravessados por outros elementos que estimulem a alegria de viver, mantendo assim a “saúde da alma e do espírito”.

Em 1943b, a revista Educação Physica publica, no número 73, o texto “A imaginação”, de autoria de Antônio Austregésilo. Segundo o autor, a imaginação deveria ser educada sempre para o “bem” e para a “boa fortuna”. Com isso, a imaginação auxiliaria o esquecimento das dores e das turbulências da vida, amenizando sentimentos de tristeza e preparando o sujeito para o porvir. Em conclusão ao texto, assim se pronuncia:

⁹⁸ Cabe ressaltar que não existem artigos assinados por Austregésilo no “Boletim de Eugenia”. Nas “Actas e Trabalhos” apresentados no I Congresso Brasileiro de Eugenia também não há referências a seu nome como autor.

A imaginação é o propulsor da vida sentimental das creanças fecundas, da Estética do Bem e do Mal filosófico, enfim a única criadora real da felicidade. (AUSTREGÉSILO, 1943b, p.02)

O único texto publicado pelo periódico do Exército trata-se do editorial número 41, de agosto de 1938b, intitulado “Apelo às Mães”. Sem utilizar argumentos médicos, a solicitação de Antônio Austregésilo dirige-se à suposta natureza feminina dedicada aos afetos, ao cuidado e à educação da prole. Escrevendo para uma revista militar, fala da importância do Exército, ressaltando que a forja de bons soldados inicia-se no seio da mãe, em seus cuidados afetivos.

Médico, psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Antônio Austregésilo, apesar de próximo ao movimento eugênico brasileiro, em seus textos publicados nos periódicos da Educação Física não faz menção à Eugenia.

Além dos artigos acima descritos, foram publicados os seguintes títulos: “Optimismo salutar” (1938c); “Saúde espiritual” (1938d); “Serenidade” (1938e); “O segredo da vida” (1938f); “Tédio” (1939); “Ascensão espiritual” (1942a); “Forças do egoísmo” (1942b), dentre outros. Sem afastar-se das dicas para o bem viver, os textos publicados pelos periódicos da Educação Física não se posicionam como incentivadores nem mesmo contrários às propostas da Eugenia. Em contrapartida, as publicações seguem com conselhos de otimismo e bons sentimentos, estimulando, segundo seus próprios termos “saúde da alma e do espírito”.

1.3.2.2 Fernando Magalhães

Fernando Magalhães (1878-1944), médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1899, tornou-se professor de ginecologia e obstetrícia nessa mesma instituição, em 1900. Além da docência, ocupou cargos de gestão tais como o de diretor da Faculdade de Medicina, em 1930, e Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, em 1913⁹⁹.

⁹⁹ ACADEMIA Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=539&sid=308> acesso em 22/04/2012.

As inúmeras obras sobre medicina e o peso de suas publicações levaram Fernando Magalhães, em 1926, a ocupar a cadeira 33 na Academia Brasileira de Letras, sendo seu presidente nos anos de 1929, 1931 e 1932.

Segundo Reis (1994), Magalhães, assim como Antônio Austregésilo, foi presidente de honra da LBHM e considerado importante médico no círculo intelectual. Em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, posiciona-se contra os critérios raciais de restrição de imigrantes (SOUZA, 2006). Em meio à acalorada discussão, Fernando Magalhães assim se pronuncia:

[...] Eugenia não exclue humanidade. As restrições impostas às correntes immigrantes importam numa injustiça e num suicídio. Demais, os pigmentos não excluem qualidades. Há uma injustiça porque todo nosso passado se funda no mestiço e há um suicídio porque somos mestiços e assim nos excluímos¹⁰⁰.

Em decorrência desse mesmo evento, Fernando Magalhães assinaria o texto “Feminismo e a raça” no volume II ou III das Actas e trabalhos apresentados no I Congresso Brasileiro de Eugenia, entretanto, apenas a publicação do volume I foi efetivada.

Estimulado pelo Presidente da Academia Brasileira de Letras, promoveu, junto à Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, um curso intitulado “As realizações da Eugenia” (ROSA, 2005). Em 1929, o “Boletim de Eugenia” nº11 divulga os resultados do referido curso, apontando que as palestras “despertaram muito interesse no meio culto carioca, sendo o illustre e brilhante orador muito aplaudido pelos seus numerosos ouvintes” (CURSOS de Eugenia, 1929, p.2).

Segundo o texto publicado no “Boletim de Eugenia”, Magalhães, em seu curso, teria abordado a Eugenia como uma questão de ordem social, discutido a hereditariedade e a Genética, ressaltando a necessidade de pesquisas nesse campo. Questões como legislação eugênica também foram abordadas, sobretudo as que dizem respeito ao exame médico pré-nupcial. Ao final do relato sobre o modo como se encaminhou o curso ministrado por Magalhães, o “Boletim de Eugenia”, assim se manifesta:

¹⁰⁰ ACTA da segunda reunião... (1929, p.20).

Neste terreno de alta elevação e finalidade transcorreram as três conferências do Prof. Fernando Magalhães que, com seu alto mérito e grande prestígio, vem reforçar inestimavelmente a campanha em prol da eugeniação nacional. (CURSOS de Eugenia, 1929, p.2)

Fernando Magalhães, médico e literato vinculado à LBHM e ao movimento eugênico brasileiro, teve nove textos publicados na Educação Física: seis Editoriais e um artigo intitulado “Nossa Capa”, no periódico do Exército; dois textos que compõem os números 51 e 65 na revista Educação Physica.

Em agosto de 1935, a Revista de Educação Física (Exército) publica o Editorial intitulado “Oração à pátria”. Em tons de um literato, Magalhães ora à grandeza do Brasil, às suas belezas naturais, à fraternidade humana e à crença no porvir. Passados cinco anos, o mesmo texto é publicado no número de janeiro de 1941 da revista Educação Physica.

Em 1955, onze anos após seu óbito, a Revista de Educação Física (Exército) publica, pela segunda vez, o editorial “Educação Física”, cuja data de publicação primeira é de dezembro de 1939. Ressaltando o caráter disciplinar das práticas de exercitação física, aponta ainda sua capacidade de estimular o senso de coletividade e auxílio mútuo. No texto “Educação Física” (1939; 1955), assim como em “Oração à pátria” (1935; 1941) e “Escola de Educação Física do Exército” (1934), Magalhães não faz apontamentos sobre medicina, Higiene Mental, nem mesmo sobre Eugenia. Apresentado pela revista Educação Physica como “Da academia brasileira de letras”, os textos publicados no interior da Educação Física não fazem menção a seus saberes médicos.

Apesar de organizador e orador de um curso sobre “As realizações da Eugenia?”, posicionar-se ativamente nas discussões do I Congresso Brasileiro de Eugenia e estar vinculado à Liga Brasileira de Higiene Mental, os nove textos de Magalhães, publicados pelos periódicos da Educação Física, não citam, sequer uma vez, o termo Eugenia.

As revistas publicam belos textos de louvor à pátria e, em tons de ufanismo, ressaltam a Educação Física como capaz de despertar a disciplina, o caráter e o civismo. Muito mais literato do que médico, os textos de Magalhães publicados pelas revistas não fornecem substrato para a Educação Física pensar a Eugenia, seus encaminhamentos e possíveis relações.

1.3.2.3 Júlio Pires Porto-Carrero

Porto-Carrero (1887-1937), Professor de Medicina Pública da Universidade do Rio de Janeiro, considerado um dos introdutores da Psicanálise no Brasil, foi vice-presidente da LBHM e um dos colaboradores do “Boletim de Eugenia” (REIS, 1995; ROSA, 2005).

Como conferencista no I Congresso Brasileiro de Eugenia, Porto-Carrero publicaria o texto “O exame pré-nupcial como factor eugênico” no volume II ou III das “Actas e Trabalhos” apresentados no referido congresso.

Porto-Carrero mantinha estreitos vínculos com o movimento eugênico brasileiro. Foi membro da Comissão Central Brasileira de Eugenia e produziu os textos: “Resposta de especialista” (1930) e “É aconselhável um tal casamento?” (1931), “A sexualidade Infantil” (1932), “A Redenção” (1933), publicados no “Boletim de Eugenia”.

Em 1931, no Boletim de Eugenia nº 36, o texto intitulado “É aconselhável um tal casamento?”, Carrero manifesta-se a propósito de um exame médico pré-nupcial. Em parecer contrário ao matrimônio em questão, o médico assim argumenta:

Antecedentes familiares pouco precisos. Dois sobrinhos epiléticos (*quid inde?*). “Nervoso, irrequieto, versátil”, são dados pouco precisos, mesmo crendo serem informações técnicas. Gonococia tenaz ao tratamento (talvez acometimento da próstata e para-uretais?) somada aos antecedentes fazem tornar o caso suspeito. Tendo como bons os dados apresentados voto pelo desaconselhar o casamento. (PORTO-CARRERO, 1931, p.02)

Porto-Carrero era partidário de uma educação cuidadosa em que pais e mestres deveriam estar atentos aos excessos das crianças, “corrigindo” suas más tendências. Família e escola deveriam direcionar crianças e jovens, a partir dos preceitos eugênicos, à escolha consciente de parceiros no porvir (PORTO-CARRERO, 1932).

Júlio Pires Porto-Carrero assinou apenas um artigo na revista Educação Física. Datado de julho de 1934, o texto intitulado “Exercício físico para o equilíbrio social” centra-se na discussão do equilíbrio das energias psíquicas. Segundo o autor, o excesso de energias deve ser dispensado para o ambiente, conservando o grau energético ótimo

no interior psíquico. Assim, excessos e faltas devem ser compensados num ambiente favorável às trocas energéticas. Deste modo, também deveria proceder a energia sexual. Segundo Porto-Carrero (1934), não seria somente por meio do “ato reprodutor da espécie” que os excessos da energia sexual seriam dispensados, mas por meio do trabalho, do estudo e das expressões artísticas. Porém, nenhuma dessas manifestações seria mais eficiente que o trabalho muscular. Segundo Porto-Carrero:

A exteriorização daquela energia [sexual] está condicionada a dois princípios: ela há de ser rítmica, composta de atos repetidos; e há de ter um alvo de prazer [...]. Assim, é o ato sexual; assim são as atividades de sublimação, entre elas, principalmente, o exercício físico. (1934, p.01)

Em sequência, o autor reafirma as competições esportivas como melhor maneira de equilibrar os impulsos sexuais, uma vez que a natureza da energia sexual é a mesma utilizada nos exercícios físicos. Deste modo, para Porto-Carrero, na medida em que se cultiva a educação física, constituem-se reprodutores equilibrados e saudáveis.

Energia sexual mal conduzida seria, para aquele intelectual, mecanismo de práticas infelizes como o crime, agressividade, perversão, neuroses e psicoses. Concluindo, Porto-Carrero afirma:

O exercício físico dá sublimação aos impulsos sexuais e aos impulsos agressivos; cultivando os desportos, aumenta-se a capacidade para a reprodução da espécie e deriva-se, de maneira útil, a atividade agressiva. Aí está porque o exercício físico é útil ao equilíbrio social: ele dá ao indivíduo fortalecido e confiante em si, a capacidade para gerar prole sadia e para amar o semelhante; e sem isso, não há estabilidade no grupo humano. (1934, p.01)

É possível perceber que Júlio Porto-Carrero tenta articular o exercício físico à necessidade de se educar o instinto sexual, um possível modo de se relacionar as práticas de exercitação física aos pressupostos da Eugenia.

Entretanto, assinando um único texto, a proposta de Porto-Carrero não logra adeptos no interior da Educação Física, uma vez que não foram encontrados textos que fizessem menção ao artigo de Porto-Carrero, como uma referência capaz de organizar a relação entre Educação Física e Eugenia.

No interior do movimento eugênico, as propostas de educação do instinto sexual diferem daquela oferecida pelo autor, a saber: Renato Kehl [“Como escolher um bom marido” (1935b); “Como escolher uma boa esposa” (1925)], e Octávio Domingues [“Os programmas de ensino e genética” (1930)].

Além disso, a publicação feita pela revista Educação Física de autoria de um médico, vinculado à LBHM, colaborador do “Boletim de Eugenia” e da Comissão Central Brasileira de Eugenia não cita, em nenhuma passagem ao longo do texto, o termo Eugenia.

1.3.2.4 Oscar Penna Fontenele¹⁰¹

Médico, advogado, político e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Oscar Fontenele exerceu, ainda, o cargo de chefe de polícia (MARQUES; FARIAS, 2010).

Em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, proferiu a conferência “Delicto de Contaminação”, que seria publicada no volume II ou III das Actas e Trabalhos apresentados no referido congresso.

Apesar disso, as discussões acerca do “Delicto de Contágio” ganham as páginas do “Boletim de Eugenia” nº1, de janeiro de 1929. Em forma de projeto de lei, a proposta debatida por Oscar Fontenele seria aprovada junto à “Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados”. Nesse sentido, o Congresso Nacional passa a decretar que:

Art. 1º - Contaminar ou expor a outrem o contágio, em virtude de relações sexuaes ou immoraes, sciente de soffrer enfermidade trasmissível ou assim o creia; [...] (O PROJECTO..., 1929, p.03)

¹⁰¹ É interessante ressaltar que, além de Oscar P. Fontenele vinculado às discussões médicas, havia J. P. Fontenele, higienista que foi Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Higiene; Membro da seção de puericultura e higiene infantil da LBHM (REIS, 1994), presidente da “Secção de Educação Physica e Hygiene” da Associação Brasileira de Educação (LINHALES, 2009).

O projeto prevê ainda, sob forma de pena, “dar a criar” uma criança com algum tipo de doença transmissível, como por exemplo, a sífilis. Ou ainda, “dar a criar” uma criança saudável a uma pessoa infectada por doenças transmissíveis. Como sanção, o projeto prevê multas e prisão de até um ano.

Como visto, Fontenele coloca-se no combate a doenças sexualmente transmissíveis, argumentando que a sífilis, por exemplo, era um problema para raça, uma vez que afetaria várias gerações (MARQUES; FARIAS, 2010).

Além dos perigos que as “doenças venéreas” poderiam legar à raça, Oscar Fontenele preocupava-se também com as mazelas decorrentes da imigração.

Em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, Azevedo Amaral, em sua conferência intitulada “O problema eugênico da imigração”, defendia a seleção de imigrantes a partir do critério racial. Muitos dos intelectuais posicionaram-se contrários à proposição de Amaral, dentre eles: Roquette-Pinto, Fernando Magalhães, Levi Carneiro e Belisário Penna. Ao passo que é possível perceber posições contrárias à tese de Azevedo Amaral, outros tantos intelectuais eram favoráveis às suas proposições, dentre eles: Renato Kehl, Miguel Couto, Xavier de Oliveira, Ernani Lopes e Oscar Fontenele (SOUZA, 2006).

Fontenele solicitava seriedade no debate sobre imigração, uma vez que o Brasil há tempos vinha sofrendo com a mestiçagem e com o legado malsão das raças inferiores (SOUZA, 2006). Nesse sentido, o autor afirmava, categoricamente, que “o cruzamento de raças diversas é mau”, evidenciando os possíveis problemas decorrentes da imigração negra e japonesa (FONTENELE citado por KOBAYASHI; FARIA; COSTA, 2009).

Em 1940, dois artigos de autoria de Fontenele são publicados pela revista *Educação Physica* nos meses de julho e agosto. No primeiro, intitulado “Banhos de Mar”, Fontenele apresenta a composição da água marinha, suas temperaturas médias e seus usos medicinais. Vinculados à luz solar e ao clima litorâneo, os banhos de mar, em muito, beneficiariam pessoas “débeis” e saudáveis.

Denominada “Talassoterapia” os banhos de mar seriam recomendados aos “raquíticos, escrofulosos, portadores de denopatias, de abscessos frios, de tuberculoses locais, polineurites, beribéri, anemias, dismenorréia, metrites não infecciosas e convalescentes de certas moléstias infecciosas agudas” (FONTENELE, 1940a, p. 31).

Em sequência, o médico passa a alguns casos em que a “Talassoterapia” é contraindicada. Concluindo, Fontenele faz algumas outras recomendações como, por exemplo: duração e qual a hora mais apropriada para o banho.

No artigo intitulado “Os que não teem fome”, o autor fala sobre as influências no apetite, apontando algumas doenças como câncer de estômago, hipotireoidismo, afecções renais, assim como a maior parte das doenças do aparelho digestivo. Além disso, a falta de exercícios físicos e algumas condições climáticas também poderiam gerar fome ou anorexia. Concluindo, o médico aponta que, em alguns casos, as causas da falta de apetite não são encontradas com facilidade, alertando para a necessidade de investigação cuidadosa em pacientes que denunciam comer pouco.

Oscar Penna Fontenele, como dito, publica dois textos na revista *Educação Physica* e apesar de apropriado das discussões sobre miscigenação e “doenças venéreas”, o médico dedica-se a falar sobre o banho de mar como elemento terapêutico e sobre a falta de apetite. Assim, apesar de sua inserção com o movimento eugênico, nas linhas publicadas pela revista *Educação Physica*, em nenhum momento os mecanismos e questões relativas à Eugenia foram abordados e o termo, sequer mencionado.

1.3.2.5 Edgard Roquette-Pinto

Em ocasião do VII Congresso Nacional de Educação, promovido pela Associação Brasileira de Educação, em 1935, Edgard Roquette Pinto (1884-1954) pronuncia a conferência intitulada “O Rádio e a Educação Physica”¹⁰².

Roquette-Pinto inicia sua argumentação ressaltando as características do rádio, evidenciando sua capacidade de atingir as massas. Como um professor, o rádio fala a inúmeros alunos, delegando a eles o livre arbítrio de ouvi-lo ou não. Distinto da educação formal, o rádio como educador funcionaria sem as pressões e obrigações dos professores convencionais, sem seus rigores, sanções e prêmios.

Entretanto, ao referir-se à Educação Física, o rádio seria desaconselhado dado sua incapacidade de focar o indivíduo em suas especificidades.

¹⁰² Em função da publicação dos Anais do evento, a conferência pronunciada por Roquette-Pinto foi resumida. Uma vez que a publicação não assinala a autoria da síntese, atribui-se a Roquette-Pinto.

Dar a mesma ginástica a todos, velhos, moços e crianças, durante o mesmo tempo, com os mesmos gráficos auxiliares, a doentes e sãos, não lhe parece conveniente. [...] Ginástica pelo rádio, às cegas, não pode ser aceita num congresso de educadores. (ROQUETTE-PINTO, 1935, p. 219)

Concluindo, Roquette-Pinto ressalta o rádio como “soberano” na propaganda do esporte, dada sua capacidade de transmitir entusiasmo e emoção. Assim sendo, o rádio não serviria para substituir o professor de Educação Física, mas atuaria como “catalisador”, um “fermento” capaz de potencializar algumas ações da educação moderna.

Conhecido como grande incentivador da radiodifusão, o primeiro contato de Roquette-Pinto com o rádio teria sido por volta de 1912, durante suas expedições ao Brasil central (ROQUETTE-PINTO, 2002-2003). Chamada “Comissão Rondon”, essas expedições deram origem à obra intitulada “Rondônia” (1917), na qual Roquette-Pinto combina os estudos acerca da antropologia física e a descrição da constituição cultural dos habitantes do interior do Brasil (SANTOS, 2010).

Nos primeiros anos da década de 1920, Roquette-Pinto dá os primeiros passos em direção à criação de uma transmissora brasileira e, em 23 de abril de 1923, a “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro é fundada”. Ao longo da década de 1930, as intervenções de Roquette-Pinto, junto à “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, estabeleceram relações próximas com o Estado, na tentativa de criar o “Serviço de Rádio Difusão Educativa”. O uso do rádio com fins pedagógicos já estavam presentes nas ações de Roquette-Pinto desde a década de 1920, consolidando-se em 1936, com auxílio Estatal, por meio do Ministério da Educação e Saúde (ROQUETTE-PINTO, 2002-2003).

Como dito em outras passagens deste texto, Roquette-Pinto era “médico-antropólogo” do Museu Nacional do Rio de Janeiro e seus estudos, fundamentados pela tradição positivista francesa¹⁰³, focaram os aspectos raciais do povo brasileiro. Ao longo da década de 1910, seus estudos voltaram-se às populações indígenas e, nos anos 1920, passou a debater a constituição racial do povo brasileiro. Como um marco dessa fase centrada nos tipos raciais, Roquette-Pinto, em 1929, como dito, profere a conferência

¹⁰³ Segundo Santos (2010), Souza (2011) o positivismo constitui-se como influência marcante não só para os estudos de Roquette-Pinto, mas para a institucionalização da ciência no Brasil entre fins do século XIX e início do século XX. Especificamente sobre as questões da antropologia física, Roquette-Pinto fazia uso, em certa medida, das teorias de Paul Broca e, de modo mais ostensivo, de Adolphe Bertillon e Léonce-Pierre Manouvrier.

“Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil”, no I Congresso Brasileiro de Eugenia, no qual ocupou o cargo de presidente¹⁰⁴. Na posse de suas atribuições pronuncia a palestra inicial do evento, ressaltando o caráter não unânime no interior da medicina e do movimento eugênico. Além da conferência e da palestra inicial, sua participação foi bastante ativa nos debates das teses, como consta nas “Actas e Trabalhos” ali apresentados.

Como já citado anteriormente, em sua obra “Seixos Rolados” (1929), dedica um capítulo especialmente a falar sobre a Eugenia, explicando seus fundamentos e seus mecanismos. Intitulado “As Leis da Eugenia”, apresenta os precursores da “ciência da melhoria da espécie”. Enfatizando a figura de Francis Galton, explicita as teorias por ele propostas e aponta seus equívocos. Apropriado das discussões acerca da hereditariedade, apresenta os fundamentos da genética mendeliana e seus vínculos com os estudos genealógicos e da biometria. Para Edgard Roquette-Pinto, a genética mendeliana seria o fundamento hereditário da Eugenia.

Apesar de sua proximidade com o movimento eugênico brasileiro e sua consistente apropriação dos mecanismos da “ciência da melhoria da espécie”, ao falar à Educação Física, Edgard Roquette-Pinto não cita a Eugenia, nem a aborda na temática racial. A relevância de seu nome vinculada à medicina e à antropologia, seus posicionamentos frente às proposições racistas e radicais da eugenia, como dito, não se fizeram ver durante sua fala no VII Congresso Brasileiro de Educação.

Ao tematizar o rádio, Edgard Roquette-Pinto, assim como Antônio Austregésilo, Oscar Penna Fontenele, Fernando Magalhães e Júlio Porto-Carrero, não estabelece relações entre a Educação Física e Eugenia. Apesar de vinculados ao movimento eugênico e apropriados dos fundamentos da “ciência da melhoria da espécie”, o termo Eugenia não é citado por nenhum dos referidos autores.

Assim, ausências e silenciamentos marcam as produções acadêmicas daqueles que poderiam indicar à Educação Física os fundamentos e mecanismos da “ciência da melhoria da espécie”, estabelecer ou refutar possibilidades de vínculos.

Acerca das lacunas deixadas por esses intelectuais cabem alguns questionamentos e problematizações. Talvez, uma possibilidade para a ausência da Eugenia e do debate sobre raça, quando Roquette-Pinto pronuncia-se ao VII Congresso Brasileiro de Educação, seja seu interesse paralelo pela radiodifusão e a opção por este tema em detrimento de outros. Do mesmo modo, é possível pensar que Oscar P. Fontenelle

¹⁰⁴ A aproximação de Roquette-Pinto com o movimento eugênico é indicada também por sua colaboração junto à Liga Brasileira de Higiene Mental (REIS, 1994).

poderia ter optado (ou ter sido solicitado) a dar dicas salutares sobre higiene mental, ao invés de versar sobre a Eugenia.

Talvez o hiato acerca dos fundamentos e mecanismos da “ciência da melhoria da espécie”, assim como suas possíveis relações com as práticas de exercitação, indiquem certo desinteresse e falta de acolhida por parte da Área que publica ou (e) por parte dos intelectuais que escrevem. Deste modo, as ausências e silêncios manifestos nos textos de intelectuais que teriam elementos a contribuir ao debate eugênico no interior da Educação Física podem ser entendidos como omissão de subsídios eugênicos à sistematização das práticas de exercitação. Deste modo, à medida em que o termo Eugenia e seus fundamentos não são mencionados é possível evidenciar a ausência de conceitos, instrumentos e proposições decorrentes da “ciência da melhoria da espécie”, o que sinaliza falta de substratos eugênicos à constituição disciplinar da Educação Física.

Cabe ressaltar, no entanto, que de modo distinto dessa perspectiva disciplinar, a presença de textos assinados por intelectuais que, em certa medida estavam vinculados ao movimento eugênico, sugere, mesmo sem a menção direta à Eugenia, possibilidade de vínculo, assim como, indicativo de acesso a crenças e proposições decorrentes da “ciência da melhoria da espécie”.

1.3.3 Renato Kehl e Fernando de Azevedo: o retorno aos anos 1910/1920, quando “sanear é eugenizar”¹⁰⁵

A revista Educação Physica publica 28 textos de autoria de Renato Ferraz Kehl e Fernando de Azevedo, dois importantes intelectuais vinculados ao movimento eugênico brasileiro. Editados entre abril de 1936 a maio/junho de 1943, os textos comportam-se de modo distinto daqueles citados no item 1.3.2, assinados pelos demais eugenistas.

Em meio a seus escritos, muitas das discussões não suscitam a Eugenia e as outras tantas que abordam o tema indicam retorno às proposições eugênicas das décadas de 1910 e 1920.

¹⁰⁵ Kehl (1922, p.27).

1.3.3.1 Renato Ferraz Kehl

Filho de Rita de Cássia Ferraz Kehl e Joaquim Maynert Kehl, Renato Kehl (1889-1974) nasceu em Limeira, interior de São Paulo. Formou-se farmacêutico pela Faculdade de Farmácia de São Paulo em 1909 e, em 1910, muda-se para o Rio de Janeiro para estudar Medicina.

Jovem farmacêutico e recém-formado em medicina, Kehl, em fins da década de 1910, inicia uma ampla campanha de divulgação dos ideais da “ciência de Galton”. Em 1917, profere em São Paulo, na Associação Cristã de Moços, uma “Conferencia de Propaganda Eugénica”¹⁰⁶, a qual despertou ânimo para fundar, em 1918, juntamente com Arnaldo Vieira de Carvalho, a Sociedade Eugênica de São Paulo¹⁰⁷.

Autor de dezenas de títulos, Kehl é considerado um dos mais produtivos eugenistas brasileiros. Dentre sua vasta obra é possível citar alguns títulos: “Tipos Vulgares” (1958), “Como escolher um bom marido”(1935b), “Como escolher uma boa esposa” (1925), “Formulário da Belleza” (1927), “A cura da Fealdade” (1923), “Lições de Eugénia” (1935a); “Porque sou Eugénista” (1937); “A Bíblia da Saúde” (1926a); “Melhoremos e Prolonguemos a Vida” (1922); “A Cura do Espírito” (1947) e vários artigos no Boletim de Eugénia.

Ao longo de sua produção, o modo como propõe a Eugénia sofre algumas mudanças, sendo possível delimitar fases. Entre 1917 (data da “Conferencia de Propaganda Eugénica” na Associação Cristã de Moços) e 1929 (data de publicação de “Lições de Eugénia”), Kehl constrói suas obras “vulgarizando” os preceitos da “ciência da melhoria da espécie”. Nesse sentido, seus textos e palestras objetivavam informar e sensibilizar sobre a causa eugênica, buscando vínculos com o Saneamento, Educação e Higiene. (SOUZA, 2006)

Renato Kehl articulava diversas práticas e Áreas do conhecimento, buscando adeptos, fortalecimento e legitimidade política e científica para Eugénia e para seu próprio nome (CASTANEDA, 2003).

¹⁰⁶ Integralmente publicada no “Jornal do Comércio”, em 19 de abril de 1917. Em 1919, o texto da conferência também foi publicado nos “Annaes de Eugénia”.

¹⁰⁷ Fundada em 15 de janeiro de 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo tornou-se a primeira instituição eugênica da América Latina. Mobilizando a intelectualidade brasileira, a referida sociedade foi composta por 140 membros e utilizou como referência o estatuto da sua congênera francesa. Em 1919, as portas da Sociedade Eugênica de São Paulo foram fechadas em função da morte de Antonio Vieira de Carvalho e da mudança de Renato Kehl para o Rio de Janeiro (SILVA, 2008; SOUZA, 2006).

Em 1927, torna-se chefe de Laboratório da filial brasileira “Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer”. Após, aproximadamente um ano no cargo, Kehl, subsidiado pela empresa, viaja à Alemanha a fim de conhecer a Matriz dos Laboratórios Bayer, em Leverkusen. Em decorrência disso, conhece importantes nomes e instituições eugênicas¹⁰⁸, possibilitando contato com ideias e proposições distintas daquelas propagadas no Brasil. Segundo Silva (2008), Renato Kehl consultou obras, acessou revistas e estudou o modelo alemão de Eugenia.

De posse deste novo material, debruça-se sobre a escrita de sua nova obra: “Lições de Eugenia” – 1929. Lançado dias antes do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, este livro foi capaz de dividir opiniões sendo aclamado por alguns e renegado por outros. (SILVA, 2008, p.40)

Essa obra inaugura uma fase altamente radical, centrada nas noções de hereditariedade, constituindo assim propostas mais “duras” que, até então, não tiveram tanta evidência no interior do movimento eugênico. Segundo Reis (1994), nessa nova fase de Kehl é possível identificar “a hora e a vez da Eugenia radical” e, nesse sentido, argumentos em prol do aborto eugênico, esterilização, segregação, exame médico pré-nupcial, dentre outros, passam a fazer parte de sua produção de modo muito mais intenso e constante.

Em 1931, Renato Kehl e outros dez eugenistas fundam a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE)¹⁰⁹. Diferentemente da Sociedade Eugênica de São Paulo que tinha expressado a nítida influência francesa, na CCBE, o estatuto, como dito, era baseado no modelo alemão. Em 1932, retorna à Europa em uma viagem de seis meses e, de volta ao Brasil, escreve e publica seu livro “Aparas Eugênicas” (1933). O radicalismo iniciado em 1929 torna-se ainda mais ostensivo e evidente em muitas de suas produções após essa data (SOUZA, 2006).

¹⁰⁸ Herman Muckermann; o antropólogo Eugen Fischer, diretor do Instituto de Antropologia Genética Humana e Eugenia da Universidade Kaiser Wilhelm de Berlim; Alfred Herman, médico e antropólogo do Instituto de Antropologia de Viena; o Diretor do Instituto de Biologia Racial de Uppsala, Suécia, Hermann Lundborg; o norueguês Jonh Alfred Mjoen, diretor do *Winderen Laboratorium* e da revista *Den Nordiske Race*, dentre outros (SOUZA, 2006).

¹⁰⁹ A CCBE era composta pelos seguintes membros: Presidente: Renato Kehl; Secretária: Eunice Penna Kehl – esposa de Renato Kehl e filha de Belisário Penna. Membros: Belisário Penna - “Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública”; Gustavo Lessa – “Assistente do Departamento Nacional de Saúde Pública”; Emami Lopes – “Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental”; Porto-Carrero – “Professor de Medicina Pública da Universidade do Rio de Janeiro, Psycho-analista e Eugenista”; Cunha Lopes – “da Assistência Nacional de Alienados. Genealogista”; Salvador de Toledo de Piza Jr – “Professor de Zoologia da Escola Agrícola Superior de Piracicaba”; Achilles Lisboa – “Hygienista e Eugenista”; Octávio Domingues - “Professor de Genética e Zootechnia da Escola Agrícola Superior de Piracicaba”; Pacheco Caetano Coutinho – “Inspector de Pharmacia do Departamento Nacional de Saúde Pública. Eugenista”. (UMA Nova Entidade... 1931, p.02)

As concepções eugênicas radicais propagadas por Renato Kehl são acompanhadas de um processo de reavaliação de seus pressupostos teóricos. Assim, as noções de hereditariedade propostas por Mendel passam a povoar seus textos. Apesar das incertezas e equívocos, comuns naquele momento, acerca das teorias da hereditariedade e evolução, Kehl, investido do modelo alemão, altamente vinculado às teorias mendelianas, dedica-se, em alguns textos, a redefinir os limites da Eugenia.

Em agosto de 1929, publica “Eugenia e Eugenismo” no nº 08 do “Boletim de Eugenia”. Ao longo do texto, indica mudanças no seu modo de entender e propagar “a ciência da melhoria da espécie”. A fim de delimitar as fronteiras entre os conceitos, Renato Kehl aponta equívocos em seus próprios textos anteriores a 1929.

Tem-se registrado grande confusão em torno da Eugenia que, para muitas pessoas, mesmo cultas, é considerada uma doutrina sem fronteiras, envolvendo tudo quanto se refere ao melhoramento do gênero humano.

Nós mesmos, no início da campanha de propaganda em prol desta ciência, não fomos muito claros na delimitação das suas bases e de seus propósitos. (1929, p.01)

Em 1937, Renato Kehl publica “Porque sou eugenista”, um livro comemorativo aos vinte anos de campanha eugênica no Brasil. Em meio aos textos que compõem sua obra, publica novamente seu texto “Eugenia e Eugenismo”, citado anteriormente. Com alteração de poucas palavras, o conteúdo manteve-se e o parágrafo onde Kehl aponta seus equívocos, permanece inalterado.

Renato Kehl publica quatorze textos na revista Educação Physica, cujos conteúdos ressaltam discussões distintas do radicalismo ostensivo, característico de sua fase pós 1929. De modo brando e citando a Eugenia em poucos textos, Kehl parece revisitar, entre fins dos anos 1930 e início da década de 1940, seus encaminhamentos eugênicos vinculados à higiene, saneamento e educação. Nesse sentido, dos 14 textos publicados, no mínimo 11 tinham sido editados antes de 1929¹¹⁰.

¹¹⁰ Considera-se 11 uma vez que: acerca do texto “Rápidos traços caráteriológicos dos frívolos e fúteis” (dez/1939) não foram encontradas referências de publicações anteriores; acerca da obra “Typos Vulgares”, da qual se extraiu o artigo “O jogador”, não foi possível acessar a primeira edição, impossibilitando verificar a presença de tal texto em 1927, assim como possíveis alterações no conteúdo publicado na revista Educação Physica e nas edições subsequentes da obra.

<i>Artigos publicados na revista Educação Physica</i>	<i>Publicado anteriormente em:</i>
<i>O Jogador – dez/ 1938</i>	<i>Tipos vulgares (1936)</i>
<i>Rápidos traços caracteriológicos dos frívolos e fúteis – dez/ 1939</i>	<i>Não foram encontradas referências.</i>
<i>Beleza Feminina: Raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas – abr/ 1940</i>	<i>Formulário da Beleza (1927) Revista da Semana (1926)</i>
<i>Higiene do Sono – jul/ 1940</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>A Puberdade – ago/ 1940</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)i</i>
<i>A mocidade – set/ 1940</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>Digestibilidade dos alimentos – nov/ 1940</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>Alimentação das crianças – abr/ 1941</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>Capacidade de trabalho – mai/ 1941</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>A luz solar – jun/ 1941</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>A arte de conservar a saúde – jul/ 1941</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>As férias – ago/ 1941</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>O banho – dez/ 1941</i>	<i>Bíblia da Saúde (1926)</i>
<i>O Jogador – mai-jun/ 1943</i>	<i>Tipos Vulgares (1936)</i>

Quadro 2 – Lista de artigos publicados por Renato Kehl na revista Educação Physica e suas correlatas publicações anteriores.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seu artigo inaugural, intitulado “Um jogador”, data de dezembro de 1938. Posteriormente, o mesmo texto seria publicado no n° 74 de mai/jun de 1943, sem sofrer qualquer alteração no conteúdo e escrita.

Referindo-se ao jogador como “velhaco”, “víbora”, “insensível” e “abutre”, Kehl ressalta os efeitos perniciosos do jogo caracterizando-o como vício deletério da humanidade. O jogador seria um sujeito que carregaria desde o nascimento as inclinações

para o jogo e, como tal, se faria às voltas da jogatina, cultivando suas más tendências. Desse modo, referindo-se à personalidade do jogador, Kehl constrói seu texto na pretensão de contribuir para a psicologia prática.

Sem mencionar o termo eugenia, nem mesmo seus mecanismos, o texto publicado em 1938 e 1943 na revista *Educação Física* é um dos capítulos que compõem o livro “*Typos Vulgares*”¹¹¹, cuja primeira edição data de 1927.

Um ano após a publicação de “O jogador”, Kehl publica “Rápidos traços caracteriológicos dos frívolos e fúteis”. Nesse texto, inicia seu argumento dizendo que a frivolidade, inocente e esporádica, é útil e saudável, dado sua capacidade de “equilibrar o tono psíquico hiperestesiado pela ação de fatores excitantes ou mortificadores.” (KEHL, 1939, p.26). Feito esse primeiro apontamento, o autor passa a ressaltar o caráter pernicioso da frivolidade e futilidade. Considerados “preguiçosos”, “teimosos”, “afoitos”, “vazios” e “dogmáticos”, tais sujeitos manifestam pouca produtividade. Sem mencionar a Eugenia, nem seus pressupostos, Kehl encerra seu texto definindo, semanticamente, os termos fútil e frívolo.

O artigo intitulado “Rápidos traços caracteriológicos dos frívolos e fúteis” (1939), assim como “O jogador” (1938 e 1943), destoam dos textos assinados por Renato Kehl em sua postura radical, pós 1929.

Em abril de 1940a, Renato Kehl publica “Beleza Feminina: Raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas”, um texto cujo conteúdo aborda a forma física da mulher e alerta para os equívocos nos momentos de apreciação da “plástica feminina”. “Raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas” e com isso Kehl aponta a fealdade nos “braços gordos e roliços”, “ventres e seios flácidos”, “quadrís exuberantes de tecido adiposo”, “corpo redondo, macio, gorduroso, com nádegas e seios volumosos” (KEHL, 1940, p. 16 e 17). Em combate às “indecências da fealdade”, Kehl propõe a Educação Física regular para otimizar as condições essenciais da beleza: esqueleto, musculatura, gordura e pele¹¹².

O artigo em questão trata-se de uma reedição do texto “Mulheres Bellas”, primeiro capítulo da obra “Formulário da Belleza” (1927) e do artigo publicado em 06 de junho de 1926b na *Revista da Semana*, também com o título “Mulheres Bellas”. Ao

¹¹¹ Em 1958, o livro “*Typos Vulgares*” encontrava-se na 7ª edição, tendo publicações anteriores datadas de 1946 (5ª edição); 1938 (1ª edição em espanhol, publicada em Buenos Aires) e 1927 (1ª edição). Nos exemplares da 2ª edição não consta a data de publicação, entretanto, por outras referências temporais encontradas no livro é possível pressupor o ano de 1936. Para esta tese, foram acessadas a 2ª e 7ª edições.

¹¹² Silva (2008) versa sobre a relação Eugenia, Educação Física e representações de Gênero nas obras de Renato Kehl. O modo como Kehl representa a “fealdade” dos corpos femininos é discutido por Silva e Goellner (2008).

comparar as três versões do texto foi possível perceber que, na revista *Educação Physica*, cinco parágrafos, assim como referências à obra “A cura da Fealdade” (1923) foram excluídos. Além disso, algumas palavras e termos foram alterados¹¹³. O resultado final sugere uma argumentação mais sutil, menos explícita, sobretudo em alguns arroubos agressivos presentes nas versões de 1926b e 1927.

Nas três edições do texto, Renato Kehl se autointitula Eugenista, colocando-se na condição de sujeito de autoridade, atribuindo legitimidade a seus argumentos. Em suas palavras:

Como esteta, proclamo a necessidade da ginástica entre as meninas e as jovens, único recurso para alcançar o ideal da beleza, para o equilíbrio das partes e harmonia do corpo; como eugenista manifesto a importancia da educação física da mulher, um dos principais fatores de regeneração física da espécie.

São as mulheres fortes que fazem uma raça forte; são as mulheres belas que garantem a beleza de uma raça forte. (KEHL, 1940a, p.17).

Como eugenista, Renato Kehl agrega a *Educação Física da mulher* a seu programa eugênico de fortalecimento e embelezamento da raça. Assim, o texto “Beleza Feminina: Raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas” compõe projeto eugênico de Renato Kehl que articula beleza plástica e exercícios físicos na constituição de uma representação de corpo eugenizado (SILVA, 2008).

Entre julho de 1940 e dezembro de 1941, Renato Kehl publica, na revista *Educação Physica*, uma série de textos que, anteriormente, foram editados como capítulos do livro “*Bíblia da Saúde: Hygiene*”, publicado em 1926a.

A “*Bíblia da Saúde*” (1926a) constitui-se como um livro educativo, minuciosamente organizado para o bom entendimento e assimilação dos preceitos higiênicos, eugênicos e morais. Construído a partir de um compilado de artigos publicados por Kehl no jornal “*Gazeta de Notícias*” entre 1923 e 1924; “*A Bíblia da Saúde*” seria um potente “elixir” capaz de defender e restaurar os hábitos higiênicos, um auxiliar nos mecanismos da medicina social.

¹¹³ Os trechos suprimidos dizem respeito a passagens onde o autor posiciona-se ostensivamente contrário à fealdade. Como exemplo, é possível citar a seguinte passagem: “As nossas praias nada teriam de immoraes se fossem frequentadas por individuos que, apresentando-se nus, não nos mostrassem ventres bojudos, pemas de jaburus, thoraces espremidos e outras deformidades do mesmo jaez” (KEHL, 1927, p.19).

Como um livro sagrado, a “Bíblia da Saúde” (1926a) protegeria a população das ações malignas das imundices, práticas perniciosas, insalubres e pestilentas, auxiliando o “exorcismo” das doenças e da degeneração.

Contendo orientações às mães, à vida na cidade, à higiene sexual, aos cuidados com o lar e aos perigos dos vícios, dentre outros temas, Renato Kehl escreve 461 páginas nas quais prescreve, na revista Educação Physica, dez de suas “pílulas”.

Coerente ao conceito de “Hygiene”, subtítulo eleito por Kehl para nomear sua obra, os textos publicados pela revista Educação Physica versam sobre práticas de asseio pessoal, alimentação, cuidados com o repouso, etc.. Nesse sentido, dos dez artigos publicados, apenas um faz esclarecimentos acerca do conceito de Eugenia.

Intitulado “A arte de conservar a saúde”, publicado em julho de 1941a, Kehl inicia seu texto falando da lenda de Hígia, deusa da saúde, cuja beleza deveria ser exposta e seus mistérios revelados. Materializada como uma estátua, Hígia teria em seu pedestal, escritas em letras de ouro, as seguintes palavras: “HIGIENE - MEDICINA SOCIAL – EUGENIA”. No encaminhamento de seu texto, o autor traça as distinções entre os três termos. Acerca da “ciência da melhoria da espécie”, Kehl assim se pronuncia:

Criada por Francis Galton, é uma verdadeira ciência-religião. Harmoniza e concretiza ideias e intuítos regeneradores, esforçando-se para a formação de caracteres ótimos, transmissíveis por herança, concorrendo, ao mesmo tempo, para a eliminação das taras e degenerações. (KEHL, 1941a, p.33)

Apesar de “A arte de conservar a saúde” (1941a) estar contido em um periódico de Educação Física e ser assinado por um dos maiores expoentes do movimento eugênico brasileiro, o texto não apresenta relações entre Eugenia e as práticas de exercitação física.

Em “Higiene do Sono”, publicado em julho de 1940(b), o termo Eugenia é usado para apresentar o autor do texto: “Renato Kehl (Um dos precursores da eugenia no Brasil)”, única passagem que cita a “ciência da melhoria da espécie”. Em contrapartida, os pressupostos da Higiene são citados, apontando o sono como capaz de restabelecer o corpo, atuando, assim, na manutenção da saúde.

Publicado no nº 45, em agosto de 1940(d), o texto “A puberdade” fala sobre as transformações físicas e psíquicas típicas da adolescência, ressaltando a necessidade da

educação sexual. Ao versar sobre o instinto de reprodução, o autor brevemente ressalta a importância da opinião de “higienistas, moralistas e eugenistas modernos”. Ao longo do artigo, essa foi a única menção à Eugenia. Além disso, possíveis vínculos entre a “ciência da melhoria da espécie” e Educação Física não foram estabelecidos.

Em setembro de 1940(c), a revista Educação Physica publica “A mocidade”, texto que, apesar de não citar o termo Eugenia, perpassa alguns dos temas abordados por Kehl ao longo das décadas de 1910 e 1920. Ao lado de imagens de jovens exercitando-se fisicamente, Kehl aponta a mocidade como período da vida em que os sujeitos estão mais propensos a serem atingidos pelos vícios e práticas deletérias. Em meio a seus argumentos, o autor assim se pronuncia:

Averiguando o estado físico de inúmeros de nossos rapazes, verifica a enorme percentagem dos que teem a saúde abalada, dos doentes, dos que trazem o capital hereditário comprometido, incapazes de garantir a geração de uma prole sã e vigorosa. (KEHL, 1940c, 17)

Renato Kehl, em “A mocidade”, apresenta noções de hereditariedade submetidas a fatores externos, chamados por ele de vícios e venenos sociais. O texto em questão, como dito, havia sido publicado anteriormente em “A Bíblia da Saúde” 1926(a), e, em 1940(c), seria reeditado na revista Educação Physica, apresentando texto idêntico à versão de 1926(a). Seja pelas noções de hereditariedade, pelo uso recorrente às concepções higienistas ou ainda por ter sua escrita datada da década de 1920, “A mocidade” materializa, em 1940, a eugenia de Kehl entre 1917 a 1929.

Os textos “O banho” (dez/1941b), “As férias” (ago/1941c), “A luz solar” (jun/1941d), “Capacidade de trabalho” (mai/1941e), “Alimentação das Crianças” (abr/1941f) e “Digestibilidade dos alimentos” (nov/1940d) apresentam, de modo geral, características semelhantes aos artigos anteriormente citados, excetuando o uso do termo Eugenia que não foi feito, sequer de passagem. Cabe ressaltar ainda que em nenhum dos textos foram estabelecidas relações entre Eugenia e Educação Física.

As publicações assinadas por Kehl agregam peso e legitimidade aos modos de vida saudáveis e às práticas salutaras, dentre as quais: o banho, o sono, a alimentação, etc.. Ao evidenciar práticas higiênicas, os textos de Kehl publicados pela revista indicam os modos como propagavam a Eugenia entre fins da década de 1910 até meados dos anos 1920.

Cabe ressaltar que Renato Kehl era um dos eugenistas que, ao longo dos anos 1930, posicionava-se contrário às confusões conceituais que identificavam as práticas de exercitação física como práticas eugênicas. Nesse sentido, pronuncia-se:

O otimismo infantil de tantos políticos, pedagogos e filósofos que esperam estender às gerações futuras os benefícios atuais de assistência social, do esporte, da higiene física, da educação etc (...) não é senão o exemplo típico da mais grosseira ignorância biológica, ou falta mais completa de raciocínio. (KEHL, 1933, p. 56)

O mesmo autor que considera as relações entre Eugenia e Educação Física “exemplo da mais grosseira ignorância” teve 14 artigos publicados, justamente, por uma revista especializada de Educação Física. Ao serem editados naquele periódico, os textos não esclarecem os mecanismos da Eugenia, não estabelecem relações entre as práticas de exercitação física e a ciência da melhoria da espécie e ainda fazem poucas menções ao termo.

Editado pela revista *Educação Physica*, Renato Kehl, um dos mais destacados eugenistas brasileiros, endereça à Área poucos subsídios acerca da “ciência da melhoria da espécie” e, sobretudo, oferece textos “defasados”¹¹⁴, datados do tempo em que “sanear é eugenizar”.

1.3.3.2 Fernando de Azevedo

Nascido em 2 de abril de 1894 (falecido em 1974, em São Paulo), em São Gonçalo do Sapucaí (MG), Fernando de Azevedo recebeu sólida formação básica. Estudou, ao longo de cinco anos, letras clássicas, poética e retórica, língua e literaturas grega e latina. Ao mudar-se de Minas Gerais para São Paulo, transferiu-se também para a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Largo de São Francisco, formando-se em Direito, em 1918 (AZEVEDO, 1971).

¹¹⁴ Defasados, segundo o próprio Renato Kehl em seus textos “Eugenia e Eugenismo” (1929) e “Porque sou eugenista” (1937).

Importante intelectual brasileiro, dedicado, especialmente, às questões da Educação, foi um expoente do movimento escolanovista no Brasil, sendo redator do “manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, em 1932 (VECHIA; LORENZ, 2009). Entre 1926 e 1930, ocupou o cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal e foi um dos responsáveis pela reforma do Ensino no Rio de Janeiro e São Paulo, entre fins da década de 1920 e início dos anos 1930 (FRAGA, GOELLNER e SILVA, 2011).

Azevedo foi ainda um dos fundadores da Universidade de São Paulo (USP), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nessa mesma instituição, onde atuou como diretor¹¹⁵. Constituiu vasta obra, somando 25 livros publicados, dos quais três títulos foram traduzidos para outros idiomas¹¹⁶ (FRAGA, GOELLNER e SILVA, 2011).

O início da produção intelectual de Fernando de Azevedo foi marcado pelas práticas de exercício física, às quais atribuía importante papel na construção física e moral de homens e mulheres para o Brasil. Assim, em 1915 escreve “A Poesia do Corpo”, texto que seria apresentado ao concurso para professor de educação física e ginástica no Ginásio Mineiro (VECHIA; LORENZ, 2009). Revisado e ampliado, “A Poesia do Corpo”, em 1920, seria, então, publicado com o título “Da Educação Física: o que é, o que tem sido, o que deveria ser¹¹⁷” (1920a).

Entre “A Poesia do Corpo” e “Da Educação Física”, Fernando de Azevedo acessa os ideais eugenistas que passam a ocupar páginas de seu novo livro em 1920¹¹⁸. Insere-se como secretário da Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918 e, em 25 de janeiro de 1919, Azevedo profere “O Segredo da Marathona: conferência sobre Athletica e Eugenia”, cujo conteúdo foi publicado nos “Annaes de Eugenia”, em 1919. Em 1920, o mesmo texto foi organizado, juntamente com outros tantos, compondo a obra “Antinoüs: Estudo de Cultura Athletica”.

Vinculado aos discursos que intencionavam o Brasil como uma grande nação¹¹⁹, e influenciado pelos acontecimentos da Primeira Grande Guerra, defendia que a constituição de um país forte se daria por meio dos exercícios ginásticos (CAMARGO,

¹¹⁵ Foi ainda presidente e vice-presidente da *International Sociological Association*, professor-visitante na Sorbonne; condecorado, em 1947, com a Cruz de Oficial da Legião de Honra pelo governo francês. (AZEVEDO, 1971 e s/d.); (CAMARGO, 2006, 1995).

¹¹⁶ A saber: “Sociologia Educacional”, publicado no México, “No tempo de Petrônio”, publicado na Argentina e “A Cultura brasileira”, editado pela The Macmillan Company, New York em 1950.

¹¹⁷ Reeditado em 1960, “Da Educação Física” sofreu significativas alterações.

¹¹⁸ O termo Eugenia, assim como itens destinados a discutir a “Eugenia e Plástica”, por exemplo, não se faziam presentes em “A poesia do corpo”. Entretanto, Azevedo já apresentava noções de hereditariedade e evolução vinculadas à educação física.

¹¹⁹ Ao longo de sua formação acessou e compartilhou dos anseios de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Rui Barbosa, Olavo Bilac e Cesare Lombroso.

2006). A força de um país estaria diretamente submetida à força física e moral de seus cidadãos, para tanto, o corpo “preguiçoso” do povo brasileiro deveria se constituir em exemplo de higidez e resistência.

Amigo de Renato Kehl¹²⁰ e fortemente influenciado por suas proposições eugênicas, Azevedo discute, em suas obras inaugurais, temas como “Athletica e Eugenia”, “Eugenia e Plástica” “[...] acção decisiva da Eugenia”, dentre outros. Assim, relacionava a “ciência da melhoria da espécie” a fatores externos como Educação, Higiene e educação física na constituição de uma raça forte – pensamento coerente com as noções de hereditariedade presentes no Brasil, naquele momento. Nesse sentido, Azevedo se pronuncia:

O exercício – esta maravilhosa acção mecânica, é que corrige e modela a estrutura humana. Quando, pois, persistindo a causa durante varias gerações, a herança fixa definitivamente os caracteres adquiridos, as modificações anatômicas assim produzidas tornam-se permanentes [...] (1920a, p.22)

Azevedo argumentava que a constituição de um povo sadio resultaria de um legado hereditário influenciado por boas condições ambientais. Em sua conferência proferida à Sociedade Eugênica de São Paulo, admite a influência do meio no plano de ação eugênico, assim Eugenia poderia ser compreendida como: “prophylaxia contra o meio biológico”, “engenharia sanitária”, “defesa higienica contra a perpetuação tenebrosa de taras hereditárias”, “educação de uma applicação enérgica para conquista da plenitude das forças phisicas e Moraes” e “completa regeneração phisica dos povos, por uma completa cultura esportiva” (1920b, p.21).

Capaz de robustecer a população e dotá-la de força, saúde e beleza, a educação física é incorporada a um projeto de regeneração nacional e, com seus saberes, vai fortalecer o corpo do cidadão. Cientificamente prescrita durante várias gerações, seria capaz de legar às futuras proles os benefícios de suas práticas.

Intitulado “Bases scientificas, objecto e concepção moderna da educação phisica”, o segundo capítulo da obra “Da Educação Phisica” (1920a) vincula as práticas de

¹²⁰ Renato Kehl constituiu um acervo pessoal, onde, cuidadosamente, organizou e guardou recortes de jornais, artigos de revistas, postais, cartas, dentre outros itens. Em seu acervo que está, atualmente, na Casa de Oswaldo Cruz, COC/FIOCRUZ, encontram-se correspondências enviadas por Fernando de Azevedo. Algumas dessas correspondências foram transcritas em Silva (2008).

exercitação às teorias de hereditariedade e evolução, possibilitando, assim, relações com a Eugenia. No primeiro parágrafo do referido capítulo, Azevedo aponta:

A bio-mecanica ou mecânica do desenvolvimento, - que demonstra o papel das acções mecânicas e dos excitantes funcionaes sobre o desenvolvimento e a reparação dos órgãos, ou a acção as influencias exteriores, sobretudo mecanicas, sobre a estrutura dos seres vivos e a adaptação dos órgãos a suas funcções, - constitue, com a transmissão hereditária dos caracteres, assim, adquiridos, a base scientifica da educação physica, que, por isso, (não será demais repetil-o) se póde considerar uma sciencia biologica exacta. (AZEVEDO, 1920a, p. 20)

Para Fernando de Azevedo, a educação física sistematizada cientificamente e tornada prática habitual desencadearia um mecanismo de aperfeiçoamento hereditário e evolutivo que consistiria em: 1) “Modificabilidade” – Fernando de Azevedo, apoiado em Jules Guerin e P. Carnot, argumenta que a estrutura de um órgão operaria de modo relacional com sua função. Desse modo, a estrutura orgânica determinaria sua funcionalidade. Entretanto, ao estimular a função, esta, por sua vez, poderia gerar modificações no órgão. 2) “Hereditariedade” – as modificações no órgão causadas pela função não consistiria, de pronto, em adaptações legáveis hereditariamente. Somente após a prática rotineira, por sucessivas gerações, tais modificações incorporar-se-iam à hereditariedade. 3) “Aperfeiçoamento”: o estímulo à função cientificamente organizado poderia atuar nos mecanismos hereditários, constituindo-se como prática eugênica, capaz de legar o aprimoramento progressivo das qualidades hereditárias¹²¹.

Imerso em um contexto de discussões eugênicas, Azevedo propõe as bases científicas da educação física. Apoiado na “ciência da melhoria da espécie”, o autor afirma que a exercitação física poderia desencadear modificações étnicas de modo definitivo.

¹²¹ Apesar de evidências indicarem forte proximidade entre o entendimento de Eugenia em Renato Kehl e Fernando de Azevedo, assim como Silva (2008), não foram encontrados nos textos de autoria de Kehl afirmativas categóricas de que a educação física seria capaz de desencadear mecanismos de alteração hereditária como o proposto por Fernando de Azevedo. Em “A Poesia do Corpo”, antes de seu vínculo com o movimento eugênico, como dito, Azevedo já trazia noções de hereditariedade e evolução vinculadas à transmissibilidade de caracteres adquiridos.

A partir de meados da década de 1930, a revista *Educação Physica* inicia a edição de uma série de artigos de autoria de Fernando de Azevedo, totalizando 14 ao longo de 7 anos. Em abril de 1936, em sua publicação de estreia, o periódico publica dois outros textos especialmente destinados a evidenciar sua figura.

De autoria de Ricardo Rodrigues Vieira, o artigo intitulado “Pioneiros da Educação Physica: Fernando de Azevedo” propõe-se a apresentá-lo como importante intelectual dedicado às questões da Educação Física. Vieira (1936) inicia sua argumentação mencionando elogiosamente os textos “Antinoüs” e “Da Educação Physica”, considerado, esse último, “sem contestação possível, o melhor livro do gênero, em português” (VIEIRA, 1936, p.59). Ao referir-se à reforma do ensino ocorrida em 1927, no Distrito Federal, Vieira (1936) atribui a Azevedo a introdução da Educação Física no plano geral da Educação. Após apresentar os feitos desse “pioneiro”, o autor, no último parágrafo de seu texto, pronuncia-se:

Assim sendo, não pode deixar de merecer os calorosos applausos de todos os que se interessam pelo desenvolvimento da educação physica em nosso paiz.
(VIEIRA, 1936, p.60)

Estrategicamente inserido no mesmo número no qual Azevedo publica seu primeiro artigo, Vieira (1936) atribui peso e legitimidade ao “apóstolo da Educação Physica”. Assim, além de apresentar a figura de Fernando de Azevedo como importante intelectual, prepara os leitores para receber os outros tantos textos de sua autoria que, posteriormente, seriam publicados.

Além da apresentação feita por Ricardo Vieira, a *Educação Physica*, ainda no número 5, de abril de 1936, publica: “Ouvindo um apóstolo da Educação Physica no Brasil: Fernando de Azevedo fala à nossa revista”.

O texto de três páginas inicia-se por uma breve descrição elogiosa ao intelectual, dando sequência à transcrição de perguntas e respostas originárias de uma entrevista¹²² que abordou os seguintes temas: fatores que o levaram a se interessar pela Educação Física; possíveis elementos que desencadeiam a inferioridade física do povo brasileiro; o esporte e a quebra de recordes; a preferência pela prática do futebol; profissionalismo esportivo; o culturismo e o acúmulo “exagerado” dos músculos; a Educação Física no Brasil, dentre outros (OUVINDO.. 1936).

Em resposta à segunda pergunta “Qual o papel que julga reservado à Educação Physica na formação de nosso povo?”, atribui importância às práticas de exercitação física, destacando, entretanto que, apesar de seus benefícios se estenderem das crianças aos idosos, sua obra deveria se repetir a cada geração. Ao longo da resposta, Fernando de Azevedo menciona a Eugenia e, acerca das possíveis influências da educação física sobre os mecanismos e fundamentos da “ciência da melhoria da espécie”, afirma de modo categórico:

A Educação Physica tomada no seu sentido restrito ou amplo, começa onde a acção da eugenia acaba, e os seus benefícios são sempre reduzidos às possibilidades e nos limites fixados pela natureza biológica do indivíduo e pelas condições sociais e economicas do meio em que vive. (OUVINDO, 1936, p.46)

Diferentemente de seus escritos publicados em 1915, 1919, 1920a e 1920b, Fernando de Azevedo, em entrevista à Educação Physica, afirma a incapacidade dos benefícios da prática da exercitação física serem legados hereditariamente. Ao dizer que ação da Educação Física inicia quando termina a da Eugenia, Azevedo restringe a atuação da “ciência da melhoria da espécie” aos mecanismos hereditários, assim como limita o desempenho da Educação Física somente às alterações somáticas.

Desse modo, as práticas de exercitação física atuariam dentro do limite pré-estabelecido pela herança genética do indivíduo, favorecendo condições de saúde. A prática habitual da Educação Física dotaria a população de saúde e robustez, mas tais benefícios não atingiriam a hereditariedade e não aperfeiçoaria racialmente a população, como indicado em suas obras inaugurais.

Ao se pronunciar desse modo, Fernando de Azevedo apresenta coerência com as proposições eugênicas de Renato Kehl e Octavio Domingues, quando se referem à Educação Física, ao longo da década de 1930.

Apesar da coerência com os eugenistas acima mencionados, as fontes acessadas indicam que Fernando de Azevedo não estaria tão próximo ao movimento eugênico brasileiro que se delineava em fins dos anos 1920 (VECHIA e LORENZ, 2009).

¹²² As referências do texto indicam Origenes Lessa como entrevistador. Lessa, segundo Ferreira Neto et al. (2002), publicou dois textos na revista Educação Physica: “Amizade”, de março de 1934a e “A decadência do músculo”, também de março de 1934b.

Nas “Actas e Trabalhos” referentes ao I Congresso Brasileiro de Eugenia, apesar de seu nome estar registrado entre os inscritos do evento¹²³, Fernando de Azevedo não assina nenhuma das conferências nem compõe a “comissão directora”¹²⁴. Azevedo também não consta na lista de colaboradores do “Boletim de Eugenia” e também não publica artigos no referido periódico. Por fim, seu nome também não compõe o restrito grupo de eugenistas constituintes da Comissão Central Brasileira de Eugenia.

Apesar dos documentos indicarem que Fernando de Azevedo não estaria transitando pelo movimento eugênico, como fazia nos tempos da Sociedade Eugênica de São Paulo, sua entrevista à revista *Educação Physica* apresenta coerência ao modo como a Eugenia brasileira se posiciona acerca da Educação Física.

O pronunciamento de Azevedo, em 1936, sugere que entre suas obras inaugurais e sua entrevista à *Educação Physica*, possivelmente, teria revisto seus entendimentos acerca da hereditariedade e evolução¹²⁵. Em “Sociologia Educacional”, publicado em 1940, Azevedo, diferentemente de suas concepções apresentadas em 1915, 1919, 1920a e 1920b, elege os mecanismos da genética mendeliana como explicadores da hereditariedade.

Ora, como as leis da hereditariedade, fixadas por Gregor Mendel, são as mesmas para todos os seres vivos, e resultaram negativas todas as tentativas para verificação da hipótese apresentada por Lamarck da transmissão hereditária dos caracteres adquiridos, a individualidade biológica ou a natureza bio-psicológica do indivíduo, em cada indivíduo, independe do meio, incapaz de criar ou destruir fatores hereditários (AZEVEDO, 1940, p.65 e 66).

Incapaz de atingir as células germinativas, Fernando de Azevedo em seu “Sociologia Educacional (1940) e em entrevista à *Educação Physica*, em 1936, contraria seus escritos datados de fins dos anos 1910 e início de 1920, quando educação física

¹²³ Segundo artigo no “Boletim de Eugenia” (1º CONGRESSO... 1929).

¹²⁴ Segundo as Actas e Trabalhos do evento, Fernando de Azevedo teve seu nome citado na conferência proferida por Renato Kehl. Intitulada “A Eugenia no Brasil”, Kehl aponta como brilhante a conferência proferida por Azevedo, em janeiro de 1929, na Sociedade Eugênica de São Paulo. Seu nome também foi mencionado em ocasião da discussão da tese do Dr. Jorge Moraes “Da educação physica como factor eugênico e sua orientação no Brasil”. Como diretor da Instrução Pública, Azevedo foi reconhecido como grande incentivador da causa da Educação Física.

¹²⁵ Em comemoração ao centenário da Independência da República, o jornal “O Estado de São Paulo”, edição especial comemorativa, solicita a Fernando de Azevedo um “Ensaio de Crítica e História”. Em 1930, o referido ensaio foi publicado em formato de livro, com o título “A Evolução do Esporte no Brasil”. O acesso à obra não forneceu elementos capazes de indicar o entendimento de Azevedo, em 1930, sobre os mecanismos da hereditariedade.

atuava no aperfeiçoamento hereditário da espécie. De modo distinto do que foi apreendido por Azevedo nos tempos da Sociedade Eugênica de São Paulo, o autor assim se pronuncia, em 1936:

“Ella [a Educação Física] age sobre o indivíduo, dentro do seu equipamento bio-psicológico; não age sobre a raça.” (OUVINDO... 1936, p.46)

Apesar de afirmar sobre a impossibilidade das práticas físicas atuarem sobre a hereditariedade, a revista *Educação Physica* publica uma série de artigos produzidos por esse intelectual entre 1915 e 1920. Não só o período em que foram construídos, mas, sobretudo, o teor de seus conteúdos aponta, a partir de 1936, relações entre Eugenia e educação física datados há mais de 15 anos, quando os mecanismos da hereditariedade expostos por Azevedo guardavam proximidade às proposições de Lamarck.

Seu texto inaugural na revista *Educação Physica* intitula-se “O problema da regeneração”, uma reedição do último capítulo [“Regeneração ethnico-social pela educação physica”] de “Da Educação Physica” (1920a) que, por sua vez, também é uma reedição do último capítulo [“Regeneração social pela gymnastica”] de “A poesia do corpo” (1915)¹²⁶.

Em “O problema da regeneração”, Azevedo fala sobre a possibilidade de constituição ethnica do povo brasileiro via Educação Física. Aponta ainda que problemas de saúde e debilidade racial poderiam ser transpostos por meio da exercitação física sistemática, ao longo de várias gerações.

“O espetáculo desagradável” (1936a) suscitado pelo falta de definição de um tipo racial decorreria de um povo “emperrado”, “neurasthenico” e “rachitico”. Em face dessa situação de “sub-categoria ethica”, tornava-se imprescindível operar uma “mutação” naquele cenário a fim de erradicar a mazela em que o povo brasileiro havia se constituído.

Como meio de alcançar a “regeneração ethnico social”, Fernando de Azevedo propõe a “educação physica científica e generalizada”, afirmando que:

Uma vez introduzida pela educação nos hábitos do paiz, a pratica desta cultura physica, sustentada durante uma larga serie de gerações, depuraria a nossa raça de diatheses mórbidas, locupletando-a, progressivamente pela criação incessante de indivíduos robustos. (AZEVEDO, 1936a, p. 14)

¹²⁶ Na edição de 1960 de “Da Educação Física”, o último capítulo que tematizava a regeneração social foi substituído por “Organização Nacional e Educação Física”.

Apontando suas concepções de hereditariedade e evolução vinculadas às teorias dos caracteres adquiridos, Azevedo legitima seu plano de Educação Física. Em dezembro de 1936, publica o texto “Marathona”, mencionando a beleza e perfeição física, segundo Azevedo, característica do povo grego. “De quarenta kilometros é a distância que separa Athenas do burgo de Marathona” – assim inicia seu artigo que, apoiado na “materialidade” dos contos sobre a Grécia antiga, evidencia os benefícios que a prática da exercitação física pode legar.

O texto intitulado “Marathona”, publicado na revista Educação Physica, em dezembro de 1936, entretanto, trata-se da reedição dos seis parágrafos iniciais da conferência proferida na Sociedade Eugênica de São Paulo, intitulada “O Segredo de Marathona: apologia de cultura athletica”, em 1919. Com a intenção de relacionar Educação Física e Eugenia, Azevedo menciona Francis Galton como sistematizador moderno da ciência praticada empiricamente pela civilização grega.

(...) todo o povo, que elevar ao plano devido a educação physica e tiver pela cultura esportiva o zelo da Grecia antiga, em cuja penetrante intuição de eugenia abeberou Francis Galton seus estudos sobre esta sciencia – sciencia de criação grega e systematização moderna; sciencia argutamente apprehendida pelos gregos em seus lineamentos, aplicada pelos gregos efficazmente na sua parte mais e simples e positiva; mas sciencia, que hoje se alicerça no imperecível cimento armado de novas sciencias experimentaes, cujos princípios então de todo o ponto se ignoravam, sciencia, cujo fundamento, portanto, só agora se assentou, cujo programma só agora se definiu, cuja amplitude só agora se abrangeu; sciencia complexa, sciencia anthropocentrica, sciencia humanitária (...)
(AZEVEDO, 1936c, p.13)

Assim, Fernando de Azevedo vai tecendo as relações entre a “ciência da melhoria da espécie” e Educação Física, apresentando concepções de hereditariedade e evolução, assim como menção a Francis Galton.

Entretanto, todos os 14 textos publicados entre 1936 e 1943 na revista Educação Physica tratam de reedições de capítulos, trechos de capítulos e introduções de suas

obras “Antinous” (1920b) e “Da Educação Physica” (1920a). Assim, a apropriação teórica e a concepção de Eugenia publicadas pela revista Educação Physica revelam uma defasagem temporal em relação ao movimento eugênico brasileiro e ao próprio pensamento de Azevedo, como foi possível perceber em sua entrevista, em 1936 e em seu “Sociologia Educacional”, datado de 1940.

<i>Artigos publicados na revista Educação Physica</i>	<i>Publicados anteriormente em:</i>
<i>O problema da regeneração - abr/36</i>	<i>Da Educação Physica (1920a)</i>
<i>Antinoüs - set/36</i>	<i>Antinoüs (1920b)</i>
<i>Marathona - dez/36</i>	<i>Antinoüs (1920b)</i>
<i>Aphorismas de Educação Athletica - dez/36</i>	<i>Antinoüs (1920b)</i>
<i>O papel do professor moderno de Educação Física - fev/37</i>	<i>Da Educação Physica (1920a)</i>
<i>Origem e Evolução da Educação Physica - abr/37</i>	<i>Da Educação Physica (1920a)</i>
<i>O problema da Higiene social pela Educação Physica: Medidas que resolvem - set/37</i>	<i>Da Educação Physica (1920a)</i>
<i>Escola Anglo Americana: predominância esportiva - jan/38</i>	<i>Da Educação Physica (1920a)</i>
<i>Educação integral: Intelectual, Moral e Physica - mar/38</i>	<i>Da Educação Physica (1920a)</i>
<i>Antinous: Padrão da Educação integral - Physica, Moral e Intellectual - nov/38</i>	<i>Antinoüs (1920b)</i>
<i>Os esportes e sua justa situação num programa escolar - Atletismo e Atlético - jan/39</i>	<i>Da Educação Physica (1920a)</i>
<i>O preparo do corpo - mar e abr/42</i>	<i>Antinoüs (1920b)</i>
<i>Aforismas de Educação Física - mar e abr/43</i>	<i>Antinoüs (1920b)</i>
<i>Aforismas de Educação Física - mai e jun/43</i>	<i>Antinoüs (1920b)</i>

Quadro 3 – Lista de artigos publicados por Fernando de Azevedo na revista Educação Physica e suas correlatas publicações anteriores.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do total de 14 textos, sete provêm do livro “Da Educação Physica”, sendo seis capítulos e a introdução da obra. Os outros sete artigos decorrem de “Antinoüs”, sendo seis artigos decorrentes de capítulos do livro e um proveniente da introdução da obra.

Desse modo, apesar de pronunciar-se, em 1936 (“Ouvindo o apóstolo da Educação Physica: Fernando de Azevedo”) e 1940 (“Sociologia Educacional”), contrariando as concepções de eugenia, hereditariedade e evolução de suas obras inaugurais, a revista Educação Physica publica uma série de artigos indicando retorno aos anos 1910 e 1920.

Os casos de Fernando de Azevedo e Renato Kehl apresenta defasagem temporal do pensamento de dois renomados intelectuais que, entre fins dos anos 1910 e 1920, não estabeleciam limites entre Eugenia, Saneamento e Higiene. Suas proposições não evidenciavam suas especificidades, caracterizando, segundo Silva (2008), uma “Eugenia mestiça”. Assim, apesar das mudanças ocorridas nas discussões do movimento eugênico na década de 1930, os textos desses autores, quando publicados pela revista Educação Physica, parecem revisitar as perspectivas eugênicas de quando “sanear é eugenizar”.

Além disso, os textos de Renato Kehl, um dos mais importantes eugenistas brasileiros, pouco falam sobre a Eugenia, do mesmo modo, Fernando de Azevedo trata dessa temática em apenas 3 dos 14 artigos publicados.

O modo como a Eugenia adentra os textos assinados por Renato Kehl, Fernando de Azevedo, Roquette-Pinto, Porto-Carrero e os demais eugenistas que tiveram seus textos publicados nos periódicos da Educação Física, suscita algumas dúvidas: em que medida tais intelectuais tiveram autonomia de optar ausentarem-se do debate sobre Eugenia na Educação Física? Que atravessamentos teriam levado Fernando de Azevedo e Renato Kehl a elegerem seus textos datados das décadas de 1910 e 1920? Em que medida as ausências, os silenciamentos e a defasagem teórica podem versar sobre a política editorial das revistas da Área?

Embora essas perguntas indiquem outros estudos, o modo como a Eugenia é tratada dentro dos periódicos em questão, auxiliam a pensar sobre a ingerência da “ciência da melhoria da espécie” no processo de constituição disciplinar da Educação Física.

1.4 “A Educação Physica [...] começa onde a acção da eugenia acaba”¹²⁷



Imagem 3: “grande eugenista brasileiro”
Fonte: Dr. Renato Kehl, 1942, p.03.

Dr. Renato Kehl – grande eugenista brasileiro e a cuja obra de divulgação científica muito deve a educação física racional de nossa mocidade. (Dr. Renato Kehl, 1942, p.03)

Regularmente a revista *Educação Physica* adotava a prática de estampar fotografias e fazer menções elogiosas como forma de homenagear “autoridades” que teriam prestado contribuição à Área ou ao periódico. Assim, na edição de número 69, datada de outubro de 1942, Renato Ferraz Kehl, médico e farmacêutico, teve sua foto impressa em uma das páginas iniciais da revista. Identificado como importante eugenista e autoridade no assunto, Kehl teria prestado grande contribuição à Área por meio de seu trabalho de divulgação científica.

Como visto, se é possível identificar Renato Kehl como um dos mais destacados eugenistas brasileiros, devido ao volume e a importância de sua obra, o mesmo é posto em suspeição dado o modo como seus textos são editados e destinados à *Educação Física* ao longo da década de 1930. Apesar de sua foto publicada e as indicações elogiosas

¹²⁷ Azevedo, 1936, p. 46.

ao seu nome, os textos de autoria de Kehl na revista em questão, como discutido no item 1.3.3.1, sugerem dúvida quanto a sua contribuição, sobretudo no que se refere às proposições teórico-metodológicas referentes à Eugenia.

Como visto, a “ciência da melhoria da espécie” é apresentada/discutida na Educação Física por meio de textos cujos conteúdos apresentam uma densidade de debate distinta daquela suscitada no interior do movimento eugênico brasileiro datado da década de 1930. Outra característica dos textos que se propõem discutir a Eugenia no interior da Educação Física é o modo como a relação entre as Áreas é estabelecida, ou seja, os métodos, instrumentos e boa parte dos conceitos eugênicos não estabelecem conexões com as práticas de movimento.

Desse modo, a partir dos documentos acessados e, nos limites temporais circunscritos às imediações da década de 1930, se é possível conceber a influência da Eugenia na Educação Física, como sugere Góis Jr (2011), essa ação, não teria alcançado seus processos disciplinares.

Assim, para que a Eugenia pudesse se inserir ou mesmo auxiliar disciplinarmente a Educação Física, suas proposições deveriam se inscrever e se relacionar ao plano de objeto determinado circunscrito às diversas práticas de exercício físico, dentre as quais, as ginásticas, os esportes e a recreação.

Mediante ao quadro geral dos modos como a Eugenia apresenta-se no interior da Educação Física (Quadro 4) é possível perceber que as relações entre os mecanismos teóricos e práticos da Eugenia e o “plano de objeto determinado” da Educação Física constituíram-se por meio de ausências, desencontros teóricos e relações superficiais¹²⁸.

<i>Modos como a Eugenia apresenta-se no interior da Educação Física.</i>			
<i>Desencontros conceituais e/ou defasagem teórica</i>	<i>Ausências, silenciamentos e defasagem teórica quando textos de eugenistas são publicados pela Educação Física</i>	<i>Esvaziada de seus limites teórico/acadêmicos, usada como sinônimo de nação, raça, higiene e povo.</i>	<i>Quando apresenta coerência e densidade acerca dos mecanismos da Eugenia, não estabelece vínculos com a Educação Física.</i>

Quadro 4: Modos como a Eugenia apresenta-se no interior da Educação Física¹²⁹.

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹²⁸ Silva (2007), de outro modo, indica relações estreitas entre Eugenia e Educação Física manifestas nos periódicos Educação Física e Revista de Educação Física (Exército), apontando, além de grande número de publicações, densidade nos artigos que tematizavam a Eugenia. Cabe ressaltar, que o capítulo do livro em questão investiga os modos como a Eugenia concebia a influência da Educação Física no plano de ação eugênico, desse modo, utiliza como fontes os documentos construídos por autores eugenistas e não artigos publicados nos periódicos da Educação Física.

¹²⁹ Quadro elaborado com base nas fontes discutidas/ descritas ao longo do capítulo 1.

Cabe ressaltar que o processo de constituição da Eugenia vinculou essa ciência às práticas biométricas e às teorias da hereditariedade e evolução. A esse respeito, Edgard Roquette Pinto aponta que:

As bases da Eugenia galtoniana são: a Genética e a Biométrica. A primeira estuda as leis e os processos pelos quais se realiza a transmissão dos caracteres de pais para filhos – a herança. A segunda, os processos capazes de por em evidencia a variação dos phenomenos e principalmente, a frequência dos caracteres. No estudo da herança e da frequência acha-se toda a clássica Eugénia. (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 171-172)

Apesar de inscrita em um modelo legítimo cientificamente e em um dado horizonte teórico, como evidencia Roquette-Pinto, a Eugenia não parece estender seus substratos teórico/científicos à Educação Física. Ou ainda, de outro modo, talvez, a Educação Física possa não ter acolhido os fundamentos e proposições eugênicas, especificamente aquelas contemporâneas à década de 1930. Nesse sentido, o acesso aos documentos sugere que as regras, instrumentos, técnicas e definições decorrentes da Eugenia, muito possivelmente não tenham se tornado subsídios à Educação Física.

Assim, em face ao movimento comparativo entre os modos como a Eugenia manifesta-se ao longo da década de 1930 e os documentos produzidos pela Educação Física, foi possível perceber um descompasso entre as Áreas, uma vez que: a) os debates acadêmico-científicos da “ciência da melhoria da espécie” não são mencionados por boa parte dos intelectuais que a citam no interior da Educação Física; b) outros tantos autores atribuem à Eugenia fundamentos e proposições bastante distintos daqueles apreçados pelo movimento eugênico brasileiro da década de 1930; c) os poucos textos coerentes com as discussões eugênicas não relacionam Eugenia e Educação Física; d) textos de intelectuais engajados com o movimento eugênico, quando publicados pelos periódicos da Educação Física, sequer mencionam o termo Eugenia e seus mecanismos e, quando o fazem, apresentam discussões “desatualizadas” datadas de fins dos anos 1910 e 1920.

As fontes acessadas e os limites temporais deste estudo sugerem que a Educação Física não teria manifestado o uso dos referenciais teórico-metodológicos da Eugenia enquanto diretrizes capazes de orientar suas ações. Desse modo seria possível pensar que o universo da Educação Física não teria se organizado pelas balizas eugênicas. Além disso, não foi possível perceber preceitos, conceitos, procedimentos nem instrumentos decorrentes da Eugenia orientando pesquisas e intervenções acerca das práticas de exercitação. Enfim, a Eugenia parece não fornecer subsídios à constituição disciplinar da Educação Física, contrariando a homenagem prestada a Renato Kehl, em 1942¹³⁰.

¹³⁰ Cabe ressaltar, entretanto, que apesar disso, a presença de textos assinados por Renato Kehl, assim como outros autores eugenistas em periódicos especializados da Área sinaliza, em alguma medida, relações ou intenções com a Eugenia. Além disso, louvores à Alemanha nazista, assim como o uso de imagens que intencionam uma representação de corpo branco, jovem e de olhos claros possibilitam pensar uma aproximação com ideais eugênicos. Deste modo, em uma perspectiva não disciplinar, relações entre Eugenia e Educação Física são latentes nos documentos referentes às práticas de exercitação nas imediações da década de 1930.

2 A BIOTIPOLOGIA COMO DISPOSITIVO, O FICHAMENTO BIOMÉTRICO COMO TECNOLOGIA: FUNDAMENTO TEÓRICO E PRÁTICA LEGÍTIMA À EDUCAÇÃO FÍSICA



Imagem 4:

“A Ciência Brasileira Apreciada no Estrangeiro.”

Fonte: A Ciência, 1934, s/p.

Em abril de 1934, a Revista de Educação Física (Exército) publica “A ciência brasileira apreciada no estrangeiro”, cujo conteúdo destaca o prêmio cedido pela Sociedade de Antropologia Criminal de Turim (Itália) à pesquisa intitulada “A identificação no Rio de Janeiro. – O Laboratório de Antropologia Criminal e seus Trabalhos”. De autoria dos médicos Leonídio Ribeiro (1883-1970) e Waldemar Berardinelli (1903-1956), a obra em questão recebe o “Prêmio Lombroso” de melhor investigação.

Ao apontar o rigor da escolha dos trabalhos concorrentes, ao destacar que o prêmio, pela primeira vez, teria sido conferido a cientistas brasileiros e ao estampar no centro do

artigo, em grandes proporções, uma fotografia autografada por Berardinelli, a revista atribui visibilidade a um importante colaborador da Escola de Educação Física do Exército.

Finalizando, fazemos questão de salientar que Berardinelli é conferencista de biotipologia da Escola de Educação Física do Exército, cargo que desempenha com a máxima proficiência transmitindo aos nossos alunos conhecimentos que tanto auxílio prestam à Educação Física Nacional.

A Escola de Educação Física do Exército se orgulha de possuir, em seu núcleo docente, um homem como este. (A CIÊNCIA..., 1934, s/p.)

Apesar da relevância de Waldemar Berardinelli para o debate biotipológico no Brasil e na Educação Física, o interesse na publicação em questão não reside somente nas personalidades em destaque, mas, também, nos temas que menciona.

Assim, o primeiro documento a ser descrito na segunda parte desta tese tem a função de “disparador” narrativo, artifício que coloca em funcionamento as “peças” iniciais do segundo capítulo desta investigação.

Em um mesmo texto, em apenas uma página, o autor de “A ciência brasileira apreciada no estrangeiro” perpassa instituições, personalidades, lugares, saberes e redes de relações, importantes temas para os argumentos que se seguem.

Assim, ao mencionar “A Sociedade de Antropologia Criminal de Turim, fundada por Lombroso” (A CIÊNCIA..., 1943, s/p.) destaca o modelo biotipológico italiano e seus precursores; ao citar o “Instituto de Identificação do Rio de Janeiro” e a assistência de Berardinelli ao Prof. Rocha Vaz, indica vínculos institucionais da Biotipologia, assim como sua inserção na produção de pesquisas no Brasil; ao “salientar (no interior de um periódico especializado da Área) que Berardinelli é conferencista de biotipologia da Escola de Educação Física do Exército”, aponta relações políticas e acadêmicas entre as escolas constitucionálisticas e as práticas de movimento humano.

Desse modo, o texto em questão ativa a mecânica narrativa que parte dos temas acima relacionados para então descrever a Biotipologia como “dispositivo” e o fichamento biométrico como “tecnologia” que auxiliaram, em um determinado momento, a constituição da Educação Física como disciplina.

2.1 O corpo como espelho da alma: Ideias e precursores da Biotipologia

Biotipologia é o nome criado por Pende para designar a ciência das constituições, temperamentos e caracteres. Representa a fase propriamente científica das doutrinas constitucionalísticas. (BERARDINELLI, 1942, p.14)

Nicola Pende (1880-1970), um dos mais destacados médicos da Escola Italiana de Endocrinologia e Patologia constitucional, é considerado o principal divulgador da Biotipologia na Itália. Importante membro da fundação da Universidade Mussolini de Bari, da qual foi reitor, fundou ainda, na Universidade de Gênova, o Instituto Biotipológico Ortogênico, em 1938. Vinculado ao regime Fascista de Mussolini tornou-se referência no que concerne à política racial italiana, chegando, em 1933, ao cargo de Senador. Foi professor na Universidade de Roma e dirigiu os institutos de Patologia Médica e Metodologia Clínica (PALMA; DI VICENZO, 2009; VALLEJO; MIRANDA, 2004).

Em 1922, Nicola Pende marca o surgimento da Biotipologia e com isso renova as proposições biodeterministas, sofisticando seus procedimentos e fundamentos ao agregar elementos manifestos no biótipo morfológico-endócrino (GALERA, 2007).

Assim, aos pressupostos de Fisionomistas¹³¹ e Frenólogos, que concebiam as marcas corporais como indícios capazes de revelar a intimidade do caráter e suas predisposições a enfermidades, foram inseridos: estudos sobre as glândulas de secreção e as influências dos hormônios, por Nicola Pende; tratamentos estatísticos que demonstraram a relação entre as variações constitucionais e a lei de erros de Quetlet-Gaus, por Giacinto Viola (1870-1943).

¹³¹ A ciência fisionômica tinha o intuito de inferir sobre as qualidades da “alma”, sobre o caráter humano, a partir das marcas do corpo. Para os que se enveredavam por esses estudos, o caráter se manifestava na organização biológica; logo, se é verdade que condição humana se reflete na anatomia, é possível controlá-la, ou mesmo prevenir-se a ela. Esse modo de pensar carrega consigo um determinismo acerca do comportamento humano que, ao longo de muitos séculos, vem trazendo repercussões sociais. Essas concepções já povoavam os estudos de: Giovanni Battista della Porta, um intelectual italiano que publicou no ano de 1586 o texto “*De humana fisionomia*” e Kaspar Lavater, que no século XVII publicou “*Physionomische fragmente*”. Anos depois, Lavater daria corpo a teorias que revelariam os aspectos morais e individuais mediante a anatomia. As proposições fisionômicas ganharam a confiança de outros tantos pesquisadores que também acreditavam que o “rosto era o reflexo da alma”. O dito popular, obviamente, não se legitimava nos círculos intelectuais pela força do senso comum, ao contrário, ganhava respaldo na medida em que estudos “comprovavam” a unidade psicofísica (GALERA, 2007).

Para o saber biotipológico, o sistema endócrino seria o elemento capaz de reconstruir o modo de se conceber a anatomia. Nicola Pende¹³² argumenta que os hormônios seriam capazes de guiar o corpo e a mente, responsáveis pelo desenvolvimento físico e por diversas manifestações da psique. O sistema nervoso simpático, regido pelas glândulas de secreção interna, atuaria sobre o cérebro afetando o estado emocional, gerando tristezas, euforias, paixões etc. Nesses moldes, a investigação biotipológica refletiria a realidade humoral capaz de fornecer uma unidade psicossomática influenciada pelo meio e constituída sobre a base hereditária (GALERA, 2007; PENDE, 1937).

Nesse sentido, a fim de dar a devida dimensão das faces constituintes do ser, Nicola Pende constrói o esquema didático denominado “Diagramma Del Biótipo Umano”, ou ainda, a “Pirâmide de Pende”.

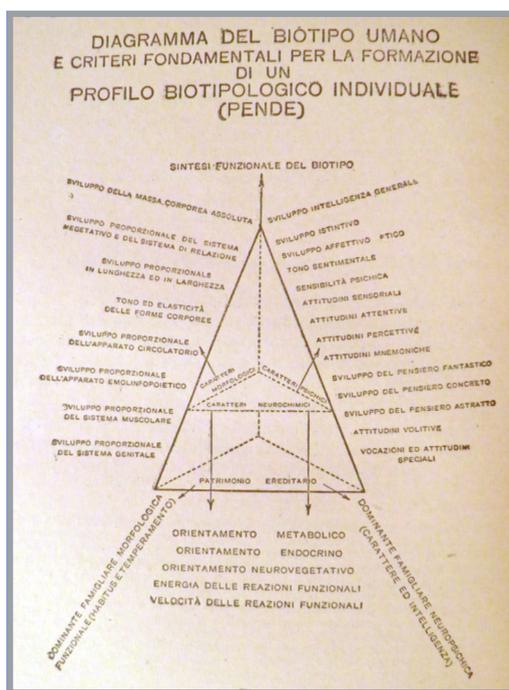


Imagem 5: Diagrama do Biótipo Humano
Fonte: Berardinelli, 1942, p. 80.

¹³² Gregório Maraion, médico espanhol, também defendia a tese que relacionava o funcionamento do sistema endócrino às manifestações do caráter (FERLA, 2009).

Em síntese, a base da pirâmide representa o patrimônio hereditário, a partir do qual se constituem três faces: a primeira diz respeito à morfologia (tamanho dos membros, das vísceras, formatos em geral), a segunda corresponde a dinâmico-humoral (temperamento) e a terceira à psicológica (caráter, inteligência). Na união dessas três faces, no ponto mais elevado da pirâmide, encontra-se a síntese constitucional do sujeito, ou, nas palavras de Berardinelli (1942), “o conjunto das propriedades vitais do indivíduo” (p.80).

Apesar da Pirâmide de Pende ser um modelo comum a toda população, a Biotipologia argumentava em favor do conhecimento das especificidades individuais. Diferentemente de outras Áreas do saber que se interessariam pelas grandes generalizações, a Biotipologia defendia a individualidade biológica. Assim, caberia ao médico acessar as peculiaridades de cada sujeito e, a partir de suas análises, proceder aos encaminhamentos para um diagnóstico preciso, eficaz orientação profissional e justiça nas penas criminais.

De acordo com Gomes (2011), o modelo biotipológico, que propõe a classificação em tipos humanos e sua posterior análise individual, seria capaz de fornecer substrato a diversas especialidades médicas, dentre as quais: a Ginecologia, Pediatria, Oftalmologia, Clínica Médica, Obstetrícia, Cirurgia, além de outras Áreas como a Odontologia, Educação Física e Criminologia.

As relações com o crime e o desejo de identificar no corpo marcas de tendências ao delito manifestam-se nas promessas de ação da Biotipologia, cuja herança reside nos estudos sobre delinquência de Césare Lombroso (1835-1909):

Médico e professor universitário, Lombroso concebia o ato anti-social como uma patologia. As práticas delinquentes seriam fruto de desvios biológicos, portanto, identificáveis no corpo, o que demandaria do sistema penal uma reorientação para uma lógica terapêutica. Assim, instituições de sequestro, cuja finalidade seria a reclusão e o afastamento social, deveriam se tornar lugares de prática médica (FERLA, 2009).

Dedicado aos estudos do delito e suas manifestações corpóreas, Lombroso, em novembro de 1870, realiza a autópsia do cadáver de Giuseppe Villella, famigerado assassino conhecido como “Jack o estripador” (FERLA, 2009; GALERA, 2007). Das dissecações empreendidas, Lombroso percebeu, no interior do crânio, uma concavidade comum em outras espécies animais pertencentes a níveis evolutivos inferiores, indicando que a delinquência carrega marcas da animalidade (GALERA, 2007; FERLA, 2009).

Ao investigar o corpo de Villella, Lombroso valia-se da Frenologia, cuja proposição situa-se na relação entre a forma craniana e especificidades de formato e função do cérebro. Desse modo, as expressões humanas, seu caráter e seu potencial

intelectual encontrar-se-iam determinados pelo modo como encéfalo e caixa craniana se constituem. Para tanto, técnicas palpatórias, estudo minucioso de protuberâncias, depressões e outras “irregularidades” foram desenvolvidos para tornar mais precisas as conclusões (GALERA, 2007).

Em “O Homem Delincente” (1876), Lombroso desenvolve sua teoria do “atavismo” na qual identifica, em escalas evolutivas inferiores à humana, manifestações da delinquência. Assim, o crime já se revelaria desde os animais e algumas espécies de plantas. “Canibalismo”, “infanticídio”, “assassinato”, “maldade pura”, “desvios sexuais” dentre outros comportamentos manifestos pelos animais, na teoria de Lombroso, apresentavam relações com práticas antissociais de homens e mulheres (FERLA, 2009).

A humanidade enquanto espécie modificar-se-ia a partir de seus ancestrais primitivos e, ao longo do processo evolutivo, resíduos de incivilidade estariam presentes nos corpos delinquentes. Biologicamente e evolutivamente marcados pela herança primitiva, sujeitos inferiores cometeriam práticas “atrozes” semelhantes àquelas cometidas por antepassados selvagens (GALERA, 2007).

No contexto de formulação das proposições criminológicas lombrosiana pairava o entendimento comum da presença do “mal”, oculto em corpos de sujeitos aparentemente idôneos (FERLA, 2009; SENNET, 1998). A explosão urbana nos grandes centros e seus efeitos sobre a arquitetura, produção fabril, processos de subjetivação e relações pessoais constituíram um ambiente de insegurança e incerteza sobre as identidades e personalidades daqueles que habitavam as cidades. Modos de ser, de se vestir, o que comprar e o que comer tornaram-se objeto de preocupação, podendo revelar traços de uma personalidade doentia (SENNETT, 1988).

Naquele momento, a medicina enquanto Área de saber legítimo era autorizada por meio dos médicos, sujeitos civilizados, doutos, apropriados de técnicas e saberes científicos, a identificar em meio à população as individualidades desviantes.

Lombroso traduziria o mito em linguagem médica voltada à criminologia, identificando no criminoso manifestações atávicas de fases anteriores da evolução humana – um “homem primitivo”, ou mesmo um animal, preso no interior do corpo, escondido à espreita. (FERLA, 2009, p.33)

Desse modo, as técnicas de medidas e o olhar atento deveriam identificar “anomalias cranianas”, “lábios finos”, “prognatismo”, “maxilares volumosos”, “tubérculo de Darwin”, “saliência da arcada superciliar”, “fronte fugida”, “olhar parado”, etc., possíveis manifestações físicas do crime. (BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933).

Além de Lombroso, Charles Darwin em “A expressão das emoções nos homens e nos animais”, publicado em 1872, parte da teoria evolutiva para argumentar que a manifestação das emoções humanas seria semelhante às demais espécies animais (GALERA, 2007). Assim, a etologia, ciência capaz de identificar o caráter a partir de comportamentos mínimos, com os estudos de Darwin, ganharia legitimidade e sofisticação teórica (SENNETT, 1988).

Augusto Morel, médico francês, contemporâneo de Darwin e Lombroso, argumentava que transtornos psíquicos, comportamentos inadequados, doentios e delinquentes seriam expressões de anormalidades orgânicas decorrentes da hereditariedade¹³³ (FERLA, 2009). Em 1957, publica na França seu “Tratado de degenerescências físicas, morais e intelectuais da espécie humana”, cuja repercussão decorre, em grande parte, da cientificidade de estudos sobre herança biológica contemporâneos ao lançamento de seu livro. Cabe ressaltar que nas proposições de Morel, a hereditariedade era pensada a partir das teorias de Lamarck que influenciaram a França até os primeiros anos do século XX. O tratado de degenerescência de Morel, assim como a hereditariedade dos “caracteres adquiridos”, teria influenciado Cesare Lombroso em seus estudos do atavismo e da Frenologia. Segundo Galera (2007), a teoria de Lamarck, de modo geral, influenciou o pensamento constitucional italiano, desde seus precursores.

A Medicina Constitucionalista se fez presente em todo o continente europeu e, de modo mais expressivo, desenvolveu escolas na França, Alemanha e Itália. Na Alemanha, os constitucionalistas de maior evidência foram Friedrich Wilhelm Beneke (1824-1882), Friedrich Kraus (1858 - 1936), o austríaco Friedrich von Martius (1850-1923) e articulado à psiquiatria, Ernst Kretschmer (1888 - 1964). Ao mesmo tempo em que De Giovanne, na Itália, Beneke dedicou-se ao estudo de cadáveres, procedendo a investigações em suas vísceras por meio de técnicas da Antropometria. Apesar dos estudos minuciosos, o método aplicado sobre tais corpos impossibilitava estimar seus

¹³³ Entre as proposições da Escola Positiva Italiana e a Escola Degeneracionista francesa, algumas semelhanças são identificáveis, como a manifestação no corpo de anormalidades de várias ordens – comportamental, psíquica, etc. Apesar disso, tais escolas apresentavam diferenças sensíveis. Acerca desse debate, ver Ferla (2009).

resultados em seres vivos, não sendo considerado muito relevante para a prática clínica (ALBRIZIO, 2007).

Na França, apesar de Jean-Noel Hallé (1754-1822) ser considerado o precursor dos estudos sobre morfologia humana, teria partido de Claude Sigaud (1862-1921) os estudos sistemáticos sobre a constituição. Focando o aspecto morfológico, propôs a classificação humana em quatro tipos referentes aos sistemas principais: respiratório, digestivo, muscular e cerebral. Segundo Albrizio (2007), na França, além de Sigaud, Auguste Chaillou (1866-1915) e Léon Mac-Auliffe (1876-1937) também privilegiaram a face morfológica em suas investigações, chegando a fundar, em 1925, em Paris, a *Société d'Etudes des Formes Humaines*. Nesse mesmo ano, um periódico voltado às discussões sobre os estudos morfológicos teria iniciado suas atividades (ALBRIZIO, 2007).

Apesar do interesse nos aspectos físicos da constituição, os franceses não fizeram uso sistemático da Antropometria e os aspectos inerentes à predisposição às doenças não se tornaram centrais em seus estudos. Em decorrência disso, as investigações tipológicas da escola francesa mantiveram-se em um estado pré-científico empírico¹³⁴ (ALBRIZIO, 2007).

Na Itália, De Giovanni¹³⁵ é apontado como uma das referências-chave da medicina constitucional, uma vez que inseriu a Antropometria na clínica médica não só para descrever, mas, sobretudo, diagnosticar, prever enfermidades e prescrever terapias. Segundo Albrizio (2007), houve maior número de adeptos dos estudos antropométricos na segunda metade do século XIX em função das obras de Quetlet. Contudo, na clínica médica, tais estudos ainda eram vistos com ressalva.

O método antropométrico de De Giovanni, publicado em 1879 em seu “*Prelezione*”, constituiu-se como um rigoroso sistema de medidas coletado por meio de uma série de instrumentos antropométricos construídos com base na “morfologia moderna”. As mensurações no corpo dariam subsídios para classificar os sujeitos em grandes grupos: “Tipo Ideal”; “Primeira combinação”, “Segunda Combinação”; “Terceira Combinação” (BERARDINELLI, 1942).

Para De Giovanni, haveria uma relação de dependência entre forma e função, entre morfologia e patologia. Desse modo, desequilíbrios morfológicos desencadeariam

¹³⁴ Na década de 1930, a escola francesa recebe fôlego novo incorporando em seus estudos os elementos da estatística e antropometria. Além disso, foi criada a *Société de Biotypologie* e um novo periódico, *Biotypologie*. Marcel Martiny (1897 - 1982) é considerado um dos responsáveis pela nova fase da doutrina constitucionalista na França e seus estudos deram origem a outro sistema de medidas para classificação dos tipos humanos (ALBRIZIO, 2007).

¹³⁵ Nascido em Pádua, é indicado como um dos iniciadores da escola constitucionalista italiana, teve suas obras publicadas entre 1876 a 1891 (BERARDINELLI, 1933b).

disfunções fisiológicas, causando enfermidades. A partir dessa premissa, sua intervenção terapêutica prescrevia alterar a constituição do indivíduo a fim de afastar a propensão a certas enfermidades, formando, assim, uma concepção médica preventiva¹³⁶.

O uso que De Giovanni fez da Antropometria e seus rigores métrico-matemáticos, base para a legitimidade científica de sua proposta médica, foi visto com maus olhos e recebido com algum preconceito por parte da elite intelectual da época.

Além de De Giovanni, outros tantos médicos contribuíram para a escola constitucionalística italiana, dentre eles: Giacinto Viola (1870-1943), Pietro Castellino (1864-1933), Nicola Pende e Mario Barbara¹³⁷.

Discípulo de De Giovanni, Viola permaneceu fiel à doutrina do seu mestre, introduzindo algumas modificações relativas à descrição dos tipos e dedicando atenção aos componentes funcionais na avaliação constitucional. Aperfeiçoou ainda o método antropométrico, atualizou os tratamentos estatísticos e inseriu a lei de erros de Quetlet-Gauss. Seu método quantitativo-estatístico foi considerado um dos mais precisos no processo de classificação dos tipos morfológicos (ALBRIZIO, 2007).

No período embrionário das teorias constitucionalísticas, Louis Pasteur (1822-1895) irrompe com os estudos dos micro-organismos, gerando um crescente interesse e volume de pesquisas nessa Área, o que teria contribuído, segundo Berardinelli (1942), à perda de força política e acadêmica das investigações sobre constituição.

Albrizio (2007), entretanto, sinaliza que as novas explicações pautadas na microbiologia e bacteriologia não tiraram de foco os fatores constitucionais. Ao mesmo tempo em que o debate médico atribuía aos agentes externos responsabilidade pelas enfermidades, concebia que o corpo poderia ser mais ou menos propenso às influências dos micro-organismos.

Nos anos iniciais do século XX, em diversos países, as proposições teóricas acerca da constituição humana¹³⁸ receberam novos estímulos teórico/científicos¹³⁹, como abordado anteriormente. Ao passo que as doutrinas constitucionais agregavam outros elementos, foram incorporadas por outros países.

¹³⁶ “De Giovanni admitia a mutabilidade das constituições sob a influência dos agentes mesológicos e dos fenômenos do crescimento”. (BERARDINELLI, 1942, p.43)

¹³⁷ Com exceção da escola Francesa que se ocupou de um “tipo cerebral”, as demais escolas constitucionalísticas negligenciaram a investigação morfológica do crânio (ALBRIZIO, 2007), prática bastante utilizada por Césare Lombroso e Paul Broca, eminentes personalidades da história da antropometria (GOULD, 1999).

¹³⁸ Tracy (1998) indica que nos Estados Unidos a ciência constitucional foi impulsionada entre os anos de 1920 e 1950 e, diferentemente do modo como aconteceu na Itália, não galgou envoltórios políticos, atendo-se, apenas, às relações acadêmicas.

¹³⁹ Como exemplo, as proposições de Nicola Pende, Giacinto Viola e Marcel Martiny, citados anteriormente.

No Brasil, as teorias mais influentes decorreram da Europa, sobretudo da Itália (Pende, Viola e Barbara), com influência das escolas francesa (Sigaud) e alemã (Kretschmer) (GOMES, 2011). Em específico, na Educação Física, o acesso aos documentos indicou que os procedimentos, técnicas e conceitos decorrentes da escola italiana foram aqueles que mais se fizeram presentes.

A força da ciência constitucionalística de modelo italiano provém, em grande medida, das relações políticas e acadêmicas estabelecidas por Nicola Pende no período de sistematização da Biotipologia.

Pende ofereceu sua ciência ao Estado, alegando que o conhecimento por ela constituído seria capaz de prever sobre os corpos e as mentes das pessoas, apontando os caminhos de melhorá-los e aproveitá-los no máximo de seu rendimento.

1922, ano considerado referência de emergência da Biotipologia pendeana, também foi marcado pela “Marcha sobre Roma”, evento que reuniu milhares de simpatizantes Fascistas que saíram de Nápoles com destino à capital italiana. Em decorrência desse manifesto o Partido Nacional Fascista assume o Estado, dando fim à democracia liberal na Itália e Benito Mussolini consagra-se chefe do governo ditatorial (VALLEJO, 2004).

“Para o criminologista e eugenista espanhol Mariano Ruiz Funes, a Biotipologia era, em fins dos anos 1920, um qualificado ponto de intersecção entre a doutrina positiva e o evangelho de Mussolini.” (VALLEJO, 2004, p.224). Assim, os anos que se seguiram a 1922 plasmaram uma ação conjunta entre poder estatal e Biotipologia na Itália.

Em 07 de dezembro de 1926, foi inaugurado o primeiro instituto de Biotipologia em Gênova, pelo então Ministro da Instrução Pública, Pietro Fedele. Esse acontecimento marca a relação entre o governo fascista e a intenção racial por meio da Biotipologia (VALLEJO, 2004).

Em 1931, um novo código penal, conhecido como “Código Rocco”, foi posto em vigor pelo então ministro da Justiça italiana, Alfredo Rocco. Apropriado dos estudos biotipológicos de Pende, prevê o crime e a pena a partir de diretrizes biológicas, propondo nos processos de identificação do delinquente uma cartilha fundamentada nos pressupostos constitucionais. (VALLEJO, 2004).

As relações entre política fascista e a Biotipologia de Pende tornam-se cada vez mais estreitas na década de 1930. Em função da larga divulgação publicitária do partido fascista, constitui-se a ideia de “Bonifica” – bonificação entendida como saneamento em sentido amplo. Nicola Pende, em 1933 relança suas ideias acerca da Biotipologia,

intitulando seu livro *Bonifica umana racional y biologia política*, que dedicou a Benito Mussolini. Para Pende, Mussolini era um visionário que concebia o Estado como corpo (VALLEJO, 2004).

É possível perceber que na modernidade o corpo surge como metáfora organizadora capaz de inspirar a arquitetura, a engenharia e, como visto, programas de governo. As cidades passam a ser pensadas numa lógica em que o esgoto deve ser subterrâneo, as avenidas largas e bem arejadas, a água deve ser encanada e tratada. Seria preciso liberar o fluxo de pessoas, de água e permitir a passagem de ar. No corpo, o sangue, linfa e excrementos também devem ter seus fluxos livres. O bom funcionamento dos sistemas corporais (circulatório, digestório, respiratório etc.) e nas cidades (de água, esgoto, transporte etc.) permitiria salubridade, higiene, e, assim, manifestações da saúde. (SENNET, 2003).

Benito Mussolini, ao conceber a nação como um organismo composto de células individuais organizadas a partir de leis biológicas, pensa suas políticas apoiadas em saberes científicos capazes de constituir uma Bonificação Humana racional e, por meio disso, a construção de um Estado harmônico moral e materialmente. A “Bonifica” seria capaz de aglutinar um modo italiano de pensar a Nação, serviria ainda como elemento identitário para a forja do nacionalismo (VALLEJO, 2004; MIRANDA, 2003).

Apoiado na lei biológica do “altruísmo celular”, Pende defende o bem-estar coletivo em detrimento dos interesses individuais, argumentando que o instinto egoísta de autopreservação deveria ser reprimido. Nesse sentido, estabelece importante relação entre Biotipologia e os interesses do Fascismo, uma vez que apresentava argumentos “naturais” para a “renúncia” da liberdade individual e da cessão dos “frutos” do próprio trabalho em favor da coletividade (VALLEJO, 2004; MIRANDA, 2003).

Além de fundamentar com legitimidade biológica a defesa dos interesses do Estado, seu modo de interpretar as “leis da natureza” servia para explicar desigualdades sociais. Na medida em que os sujeitos eram investigados em suas peculiaridades, a Biotipologia, por meio do conhecimento das potencialidades e limitações individuais, assegurava os locais sociais de cada ser. Assim, a Bonificação Humana torna-se um emblema e fusiona as diversas relações estabelecidas entre a política fascista e os determinismos biológicos. Em 1938, esses ideais se materializam na criação do Instituto de Bonificação Humana y Ortogenesis da Estirpe, em Roma (VALLEJO, 2004).

Apesar das intenções de controle matrimonial e orientação contraceptiva configurarem-se contrárias à tradição moral cristã italiana, a Biotipologia foi capaz de

estabelecer relações com membros da Igreja na medida em que os fundamentos “pouco humanos” do darwinismo social foram relativizados e os argumentos centrais da doutrina biodeterminista foram habilmente divulgados. Segundo Vallejo (2004), o padre Agostino Gemelli tornou-se o principal elo que ligava o regime Fascista e o Vaticano.

La Biotipología pendeana al relativizar el fundamento darwiniano de Eugenesia, que era precisamente el que enevaba a quienes aún sostenían el creacionismo, se mostro eficaz para cobijar vertientes católicas como la liderada por el Padre Agostino Gemelli, un conocido antisemita italiano y estrecho colaborador de los biotipólogos argentinos. (VALLEJO e MIRANDA, 2004, p. 434)

O sistema legal de impedimento matrimonial, posto em funcionamento nas primeiras décadas do século XX pela doutrina italiana, de certo modo teria contado com o apoio da Igreja. Em 1930, o Papa Pio XI constrói um documento eclesial no qual, ambigüamente, opõe-se a qualquer impedimento matrimonial de ordem eugênico e ao mesmo tempo aponta a importância de aconselhamentos para que não se contraíam enlaces que levariam a filhos defeituosos (MIRANDA, 2003).

Essas relações possibilitaram à Biotipologia de Pende ampliar seus prosélitos e potencializar sua força política, iluminando a nova realidade vivida na Itália após a “Marcha sobre Roma”. Segundo Vallejo (2004), Pende intencionava irradiar sua teoria internacionalmente por meio de uma rede de relações político-intelectuais, influenciando outros países. Isso se deu de forma bastante intensa na Espanha¹⁴⁰ e Argentina.

2.2 Apontamentos sobre a Biotipologia na Argentina e Brasil

A Argentina carecia de uma política idoneamente baseada na ciência capaz de assegurar privilégios às elites que estavam constantemente sendo pressionadas por uma massa popular altamente heterogênea marcada pelo processo imigratório (MIRANDA, 2003). Em fins dos anos 1920, o país sofria com os efeitos da crise internacional de 1929, manifestos na interrupção do fluxo imigratório e, como consequência, redução do

¹⁴⁰ A Biotipologia também foi adotada na Espanha franquista por um de seus representantes mais eminentes, o médico psiquiatra Antonio Vallejo Nágera (MIRANDA, 2003).

crescimento demográfico. Além disso, o país vivia um contexto de massificação urbana e um quadro preocupante de enfermidades sociais (VALLEJO, 2007).

A crise econômica teria abalado a política Argentina gerando, como tentativa de reestruturação, um alinhamento com a política Italiana. A raça torna-se o argumento que visa ao fortalecimento do nacionalismo, o disciplinamento dos corpos e a potencialização da produção. O organismo biológico torna-se a metáfora que propõe/explica diretrizes sociais e coesão racial/nacional (VALLEJO, 2007).

Desde os anos iniciais do século XX, essas questões já eram debatidas e divulgadas pela inserção dos pressupostos eugênicos naquele país, logo, destaca-se como um “terreno fértil” capaz de acolher as intenções biotipológicas (VALLEJO, 2007).

A elite dirigente, em vistas ao contexto de instabilidade política argentina de fins da década de 1920 e afeita às soluções “legítimas” propostas pelo “racismo científico”, se vê seduzida pelo modelo italiano que institucionaliza a Biotipologia com a criação do Instituto Biotipológico de Gênova, em 1926.

As relações entre Argentina e o Fascismo Italiano tornam-se mais fortes na terceira década do século XX, após o golpe militar de setembro de 1930, que conduziu ao poder o General José Félix Uriburu, sujeito altamente afeito com os ideários políticos exercidos na Itália e Alemanha (VALLEJO, 2004; VALLEJO e MIRANDA, 2004).

Em novembro de 1930, Nicola Pende aporta na Argentina convidado pelo Instituto Argentino de Cultura Italiana e pelo médico Mariano Castex, professor de Clínica Médica da Universidade de Buenos Aires (NAVARLAS, 2008). Após o curso ministrado por Pende, Octávio Lopes e Arturo Rossi encaminham-se para Itália a fim de apropriarem-se das questões de medicina social, com especial ênfase nas discussões travadas no Instituto de Pende. Cabe ressaltar que os encaminhamentos dos dois intelectuais argentinos se deram por via do governo do General Uriburu (VALLEJO, 2004; VALLEJO e MIRANDA, 2004).

A rede de relações entre Argentina e Itália estava afinada e, em função disso, intencionava-se criar um Instituto de Biotipologia aos moldes daquele proposto por Pende (VALLEJO, 2004). Em 1932, logo após Lopes e Rossi regressarem da Itália, é fundada, na Argentina, a *Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, designando Nicola Pende como seu primeiro membro honorário. Em 1934, a *Escuela Politécnica de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, encarregada de formar assistentes escolares, sociais e hospitalares, é criada sob os auspícios da *Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social* (PALMA e DI VICENZO, 2009; VALLEJO, 2004).

Em 1933, o periódico *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social* inicia sua circulação, mantendo-se ativo até 1941¹⁴¹. Em 1939, Arturo Rossi coloca-se em favor de uma reestruturação das entidades eugênicas do país. Assim, a *Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social* e a *Escuela Politécnica de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social* seriam unificadas no *Instituto Nacional de Biotipología y Medicina del Trabajo* (VALLEJO, 2004). Em 1943, a Escola de Biotipologia foi transformada em Instituto Nacional de Biotipologia e Matérias afins (VALLEJO, 2004).

Na Argentina, o programa de exclusão social segue funcionando por longo tempo, mesmo depois da Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 1948, e do Julgamento de Nuremberg (1945–1947), porém de modo menos intenso e incisivo (MIRANDA; VALLEJO, 2004)¹⁴².

No Brasil, Juvenil da Rocha Vaz é indicado como um dos responsáveis pela inserção da Biotipologia (UMA grande..., 1935; BERARDINELLI, 1942). Professor da cadeira de “Clínica Propedêutica Médica” na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre os anos 1920 e meados dos anos 1930, tornar-se-ia, em fins dos anos 1930, catedrático de Clínica Médica na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil¹⁴³.

Em 1919, Rocha Vaz, inscrito no concurso para ocupar a disciplina de “Clínica Propedêutica”, defende a tese “O estômago e o duodeno”. O debate suscitado por Vaz apropriava-se da síntese constitucionalística proposta por De Giovanni, Viola e Pende, referencial, segundo o autor, naquele momento, ainda pouco difundido no Brasil (VALLEJO, 2007; GOMES, 1949¹⁴⁴). Uma vez aprovado no referido concurso, Rocha Vaz insere-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, em 1925, então diretor da referida Faculdade, atua na elaboração de uma reforma de ensino que atingiria os níveis secundário e superior (PEREIRA, 2006)¹⁴⁵.

¹⁴¹ Sua periodicidade era quinzenal, de 1933 a 1935; Mensal de 1935 a 1938 e bimestral a partir de 1938, publicando 96 números. Dentre os nomes de destaque no processo de editoração: Arturo Rossi (diretor geral de publicação), Gonzalo Bosch (Vice-presidente) e Nicolás Lozano (Presidente). A revista estava diretamente vinculada à *Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social* e se propunha a divulgar as questões suscitadas na instituição. Por sua vez, a Associação estabelecia fortes relações com a Escola de Biotipologia fundada por Nicola Pende (NAVARLAS, 2008).

¹⁴² Destacam-se as investidas do General Carlos Bernaldo de Quirós, autor de vasta produção intelectual sobre Eugenia. Como exemplo, destaca-se: criação da *Faculdade de Eugenesia Integral y Humanismo*, que esteve em funcionamento de 1957 aos anos iniciais da década de 1980; realização da Primeira, Segunda e Terceira Jornada Eugênica, datadas, respectivamente, de 1955, 1961 e 1970 (VALLEJO e MIRANDA, 2004).

¹⁴³ Diversas foram as denominações da “Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a saber: Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (1808); Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1813); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro (1891); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1901); Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1920); Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (1937); Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965) (VELLOSO, et al. s/d).

¹⁴⁴ A referência em questão trata-se do discurso proferido por Ordival Gomes, na ocasião em que Juvenil da Rocha Vaz torna-se membro honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

¹⁴⁵ Manteve-se no cargo de diretor de 1925 a 1926.

Conhecido como “Reforma Rocha Vaz”, o projeto visava, dentre tantas modificações, à ampliação da carga horária de ensino, aumento no número de disciplinas, classificação dos candidatos e criação do número de vagas vinculado ao processo vestibular já existente, reestruturação dos órgãos que organizam o ensino superior por meio da criação do Departamento Nacional de Ensino diretamente subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios do Interior (VELLOSO, s/d.; GOMES, 1949).

Desse modo, assina o Decreto 16.782 de 13 de janeiro de 1925, instituindo a reforma que sofreria grande resistência por parte de professores e alunos. Encontrando ressonância em alguns veículos de comunicação e até mesmo no Congresso Nacional, os argumentos contrários à reforma manifestaram-se em forma de agitação pública contra o Decreto e a figura de Rocha Vaz. Passeatas, panfletagens, inscrições de revolta nos muros da Faculdade de Medicina, assim como reuniões estudantis, geraram como efeito manifestações de caráter mais violento e o embate com as forças policiais. Segundo Gomes (1949), as revoltas não ficaram circunscritas apenas ao Rio de Janeiro, eclodindo em centros estudantis de outras cidades do país.

Estudioso da Endocrinologia, Rocha Vaz teria publicado, além de uma série de artigos na revista “Constituição Endocrinologia e Metabolismo”, livros com essa temática. Em “A mulher e as glândulas de secreção interna” (s/d), o autor didaticamente constrói seus argumentos a fim de explicitar às mulheres, e a quem interessasse, os mecanismos dos corpos femininos. Utilizando-se dos conhecimentos da endocrinologia associados à Constituição, Rocha Vaz aborda os tipos morfológicos em uma clara relação com a Biotipologia italiana. Nesse sentido, forma física, glândulas, hormônios e manifestações psíquicas são relacionados, oferecendo explicações às diversas constituições femininas. Mulheres belas, feias, emotivas e ambíguas [aquelas que possuem características psicológicas e, às vezes morfológicas, masculinas], assim como, “Integrais” [adequada morfológica e psicologicamente ao seu sexo], são facilmente classificadas/explicadas pela materialidade de seus corpos.

E assim procedia Rocha Vaz, apropriado do referencial Biotipológico, oferecia explicações psíquico-endócrino-morfológicas às constituições humanas e aos modos de ser e de se portar. Em referência às obras de Horácio, poeta clássico que viveu entre 65 a 8 a.C, (MOTA, 2002), Vaz descreve seu tipo constitucional:

Horácio... é um tipo clássico de gotoso: ventre grande, pernas curtas, amoroso de Lídia e de Clóris, de Cinara e Leucono, de Galaté e de Filís, tudo a indicar hipergenitalismo: calvície precoce com canismo, a indicarem certo hipotiroidismo; friorento, irascível – índices de instabilidade neurovegetativa; dispépticos. (VAZ, citado por GOMES, 1949)

O acesso aos documentos indica que Rocha Vaz coordenou o “Gabinete Biotipológico do Serviço do Professor Rocha Vaz” (RIBEIRO; BERARDINELLI, 1935), laboratório montado por Augusto Viana de Castelo, Ministro da Justiça e Negócios Interiores do Governo Washington Luís (VALLEJO, 2007). Naquele gabinete, Vaz orienta estudos de médicos que se tornariam, na década de 1930, importantes nomes da medicina nacional e defensores do saber Biotipológico¹⁴⁶. Segundo Berardinelli (1942), em 1931, o “Serviço do professor Rocha Vaz” teria disposto do material antropométrico de Viola permitindo o encaminhamento de estudos como o de autoria de Isaac Brown “O Normotipo brasileiro” (1943), obra orientada por Berardinelli, laureada pela Sociedade de Medicina e Cirurgia em 1933 e publicada em formato de livro, em 1934 (BROWN, 1934).

No ano de 1933, Leonídio Ribeiro convida Waldemar Berardinelli, Aloysio de Paula e Manoel Roiter, assistentes do Prof. Rocha Vaz para comporem, juntamente com Arthur Ramos e João Mendonça o corpo de médicos especializados capazes de dar início aos trabalhos do recém-criado “Laboratório de Antropologia Criminal”, uma seção do “Instituto de Identificação do Rio de Janeiro” (BERARDENELLI; MENDONÇA, 1933; CUNHA, 1996).

Dois anos antes, em 1931, Baptista Luzardo¹⁴⁷, chefe da polícia do Distrito Federal, afinado às intenções de controle e regulação social que se delineava com a “Revolução de 30”, propõe uma ampla reforma em alguns órgãos estatais de coerção e contenção social. Argumentando em favor de uma polícia pautada em sofisticados preceitos técnico-científicos, a proposta de Luzardo não foi de imediato, plenamente, posta em execução. Apesar disso, em 1931, autoriza a reforma do “Gabinete de

¹⁴⁶ Dentre eles destacam-se Waldemar Berardinelli e Isaac Brown.

¹⁴⁷ Permaneceu na chefia da Polícia do Distrito Federal até 1933, quando passa a ocupar a função de deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Entre 1937 a 1945, exerceu o cargo de Embaixador do Brasil no Uruguai (ARQUIVO João Batista Luzardo, disponível em: <http://arquivoluzardo.vilabol.uol.com.br/joabaptistaluzardo.htm>, acesso em 16/07/1012).

Identificação do Rio de Janeiro”, o qual, dois anos depois, daria origem ao referido “Instituto de Identificação” (SILVA, 2003; SILVA, 2011).

A fim de executar o projeto de reforma, Luzarto convida Afrânio Peixoto que, por sua vez, indica Leonídio Ribeiro à direção da instituição (CUNHA, 1996).

De posse do cargo de diretor, Ribeiro, com intenções de ampliar o campo de ações do Gabinete e apoiado pelo Capitão João Alberto, faz emergir, em 1933, um departamento fortemente vinculado a pesquisas científicas, o “Instituto de Identificação do Rio de Janeiro” (SILVA, 2011). Ainda no cargo de chefia, Ribeiro juntamente com Filinto Müller, novo chefe maior das forças policiais do Distrito Federal¹⁴⁸, seguiu investindo esforços na atualização do instrumental técnico/científico dos mecanismos de intervenção junto aos criminosos.

Vinculado ao Instituto de Identificação e fruto da expansão dos serviços prestados foi criado o já referido “Laboratório de Antropologia Criminal”, também denominado por Berardinelli e Mendonça (1933) como “Laboratório de Biotipologia e Antropologia Criminal”. Três meses após sua inauguração, o trabalho conjunto de Waldemar Berardinelli e João Mendonça, incentivado por Leonídio Ribeiro, fez constituir a obra “Biotipologia Criminal” (BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933). Segundo os autores, o livro em questão seria o “primeiro fruto, primeiro dado concreto” das investidas de Ribeiro e da construção do novo laboratório (BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933, p.20).

As pesquisas e os trabalhos vinculados ao Instituto Médico Legal e ao Gabinete de Identificação (posteriormente, ao Instituto de Identificação) já vinham sendo divulgados por meio do periódico “Arquivos de Medicina Legal e de Identificação do Rio de Janeiro”, cuja editoração ficava a cargo de Leonídio Ribeiro. A revista que manteve sua circulação entre 1931 e 1940, constituiu-se como importante instrumento de divulgação de pesquisas, conferências, cursos e trabalhos sobre a criminologia vinculada às referidas instituições (SILVA, 2011).

Ao longo de nove anos de publicação, Ribeiro constituiu-se como autor mais frequente, totalizando 81 publicações. Além do editor da revista, outras referências nacionais e internacionais são destacadas por Silva (2011), dentre eles: Benigno Di Tullio¹⁴⁹, Renato Kehl, Júlio Porto-Carrero e Waldemar Berardinelli.

¹⁴⁸ Em 1933, Filinto Müller assume o cargo de Chefe da Polícia do Distrito Federal que até então era ocupado por Baptista Luzardo. Em ocasião do I Congresso Nacional de Identificação, ocorrido em 1934, no Rio de Janeiro, Müller foi personalidade homenageada (CUNHA, 1996).

¹⁴⁹ Docente da Universidade de Roma (BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933).

Em 1933, mesmo ano de criação do “Laboratório de Antropologia Criminal”, Leonídio Ribeiro e Waldemar Berardinelli conquistam, como dito, o Prêmio Lombroso, tendo, meses depois, seus nomes destacados nas páginas da Revista de Educação Física (Exército) – documento que inicia o debate desse capítulo.

No interior da Educação Física, ações orientadas pela Biotipologia são narradas por Áureo Moraes (1941) numa possível história das práticas médicas-esportivas na Escola de Educação Física do Exército. O Centro Militar de Educação Física, designado, a partir de 1933, como Escola de Educação Física do Exército é apontado como primeira instituição a promover ensino da Biotipologia, muito vinculado ao pioneiro curso de “Medicina Especializada” no Brasil¹⁵⁰.

Pelas vias da Medicina, a Biotipologia teria se inserido no Centro Militar de Educação Física no ano de 1931, por meio do militar Agnelo Ubirajara da Rocha, responsável pelos serviços do Gabinete de Fisiologia (MORAES, 1941).

Em 1929, Ubirajara da Rocha, em coautoria de Arnauld Bretas, apresentou a “these” “Contribuição ao estudo dos Psychogrammas” na seção de Antropologia do I Congresso Brasileiro de Eugenia, texto que se propõe discutir, dentro da psicologia prática, os processos de seleção e orientação profissional. Apresentados como “médicos da aviação militar”, o texto descreve a testagem feita com 200 indivíduos entre os anos de 1928 e 1929.

A intenção de Rocha e Bretas era traçar a fisionomia psíquica dos candidatos a piloto, para tanto, aplicaram testes de visão, audição, percepção sinestésica, fadigabilidade, memória, atenção, tempo de reação, dentre outros. A partir desses elementos traçaram o perfil dos candidatos, classificando-os em uma proposta de psicologia individual.

Ao longo de todo o texto, apesar da menção a Francis Galton e Quetlet e Gaus, Rocha e Bretas evidenciam apenas autores próprios da Psicologia como Freud, Rudd, Catell. Nomes clássicos das doutrinas constitucionais como Sigaud, Violla, Pende, Beneke, dentre outros, não foram citados. Entretanto, o texto percorre os mesmos caminhos propostos pelas escolas constitucionais: avaliação, classificação em perfis/hierarquização e orientação prática. Além disso, nas últimas linhas de seu texto é possível perceber:

¹⁵⁰ A primeira turma teria se matriculado ainda em 1929, concluindo seu curso no primeiro semestre de 1930. Histórico Escolar – Curso de Medicina Especializada, anos 1929 e 1930. Acervo da Seção Técnica de Ensino da Escola de Educação Física do Exército. Ficha de cadastro dos alunos do Curso de Medicina Especializada, ano 1929. Acervo da Seção Técnica de Ensino da Escola de Educação Física do Exército.

As características das diferentes acções psychicas individuais são estudadas, tendo em vista o typo constitucional, que é devidamente dentro do rigoroso parallelismo psycho-physiológico. (ROCHA; BRETAS, 1929, p.222)

Em outro trecho, indica:

O estabelecimento destas directrizes, em psychotechnica, fundamentadas em rigorosa doutrina biológica, constitue uma contribuição substancial ao estudo da psychologia individual. (ROCHA; BRETAS, 1929, p.223)

Apesar do texto de Rocha e Bretas não trazer elementos explícitos acerca do suporte teórico das doutrinas constitucionais, o modo como propõe a psicologia prática e o interesse na psicologia individual revelam semelhanças a escolas tipológicas.

Agnelo Ubirajara da Rocha ficou como responsável pelos serviços do Gabinete de Fisiologia do Centro Militar de Educação Física até o segundo semestre de 1931, quando Augusto Sette Ramalho, médico especializado pelo Centro Militar de Educação Física, é designado a tais funções¹⁵¹.

O acesso aos documentos indica que o médico militar Agnelo da Rocha não teria frequentado o curso de especialização oferecido pelo Centro Militar de Educação Física, assim como não assina artigos ao longo das edições da Revista de Educação Física (Exército) e Educação Physica. Sobre esse militar não foram encontrados outros vestígios que não menções ao seu nome e função junto ao registro de alterações de Augusto Sette Ramalho.

Entretanto, o debate sobre a Biotipologia que teria iniciado por ele, como nos sugere Moraes (1941; 1937), ganhou voz e se fez ver nos anos que se seguem. Augusto Sette Ramalho, seu substituto é apontado como o sujeito que teria potencializado o debate biotipológico ainda incipiente no interior da Educação Física. Assim, em julho 1932, logo no terceiro número da Revista de Educação Física (Exército), Ramalho

¹⁵¹ Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1931, página referente ao 1º Tenente Augusto Sette Ramalho. Os documentos acessados para esta tese, intitulados “Livro de Registros de Alterações”, constituem-se pelo registro de todas as mudanças e transferências sofridas pelos militares. Tal mecanismo de registro é anual e cada militar possui um espaço específico onde são registradas suas respectivas alterações.

publica seu primeiro artigo no periódico: “O Gabinete Biométrico na Educação Física moderna”, cujo conteúdo traz à baila as inserções da Biotipologia nos procedimentos do referido Gabinete.

Desse número em diante, os periódicos da Educação Física tornam-se espaços privilegiados de registro do debate biotipológico, publicando grande número de artigos sobre essa temática. Além disso, indicam relações políticas, institucionais e acadêmicas, visibilizando na articulação com anais de eventos, atas de reuniões, livros e capítulos a constituição de um “Dispositivo Biotipológico” e alguns de seus efeitos.

2.3 Componentes e Conectores do “Dispositivo Biotipológico”

No interior da Educação Física emergente nos primeiros anos da década de 1930, o saber biotipológico era apresentado segundo seus precursores, destacando as especificidades das escolas constitucionalísticas, estabelecendo seus pressupostos Biométricos/Hereditários e suas diretrizes práticas. Além disso, a Biotipologia constituía-se como ciência médica capaz de estabelecer estreitas relações com o “plano de objeto determinado” da Educação Física, elemento perceptível no pronunciamento de Floriano Stoffel:

Os conhecimentos modernos sobre a constituição individual, subsídios brilhantes da escola de Viola e Pende, impuseram novas diretrizes aos diversos ramos da medicina e, sem dúvida, não foi o do controle médico de educação física o menos aquinhado de noções precisas nessa fase de renovação e conquistas. (STOFFEL, 1936, p.09)

Para esse médico, a racionalidade e a cientificidade da prática prescrita pelos instrutores e monitores de Educação Física residiam na adequação da modalidade e intensidade de exercício ao tipo constitucional de cada educando. Nessa mesma perspectiva, Araújo (1944, p.09), apoiado nos estudos de Berardinelli, aponta que:

São diferentes os tipos de exercícios indicados nos dois sexos e nas diversas idades. Mas dentro do mesmo sexo e da mesma idade é preciso atender às diversidades de

constituição: um longilíneo astênico, por exemplo, não pode, não deve e não precisa realizar os mesmos exercícios que um brevilíneo estênico.

A fim de operar o devido ajuste entre prática física e tipo constitucional seria fundamental à organização de turmas homogêneas que, segundo Artur Ramos¹⁵² (1941), deveria ser estabelecida pelo critério caracterológico em seu tríplice aspecto – morfológico, temperamental e psicológico. A organização das turmas feita pelo “antropologista” dotaria as práticas de exercitação física de elementos precisos e legítimos, diferentemente do modo arbitrário que considera apenas os critérios de idade e sexo. Em comum acordo, Stoffel (1936) evidencia ainda que o grupamento homogêneo deveria operar a partir dos pressupostos biotipológicos advindos da escola italiana.

Para esse médico, na Educação Física primeiro se deveria proceder a uma avaliação do indivíduo e classificá-lo para então dar início às exercitações físicas, cujos efeitos deveriam ser periodicamente acompanhados (STOFFEL, 1936). A Biotipologia, com seus saberes, contribuiria ainda para o desenvolvimento esportivo, uma vez que seria dotada de métodos capazes de identificar o tipo constitucional ideal para cada esporte. Escudero¹⁵³ (1934) ressalta que a escolha de tais práticas não deveria seguir ao simples interesse do candidato e reafirma sua orientação por meio dos estudos do biotipo.

Desse modo, mensurações e exames levariam à classificação do indivíduo, “identificando suas deficiências, mostrando a natureza de exercícios que precisam ser mais acentuados e, até mesmo, as qualidades exploráveis, sob o ponto de vista atlético [...]” (RAMALHO, 1934, p.33).

Em comum acordo, João Lotufo também destaca a necessidade de um exame clínico prévio a fim de fornecer dados para a construção de um programa de treinamento. Com foco nas práticas da natação, aponta que:

A classificação morfo-fisiológica do nadador, [...] vai contribuir para a determinação da prova ou provas em que, com mais possibilidades, o indivíduo poderá colher melhores resultados. (LOTUFO, 1942, p.30)

¹⁵² Como dito, Arthur Ramos Leonídio Ribeiro, Waldemar Berardinelli, Aloysio de Paula, João Mendonça e Manoel Roiter formaram o grupo de médicos que se dedicaram às pesquisas junto ao “Laboratório de Antropologia Criminal” do “Instituto de Identificação do Rio de Janeiro” (BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933; CUNHA, 1996). Ramos foi ainda professor da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, fundou e presidiu a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (RIBEIRO, 2008).

¹⁵³ Professor de Clínica Médica na Universidade de Buenos Aires e diretor do Instituto Municipal de Nutrição. Segundo informações no próprio artigo, o texto teria sido traduzido por Waldemar Berardinelli (ESCUDERO, 1934).

Airton Salgueiro (1938), Instrutor da Escola de Educação Física do Exército, argumenta que alguns tipos humanos não estariam dotados de certas condições físicas requeridas por determinadas práticas, assim, por exemplo, os “musculosos” não seriam bons “velocistas”. Para o arremesso de peso, o tipo indicado seria aquele dotado de altura acima de 1,73 e peso acima de 70 quilos, constituindo, assim, uma prova esportiva “compatível aos braquítipos e mixotipos, nas condições de peso e altura citados acima” (SALGUEIRO, 1938, p. 32).

Ao longo da publicação das edições dos periódicos Educação Physica e Revista de Educação Física (Exército), uma série de outros textos reforçam a relação entre Biotipologia e esporte. A saber: “Que esporte escolher?” (GRASSO, 1939); “Estudo morfológico dos atletas: Aplicação da forma ao desporto” (1940); “Os arremessos e os tipos indicados” (1940); “Estudo do biotipo em face aos arremessos” (FREITAS, 1938), dentre outros.

As especificidades do saber biotipológico, ao permitirem relações diretas com as práticas de movimento humano, oferecem subsídios teórico/práticos às diretrizes da Educação Física. Desse modo, ao propor examinar, testar e mensurar os sujeitos, a Biotipologia os classifica e, ao garantir o máximo de rendimento de seus corpos, fornece elementos à estrutura e funcionamento das práticas físicas escolares, assim como orientação às manifestações esportivas.

Nas adjacências dos vínculos estabelecidos entre Biotipologia e Educação Física foram possíveis algumas conexões com grupos de intelectuais, instituições, movimentos políticos, Áreas de saber, etc. Tais articulações foram possibilitadas pela ingerência da Biotipologia ou potencializadas por ela. Assim, na tentativa de evidenciar a mecânica constituída nas mediações dessas relações, o texto segue descrevendo determinados componentes e conectores.

A intenção é mostrar algumas peças e articulações que permitiram à Biotipologia constituir/constituir-se como um dispositivo no interior da Educação Física.

A narrativa que apresento neste capítulo foi direcionada pelo conceito de “dispositivo” proposto por Foucault (1979; 2007; 2010). Assim, após identificar as passagens nas quais a Educação Física e Biotipologia se inter cruzam nos documentos produzidos pela Área, os agrupo e descrevo. Além dos documentos produzidos pela Educação Física, uma série de dados, tais como anais de eventos, livros e capítulos foram cuidadosamente acessados. A produção acadêmica de biotipologistas apontados como referência naquele momento serviu como baliza para as leituras dos documentos produzidos pela Educação Física. Como resultado, encadeio os argumentos descrevendo “componentes” e “conectores” que intencionam visibilizar o funcionamento e os efeitos do “Dispositivo Biotipológico” e sua inserção no processo de constituição disciplinar da Educação Física.

Segundo Foucault (1979), o entendimento de dispositivo¹⁵⁴ situa-se em:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (p.244)

O nexos entre cada um destes componentes heterogêneos seria estabelecido justamente por isso que se denomina dispositivo e na medida em que tais articulações são constituídas uma ampla rede vai sendo tecida. Ao passo em que este dispositivo vai se conformando é possível identificar três grandes eixos que o fundamentam: a produção de saber; as formas pelas quais é possível determinar as relações e disposições estratégicas entre seus elementos; a produção de sujeitos. (MARCELLO, 2003). Assim, uma vez constituído e posto em funcionamento, o dispositivo produz... Nos estudos de Marcello (2003), o dispositivo da maternidade permitiu a produção de uma “experiência materna”, no caso do dispositivo de aprisionamento sinalizado por Foucault (1979), constituiu-se “um meio delinqüente”. Acerca da especificidade deste texto, o dispositivo biotipológico produz “Biotipos”; ou seja, a articulação e funcionamento da mecânica biotipológica teceu uma rede de causalidades dos (bio)tipos humanos no interior da Educação Física – (bio)tipos para a Escola e (bio)tipos para o esporte.

À respeito das práticas de exercitação destinadas à escola foram construídas hierarquias a partir de parâmetros estatísticos capazes de localizar o sujeito, por exemplo, dentre os aptos, poupados e aqueles destinados a atividades moderadas. Para a prática esportiva foram estabelecidas referências constitucionais identificadas como aptidões “naturais” para determinados esportes.

A fim de evidenciar o funcionamento do dispositivo biotipológico, sua mecânica foi descrita por meio de seus “conectores” e “componentes”, cujo entendimento situa-se em estreita relação aos processos descritos por Foucault (2007; 2010b; 1979) acerca dos dispositivos da sexualidade e dispositivo panóptico, quando se dedica a apontar as suas “peças” e inter-relações. Nesse sentido, o que se chama de “componente”, neste estudo, seria um correlato às peças dos dispositivos foucaultianos.

¹⁵⁴ Inicialmente, Foucault desenvolve as noções de Dispositivo a partir de suas obras “História da Sexualidade: A vontade

“Componentes” e “conectores” podem ser concebidos, tanto como mecanismos que permitem a operacionalização do dispositivo, quanto seus efeitos, constituindo assim um movimento imbricado e interdependente. Apesar de marcado por termos que sugestionam o funcionamento de uma mecânica, o dispositivo deve ser entendido como uma estrutura sutil capaz de ajustar-se e reajustar-se. Deste modo, os dispositivos possuem um caráter transitório e plástico, guardando uma capacidade adaptação sensível tanto aos efeitos produzidos por ele, quanto aos sistemas de apoio que permitiram sua emergência.

2.3.1 Conectores – Articulações Institucionais e possibilidade de vínculos com outras Áreas de saber

A Biotipologia Orthogenetica, como sciencia medico-politica, deseja abarcar múltiplos sectores da actividade moderna, entre os quaes estão a alimentação, o desporto, os trabalhadores braçaes e intelectuais, os soldados etc. (BERARDINELLI, 1942, p.23)

A Biotipologia, enquanto “ciência da constituição, temperamento e caracter”, propunha compreender o sujeito, considerando seu patrimônio hereditário, sua constituição neuroquímica, seu aspecto morfológico e psíquico. Com isso, o modo como foi sistematizada permitia estabelecer relações com a Psicologia, Pedagogia, Medicina, Direito e Criminologia, dentre outras.

Inserida no debate acadêmico da Educação Física, a Biotipologia potencializa/ permite conexões com outras Áreas de saber. Assim, possíveis relações com a Higiene são sinalizadas por Waldemar Berardinelli em seu artigo “Prisão de Ventre” (1941), no qual estabelece relação causal do referido problema ao tipo constitucional e à falta de exercitação física.

No que diz respeito aos estudos sobre a alimentação, Pedro Escudero (1934) aborda pesquisas relativas aos exercícios físicos, cujos resultados apontam ora para adoção de dietas vegetarianas, ora para dietas cárneas. Descrevendo detidamente seus procedimentos metodológicos, Escudero sinaliza a relação entre tipos constitucionais, práticas de exercitação física e Nutrição.

Floriano Stoffel, em março de 1933, publica na Revista de Educação Física

(Exército) “Educação: De como pode a medicina moderna influir para a melhoria da sociedade”. Após apresentar os pressupostos da Biotipologia e seus autores de referência, Stoffel ressalta que o conhecimento das doutrinas constitucionalistas, além de subsidiar ações do fazer médico, permitiria, com base no conhecimento individual do ser, orientar convenientemente os processos pedagógicos. Assim, ressalta a importância dos estudos da psique, evidenciando vínculos com a Psicanálise. Ao lado de referências como Porto-Carrero¹⁵⁵ e Freud, menciona Maranon, De Giovanni, Viola, Pende e Barbara, estabelecendo vínculos entre os componentes psíquicos e morfológicos:

A alma não é algo estranho ao nosso corpo que trazemos junto de nós como se fosse um guarda chuva. Castigar um rapaz é preconceito de campoinhos como pendurar na porta de casa uma ferradura. A alma, se existe, está nas glândulas de secreção interna. (STOFFEL, 1933, s/p.)

Assim como Floriano Stoffel, Arthur Ramos e Araud S. Bretas, em seus trabalhos apresentados ao VII Congresso Nacional de Educação, argumentam em favor da relação entre Educação, Educação Física e Psicologia, mediada pelas escolas constitucionalistas. Ao abordarem os diálogos entre as Áreas, ressaltam a importância do conhecimento psíquico nos momentos de constituição de classes homogêneas e evidenciam que as práticas prescritas devem estar adequadas à personalidade do educando. Em conclusão ao seu texto, Arthur Ramos (1936, p.37) assim se pronuncia:

Do ponto de vista psicológico, o critério a ser adotado não deve ser puramente funcionalista e unilateral. A Educação Física não cuidará apenas das funções psíquicas isoladas, mas do modo do comportamento global da personalidade.

Em 1941, Raul Clemente do Rego Barros, chefe do gabinete de psicologia experimental da Escola de Educação Física do Exército¹⁵⁶, publica: “Considerações sobre o ensino da psicologia aplicada à Educação Física”.

de saber” e “Vigiar e Punir”, onde descreve, respectivamente, os dispositivos da sexualidade e panóptico. Segundo Castro (2009), Foucault aborda ainda os dispositivos carcerários, dispositivo de saber, dispositivo de poder, dispositivo de aliança, dispositivo de subjetividade, dentre outros.

No texto em questão, Barros demarca a Biotipologia como referencial de base aos estudos em Psicologia desenvolvidos na escola situada na Fortaleza de São João, afirmando que somente a partir do conhecimento de “todas as ectípias físicas e espirituais” dos indivíduos e dos grupos sociais é que se poderia “orientar cientificamente qualquer problema de ordem educacional ou social” (BARROS, 1941, p.24).

Peregrino Jr., em seu texto “O papel da Educação Física na formação do Homem moderno” (1942), aponta três fases da Educação Física: 1- anatômica; 2 – fisiológica; 3 – psicológica e, a respeito dessa última, constrói parte de seus argumentos, dizendo que a Educação Física, tão logo tenha iniciado sua “fase psicológica”, orientaria e disciplinaria seus educandos com fins ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das “qualidades espirituais”. Apoiado na “moderna orientação da biologia” e em Luís Berman, intelectual que teria investigado os determinantes endócrinos da personalidade, afirma que o ser humano é um organismo cuja face física e psíquica se interpõem, sendo improdutivo o estudo destes aspectos em separado.

Em sua obra “Biotipologia aplicada à Educação” (1940), Peregrino Jr. investiga a relação entre aspectos morfológicos de escolares e tendências comportamentais, a fim de estabelecer perfis de aptidão e comportamento capazes de auxiliar os processos pedagógicos.

No texto “Crianças Nervosas” (1940), de Nicolau Ciancio, o conteúdo ressalta que para o conveniente exame da “criança nervosa”, além de considerar o ambiente onde está inserida, deve-se:

[...] olhar bem para a mímica da mesma, o seu modo de andar, os gestos, a forma do esqueleto em geral e especialmente a do crânio, tendo em vista o raquitismo e, enfim, notar todas os caracteres constitucionais de Kretschmer, os tipos de Sigaud (isto é, tipo muscular, cerebral, respiratório e digestivo); o hábito de Stilller. (CIANCIO, 1940, p.28)

Hélio Vecchio Maurício (1941b), também apoiado nas doutrinas constitucionalistas, evidencia a relação estabelecida por Kretschmer entre tipos físicos e psique. Para tanto, utiliza como exemplo, personalidades das artes, filosofia e cinema. Assim, sinaliza que os Esquizotímicos seriam indivíduos afetados por sentimentos de grandes alegrias e grandes tristezas, variáveis, tendendo ora a posturas arredias ora à sociabilidade. Dentre os representantes dessa classificação, destacam-se: Nietzsche, Dante,

Descartes, Machado de Assis e Velasques. Os Ciclotímicos seriam indivíduos equilibrados, alegres e expansivos. Como exemplos, destacam-se Goya, Rembrant, Isadora Duncan, Napoleão Bonaparte, Sancho Pança, Candido Portinari e Vila-Lobos (MAURÍCIO, 1941b).

Conexões entre Educação Física e outras Áreas de saber poderiam ter sido estabelecidas fora dos registros acessados nesta investigação. Vínculos poderiam ter se constituído a partir de intervenções práticas, a exemplo da inserção da Educação Física na “Casa de Correção”, onde Waldemar Berardinelli e João Mendonça executavam suas investigações sobre o crime, sinalizando, além de articulações institucionais, possíveis vínculos com a criminologia.

Por volta de 1933, quando Waldemar Berardinelli era conferencista de Biotipologia da Escola de Educação Física do Exército, desenvolvia estudos acerca da delinquência vinculados ao Instituto de Identificação do Rio de Janeiro. Naquele ano, o Capitão Inácio Rolim, vinculado à Escola do Exército, teria estabelecido relação entre as instituições, sendo reverenciado por Berardinelli e Mendonça (1933, p. 123):

O Capitão Inácio Rolim, denamico diretor técnico dessa admirável instituição que é o Centro Militar de Educação Física, iniciou, recentemente uma humanitária obra na nossa Casa de Correção – um curso de educação física para os detentos.

Em decorrência do VII Congresso Nacional de Educação, uma apresentação de Educação Física é executada por um grupo de “detentos” atendidos pela relação entre Escola de Educação Física do Exército e “Casa de Correção”, visibilizando possibilidades e inserção prática da Educação Física em favor do “bem-social”. Naquela ocasião e acerca daquela apresentação, o Capitão Ignácio de Freitas Rolim teria proferido algumas palavras (NA CASA de Correção, 1935).

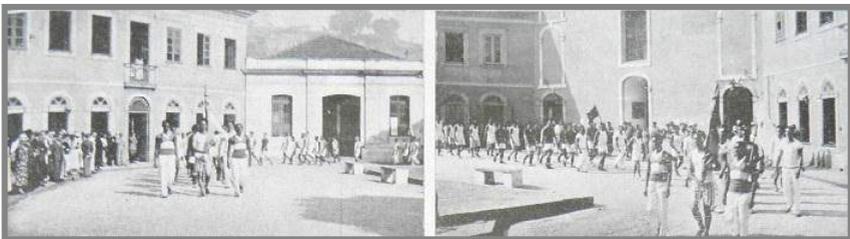


Imagem 6: Correccionais em apresentação ao VII Congr. Nacional de Educação.

Fonte: Na Casa de Correção, 1935, p.19.

Os conhecimentos da Biotipologia e Biometria permitiram ainda a inserção de Sette Ramalho junto às reuniões da Secção de Educação Physica e Hygiene da Associação Brasileira de Educação. Acerca das representações gráficas elaboradas por Ramalho para o perfil biotipológico de Barbara, profere uma comunicação junto à Academia Nacional de Medicina que, segundo Moraes (1941), teria logrado boa receptividade entre os presentes (MORAES, 1941).

Ao longo das edições de Educação Physica foram publicados alguns artigos originários da revista *Viva Cien Años* cujo tema centrava-se na Biotipologia (NARDI, 1938; PERRUSI, 1937), o que poderia indicar possível vínculo com o periódico argentino. Entretanto, apesar de evidenciar o debate referente à melhoria hereditária da população e com isso uma tendência eugênica (BORINSKY, 2005), o escopo de *Viva Cien Años* debatia questões de higiene e saúde de modo mais amplo, assim, outros textos dela decorrentes poderiam ter sido publicados nos periódicos da Educação Física. Desse modo, sobre essa relação não é possível indicar que seria mediada/potencializada pela Biotipologia.

Cabe ressaltar que além das conexões mencionadas, a Educação Física recebeu a inserção política e acadêmica de importantes profissionais da Área médica dentre os quais, Peregrino Jr., Floriano Stoffel, Arthur Ramos, sujeitos vinculados a diversas instituições¹⁵⁷ e círculos intelectuais que suscitam outras possíveis articulações.

A Biotipologia, por meio de seu saber legítimo e sua possível ingerência sobre diversos campos disciplinares, potencializou/permitiu conexões da Educação Física com Áreas de conhecimento como Higiene, Nutrição, Pedagogia e Psicologia, além de vínculos institucionais. Investida das teorias constitucionalísticas, a Educação Física granjeava, assim como oferecia apoio acadêmico e político às instituições e aos campos de saber a ela vinculados, elementos importantes para uma disciplina que se intencionava estabelecer como tal.

¹⁵⁵ Segundo Reis (1994) e Rosa (2005), é considerado um dos precursores da psicanálise no Brasil.

¹⁵⁶ O gabinete de psicologia experimental será discutido no “Componente 3 – Arquitetura e Estética”. Segundo o texto “A orientação da Educação Physica no instituto La-Fayette” (1937), tal instituição teria em suas dependências um gabinete congênere.

¹⁵⁷ Peregrino Jr. esteve vinculado à Faculdade Fluminense de Medicina e à Faculdade Nacional de Medicina; Floriano Stoffel tomou-se livre docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Arthur Ramos vinculou-se ao grupo de pesquisas do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, estabelecendo relações com importantes intelectuais que iriam defender os processos de miscigenação e cultura negra. Tais elementos serão descritos com maiores detalhes no item “Componente 1”.

2.3.2 Componente I – Núcleo de produção e divulgação da Biotipologia

2.3.2.1 A Biotipologia nos periódicos da Educação Física

Ao longo das edições dos periódicos *Educação Physica* e *Revista de Educação Física (Exército)*, o debate sobre a Biotipologia se colocou acompanhando a produção intelectual de médicos expoentes das “ciências constitucionalistas” no Brasil. Nesse sentido, em 1941, Áureo Moraes menciona o trabalho de Álvaro Ferraz e Andrade de Lima Jr., “A Morfologia do Homem do Nordeste”, publicado em 1939. Em abril de 1934, o periódico do Exército publica “Normotipo Brasileiro”, texto que intencionava divulgar a obra homônima de autoria de Isaac Brown, publicada no mesmo ano. Em setembro de 1938, a *Revista de Educação Física (Exército)* publica uma nota intitulada “Biotipologia do Professor Berardinelli”, na qual anuncia a publicação e autoria da obra “Biotipologia”.

O texto ainda indica o recebimento de um exemplar da obra que teria sido encaminhado, como presente dos próprios editores, à Biblioteca da Escola de Educação do Exército e ressalta a importância do livro cujo conteúdo seria debatido na cadeira de Biometria e Bioestatística dos cursos de formação da referida escola (BIOTIPOLOGIA, 1938).

Ao longo das edições dos periódicos, importantes nomes da Biotipologia são referenciados inúmeras vezes, dentre eles, Juvenil da Rocha Vaz, Nicola Pende, Krechtmer, Claude Sigaud, Mário Barbara e Giacinto Viola, além de Berardinelli, Leonídio Ribeiro, Álvaro Ferraz e Isaac Brown.

Em meio a destacadas personalidades, os periódicos da Educação Física contam a história da Biotipologia e evidenciam seus pressupostos e referências de modo sincrônico à produção intelectual sobre Biotipologia no Brasil naquele momento.

Os periódicos colocaram a Biotipologia em debate por meio de aproximadamente cem textos publicados entre 1932 aos primeiros anos da década de 1940. Apesar de apresentarem semelhança quanto ao volume de artigos, cerca de 50 editados por cada revista, *Educação Physica* e *Revista de Educação Física (Exército)* comportam-se de maneiras diferentes¹⁵⁸.

¹⁵⁸ O periódico do Exército computa maior número de autores militares escrevendo sobre Biotipologia, do mesmo modo, o periódico civil publica maior número de textos sobre as ciências constitucionalistas assinados por civis. Cabe ressaltar, entretanto, que importantes nomes como Waldemar Berardinelli, Áureo Moraes, Floriano Stoffel e Sette Ramalho possuem textos publicados nos dois periódicos, porém não em número equânime.

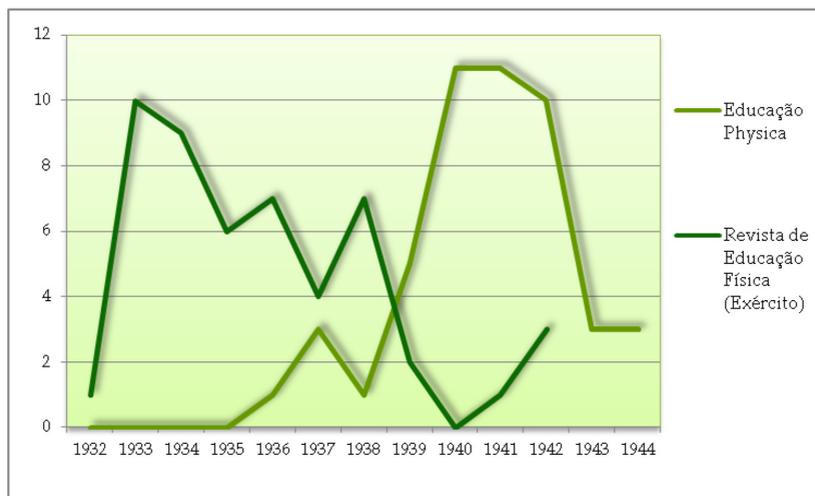


Gráfico: Relação anual de publicações sobre Biotipologia nos periódicos da Ed. Física.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Enquanto o periódico do Exército atinge seu pico de publicações nos seus primeiros anos de existência, a revista *Educação Physica* teve como período mais produtivo os anos de 1940, 1941 e 1942. Dentre os vários fatores que poderiam ter influenciado tais diferenças no fluxo de publicações, destacam-se alguns elementos.

Entre os anos de 1932 a 1936, nota-se uma tímida produção tematizando a Biotipologia na revista *Educação Physica*, o que pode ser sintomático de um início de editoração marcado pela periodicidade inconstante. No ano de 1932, apenas dois números foram publicados; 1933 e 1934, apenas uma edição por ano; em 1935, não houve circulação da revista, voltando a ser editada em 1936 com três números. Nesse ano, inicia-se o debate sobre Biotipologia com o artigo: “A ficha Biométrica nos corpos da tropa¹⁵⁹”.

A fase profícua para a Biotipologia nesse periódico inicia-se em 1939, com seu ápice nos anos de 1940 a 1942, período que coincide com a data em que Hollanda Loyola assume como seu editor e diretor.

Além de reconhecido intelectual na Área da Educação Física¹⁶⁰, Loyola fez parte da Ação Integralista Brasileira (AIB), atuando como Mestre de Campo da Milícia no Distrito Federal (RJ); diretor da “Escola Technica de Instrutores de Educação Física

¹⁵⁹ Sem indicação de autoria, compõe a edição de dezembro de 1936. Tal artigo já teria sido publicado no periódico do Exército em outubro de 1936 (A FICHA... 1936a).

¹⁶⁰ Dentre as funções por ele desempenhadas, foi inspetor de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, presidente do Departamento de Educação Física Superior da Associação Brasileira de Educação Física e diretor do Departamento de Educação Física da Universidade da Capital Federal (SIMÕES; GOELLNER, 2012).

Integralista”, além de ter assinado diversos textos publicados nos jornais do movimento.

Inspirada no fascismo italiano, a AIB constituiu-se como organização política emergente na década de 1930. Segundo Simões e Goellner (2012, p.263), pode ser considerado o “primeiro movimento político de massas do país”, somando, em 1937, mais de um milhão de membros.

O discurso integralista se propagou de modo surpreendente e angariou adeptos em diferentes classes sociais, o que possibilitou que a AIB criasse escolas, fundasse ambulatórios e lactários; elegeisse vereadores, prefeitos e deputados integralistas, atuando nos meios políticos como partido; que elaborasse, através de seus militantes, inúmeras obras doutrinárias; que criasse cursos de Enfermagem, Puericultura, Educação Física, entre outros; que promovesse inúmeras reuniões doutrinárias, passeatas, congressos, seminários e eventos que tornaram públicos sua popularidade e alcance doutrinário¹⁶¹. (SIMÕES; GOELLNER, 2012, p.264)

Para a AIB o esporte era considerado instância privilegiada para a forja de “soldados integrais”, uma vez que era capaz de promover a “educação moral, intelectual e física”. Desse modo, estimulou os processos de normatização e divulgação das práticas físicas e esportivas. Além disso, o movimento concebia a categoria raça como aglutinador de diversos discursos, dentre eles higienista, biológico/racial, identitário e nacionalista (SIMÕES; GOELLNER, 2012).

Além dos textos sobre Biotipologia, os anos de 1940, 1941 e 1942 também marcam o maior volume de publicações que tematizam de algum modo a Eugenia na revista Educação Physica. Se é possível inferir que o processo de editoração do periódico talvez estivesse interessado em promover o debate sobre raça, hereditariedade, melhoria da espécie e tipos constitucionais, é importante ressaltar que nesse período a referida revista editava doze números por ano¹⁶².

¹⁶¹ Em 1937, com a instauração do Estado Novo, todos os partidos políticos foram extintos e com eles a AIB. Nesse sentido o integralismo passa a operar com outra denominação, Associação Brasileira de Cultura (ABC), transformando-se em uma entidade civil. Em 1938, pelas forças repressoras da ditadura, seus líderes foram exilados e a ABC eliminada (SIMÕES; GOELLNER, 2012).

¹⁶² Em 1938 e 1943 foram 11 edições anuais, entre 1939 a 1942 foram 12 edições por ano.

Acerca da Revista de Educação Física (Exército), sua periodicidade é marcada pela inconstância ao longo de todo período compreendido entre 1932 a 1942, baliza temporal que compreende o acesso à referida revista para esta investigação.

Em 1932, apesar de terem sido editados apenas dois números, a Biotipologia já se inseria no artigo “O Gabinete Biométrico na Educação Física Moderna”, de autoria de Sette Ramalho. O ano com maior número de textos publicados foi de 1933, também marcado por grande número de revistas editadas, totalizando nove. Curiosamente, em 1934, apesar de ter editado apenas cinco números, foram publicados nove artigos relacionados à Biotipologia, indicando intenso interesse nas doutrinas constitucionalísticas.

É justamente nos anos de 1933 e 1934 que Waldemar Berardinelli atua como conferencista de Biotipologia na Escola de Educação Física do Exército. Apesar de não ter publicado artigos no referido periódico naquele momento, atuou incentivando o estudo, a produção e a divulgação dos fundamentos e pressupostos da Biotipologia naquele espaço.

Em 1935, o periódico do Exército já sinaliza redução do fluxo de publicações que tematizava a Biotipologia com pequeno aumento de artigos no ano de 1936 e subsequente redução em 1937. Além da referida inconstância na periodicidade da revista que, em 1940, não editou sequer um número¹⁶³, é possível destacar que, em 1937, Augusto Sette Ramalho, um dos autores com maior número de publicações sobre a temática teria se afastado da Escola de Educação Física do Exército e de suas funções junto ao Gabinete de Biometria, com posterior licença para tratamento de saúde ao longo de todo ano de 1938, o que poderia ter impactado diretamente na sua produção pessoal e no debate sobre Biotipologia no periódico do Exército.

Em 1940, Ramalho teria servido em Ponta Grossa, mantendo-se mais um tempo afastado da escola da Fortaleza de São João¹⁶⁴. Nesse período, teria assinado dois artigos em 1938, dois em 1939, um em 1941 e em 1937, nenhum texto.

Os autores que mais textos somaram nos dois periódicos foram Sette Ramalho (19), Waldemar Berardinelli (5); Floriano Stoffel (4) e Arthur Ramos (4). Com exceção de Ramalho, os demais autores que se destacam em número de publicações sobre o assunto não apresentam volume expressivo de textos. Isso sinaliza que o debate sobre

¹⁶³ Em 1937, foram editados 4 números, em 1838, 7; 1939, 4; 1940, 0; 1941, 3; 1942, 5. Sua edição cessa em 1942 e retoma, como dito, em 1947.

¹⁶⁴ Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1937, 1938 e 1940. Página referente ao Capitão Augusto Sette Ramalho.

Biotipologia não se centralizava apenas nesses intelectuais. Do número total de textos publicados que tematizam ou utilizam elementos da Biotipologia em seu conteúdo foi possível identificar 35 autores envolvidos nesse debate.

Cabe ressaltar que o acesso aos textos indica ainda a apropriação que esses sujeitos tiveram da Biotipologia, o que resulta, de modo geral, em artigos coerentes aos pressupostos teóricos da “ciência constitucionalista”. Além da discussão coerente e descentralizada, o número considerável de autores possibilitou ainda o debate sobre diferentes elementos da Educação Física à luz da Biotipologia. Como exemplos, Newton Oliveira Reis (1938) utiliza instrumentos da Biotipologia para comentar o método ginástico de Niekl Buck; Nicolau Ciancio (1940) escreve sobre o temperamento infantil; Hélio Vecchio Maurício (1941b) interpreta o cinema e as artes a partir das teorias constitucionais e, em (1941a), debate, com base no mesmo referencial, as formas femininas; Berardinelli (1941a; 1941b) apresenta possíveis causas da prisão de ventre; Airton Salgueiro de Freitas (1938) tematiza a relação entre tipos constitucionais e as práticas dos arremessos; nesse mesmo sentido, há textos que abordam o salto em altura (BOLETIM... 1942); o ciclismo (BELETTI, 1942); corridas de meio fundo (LAMARTINE, 1942); o arremesso de disco (CRUZ, 1942); além desses, destacam-se ainda os debates sobre fichas biométricas e grupamento homogêneo.

Como espaço de debate acadêmico, os periódicos visibilizam possíveis articulações com importantes nomes da Biotipologia. Pedro Escudero, catedrático de Clínica Médica na Universidade de Buenos Aires e diretor do Instituto Municipal de Nutrição, tem seu texto traduzido por Waldemar Berardinelli e publicado na Revista de Educação Física (Exército), em abril de 1934.

Em seu artigo, argumenta que o esporte deve estar adequado ao tipo constitucional de cada sujeito e que uma vez estabelecida a prática indicada ao biótipo, cabe a orientação do “gênero de vida” e tipo de alimentação (ESCUADERO, 1934).

Do mesmo modo, Esteban Beletti, Kinesiólogo universitário - chefe do Serviço do Hospital Naval de Porto Belgrano, Argentina, argumenta:

A Biotipologia demonstrou, sem deixar lugar a dúvidas, que nem todos são aptos a praticar um determinado esporte e, ensina com kinesiologia (ciência do movimento) a selecionar os tipos que possam obter benefícios para a saúde com a prática higiênica de esportes saudáveis. (BELETTI, 1942, p.50)

Outro argentino relacionado entre os autores de origem estrangeira é Leonardo Perrusi, cujo artigo “A que tipo humano pertence?” foi publicado em setembro de 1937, pela revista Educação Física¹⁶⁵. Segundo o autor, os tipos constitucionais e glandulares indicariam predisposição a determinadas enfermidades, assim como sua resistência.

Leonardo Perrusi é referenciado por Berardinelli (1942) como biotipologista argentino cujos estudos tematizam a endocrinologia e suas relações com a Educação Física. Já a revista Educação Física o apresenta como estudioso da influência do sistema endócrino sobre os elementos do índice VARF.

Segundo Berardinelli (1942), tal sigla teria sido constituída pelas iniciais das valências físicas: velocidade, habilidade (tradução de *adress*), resistência e força. De autoria atribuída ao francês Bellin Du Coteau, o índice VARF teria sido bastante utilizado por Thooris e Nicola Pende (BERARDINELLI, 1942).

Cabe ressaltar que Bellin Du Coteau também consta entre os autores internacionais que discutem a Biotipologia nas revistas de Educação Física¹⁶⁶. Autor do texto “Nem sempre são de origem raquítica os desvios vertebrais”, publicado em outubro de 1940, Coteau contraria as explicações clássicas para o raquitismo, argumentando que boa parte dos desvios posturais é decorrente de determinantes raciais e constitucionais, logo obedeceria à dinâmica hereditária. Em seu artigo há ainda a presença de curiosa imagem representando tipos constitucionais, acompanhada da seguinte afirmação:

Os tipos criados pela natureza e pela hereditariedade não devem ser confundidos com os de ordem raquítica. Tipos bases são os brevilineos e os longilineos.” (COTEAU, 1940, p.19)

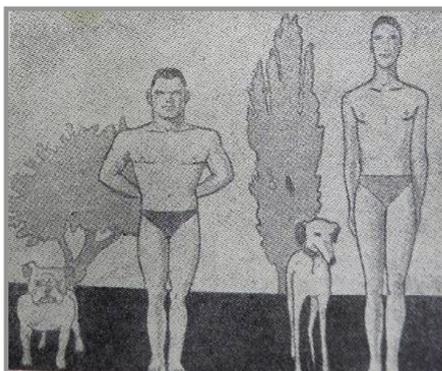


Imagem 7: Tipos constitucionais
Fonte: Coteau, 1940, p. 19.

¹⁶⁵ Outro texto de sua autoria, intitulado “Donde provém a força muscular?” foi publicado no mesmo periódico em julho de 1937.

¹⁶⁶ Coteau publica outro texto na revista Educação Física intitulado “Como e quando começar a educação física”, porém sem explorar as questões da Biotipologia.

Ugo Cassinis, Major Médico, diretor do laboratório de Biologia e Knesiologia Aplicada da Direção Geral de Saúde Militar de Roma, assina o artigo “O serviço Militar e o índice Constitucional em Biologia e Patologia”, argumentando que os estudos biotipológicos junto ao exército italiano permitiram indicar a capacidade funcional, física e psíquica dos indivíduos¹⁶⁷.

Antonio Menotti Nardi é apresentado pela revista *Educación Physica* como autor da revista *Viva Cien Años* e membro do Instituto Biotipológico Orthogenético da Universidade de Roma, dirigida por N. Pende. Além dessas informações, o periódico ainda se pronuncia:

O Dr. Antonio Menotti Nardi (...) vem effectuando profundos estudos sobre o individuo na idade evolutiva, desde o nascimento até aos 22 annos, tanto sob o aspecto somatico como psychico, afim de estabelecer quaes medidas geneticas, opotherapicas, physicas, dietheticas e pedagogicas deverão adaptar-se a beneficio do desenvolvimento do ser humano¹⁶⁸.

Autor do artigo “A ciência do homem perfeito: Biotypologia¹⁶⁹”, Nardi ressalta o importante papel desempenhado pela higiene na prevenção das doenças e ressalta a necessidade de cuidado do “terreno individual e das condições e factores capazes do seu melhoramento” (NARDI, 1938, p.23).

A respeito da Biotipologia, argumenta que sua função maior seria profilática, sendo, portanto, a “sciencia dos symptomas da saúde”. Dentre as suas possibilidades de intervenção, ressalta a nutrição, os esportes, as atividades intelectuais e braçais, uma vez que investigando integralmente o ser seria capaz de identificar predisposições e aptidões (NARDI, 1938, p.23). Nesse sentido, pronuncia-se afirmando que a Biotipologia seria o:

¹⁶⁷ As referências presentes no próprio artigo indicam sua publicação anterior no *Giornale di Medicina militare* em fevereiro de 1931. Ugo Cassinis é referenciado por Berardinelli em sua obra “Tratado de Biotypologia e Pathologia Constitucional” (1942).

¹⁶⁸ O fragmento transcrito refere-se a uma inserção textual no artigo de Antônio Menotti Nardi, entretanto, sem constar título e indicação de autoria, mantém-se a referência Nardi (1938, p. 23).

¹⁶⁹ Em Vallejo 2004, encontra-se a reprodução da capa da revista *Viva Cien Años* datada de abril de 1938. Ao centro, em destaque a imagem de homem, jovem e belo. Abaixo as inscrições “La sciencia del hombre pefeito: Biotipologia”, mesmo título do texto de Nardi na revista *Educación Physica*.

[...] preceito moderno e racional da selecção e orientação científica do individuo, no que diz respeito ao trabalho manual e intelectual, e da prophylaxia dos estados pré-morbidos do individuo, particularmente no período evolutivo da vida; [...] (NARDI, 1938, p.26)

Além dos argumentos sustentados por Antonio Menotti Nardi, o texto apresenta ainda imagens do Instituto Biotypologico Orthogenetico da Universidade de Roma, evidenciando suas instalações e a “Pirâmide do Biotipo Humano” materializada em um monumento.

Em junho de 1939, o texto “Biotipologia e Atletismo” de autoria atribuída a Nicola Pende é publicado na revista Educação Physica. Apresentado como membro integrante “do Instituto de Biotipologia de Gênova”, Pende, nesse momento, já seria conhecido pelo público leitor das revistas Educação Physica e Educação Física (Exército), afinal, seu nome e seus feitos teriam sido mencionados em diversos artigos anteriores¹⁷⁰.

Na parte inicial do texto, nas exatas primeiras linhas, Pende reforça as relações entre “Biotipologia e Atletismo”, ao afirmar que:

Nada evidencia tanto os estudos da biologia humana constitucionalista, nas quais ocupa a Itália, uma posição de destaque, como o estudo do atleta [...] (PENDE, 1939, p.33)

Ao referir-se à constituição dos sujeitos dedicados à prática do atletismo, ressalta a existência dos “atletas de raça” e dos “feitos de ocasião”. A distinção entre tais indivíduos deveria considerar a hereditariedade, a conformação dos membros, predisposições e aptidões, facilmente evidenciadas por um biotipólogo (PENDE, 1939).

Contrariando as considerações do médico psiquiatra Kretchmer, uma das grandes referências da escola constitucionalística alemã, e do morfologista francês, Mac Auliffe, Pende aponta a “ignorância” em relacionar o volume muscular à predisposição ao esporte e argumenta evidenciando resultados expressivos nas provas atléticas alcançados por “Longilíneos e Brevilíneos estênicos”. Além da constituição muscular, deveriam

¹⁷⁰ Dentre eles, destacam-se: Stofel (1936); Berardinelli (1936; 1939); Nardi (1938); O Esporte Fascista... (1935); Ramalho (1933; 1932).

ser consideradas as “qualidades fisiológicas” e condições dos aparelhos “circulatório”, “nervoso central” e “neuro-endócrino”, na identificação do tipo atlético¹⁷¹ (PENDE, 1939).

Em sequência, Nicola Pende destaca as especificidades da modalidade esportiva como fator preponderante na avaliação prévia e orientação ao candidato às práticas esportivas, destacando que a classificação dos tipos atléticos mais simples e universalmente aceita seria aquela que distingue os corpos em longilíneos, brevílíneos e normolíneos. Entretanto, além de identificar as proporções gerais, seriam necessários os valores de peso e altura, afinal “Não tem por consequência, o mesmo valor um atleta longilíneo de alta estatura e um outro de baixa estatura.” (PENDE, 1939, p.34).

Como importante nome da Endocrinologia que evidenciou a face dinâmico-humoral como elo dos aspectos morfológicos e psicológicos do sujeito (PENDE, 1937), considera ainda que:

[...] o organismo dos brevílíneos está mais disposto aos exercícios que requerem força e resistência que não é somente muscular, mas é sobretudo tenacidade da vontade e resistência nervosa, duas qualidades bem pronunciadas nos brevílíneos, nos quaes, como já foi demonstrado têm frequência as funções das glândulas endócrinas, como a curteza suprarrenal e a pituitária, além do sistema nervoso parassimpático que favorece a acumulação de substâncias energéticas, tanto na célula muscular como na célula nervosa motora e permitem também ao músculo e ao cérebro, gastar mais lentamente os materiais energéticos e por conseguinte resistir mais largo tempo no esforço motor. (PENDE, 1939, p.34)

Fazendo referências constantes a Thooris, “conselheiro científico da Federação Francesa de Atletismo¹⁷²” (BERARDINELLI, 1942), Pende aproximava-se do debate

¹⁷¹ Nicola Pende teria construído uma longa ficha biotípica destinada ao exame e identificação dos tipos esportistas. Em 1942, tal instrumento foi publicado na obra “Biotipologia e Patologia Constitucional” de autoria de Waldemar Berardinelli.

¹⁷² Chefe do Laboratório de Morphologia, Antropotecnica e Endocrinologia do Instituto Profilático. Autor das obras: *La Medicine Morphologique* (1937) e *La Morphologie de Napoléon* (1927) (THOORIS, 1951).

acadêmico acerca da Biotipologia e Educação Física. Em seu único texto publicado na revista *Educação Phisica*, apresenta densidade acadêmica, vínculos estreitos com as práticas de exercitação física e, sobretudo, visibiliza o debate sobre Biotipologia assim como “qualifica” o periódico que publica seu texto.

As revistas de Educação Física ao publicarem aproximadamente cem artigos relativos à Biotipologia, o fazem apresentando seus pressupostos e fundamentos, indicando apropriação teórica coerente ao debate biotipológico suscitado fora dos limites da Área. Ao longo de suas edições visibilizaram o debate por meio da autoria de importantes intelectuais brasileiros e internacionais e, ao proceder desse modo, constituíram-se como importantes espaços de discussão, potencializando o debate, evidenciando as doutrinas constitucionalistas e suas personalidades, assim como solicitou a elas próprias *status* e legitimidade de periódico acadêmico qualificado.

2.3.2.2 Médicos afeitos à Biotipologia e à Educação Física

Alguns médicos contribuíram sobremaneira ao debate sobre Biotipologia na Educação Física. Dentre eles é possível destacar aqueles que se vincularam em algum momento de seu percurso acadêmico/profissional à Área, como Floriano Stoffel, Sette Ramalho, Waldemar Berardinelli e Peregrino Jr., dentre outros, assim como Arthur Ramos, cujo envolvimento mais distanciado estabeleceu-se a partir de alguns textos e uma conferência no VII Congresso Brasileiro de Educação.

Longe de uma pretensa homogeneidade no modo como concebiam a relação entre Educação Física e Biotipologia, tais médicos são representativos pelo volume de publicações, impacto no debate acadêmico e, de modos distintos, incitam a discussão ora louvando as doutrinas constitucionalísticas, ora indicando seus pontos falhos.

2.3.2.2.1 Waldemar Berardinelli

Waldemar Berardinelli nasceu em Jacareí – SP, em 27 de junho de 1903 e faleceu em 26 de janeiro de 1956, no Rio de Janeiro¹⁷³. Importante nome da medicina brasileira

¹⁷³ Waldemar Berardinelli, falecido aos 52 anos, deixou sua esposa Marília da Rocha Vaz Berardinelli, cuja composição nominal indica proximidade familiar ao médico Juvenil da Rocha Vaz (BERARDINELLI, 1942; 1933a). Ao professor Rocha Vaz, Berardinelli dedica suas obras: *Casos Clínicos Comentados* (1933b), *Tratado de Biotipologia e Patologia Constitucional* (1942) e *Noções de Biotipologia* (1933a).

desenvolveu estudos acerca do Metabolismo, Endocrinologia, Criminologia, Biotipologia, dentre outras especialidades médicas¹⁷⁴ (BERARDINELLI, 1938).

Como dito, foi assistente do professor Rocha Vaz em seu Gabinete de Biotipologia e integrou o grupo de pesquisas do Laboratório de Anthropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro (CUNHA, 1996, SILVA, 2003).

Atuou como livre-docente na cadeira de Clínica Propedêutica Médica e Clínica Médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, anos após, tornou-se catedrático interino de Clínica Propedêutica Médica na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Lecionou Endocrinologia e Pathologia Constitucional na Faculdade de Ciências Médicas e, na Faculdade Fluminense de Medicina, teria sido catedrático interino de Clínica Neurológica. (BERARDINELLI, 1938).

Além de ter recebido o Prêmio Lombroso em 1933, Berardinelli foi laureado, em 1931, pela Academia Nacional de Medicina com os prêmios “Alvarenga”, “Azevedo Sodré” e “Doutorandos 1900” (UMA grande..., 1935; BERARDINELLI, 1933; 1938).

Sua relação com Biotipologia foi profícua, dando origem a livros, artigos, conferências e cursos. Dentre algumas de suas inserções destacam-se: Membro titular da *Societé de Biotypologie de Paris*; Membro honorário correspondente da *Asociación de Biotypologia, Eugenesia y Medicina Social*, de Buenos Aires; Colaborador efetivo dos *Analles de Biotypologia, Eugenesia y Medicina Social*, também da capital argentina¹⁷⁵; Estagiário na Clínica Médica da Real Universidade de Genova (Serviços dos professores Nicola Pende e Mário Bárbara); Estagiário no Instituto Biotypologico Ortogenico de Genova e, por fim, estagiou no laboratório Biotypologico do Prof. H. Laugier (Paris) (BERARDINELLI, 1938).

Em 1933, ministrou o curso de Biotipologia na Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais de Recife. Anos mais tarde, por volta de 1938, foi convidado pelo ministro de Saúde Pública do Uruguai, professor da Faculdade de Medicina de Montevideu, Mussio Fournier, a ministrar o curso de Biotipologia no Instituto de Endocrinologia (BERARDINELLI, 1938).

Entre fins de 1934 e início de 1935, foi ainda conferencista do curso de extensão organizado pelo Dr. Helion Póvoa, cuja temática discutia a “Caracterologia”. A convite de Afrânio Peixoto, Leonídio Ribeiro e Bulhões Pedreira, Berardinelli foi conferencista

¹⁷⁴ Em 1954, Waldemar Berardinelli identifica e relata a Lipodistrofia Generalizada Congênita, popularmente conhecida como Síndrome de Berardinelli (FARIA, 2009).

¹⁷⁵ Segundo Vallejo (2007), Berardinelli encaminha-se em 1937 a Buenos Aires a fim de contatar as ações pautadas na biotipologia, desenvolvidas e implementadas na capital argentina.

do curso de extensão sobre Criminologia, em 1932. Proferiu ainda, em 1938, uma conferência na *Asociación de Biotipología, Eugenésia y Medicina Social*, em Buenos Aires (BERARDINELLI, 1938).

Entre conferências, cursos, palestras e aulas, Waldemar Berardinelli produziu pesquisa, escreveu artigos e publicou livros. Sua relação com o saber médico e com a Biotipologia, em específico, rendeu-lhe uma ampla rede de relações políticas e acadêmicas. Como foi possível perceber, Berardinelli transitou por diversos países, relacionou-se com importantes intelectuais do Brasil e do exterior, chegando a ter sua obra “Biotipologia” traduzida para o japonês:

Há poucos meses o autor recebeu do medico japonex Dr. Shizno Hosoe [...] uma carta de que dizia o seguinte: Devo informar-vos de que traduzi um capítulo da penúltima edição (da obra Biotipologia) [...] – tendo o professor Aragaki levado ao Japão para publicação numa revista médica [...] (BERARDINELLI, 1938, p.13)

O texto editado pela revista “Mundo Médico do Japão” teria estimulado o professor Monteki a produzir uma fala sobre “a aplicação da Biotipologia à cirurgia” a ser apresentada no próximo congresso japonês de cirurgia. Feita a publicação inicial de apenas uma parte do livro, Shizno Hosoe teria se dedicado a traduzir a última edição da obra, intencionando publicá-la nas revistas “Dojinkai” de São Paulo e “Mundo Médico do Japão”, de Tokio (BERARDINELLI, 1938).

Acerca de sua obra “Noções de Biotipologia”, Berardinelli agrega à segunda edição, datada de 1933, comentários de autoria de diversos intelectuais¹⁷⁶, dentre os quais são evidenciados Nicola Pende e Mário Bárbara que, respectivamente, assim se pronunciam:

Ninguém melhor do que você se apropriou dos fundamentos metodológicos e doutrinários desta ciência, a qual eu e minha escola estamos dedicando, agora, toda a nossa atividade para poder em um par de anos publicar

¹⁷⁶ A saber: Miguel Couto, Afrânio Peixoto, Austregésilo, Victor Delfino, João Ribeiro, Hélon Póvoa, Peregrino Júnior, José Paulo de Azevedo Sodré, Aló Guimarães, Cecília Meirelles, Aloysio de Paula, Fioravanti di Piero, Paulo Pinheiro Chagas, Thalino Botelho, Theophilo de Almeida, Vianna Junior, Ibrahim Carone, Pierre Michailowsky, Cyro de Alencar, Pires Rebello, dentre outros (BERARDINELLI, 1933a).

um grande e completo tratado. Espero vê-lo uma vez na Itália e receber-te em minha clínica. (PENDE, citado por BERARDINELLI, 1933a, p.11 - tradução livre)

Não tenho palavras para expressar toda a minha admiração por todas as contribuições interessantes feitas para a doutrina da constituição. Admiro este livro que resume de maneira muito clara toda a doutrina. Livro, o qual, não tem outro igual na Itália e que verei com muito prazer traduzido para nossa língua. (BÁRBARA citado por BERARDINELLI, 1933a, p.11 - tradução livre)

Apropriado das minúcias referenciais da Biotipologia e em seu processo de aplicabilidade das proposições constitucionalísticas junto ao Instituto de Identificação do Rio de Janeiro e do Serviço do professor Rocha Vaz, Berardinelli modifica a classificação dos tipos constitucionais proposta por Bárbara, agregando outros elementos a fim de atingir 100% da população.

Mário Bárbara, discípulo de Giacinto Viola, já havia operado alterações no modo de distribuição dos tipos proposto por seu mestre, cujo sistema apresentava a desvantagem de nomear a maior parte dos sujeitos “examinados” como “tipos mistos”. As modificações propostas por Bárbara tornaram a classificação de Viola mais “analítica” permitindo individualizar maior grupo de sujeitos (BERARDINELLI, 1942; RAMALHO, 1938a).

A partir das proposições de Bárbara, Berardinelli altera sua terminologia contemplando aspectos anteriormente propostos por Viola e, em decorrência disso, permite “incluir os tipos de Bárbara na lei geral da distribuição binomial” (1942, p.134).

O modelo de classificação “Bárbara-Berardinelli” teria subsidiado a produção acadêmica de Álvaro Ferraz e Andrade de Lima Jr. “A morfologia do homem do nordeste” (1939), considerada por Berardinelli a obra mais completa acerca da aplicação dos pressupostos biotipológicos em território brasileiro.

Além de divulgador da Biotipologia, Berardinelli insere-se no debate da “ciência constitucionalística”, revisitando seus pressupostos e alterando seus mecanismos. Além dos já citados “Tratado de Biotipologia” (1942), “Noções de Biotipologia” (1933a), “Casos Clínicos Comentados” (1933b) e “Biotipologia Criminal” (1933), Berardinelli

publicou ainda: Biotipologia (1936 – 3ª edição)¹⁷⁷, “Clínica Médica” (composto por 4 séries, publicados entre 1933 a 1937), “As diferenças individuais e sua importância em semiologia” (1929), dentre outros. Alguns de seus textos foram traduzidos para outros idiomas, dentre os quais: Biotipologia, como dito, traduzido para o japonês; partes do mesmo livro teriam sido reproduzidas nos *Anales de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, de Buenos Aires; constam ainda textos publicados em italiano, francês e outros tantos em espanhol (BERARDINELLI, 1938).

A produção intelectual de Berardinelli, além de fornecer os subsídios conceituais básicos, discute diversas temáticas à luz da ciência constitucionálica. Dentre elas: “raça”, “crescimento e desenvolvimento humano”, “constituição feminina”, “prática cirúrgica”, “pele”, “odontologia”, “alimentação”, “orientação profissional”, “pedagogia”, “vida militar”, “crime”, “sexualidade”, “doenças infecciosas”, “câncer”, “sistema digestivo” e “Educação Física” (BERARDINELLI, 1933a, 1938, 1942).

Em suas obras “Noções de Biotipologia” (1933a) e “Tratado de Biotipologia e Patologia Constitucional” (1942), constrói capítulos destinados especialmente para discutir as práticas de movimento¹⁷⁸. Respectivamente, tais capítulos foram intitulados: “Esporte e Constituição” e “Educação Física e Constituição”. Nesses textos, Berardinelli defende o aspecto morfológico como capaz de inferir sobre a predisposição esportiva, entretanto, ressalta não ser o único, evidenciando os aspectos psicológicos e dinâmico-humorais. Mesmo admitindo a “tendência natural” que leva o sujeito à prática de um esporte condizente com seu tipo físico, em algumas ocasiões isso poderia não se efetivar, gerando redução de rendimento e, às vezes, prejuízos à saúde (BERARDINELLI, 1933a; 1942).

Na obra de 1942, Berardinelli menciona Pende, Viola e Thooris, dentre outros, evidenciando pesquisas no campo dos esportes balizadas pela Biotipologia. Desse modo, apresenta os estudos de Kohlrausch, pesquisador que se dedicou a investigar os tipos constitucionais de 515 atletas alemães que disputaram campeonatos diversos no ano de 1922. Como resultado, identificou que, em média, os indivíduos que apresentam aptidões para o nado e futebol (chamados por Berardinelli, poliatletas), possuem constituições normotípicas, ao passo que modalidades que exigem alto grau de

¹⁷⁷ O grifo nas datas das referências indica que tais obras não foram acessadas para a confecção deste texto. Os títulos das obras e suas respectivas datas de publicação estão contidos em Berardinelli (1938; 1942).

¹⁷⁸ No capítulo 37, intitulado “Os normotipos brasileiros” apresenta ainda uma “tabela de medidas normais brasileiras”, “Condensadas para uso dos clínicos, pediatras, endócrino-metabologistas, diretores de Educação Física, etc.” (BERARDINELLI, 1942, p.621).

especificidade do gesto motor indicam tipos constitucionais distintos. Como exemplo, os lutadores em geral são picnicos, apresentando, em média, sobrepeso, largura e profundidade desenvolvidos. No caso dos corredores de meio fundo e fundo, assim como esquiadores, apresentam membros alongados (BERARDINELLI, 1942).

Segundo Berardinelli (1942), em setembro de 1934, em Chamonix, reuniu-se um grupo de intelectuais em decorrência do “Congresso Internacional de Medicina do Esporte”¹⁷⁹. Naquela ocasião, Viola e Benedetti teriam apresentado uma proposta de “ficha antropométrica individual esportiva”, cujos pontos básicos, tais como, precisão das medidas, instrumental necessário, modelo de ficha etc., são descritos por Berardinelli. Ainda discutindo modelos de ficha biométrica para a Educação Física, o autor apresenta o modelo proposto por Pende e suas exigências.

Em sequência, debate a relação entre sistema endócrino e as práticas de exercitação, indicando diversos pesquisadores que se detiveram a tal relação. Aborda a “terapêutica endócrina pelos esportes”, evidencia a influência de determinadas práticas físicas em específicas glândulas; a ação dos hormônios no desempenho da velocidade, resistência, habilidade e força e o estímulo hormonal no mecanismo neuromuscular.

Por fim, Berardinelli conclui seu texto discorrendo sobre a “Menstruação e a Educação Física” e a “Educação Física da Mulher”. Naturalmente distinto, o corpo feminino ao apresentar algumas peculiaridades necessitaria de indicações práticas condizentes ao seu sexo. Os esportes, sobretudo os de rendimento poderiam causar alterações na constituição feminina, tais como: diminuição da circunferência da bacia, quando comparadas a mulheres não atletas; influência sobre o funcionamento dos ovários, manifesta em distúrbios menstruais, dentre outros.

Berardinelli ressalta ainda que determinadas práticas físicas não deveriam ser indicadas às mulheres, sobretudo àquelas que demandam agressividade e violência, uma vez que prejudicariam as funções renais, circulatórias, assim como poderiam “produzir perturbações na esfera genital”. As práticas físicas deveriam ser leves ou moderadas, dando preferência à exercitação da porção inferior do corpo, assim como movimentos que despertem a graça, beleza e sensualidade próprias das mulheres. Neste sentido, as danças, especialmente aquelas que coordenam movimentos grácies, ora lentos, ora ritmados são recomendadas com entusiasmo. Além de despertar a beleza e feminilidade, as danças eram concebidas como importante fator profilático sexual:

¹⁷⁹ Arturo Rossi apresenta essa mesma discussão em seu “Tratado de Biotipologia y Orthogenesis, publicado em 1944.

Acresce que a dança, ato de grande significação sexual, representa um grande derivativo para a libido, sendo pois um bom elemento de profilaxia das nevroses. [...]. E Balzac recomenda a dança no capítulo que se poderia chamar profilaxia do adultério [...] (BERARDINELLI, 1942, p. 535)

Ainda sobre a Educação Física feminina, Berardinelli assinou o texto: “As formas femininas e a Educação Física: a moda social e a moda biológica”, publicado na Revista de Educação Física (Exército) em 1936 e editado em 1939 e 1940, pela revista Educação Physica. Partindo das diferenças “naturais” entre homens e mulheres, o autor discute uma suposta tendência para a “masculinização” das mulheres. Para o “Professor de Endocrinologia da Faculdade de Ciências Médicas”, as características masculinas decorreriam do funcionamento glândular que por sua vez estaria modificando a psique e a morfologia feminina.

A mulher moderna procura, com os artificios da indumentária, acentuar a tendência masculina, porque biologicamente, morfologicamente, psicologicamente, ela está tomando essa orientação. Trabalhando como homem, intoxicando-se como homem (fumo, álcool), tendo emoções semelhantes às do homem, praticando o *birth-control*, a mulher atrofia suas funções ovarianas, modifica sua fisiologia diferencial sexual, tendendo a distinguir-se menos. (BERARDINELLI, 1936, p.37)

De modo semelhante à discussão publicada no capítulo “A Constituição e a Educação Física”, parte integrante da obra “Tratado de Biotipologia” (1942), Berardinelli apresenta as funções hormonais da tireoide, responsável pela característica delgada da parte superior do corpo feminino e dos ovários, cujo bom funcionamento “alarga a metade inferior”.

Apesar de Waldemar Berardinelli ter apenas dois textos de sua autoria e uma tradução¹⁸⁰ publicados nos periódicos da Educação Física, o impacto de suas produções

¹⁸⁰ “Alimentação do desportista”, de autoria de Pedro Escudero, texto publicado nos números 15, 16 e 17 da Revista de Educação Física (Exército).

manifesta-se em reiteradas referências a seu nome no debate sobre Biotipologia de autores vinculados à Educação Física¹⁸¹. Além disso, como mencionado, sua obra acadêmica é acompanhada de perto pelos periódicos da Área.

2.3.2.2.2 Augusto Sette Ramalho

Em 1930 no 1º trimestre janeiro – fevereiro. A 8 apresentou-se por ter sido designado para matricular-se no Centro de Educação Física, ficando addido ao grupo até ulterior deliberação. A 12, foi mandado assistir as aulas do curso de especialização até segunda deliberação. A 22 fez-se entrega ao Sr. Diretor Técnico de uma ficha anthropométrica remetida pela 2ª R.M. [...] A 28 (de junho) foi desligado do número de alunos por conclusão do curso.¹⁸²

Segundo os documentos oriundos da Escola de Educação Física do Exército, desse modo, Augusto Sette Ramalho teria adentrado as dependências do Centro Militar de Educação Física dando início a uma relação profícua que geraria intenso debate acadêmico e difusão dos conhecimentos da Biometria e Biotipologia.

Sem referências sobre seus vínculos e ocupações anteriores, Augusto Sette Ramalho frequentou as aulas do Curso de Especialização destinado aos médicos, concluindo as disciplinas de “Pedagogia”, “Instrução Física Militar”, “Anthropometria e Biometria”, “Anatomia”, “Desportos Individuais”, “Fisiologia” e “História¹⁸³”. Juntamente com Adolfo Sodré de Castro e Edgard Alvarenga, compôs, em 1930, a segunda turma de Médicos Especialistas formados pelo Centro Militar de Educação Física. Em setembro do mesmo ano, é designado pelo Ministro da Guerra para o cargo de instrutor com exercício no Centro Militar, desempenhando tais funções até o ano de 1937.

No segundo semestre de 1931, é designado a compor uma comissão que avaliaria a aparelhagem necessária ao complemento do “Gabinete de Fisiologia”, assumindo,

¹⁸¹ A ciência... (1934); Barros (1941); Moraes (1937; 1941); O Esporte fascista... (1935); Ramalho (1933d; 1938); Stoffel (1933); Araujo (1944), dentre outros.

¹⁸² Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1930. Página referente ao 1º Tenente Augusto Sette Ramalho.

¹⁸³ Histórico da vida escolar do aluno Augusto Sette Ramalho, 1930 – Escola de Educação Física do Exército.

nesse mesmo período as funções do referido departamento. As referências sobre o “Gabinete de Fisiologia” encontram-se circunscritas ao ano de 1931 (MORAES, 1941)¹⁸⁴ e um outro setor passa ser referenciado a partir do ano de 1932. Neste sentido, Sette Ramalho (1933c) sugere que o gabinete de fisiologia possa ter sofrido alterações na denominação, dando origem ao Gabinete de Biometria.

A produção acadêmica de Augusto Sette Ramalho nas revistas de Educação Física, inicia-se em 1932, publicando, como dito, 19 artigos correlatos à Biotipologia, até o ano de 1940. Deste total, 17 textos foram editados no periódico do Exército e dois na revista Educação Physica.

Seu texto inaugural “O Gabinete Biométrico na Educação Física Moderna”, publicado no primeiro ano de funcionamento da revista do Exército, inicia também o debate sobre Biotipologia nos periódicos da Área. O texto em questão decorre de uma conferência proferida pelo então instrutor do Centro Militar de Educação Física aos oficiais da E.E.M. Em seu pronunciamento, Ramalho apresenta o Gabinete Biométrico, suas finalidades, as práticas a ele circunscritas, assim como, o instrumental que lhe é necessário. Ao encerrar seu texto, o autor sinaliza a existência de um curso que, provavelmente, teria iniciado nos primeiros meses de 1932, cujas práticas docentes vinculavam-se, em alguma medida, a aquele gabinete.

Já em seu primeiro texto Ramalho dá pistas de apropriação teórico/prática acerca da Biotipologia, citando seus autores básicos como De Giovanni, Viola e Pende. Além disso, aponta nas imediações dos primeiros anos de funcionamento do Centro Militar de Educação Física e logo no terceiro número do periódico do exército que a recém-criada escola mobilizava-se em torno de práticas de exames e mensurações, formação de pessoal e debates acadêmicos vinculados à Biotipologia.

A relação com a ciência constitucionalística fica mais evidente em seus textos publicados posteriormente. Em agosto de 1933, ao publicar “Das fichas biométricas”, pondera: “Podemos, pois, desde já verificar que uma ficha biométrica exige do técnico que vai organizar, conhecimentos morfológicos modernos (Biotipologia), conhecimentos sobre Biometria Funcional e sobre Psicometria [...]” (RAMALHO, 1933c, p.03). Em sequência, argumenta em favor da escola biotipológica italiana:

¹⁸⁴ Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1931. Página referente ao 1º Tenente Augusto Sette Ramalho.

Nossa escolha se dirige para a italiana, consubstanciando-se nos trabalhos de Barbara, notável discípulo de Viola e Pende, por várias razões que passamos a expor:

1º - Suas ideias são atualmente as mais aceitas em nosso meio.

2º - Os tipos e sub-tipos nela existentes abrangem a totalidade dos aspectos morfológicos humanos, podendo ser classificado qualquer indivíduo, o que não acontece nas outras escolas.

3º - Finalmente – e aqui vai uma razão de grande alcance prático – ela traz um cunho biométrico característico que nos seduz. (RAMALHO, 1933c, p.3)

Ao longo da produção acadêmica de Ramalho, temas como fichas biométricas, debates estatísticos, assim como referências relacionadas às técnicas e procedimentos de mensurações são recorrentes nos periódicos da Educação Física.

Em 1938, publica a obra “Lições de Biometria Aplicada”, abordando as mensurações corpóreas e seus vínculos com a Biotipologia. Ao longo de nove Lições, Ramalho discute conceitos, definições, escolas, noções de constituição, as especificidades de Viola, Bárbara, Biotipologia e Educação Física, Perímetros e semiperímetros, dentre outros temas.

A obra “Lições de Biometria Aplicada” sugere ser a materialização, em formato de livro, do conteúdo de um curso de Biometria ministrado por Ramalho. Além de seus capítulos estarem organizados em forma de “lições”, na página 03, o primeiro item corresponde ao programa do referido curso (RAMALHO, 1938a).

Em 1937, Sette Ramalho é desligado do estabelecimento militar situado na Fortaleza de São João, sendo transferido ao 2º G.A.C. da segunda zona. Em decorrência de seu desligamento, o então Tenente Coronel Comandante Octávio Saldanha Mazza faz a seguinte nota de louvor:

Com o afastamento do Capitão Dr. Augusto Sette Ramalho deste estabelecimento, fica a EFFE privada da colaboração directa de um dos seus mais brilhantes officiaes. Aqui trabalhando desde 1931, foi o Capitão

Dr. Sette um batalhante incançável e o propulsor dinâmico dos trabalhos do Departamento Médico, que dirigiu durante vários anos com acerto, dedicação, entusiasmo e grande honestidade profissional, produzindo trabalhos de grande vulto, destacando-se entre eles o processo para a determinação do perfil-morphophysiológico em uso na ficha escolar, trabalho este que honra sobremodo o corpo medico desta escola pelo seu ineditismo, já tendo ultrapassado as fronteiras nacionais¹⁸⁵.

As referências feitas pelo Tenente Coronel Comandante referem-se a uma adaptação ao gráfico de Viola para a ficha biométrica a ser utilizada na escola. Tais elementos foram apresentados por Ramalho (1933c) no artigo “Das fichas biométricas” e rememorados por Moraes (1941)¹⁸⁶. Além disso, Ramalho propõe uma representação gráfica relativa à classificação biotipológica de Bárbara, manobra acadêmica citada como legítima por Berardinelli (1942) e Moraes (1941).

Em 1936, participou de duas reuniões promovidas pela Secção de Educação Physica e Hygiene da Associação Brasileira de Educação a fim de explicar o funcionamento do departamento médico da Escola de Educação Física do Exército. Após breve apresentação na data de 24 de setembro de 1936, retorna à reunião em 1º de outubro do mesmo ano. Naquela ocasião, relatou sobre as ações do departamento médico, as fichas dele decorrentes, assim como os procedimentos de orientação e exame.

Em 15 de janeiro de 1938, Sette Ramalho foi designado novamente instrutor da Escola de Educação Física do Exército, porém, de acordo com as páginas referentes ao Capitão Ramalho no Livro de Registros de Alterações de 1938, teria recebido doze meses de licença em decorrência de ferimentos em combate.

Em 1940, Sette Ramalho teria servido no 13º Regimento de Infantaria, em Ponta Grossa, Paraná, circunstância que permitiu ao médico afeito às discussões biotipológicas coletar dados para a obra “Antropologia do Brasileiro do Interior Paranaense”, publicada em 1943. Assim como Álvaro Ferraz e Andrade de Lima Jr. que

¹⁸⁵ Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1937. Página referente ao Capitão Augusto Sette Ramalho.

¹⁸⁶ No item “Componente 2” argumenta-se que o referencial biotipológico teria sido articulado a algumas medidas e exames decorrentes do “Regulamento Geral de Educação Física” proposto pelo método francês de ginástica.

publicaram o já referido “A morfologia do Homem do nordeste” (1939) e Isaac Brow, autor de “Normotipo Brasileiro” (1934), o então Major Augusto Sette Ramalho reuniu esforços a fim de contribuir ao estudo dos tipos brasileiros.

Já como Tenente-coronel, Sette Ramalho serviu junto à Força Expedicionária Brasileira (FEB), em Nápoles, em decorrência da segunda guerra mundial (GOTLIB, 2009). Entre os anos de 1944 e 1945, três escalões da FEB teriam partido do Brasil em direção à Itália com intenção de apoiar as forças aliadas, pressionando o exército alemão. Em oito de maio de 1945, com o término da guerra, a FEB retorna ao Brasil com baixa de 454 soldados (CYTRYNOWICZ, R., 2000).

As referências sobre Sette Ramalho indicam sua participação como “Chefe da Secção Brasileira de Hospitalização em Nápoles” e que teria contado com o apoio da voluntária da Cruz Vermelha, Enfermeira Clarice Gurgel Valente (Clarice Lispector) (GOTLIB, 2009).

Do Chefe da Secção Brasileira de Hospitalização em Nápoles à Exma Vice-Consulesa do Brasil D. Clarice Gurgel Valente. Agradecimento – Ao deixar a Chefia da Secção Brasileira de Hospitalização em Nápoles, cumpro o grato dever de agradecer a V. Ex. todo o serviço que tão espontaneamente vem prestando a nossa organização colaborando na sua Secção de Serviço Social, trazendo ao nosso soldado ferido ou doente o grande consolo do seu serviço e da sua graça. Nunca seriam demais as palavras que eu poderia dirigir a V.Ex. para expressar a minha admiração pela contribuição que trouxe a todos nós nestes momentos em que o Brasil precisa tanto de seus filhos. Em nome destes homens, de todos os que aqui labutam e no meu próprio, beijo agradecido as vossas mãos dadivosas. (GOTLIB, 2009, p.198)

A respeito de Augusto Sette Ramalho não foram encontradas outras referências.

Médico militar especializado pela Escola de Educação Física do Exército, Ramalho escreveu artigos, publicou livros e apropriado dos pressupostos da Biotipologia, manipula as proposições de Viola e Bárbara, agregando elementos e alterando outros. Responsável pelo Gabinete de Biometria lecionou, ministrou cursos, proferiu palestras

e constituiu-se como sujeito de autoridade, um dos maiores produtores e divulgadores da Biotipologia no interior da Educação Física.

2.3.2.2.3 - Áureo Moraes

Em 28 de julho de 1930, apresenta-se ao Centro Militar de Educação Física o então 1º Tenente Médico, Áureo Moraes, com vistas à sua matrícula no curso de Medicina Especializada. Uma vez matriculado, segue frequentando as aulas até 11 de outubro de 1930, quando o Ministro da Guerra suspende os trabalhos naquela instituição¹⁸⁷ em decorrência do golpe de estado que conduz Getúlio Vargas à Presidência da República.

Em 15 de abril de 1931, Áureo Moraes efetua novamente sua matrícula e ao longo do ano cursa as cadeiras de “Pedagogia”, “Anatomia”, “Fisiologia”, “História da Educação Física”, “Antropometria e Biometria”, “Fisioterapia”, “Massagens”, “Aptidão” e “Medidas de Exames”. Em 30 de dezembro de 1931, conclui sua especialização, sendo classificado em primeiro lugar de sua turma, atingindo o grau de aprovação 8,299 e menção “Muito Bem”. Em 31 de dezembro de 1931, é informado seu desligamento em função da conclusão do curso.

Ao longo da década de 1930, Áureo Moraes manteve relações com o Escola situada na Fortaleza de São João, sendo, em 1937, designado Instrutor de Cinesiologia e Redator Chefe da Revista de Educação Physica (Exército)¹⁸⁸.

Em 1938, foi dispensado do cargo de instrutor, sendo transferido para outra unidade¹⁸⁹. O processo de desligamento é feito mediante menção elogiosa assinada pelo Tenente Coronel Comandante Octávio Saldanha Mazza:

Ao desligar desta escola o Cap. Dr. Aureo Moraes, louvo-
o pelos excelentes serviços que aqui prestou, quer como
instrutor quer como médico, onde revelou sempre ser

¹⁸⁷ Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1930, página referente ao 1º Tenente Médico Áureo Moraes.

¹⁸⁸ Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1937, Página referente ao Capitão Médico Áureo Moraes. Não foi possível o acesso ao Livro de Registro de alterações dos anos de 1932 a 1936. Apesar disso, pistas do seu envolvimento com a Educação Física foram deixadas nos periódicos da Área.

¹⁸⁹ O motivo alegado para o desligamento seria “terminação do tempo”, sem maiores explicações. Do mesmo modo, não consta em suas alterações os indicativos para qual unidade estaria se transferindo. Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1938, Página referente ao Capitão Médico Aureo Moraes.

possuidor de uma brilhante inteligência, grande cultura geral [...]. A sua passagem por este estabelecimento ficara assinalada por vários trabalhos de sua autoria, entre os quaes destacam-se o tensio efigmometro coletivo, as modificações introduzidas na mesa de Viola e sua cooperação dedicada à Revista de Educação Física da qual foi grande propulsor¹⁹⁰.

Nas revistas de Educação Física, Moraes publica 16 textos entre 1932 a 1945¹⁹¹, sendo 12 no periódico do Exército e 4 na Educação Physica. Desse total de textos, alguns tantos não estão relacionados à Biotipologia, destacando-se: Moraes (1941), “Da dinâmica da caixa torácica: estudo cinesiologico dos movimentos respiratórios”; Moraes (1933), “Como fazer a prova fisiológica em campo”; Moraes (1935), “Do registro de acidentes desportivos e indicações para a sua Profilaxia”.

Apesar de apenas 3 dos 16 textos de Moraes tematizarem a Biotipologia, esse autor apresenta e discute a ciência constitucionalística com propriedade e coerência relativas aos autores biotipologistas citados em seus artigos.

Em a “Contribuição ao desenvolvimento da biotipologia no Brasil” datado de 1937, o autor conta fragmentos da história do fazer Biotipológico no Centro Militar de Educação Física/Escola de Educação Física do Exército, com ênfase aos processos de fichamento/grupamento das turmas e funcionamento do Gabinete Biométrico. Após evidenciar as contribuições de Sette Ramalho aos procedimentos biotipológicos, apresenta as adaptações feitas no instrumento “Mesa de Viola”.

Giacinto Viola, em decorrência da necessidade de uma aparelhagem eficaz no processo de mensurações biométricas, foi levado à construção do “Antropômetro de Bâscula”, ou “Antropômetro de Viola”, ou ainda, “Mesa de Viola”. Tal mecanismo permitiria a tomada das 10 medidas básicas de seu método antrométrico, considerado por Berardinelli (1942), Stoffel (1937) e Fróes da Fonseca (citado por Berardinelli, 1942), o mais preciso e racional.

¹⁹⁰ Livro de Registros das Alterações ocorridas no Centro Militar de Educação Física no ano de 1938. Página referente ao Capitão Médico Áureo Moraes.

¹⁹¹ Segundo Ferreira Neto (2002), o médico militar segue publicando textos na Revista Brasileira de Educação Física e Revista de Educação Física (Exército) após 1945, conteúdo não acessado para esta tese.

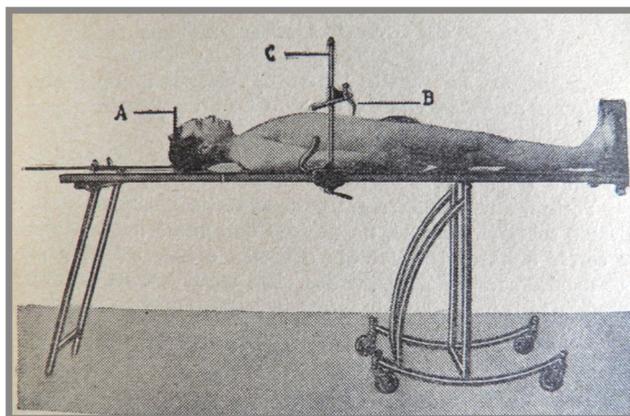


Imagem 8: Mesa de Viola
 Fonte: Berardinelli, 1942, p. 91

Segundo Moraes (1937), a mesa de Viola, entretanto, constituía-se como um equipamento caro e de difícil manuseio, acarretando algumas imprecisões e erros nos processos de medidas, assim como baixo rendimento e mora na prática Biométrica. Em decorrência desses problemas, adapta o instrumento agregando uma tabela com aproximadamente 24.000 valores cúbicos, capaz de contemplar todos os tipos constitucionais e todos os indivíduos, sejam eles crianças ou adultos. Em 1937, a mesa adaptada já fazia parte do instrumental Biométrico da Escola de Educação Física do Exército e a respeito das alterações feitas pelo médico militar, em nota de pé de página, Berardinelli assim se reporta:

O capitão Dr. Aureo Moraes, catedrático da Escola Nacional de Educação Física, cujo espírito engenhoso [...] fez uma utilíssima modificação (escala móvel) no antropômetro de Viola, permitindo a leitura direta destas medidas evitando as subtrações. O antropômetro de Viola-Aureo Moraes está hoje adotado em quase todos os centros biotipológicos. É o que possuo também em meu consultório clínico particular. O manejo do antropômetro Viola Aureo Moraes se encontra descrito no livro do Cap. Sette Ramalho – “Biometria aplicada à Educação Física”. (BERARDINELLI, 1942, p.93).

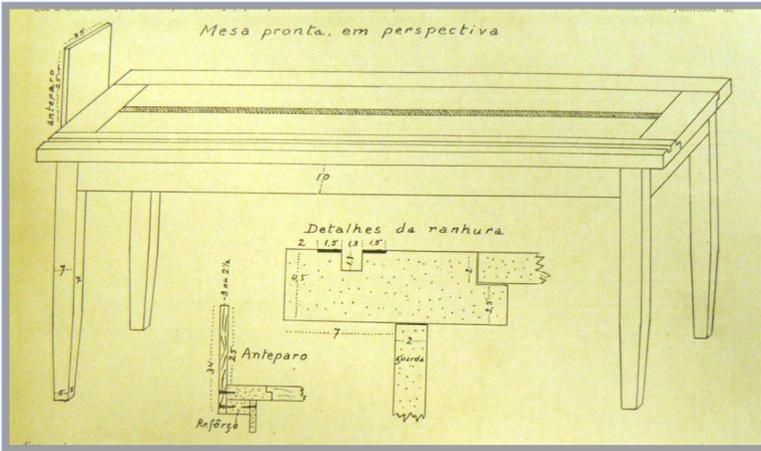


Imagem 9: Antropômetro Viola-Áureo Moraes.
Fonte: Moraes, 1937, p.29.

Apesar de Áureo Moraes não ter se dedicado a mais do que três textos sobre Biotipologia nos periódicos da Educação Física, o instrutor da Escola de Educação do Exército e Editor Chefe da Revista de Educação Física (Exército) atua em prol da Biotipologia adaptando o instrumental de Viola, constituindo assim um produto mais acessível e de fácil manuseio. Áureo Moraes, apropriado dos pressupostos do fazer prático da Biotipologia, modifica o mecanismo construído por um dos expoentes da escola constitucionalista italiana e o faz funcionar com características de praticidade, custo reduzido e, pelos indícios, aprovação dos doutos em Biotipologia.

2.3.2.2.4 Floriano Peixoto Martins Stoffel

Floriano Stoffel, médico, em 1936, era Livre docente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FERLA, 2009) e Assistente Efetivo de Clínica Propedêutica. Discípulo de Rocha Vaz, Stoffel apropria-se dos fundamentos e metodologias da Biotipologia e os aplica em seu fazer médico. Apesar de não ter ingressado no curso de especialização oferecido pela Escola de Educação Física do Exército¹⁹², vinculou-se ao debate da Área,

¹⁹² Histórico Escolar – Curso de Medicina Especializada, anos 1929 a 1941. Acervo da Seção Técnica de Ensino da Escola de Educação Física do Exército.

assumindo o serviço de controle médico da Educação Física nas Escolas Técnicas Secundárias do Distrito Federal (STOFFELL, 1936).

Nos periódicos da Área, colaborou assinando 3 artigos na revista do Exército e 1 na Educação Physica. Em coautoria, assinou com Paulo Frederico de Araújo, Especializado em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército e assistente voluntário de Floriano Stoffel no controle médico das Escolas Técnicas secundárias do Distrito Federal, o artigo “Um problema de máxima importância para nossa nacionalidade”. Tal texto, entretanto, não se dedica à temática da Biotipologia.

Os demais artigos, além de apresentarem os fundamentos e referências básicas da ciência constitucionalística, evidenciam o modo como a Biotipologia orienta os trabalhos em Educação Física nas escolas secundárias do Distrito Federal.

Em seu artigo inaugural, “Educação: De como pode a medicina moderna influir para a melhoria da sociedade – Biotipologia, Endocrinologia, Psicanálise – Pende, Kretchmer, Freud¹⁹³³”, datado de 1933, Stoffel aborda a história da Biotipologia, apresenta seus fundamentos, dando ênfase à “Pirâmide de Pende” e ao caráter individualizante da doutrina. Recheado de referências, o texto menciona os autores básicos da Biotipologia, assim como Lamarck e Darwin cujas teorias subsidiavam as concepções de hereditariedade de boa parte das “doutrinas constitucionalistas” (STOFFEL, 1933).

Em 1936, Stoffel apresenta, como resultado do trabalho do departamento médico, cerca de mil fichamentos efetuados, prevendo para ano de 1937 o fichamento de todas as alunas matriculadas. Às voltas com o instrumental técnico, medidas e avaliações, Stoffel anuncia que as escolas técnicas secundárias estariam encaminhando-se para o devido controle das práticas de exercitação física subsidiado pelos conceitos da escola constitucionalística italiana.

Em 1937, Stoffel publica “Biotipologia”, texto no qual apresenta os resultados totais dos fichamentos feitos com as alunas do ensino secundário. Na parte inicial de seu artigo, sinaliza as orientações de Giacinto Viola como referenciais de seu trabalho médico, ressaltando seu uso estrito sem os apêndices ou modificações propostas por outros pesquisadores. Além disso, sinaliza que a população discutida no artigo refere-se, especificamente, às alunas de 15 anos e alude o importante auxílio prestado pelos colaboradores do Gabinete, os professores Mário F. de Souza, Otaviano F. de Souza Cherén, Manoel F. de Faria e Euclides T. do Nascimento¹⁹⁴.

¹⁹³ O texto esboça uma articulação da Biotipologia com a Psicanálise.

¹⁹⁴ A respeito dos professores auxiliares de Floriano Stoffel, não foram encontradas outras referências.

Das alunas avaliadas por Stoffel, 16,25% eram braquitépicas, 16,25% longitépicas, 18,12% de normotípicas e 49,38% de mixotípicas. Além dos dados discutidos, acerca da “somatometria”, Stoffel pronuncia-se divulgando outras avaliações desenvolvidas pelo Gabinete, dentre as quais as capacidades funcionais dos aparelhos “cardio-vascular”, “respiratório”, “muscular” e “nervoso”. As páginas finais do artigo expõem tabelas com os dados em detalhamento, assim como representação do tipo médio das alunas de 15 anos, avaliadas a partir do referencial de Viola.

Floriano Stoffel, médico, discípulo de Rocha Vaz, apropriado do referencial biotipológico, é designado à chefia do departamento médico do Ensino Técnico Secundário do Distrito Federal e na posse de suas atribuições fornece subsídios às práticas de exercitação, produzindo conhecimento e fazendo a Educação Física operar a partir dos pressupostos teórico/práticos da Biotipologia.

2.3.2.2.5 Peregrino Júnior

João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior (1898-1983), natural de Natal (RN), transfere-se, em 1914, para Belém a fim de terminar o ensino secundário e, em 1920, muda-se para o Distrito Federal, onde ingressa no curso de Medicina. Em 1929, forma-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, atuando como interno no Serviço do Prof. Antônio Austregésilo e médico adjunto na Santa Casa. Prestou atendimentos no Hospital Estácio de Sá e fundou o serviço de Endocrinologia da Policlínica do Rio de Janeiro¹⁹⁵.

Foi docente da Faculdade Fluminense de Medicina e na Faculdade Nacional de Medicina ministrou a cátedra de Clínica Médica e Biometria. Lecionou Biotipologia na Escola Técnica de Serviço Social¹⁹⁶ e foi um dos fundadores da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, onde estabeleceu vínculos, a partir de 1939, atuando como professor e diretor (MELO, 1996). Além disso, foi colaborador da revista Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, fazendo parte do conselho de

¹⁹⁵ Academia Brasileira de Letras, disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=292&sid=208>. Acesso em 31/07/2012. Peregrino Jr. ocupou a cadeira número 18 da Academia Brasileira de Letras em 1945, sucedendo Pereira da Silva. Segundo os pontos destacados em sua biografia, o médico potiguar teria fundado e sido o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia, Biotipologia e Nutrição, entretanto, acerca dessa instituição, não foram encontradas outras referências.

¹⁹⁶ Segundo indicação na obra “Biotipologia Pedagógica” (PEREGRINO Jr., 1940).

redação e publicando inúmeros artigos. Seu prestígio político e acadêmico, segundo Melo (1996), o teriam levado a conferencista da aula magna da Universidade do Brasil, em 1955.

Apropriado dos pressupostos da Biotipologia, Peregrino Jr. publicou: “Pesquisas biotipológicas nas escolas municipais do Rio de Janeiro” (1937)¹⁹⁷, “Biometria Aplicada à Educação” (1943), “Biotipologia Pedagógica” (1940), “Crescimento e desenvolvimento (estudo e avaliação biométrica)” (1949) (GOMES, 2011). Segundo Melo (1996), teria ainda proferido a conferência “Glândulas internas e Educação Física”, no Instituto Nacional de Educação Física de Lisboa, em 1956¹⁹⁸.

Em 1938, Peregrino Jr. publica uma curiosa obra intitulada “Doença e Constituição de Machado de Assis” (1938), cujo conteúdo se propõe “explicar” o escritor a partir de fundamentos constitucionais. Para tanto, acessa suas obras e passagens de sua vida, investigando sua ascendência hereditária, estabelecendo seu perfil morfológico, seu tipo constitucional e apontando suas características de afeto, impulsividade, conservadorismo, economia e ambivalência. E a partir das doutrinas constitucionalistas evidencia sua “tendência explicativa”, “reiteração de temas e imagens sensuais”, “instinto de morte”, “preocupação com a loucura”, dentre outros aspectos.

Em “Biometria Aplicada à Educação” (1943), o autor dedica-se a falar sobre a Educação Física, obra cujo conteúdo coloca em debate dentre os elementos biométricos a origem, definições, tratamentos estatísticos e representações gráficas. Nessa obra, apesar de o autor perpassar pela Biotipologia, não se detém a ela. O foco situa-se nas mensurações corpóreas, suas relações com a estatística e aplicabilidade às práticas de exercitação. Nesse encaminhamento, menciona os trabalhos de Sette Ramalho e suas proposições para o trabalho biométrico em Educação Física¹⁹⁹.

¹⁹⁷ As obras cujos anos foram sublinhadas não foram acessadas.

¹⁹⁸ Peregrino Júnior é apontado como um dos primeiros autores a fazer um levantamento histórico da bibliografia sobre a Nutrição, buscando identificar os precursores da Área no Brasil (VASCONCELOS, 2001; BEZERRA, 2012).

¹⁹⁹ Do mesmo modo, em “O músculo e a inteligência” (1941), primeira publicação de Peregrino Jr. na revista Educação Física, as questões sobre Biotipologia não são postas em debate.

Sobre Peregrino Jr. foram privilegiados seus textos publicados na revista Educação Physica e seus livros “Biotipologia pedagógica” (1940) e “Biometria Aplicada à Educação” (1943) e “Doença e constituição de Machado de Assis” (1937), obras circunscritas à indicação temporal eleita para este estudo. Acessar a produção acadêmica completa de Peregrino Jr. sobre Biotipologia e Educação Física implicaria uma dilatação temporal e ampliação no número de fontes. Como dito na parte inicial deste texto, proposição inviável para os limites deste estudo.

O debate de Peregrino Jr. referente à Biotipologia indica algumas peculiaridades que, de modo geral, o diferem dos autores vinculados à ciência constitucionalística, até então tratados neste texto.

O início de sua produção nos periódicos da Educação Física é posterior a dos médicos Sette Ramalho, Waldemar Berardinelli e Floriano Stoffel e Áureo Moraes²⁰⁰. Além disso, o modo como concebe a Biotipologia e seus métodos sinaliza ânimo novo e algumas distinções acerca do debate sobre Educação Física e ciência constitucionalística estruturado nos anos 1930.

Em 1940, Peregrino Jr. publica “Biotipologia Pedagógica”, no qual problematiza o aspecto estritamente centrado na morfologia feito pela Educação Física até então e evidencia a necessidade de estudos de elementos psicológicos.

Assim, elaborou um modo de classificação próprio, chamado “Classificação de Peregrino Jr.”, no qual as crianças seriam agrupadas seguindo algumas características de ordem física. Sem o preciosismo dos métodos de Viola e Bárbara a ficha de Peregrino Jr. poderia ser operada sem maiores restrições pelas próprias professoras.

Em 1943a, o texto “Aspectos Modernos do fichamento biométrico em educação física” é publicado pela revista Educação Physica, argumentando em favor da Biometria como elemento capaz de conferir cientificidade à Educação Física. Ao longo do texto, faz uma feroz crítica às fichas biométricas de viés biotipológico, indicando, dentre outros pontos falhos, sua falta de objetividade, complexidade e inexequibilidade. O autor ainda critica o método de classificação de Viola, sugerindo ser obsoleto ao ponto de não ser mais utilizado nem mesmo na Itália. Nesse texto, Peregrino Jr. sinaliza uma possível inflexão no debate sobre o fichamento biométrico, grupamento homogêneo e Biotipologia²⁰¹.

²⁰⁰ Ao longo dos anos 1940, publicou aproximadamente 20 artigos nos periódicos da Educação Física. Nessa década, além da Revista de Educação Física (Exército) e Educação Physica, iniciaram sua circulação o Boletim de Educação Física em 1941, a Revista Brasileira de Educação Física em 1944 e os Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos em 1945 (FERREIRA NETO, 2002). Cabe ressaltar, entretanto, que Peregrino Jr. inicia suas publicações em 1944, no Boletim de Educação Física e Revista Brasileira de Educação Física e em 1945, no “Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos”. No periódico do Exército, seu texto inaugural será publicado somente em 1952 (FERREIRA NETO, 2002). Na revista Educação Physica, entretanto, sua primeira publicação data de 1941 e neste periódico publica 4 artigos, dos quais 3 versam sobre a Biotipologia.

²⁰¹ O debate mais detido acerca destas questões encontra-se no item “Apontamentos sobre um dispositivo falho”.

Em 1942, a revista *Educação Physica* edita “O papel da Educação Física na formação do homem moderno”, cujo conteúdo, segundo o periódico, seria fruto de uma palestra realizada na “Associação Brasileira de Educação Física”. No texto em questão, Peregrino Jr. argumenta que a Área, ao longo de sua história, teria passado por algumas fases, dentre as quais: anatômica, ética, fisiológica e psicológica. Em meio a seus argumentos, menciona Eugenia (sem esclarecer seus fundamentos) e Biotipologia (sem deter-se às suas especificidades) e afirma que, mediante a necessidade de melhoria das condições de vida do homem brasileiro, maiores cuidados deveriam ser destinados aos seus aspectos físicos, intelectuais e morais. Fazendo referência a Nicola Pende, esses elementos só seriam contemplados mediante a uma “política Biológica”.

[...] a educação física, que nas suas múltiplas conseqüências – morfológicas, fisiológicas, espirituais e éticas – permitir-nos-á aperfeiçoar os valores dirigentes e creadores das elites e as aptidões produtoras das massas. Utilizando essa grande arma moderna de estruturação humana, pelo esforço simultâneo nesses dois sentidos – o da preparação cultural das elites e o da formação eugênica das massas é que se poderá haver realizar afinal o milagre da formação integral do Homem Brasileiro – forte de corpo, claro de espírito e puro de coração! (PEREGRINO Jr. 1942, p.32)

Em dois dos três textos nos quais Peregrino Jr. aborda a Biotipologia (1942; 1943a), o autor menciona a Eugenia, porém, como dito, sem qualquer articulação entre seus pressupostos e Educação Física e, deste modo, não destoa do debate sobre a “ciência da melhoria da espécie” suscitado na/pela Educação Física.

No que se refere à Biotipologia, apresenta argumentos e modos de operar distintos daqueles apregoados na década de 1930, porém indicando apropriação de seus pressupostos e fundamentos. Criticando os elementos centrados nos aspectos físicos e na complexidade das fichas biométricas para Educação Física, Peregrino Jr. propõe, com base na simplicidade e exequibilidade, um modo próprio de classificação dos indivíduos.

Apesar das críticas aos pressupostos de Viola, Peregrino Jr. não desqualifica os fundamentos da Biotipologia, reconhecendo seus méritos acadêmicos e a possibilidade de estudos científicos. Médico apropriado dos fundamentos e metodologias da ciência constitucionalística, aponta outros encaminhamentos no interior da Educação Física e com isso, incita novo debate e produz com métodos e técnicas próprios outros saberes vinculando Educação Física e Biotipologia.

2.3.2.2.6 Arthur Ramos de Araújo Pereira

Médico, catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil e presidente da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia, o percurso político-acadêmico de Arthur Ramos perpassa pelos movimentos afirmativos da população negra e mestiça, pela negação a doutrinas raciais de caráter pessimista, pelas discussões sobre o crime (PANDOLF, 1999), pela apropriação dos referenciais da Biotipologia e por alguns posicionamentos no debate acerca da Educação Física.

Natural de Pila, interior do estado de Alagoas, Arthur Ramos nasceu em 1903 (falecido em 1949) e em 1921 ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1926. Em ocasião de sua formatura, Arthur Ramos defende sua monografia intitulada “Primitivo e Loucura”²⁰². Discípulo intelectual de Nina Rodrigues, passaria a questionar muitos dos pressupostos defendidos por seu predecessor, assim como negar vários deles ao longo de sua caminhada intelectual (PEREIRA; GUTMAN, 2007).

Nos anos iniciais da década de 1930, Ramos transfere-se para o Rio de Janeiro e, a convite de Anísio Teixeira, lecionou Psicologia Social, na Universidade do Distrito Federal (UDF), até que as funções dessa instituição foram interrompidas em 1939. Como consequência, os alunos da UDF foram transferidos para a recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia, vinculada à Universidade do Brasil e Arthur Ramos é indicado ao cargo de professor catedrático interino. Nessa instituição, cria o Gabinete de Antropologia, vinculado às cadeiras de Antropologia e Etnografia oferecidas aos cursos de Antropologia Física, Etnografia e Etnografia do Brasil (RIBEIRO, 2008).

²⁰² Segundo Pereira e Gutman (2007), tal texto teria recebido parecer elogioso de importantes intelectuais brasileiros como Henrique Roxo e Juliano Moreira. Arthur Ramos teria encaminhado ainda uma cópia traduzida a Freud, que em forma de comentário teria retornado ao médico alagoano.

Ao longo dos anos 1930, articulou-se politicamente com Gilberto Freyre e Roquette-Pinto, dentre outros intelectuais, a fim de lançar um manifesto contra o preconceito racial, base para um movimento antirracista que intencionava, dentre outras coisas, deter o desenvolvimento do nazismo no Brasil (MAIO, 1999).

Em maio de 1938, o governo Vargas promove um evento em comemoração ao cinquentenário da abolição da escravatura. Segundo Maio (1999), o então ministro da Educação, Gustavo Capanema, solicita que Arthur Ramos construa a programação do evento que contou com conferências, seminários, lançamentos de livros, apresentações diversas etc.²⁰³

Ao longo de seu percurso político e acadêmico, entretanto, Arthur Ramos se vinculou às questões da patologização do crime, dedicando-se ao estudo da antropologia criminal de vertente “neolombrosiana”, publicando textos²⁰⁴ e inserindo-se em um projeto de reorientação de instituições e elaboração de políticas públicas²⁰⁵ (CUNHA, 1999).

Entre 1934 e 1939, chefiou o Serviço de Ortofrenia e Higiene do Rio de Janeiro, instituição que interveio junto a escolas experimentais na tentativa de atuar sobre comportamentos infantis inadequados. Acerca desse debate, Ramos estabeleceu interlocução com Flamínio Fávero, Leonídio Ribeiro, Oscar Freire, Afrânio Peixoto, dentre outros. Dessa articulação político-acadêmica vinculada ao biodeterminismo, Arthur Ramos publicou 11 textos nos Arquivos de Medicina Legal e Identificação do Rio de Janeiro. Colaborou ainda compondo o quadro de docente do Curso de Serviços Sociais da Infância, vinculado ao Instituto de Identificação do Rio de Janeiro e produzindo pesquisas acerca da delinquência na população escolar (SILVA, 2003).

Entre Freud, Franz Boas, Nina Rodrigues, Gilberto Freyre e Roquette-Pinto, Arthur Ramos acessou também o referencial da escola constitucionalística italiana e, apropriado das teorias biotipológicas, fala à Educação Física.

Em 24 de junho de 1935, em decorrência do VII Congresso Brasileiro de Educação, Ramos profere a conferência intitulada “A Educação Física elementar sob o ponto de vista da caracterologia”, cuja fala inicia-se esclarecendo os elementos que o

²⁰³ Segundo Pandolf (1999), além da “apresentação de canto orfeônico sob a batuta de Heitor Villa-Lobos” ou um “curioso chá servido por netas da princesa Isabel no Palácio do Catete a ex-escravos mantidos pelo Asilo São Luís”.

²⁰⁴ O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise (1934), O folclore negro no Brasil: demopsicologia e psicanálise (1935), Introdução à psicologia social (1936), As culturas negras no novo mundo (1937), A criança problema (1939), Introdução à antropologia brasileira (1943) (PEREIRA; GUTMAN, 2007).

²⁰⁵ O exemplar da obra “Biotipologia Criminal” (BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933) acessado para este estudo apresenta inscrições do tipo “marca d’água”, indicando pertencimento à “Coleção Arthur Ramos”. Na contracapa há uma dedicatória manuscrita que sugere autoria de Waldemar Berardinelli ou João Mendonça, cujo texto é constituído pelas seguintes palavras: “A Arthur Ramos, a alucinação de Berardinelli e Mendonça”.

autorizam a debater as especificidades da Educação Física. Autointitulado “psico-higienista/ortofrenista”, Arthur Ramos evidencia possíveis proximidades com a Área e ressalta o problema do empirismo nas práticas de exercitação e os mecanismos para racionalizar a Educação Física. Assim sendo, defende a inserção da doutrina constitucionalista de origem italiana, fazendo referência aos estudiosos que se dedicaram a investigar os esportes sobre o ponto de vista da “caracterologia”.

Ao longo de seu texto, Ramos referencia, além dos pressupostos da Biotipologia, a psicanálise, a teoria da Gestalt e, dentre outros, ressalta a importância da Educação Física, alertando para a necessidade de abranger, além da face morfológica, o temperamento e o psiquismo.

Na parte final de sua conferência, dedica-se à face psicológica da constituição, evidenciando a relevância dos jogos para a profilaxia da higiene mental e enfatizando a necessidade de um antropologista e um Neuro-higienista como auxiliares no programa de Educação Física, adequando as práticas aos tipos morfológicos e à personalidade.

A conferência em questão foi publicada em outubro de 1936, na Revista de Educação Física (Exército), único texto publicado no periódico militar. Em 1941, o mesmo texto foi publicado em duas partes (nº 52, março de 1941 e nº 53, abril de 1941) na revista Educação Physica sob o título “A formação física e o caráter”. No mesmo periódico, Arthur Ramos assina ainda outros 3 textos publicados nos anos de 1941 e 1942. Desse total, em 2, “Conselhos de Higiene mental” (1941a) e “Os dois pólos da criança mimada e da criança escorraçada” (1940), Ramos não transita pela ciência constitucionalística.

Abordando a Biotipologia, publica “Antropologia e Educação Física”. O autor discute elementos da antropologia física, citando uma série de estudiosos das escolas alemã, japonesa, inglesa, estadunidense e italiana. Seu texto ressalta ainda a perspectiva biotipológica e, sobre seus fundamentos e suas relações com a Educação Física, Ramos assim se pronuncia:

Será preciso citar os nomes conhecidos de Castellino, Pende, Bárbara, Viola, Nicefaro, Vampa e tantos outros da escola italiana, ou os de Weigner, Thooris, Lougier etc da França?

Seus trabalhos já têm sido amplamente divulgados e aplicados no Brasil e não preciso deter-me sobre o que, no particular, já têm realizado na aplicação à educação física,

entre outras instituições, a Escola de Educação Física do Exército e essa esplendida realidade que é a Escola Nacional de Educação Física. (RAMOS, 1942, p.12)

Ao longo do percurso de Arthur Ramos, sua curiosa vinculação intelectual o permitiu acessar inúmeros autores e teorias, vincular-se política e academicamente a diversas instituições e, nesse trânsito, o autor apropria-se da Biotipologia. Ao se dirigir à Educação Física estabelece vínculos entre as Áreas, evidenciando os métodos de grupamento homogêneo, assim como orientação às práticas de exercitação adequadas aos tipos constitucionais e à personalidade.

Como visto, sua conferência no VII Congresso Brasileiro de Educação e os 6 artigos nos periódicos da Área contribuíram para reafirmar as relações da Educação Física e Biotipologia e evidenciar a rede de relações permitida/potencializada pela ciência constitucionalística.

2.3.2.3 O debate biotipológico nos Congressos de Educação Física

A Educação Física no Brasil necessita um impulso vigoroso. A concentração deste congresso em seus problemas é uma prova dessa necessidade. (SESSÃO... 1936, p. 18)

Assim Gustavo Capanema²⁰⁶, Ministro da Educação e Saúde, pronuncia-se durante a “Sessão Inaugural” do VII Congresso Nacional de Educação.

Como Ministro, Capanema partilhava das intenções de Getúlio Vargas em construir um povo forte, robusto e civilizado para o Brasil e, nesse sentido, opera um processo de modernização de instituições estatais, manifesto em importantes reformas no ensino secundário e superior. Além disso, Capanema investiu esforços na edificação do “Palácio do Ministério da Educação e Saúde”, cujo projeto sinaliza interesse em se construir uma representação de “homem novo”, futuro do Brasil.

²⁰⁶ Nascido em Pitangui, MG, ocupou o cargo de Ministro entre 1934 a 1945.

Nesse empreendimento arquitetônico que se queria social, Capanema contrata arquitetos, engenheiros e artistas como Le Corbusier, Oscar Niemeyer e Cândido Portinari, e cerca-se também de legítimos intelectuais vinculados ao debate racial, como Roquette Pinto, Oliveira Viana, Fróes da Fonseca e Juvenil da Rocha Vaz (VALLEJO, 2007; SOUZA, 2011).

Vinculado a essas intenções políticas e atravessado por tais relações de poder, o VII Congresso Brasileiro de Educação aconteceu entre 23 de junho a 07 de julho de 1935²⁰⁷. Composto por Conferências, “Sessões Ordinárias”, visitas técnicas, apresentações artísticas e de educação física, o congresso, em 24 de junho, iniciou suas sessões ordinárias com a fala “A Educação Física Elementar sob o ponto de vista da caracterologia”, de autoria do já referido Arthur Ramos. O conteúdo de sua conferência ressoa nos debates do congresso como consta nas atas e sugestões publicadas nos anais do evento.

Nesse sentido o Capitão Horácio Cândido Gonçalves²⁰⁸, sem fazer menção direta a Ramos, posiciona-se em relação às críticas dirigidas ao grupamento das turmas estabelecido a partir do critério da idade cronológica. Além disso, problematiza a orientação de tantos intelectuais que propõe os critérios da “Caracterologia”, como sugerido por Ramos. A esse respeito, Horácio Gonçalves assim se pronuncia:

Num país onde é precária a seleção de valores onde se paga 250\$000 à professora pública e 500\$000 ao médico escolar, onde estes são em número reduzidíssimo para os seus árduos misteres, onde grande parte da população infantil ainda tem a sua escola na casa da professora ou em casas a que faltam os mais simples requisitos higiênicos, não se pode, ainda, por muitos anos, aplicar tais critérios. (GONÇALVES, 1935, p.119)

²⁰⁷ Acerca do modo como se constitui e se realizou o evento, ver Linhares (2009).

²⁰⁸ Segundo Ferreira Neto (1994), as intervenções feitas pelo governo Vargas atinge o estado do Espírito Santo no nome do então Capitão João Pururo Bley, que governou o estado até 1945. Por intermédio desse capitão, alguns militares oriundos da escola de formação do Centro Militar de Educação Física foram deslocados para o Espírito Santo. Os Tenentes Carlos Marciano de Medeiros, Horácio Cândido Gonçalves e Wolmar Carneiro da Cunha foram os responsáveis pela criação do Departamento de Educação Física que estaria sobre o julgo da Secretaria de Instrução do estado do Espírito Santo, por meio do decreto 1366 de 26 de junho de 1931. Em meio ao texto do referido decreto consta a realização de um curso de formação em Educação Física a fim de habilitar os professores do estado. Já em 1931, inicia-se a primeira turma do curso composta por 9 alunos.

Em outro trecho ressalta:

Outros querem que o grupamento dos alunos se faça sobre o elevado e moderno critério caracterológico. Sonho de cientistas que não voltam as suas vistas para a realidade brasileira. (GONÇALVES, 1935, p.119)

Na “Ata da terceira sessão”, referente aos trabalhos apresentados por Eneas Martins Filho, Helena Antipoff e o referido pronunciamento de Horácio Candido Gonçalves, houve referência à exposição de Arthur Ramos, ressaltando o valor de sua tese. Feitos esses apontamentos, o secretário da sessão, Miguel Daddario, redige o seguinte texto:

[...] os meios materiais de que dispõe o professorado em geral não permitem a generalização desse critério [caracterológico], ainda assim, dele não devemos descuidar para a globalização educacional. (ATA da terceira sessão..., 1935, p.129)

Apesar das ressalvas manifestas nesses posicionamentos, a Biotipologia insere-se em outros debates sendo evidenciada como saber legítimo e de importância sumária para a Educação Física.

Nesse sentido, na “Ata da primeira sessão”, referente às exposições de Dora Gouveia de Azevedo (“A Educação Física Elementar”), Diumira Campos de Paiva (“A Educação Física na escola primária”) e a referida tese de Arthur Ramos, consta que o professor Oliveira Gomes solicita ser ouvido. Referindo-se ao trabalho de Ramos, aponta que os recursos destinados às ciências médicas estariam sendo destinados também à Educação Física, evidenciando a criação de um “Instituto de Biotipologia” em Pernambuco (ATA da primeira sessão, 1935).

José Oliveira Gomes, em ocasião de sua conferência, expõe o modo como foi organizado o serviço administrativo de Educação Física. Ao longo da apresentação da estrutura de funcionamento, indica a necessidade de um Gabinete Central, destinado ao serviço médico equipado com todo instrumental necessário ao auxílio de suas funções, às quais dizem respeito a simples exames de caráter antropométrico “ao mais perfeito serviço de pesquisas biotipológicas” (GOMES, 1935, p.78).

Na sessão temática “Bases científicas de Educação Física – aspecto psicológico”, Arauld Bretas ressalta que a devida orientação das práticas de exercitação só se efetivará quando assentada sobre os fundamentos da Antropologia. Assim, seria fundamental o conhecimento de seus aspectos anatômico, fisiológico, biotipológico e psicológico (BRETAS, 1935). O autor ressalta ainda que a Psicologia teria avançado em decorrência dos seus estudos nos processos de classificação dos sujeitos e das influências hormonais no temperamento. Apesar disso, aponta:

Tanto o aspecto físico e constitucional, como funcional e dinâmico não bastavam para explicar as variações de conduta e rendimento dos mesmos tipos nas mesmas condições de preparo e ambiente etc. (BRETAS, 1935, p.173)

Nessa direção, sinaliza a necessidade dos estudos em psicologia dos aspectos “idiogenéticos” que fogem aos determinismos comportamentais previstos pelos tipos constitucionais. Apesar disso, ressalta a importância do conhecimento dos caracteres morfo-fisio-psicológicos na construção da personalidade, elementos fundamentais ao pleno exercício da educação, sendo capaz de prever aptidões e tendência, orientando assim o trabalho do educador.

Nas conclusões de sua tese, Bretas (1935, p.180) sintetiza:

A biotipologia, a endocrinologia e as noções de temperamento, são fatores que a educação física moderna não pode desconhecer, nem deles prescindir.

Presidida por Sette Raamalho, a “Quinta sessão” registrou em ata debates e sugestões referentes aos trabalhos de Bretas e Plínio Leite, também intitulado “Bases científicas da Educação Física”. Nesse sentido, Arne Engeção propõe reunir os estudiosos de Biotipologia em uma conferência destinada à orientação de educadores.

Acerca das “Conclusões dos Trabalhos Apresentados ao VII Congresso Nacional de Educação”, pode-se destacar ainda:

8 – Há toda a vantagem na homogeneização das classes para educação física; o simples critério de grupamento dos escolares por idade cronológica ou escolar não basta. Ela deve ser estabelecida dentro do critério caracterológico,

no seu tríplice aspecto-morfológico, temperamental e psicológico.

9 – A Biotipologia, a endocrinologia e as noções de temperamento, são fatores que a educação física moderna não pôde desconhecer nem deles prescindir, assim como não pôde descurar dos conhecimentos, ainda que rudimentares, de psicologia, imprescindíveis na organização e na aplicação de métodos modernos. (ANAIS... 1935, p. 256).

Além disso, dentre as sugestões propostas no evento, consta:

3. Convocar uma comissão de técnicos em biotipologia a fim de assentarem um método uniforme de pesquisas biotipológicas nos diversos centros de educação física existentes no país. (ANAIS... 1935, p. 256).

No debate decorrente do VII Congresso Nacional de Educação, a Biotipologia insere-se em conferências, sessões ordinárias, discussões e visitas técnicas²⁰⁹, sendo registrada nos anais do evento como prática científica cuja complexidade e legitimidade serviriam à solução de alguns “problemas da Educação Física”, como dito, motivo de organização do referido congresso.

Ocorrido em 1942, no Rio de Janeiro, o I Congresso Pan-americano de Educação Física também teria colocado em evidência o debate sobre Biotipologia. Idealizado por Raul Blanco, professor da “Comissão Nacional de Educação Física” do Uruguai e realizado pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, o referido evento foi organizado por meio de eixos temáticos: “Seção de Pedagogia aplicada à Educação Física”, “Seção de Política Educacional”, “Seção de Assuntos Correlatos” e “Seção de Biologia aplicada à Educação Física” (1º CONGRESSO..., 1943).

Nessa última, diversos foram os trabalhos apresentados, dentre os quais alguns especificamente destinados ao debate dos grupamentos homogêneos e fichas biométricas. Floriano Stoffel destaca-se publicando os já referidos resultados de seu trabalho junto às alunas do Ensino Técnico Secundário do Distrito Federal. Nesse

²⁰⁹ Em visita à Escola de Educação Física do Exército, Sette Ramalho falou sobre a constituição de fichas biométricas (BELANCHE, 1935).

sentido, apresenta: “Estudo da capacidade vital e da elasticidade torácica, realizado em 640 meninas de 14 a 15 anos, alunas das Escolas Técnicas Secundárias da Prefeitura do Distrito Federal”; “Tipo médio normal, tabela de graus centesimais, escala sigmática, perfil morfo-fisiológico, classificação biotipológica, erro específico, erro genérico, valor somático e relação peso – Valor somático das alunas de 14 e 15 anos das Escolas Técnicas Secundárias do Distrito Federal”; “Grupamento homogêneo e sua melhor técnica” e “Critério para apreciação do valor físico, morfológico e funcional do indivíduo”.

Peregrino Jr. apresentou, no referido evento, 5 textos cujos temas abordavam desde “Menstruação e exercícios físicos” ao grupamento homogêneo e fichas biométricas.

Além dos médicos citados, João de Deus Bueno dos Reis, médico que assumiria em 1946 a chefia da divisão de Educação, Assistência e Recreio, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura de São Paulo (KUHLMANN JÚNIOR; FERNANDES, 2008), também perpassa o debate biotipológico com o trabalho “Contribuição à Biotipologia Orto genética”.

Em seu texto apresenta a definição de Biotipologia, menciona seus precursores e aponta, ao falar dos parques infantis e Centros de Moças e Rapazes pertencentes à Divisão de Educação, Assistência e Recreio, que a Biotipologia se tornaria o parâmetro de avaliação dos resultados da assistência a esses sujeitos. Além disso, aponta que seus fundamentos estariam presentes nas ações e estrutura das instituições destinadas ao cuidado à infância e à juventude do Município de São Paulo (REIS, 1946).

Ao dedicar-se ao estudo da Antropometria, Reis apresenta um método/instrumento próprio, de aplicação em crianças e adolescentes, denominado “Método Bionormográfico”, cujo conteúdo seria resultado da junção de diversos elementos de escolas constitucionalistas distintas. A partir de seus valores de medidas constitui-se o “Bionormograma”, uma representação gráfica que otimizaria o processo de comparação com as curvas de referência. Asseverando a praticidade e agilidade do “Bionormograma”, Reis encerra seu pronunciamento (REIS, 1946).

Floriano Stoffel, Peregrino Jr. e João de Deus Bueno dos Reis, por meio de seus trabalhos suscitam o debate Biotipológico e fazem do “I Congresso Pan-americano de Educação Física”, lócus de produção, divulgação e difusão dos pressupostos e fundamentos da Biotipologia.

Em setembro de 1941, a Revista de Educação Física (Exército) publica o texto “Primeiro Congresso Paulista de Educação Física”, cujo conteúdo apresenta integralmente as conclusões do referido evento. Promovido pela Associação de

Professores de Educação Física do Estado de São Paulo, dentre suas resoluções, aprovadas mediante plenária no final do evento, encontra-se na “Seção III – Assuntos Científicos”: “O Critério ideal para o grupamento homogêneo exige a orientação constitucionalística de Viola.” (PRIMEIRO..., 1941, p.40).

Dentre as resoluções do I Congresso Sul-Americano de Medicina Desportiva, ocorrido em Lima no ano de 1939, consta a necessidade de se considerar o “Biotipo” no momento de indicar os esportes às mulheres.

A segunda edição do evento, datada de 1941, teve a presença de Floriano Stoffel, Lauro Studart, Waldemar Areno, Paulo Araújo, dentre outros intelectuais brasileiros que, além de participarem do evento, apresentaram seus trabalhos. No que concerne aos debates suscitados no referido evento, é possível destacar a “identificação do biótipo de atletas de países altos” (ARAÚJO, 1941b; MORAES, 1941b).

Inserida nos debates acadêmicos, a Biotipologia presentifica-se nos eventos destinados à causa da Educação Física, inserindo-se ora como saber legítimo capaz de legar racionalidade às práticas de exercitação, ora apontada como impraticável e complexa ao dia a dia das escolas e professores.

Na medida em que seus fundamentos são apresentados, suas metodologias debatidas e saberes construídos, a Biotipologia movimentava o debate acadêmico da Educação Física, difundia-se, legitimava-se e, uma vez articulada com as práticas de exercitação física, conferia densidade acadêmica à Área.

2.3.2.4 O saber biotipológico em aulas e conferências

Em 1929, ano de ingresso das primeiras turmas dos cursos de formação do Centro Militar de Educação Física, os componentes curriculares do curso de “Medicina Especializada” diziam respeito a: “Pedagogia”, “Antropometria e Biometria”, “Fisiologia” e “História”. Pelos indícios, do ano de 1930 para 1931, podem ter ocorrido alterações na “grade curricular”, constando as disciplinas “Pedagogia”, “Anatomia”, “Fisiologia”, “História da Educação Física”, “Antropometria e Biometria”, “Massagens” e “Fisioterapia”. Outras mudanças curriculares aconteceram ainda no ano de 1932 e 1933.

Quando o Centro Militar de Educação Física passa a se denominar Escola de Educação Física do Exército, um novo regimento entra em vigor, por meio do Decreto nº 23.252, de 19 de outubro de 1933, regulamentando as ações e organizando a nova

escola. De acordo com o documento, o centro de formação destinar-se-ia a formar: “Instrutores e Monitores de Educação Física” militares e, eventualmente, civis; “Mestres de Armas e Monitores de Esgrima”, “Médicos Especializados” e “Massagistas desportivos”.

No curso de especialização, o referido regulamento passa a prever, dentre sua organização e composição curricular, as seguintes disciplinas de: “Metabolismo, Regime alimentar, Constituição (Morfologia)” e “Biometria e Bio-estatística”. Nos cursos de “Mestre de Armas”, “Instrutores” e “Monitores de Educação Física”, consta o componente “Prática elementar de morfologia, biometria e bio-estatística” (MINISTÉRIO da Guerra, 1933).

As disciplinas acima citadas tratariam, dentre os elementos do seu programa de aprendizagem, as questões acerca da Biotipologia. Nesse sentido, Waldemar Berardinelli, médico civil, é contratado pela Escola do Exército para ministrar os conhecimentos das doutrinas constitucionalísticas, função que desempenhou, como dito, ao longo dos anos de 1933 e 1934 (BERARDINELLI, 1938).

Escola de Educação Physica do Exército – Capital Federal,
21 de agosto de 1936. – Atestado. – Este commando atesta que taes aulas foram dadas com proficiência que tem feito do Dr Berardinelli um mestre de reputação universal, e que esta Escola deve-lhe o inestimável serviço de-lhe haver criado uma cadeira de Biotypologia, cujos ensinamentos tem permitido o desempenho cabal das finalidades escolares nos estudos referentes à nossa raça²¹⁰.

Waldemar Berardinelli ministrou ainda um curso no “Quartel General da 7ª Região Militar” de Recife. Naquela ocasião, provavelmente em 1933, abordou o problema da Educação Física, recebendo os agradecimentos do General Manoel Rabello, comandante do estabelecimento (BERARDINELLI, 1938).

Assim como na Escola de Educação Física do Exército e muito influenciado por ela, o curso de Educação Física do Estado do Espírito Santo previa, segundo

²¹⁰ Nota de pé de página assinada por Raul Mendes de Vasconcelos, Tenente-coronel Comandante (BERARDINELLI, 1938, p.19).

Gonçalves (1936), a cadeira de “Antropometria, Noções de Biotipologia e de Estatística”. Nas palavras de Gonçalves (1935, p.117):

Nesta cadeira são estudadas as medidas de ordem somática e funcional, feita a descrição dos biótipos e dadas as noções de estatística necessárias ao professor para agrupar e classificar os seus alunos.

Ambrosio Torres, em ocasião do VII Congresso Nacional de Educação, pronuncia-se sobre “A Educação Física nas escolas normais”, cujo conteúdo apresenta uma proposta de composição curricular para os cursos de Ensino Normal. Dentre as diversas cadeiras previstas, pode-se destacar: “Fichamento biométrico – no domínio da antropometria pedagógica – com exames morfo-fisiológicos”; “Noções de Bio-typologia e de antropometria pedagógica – suas relações, aparelhagem técnica completa e de emergência” (TORRES, 1935, p.146).

Segundo José de Oliveira Gomes (1935), os conhecimentos da Biotipologia deveriam ser oferecidos aos alunos dos cursos: “Especial de Desportos”, “Curso Geral de Educação Physica”, “Curso Especial de Médicos” do Estado de Pernambuco. Assim, dentre os componentes curriculares dos dois primeiros constariam as cadeiras de “Biometria e Bio-estatística” e do último, “Bio-Typologia”.

Cabe ressaltar que, ao longo da década de 1930, a Escola de Educação Física do Exército constituiu-se como lócus de referência para formação em Educação Física no país (MELO, 1996). Nesse sentido, Enge (1935) aponta que a constituição da Escola Superior de Educação Física de São Paulo, cujo início letivo foi em 1934, adotou as diretrizes da referida escola (GOMES; DALBEN, 2011; ENGE, 1935). Ainda em 1934, foi promovida uma viagem dos alunos matriculados na escola de Educação Física de São Paulo à Fortaleza de São João, a fim de acessarem, por meio de Sette Ramalho, conhecimentos de Biometria (GOMES; DALBEN, 2011). A legitimidade alcançada pela escola do Exército pode ter contribuído para a difusão do debate sobre Biotipologia e constituição de disciplinas que tratariam das doutrinas constitucionalistas nos cursos de Educação Física.

No final da década de 1930, a Escola do Exército cede seu lugar de referência à Escola Nacional de Educação Física e Desportos, cuja estrutura e boa parte dos professores originaram-se da referida instituição militar (MELO, 1996).

Peregrino Jr. (1943), um dos fundadores da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (MELO, 1996), indica que a instituição oferecia o “Curso de Medicina especializada”, “Curso Normal”, “Curso Superior” e o “Curso de técnica Desportiva”, ressaltando ainda que o curso de especialização destinado aos médicos seria “o mais importante da Escola sob o aspecto científico” (PEREGRINO, Jr. 1943, p. 06) e seu programa compreenderia:

Fazer ampla explanação crítica sobre as questões atuais da morfologia, biotipologia e caracterologia, para que eles possam compreender os limites da sua utilidade e a exata significação da sua aplicação pragmática na Educação Física e possam, sobretudo, realizar o fichamento adequado dos indivíduos sob seus cuidados profissionais. (PEREGRINO Jr. 1943, p.07)

Além do “Curso de Medicina Especializada”, o processo de formação do “Curso Normal” e do “Curso de Técnica Desportiva” também contemplariam o debate sobre biotipologia por meio da cadeira “Noções gerais de fisiologia, morfologia, biotipologia e caracterologia” (PEREGRINO Jr. 1943, p.08). Do mesmo modo, no “Curso Superior”, dentre as disciplinas previstas estaria a de “Biotipologia de adultos e crianças, de homens e de mulheres”, além de “Biometria”, “Bioestatística” e “Morfologia” (PEREGRINO Jr. 1943, p.08).

Segundo a revista “Educação Physica”, nº62, e Ramilda Quitete, ex-aluna em entrevista a Melo (1996), Peregrino Jr. é apontado, como professor responsável pela fundamentação e debate sobre Biotipologia e Biometria na Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

Inserida em disciplinas nos cursos de formação, assim como tema de conferências que se propuseram abordar a Educação Física à luz das doutrinas constitucionalísticas, a Biotipologia se faz ver constituindo espaços de visibilidade, debate e difusão de seus fundamentos e pressupostos. Ao integrar a fala legítima de médicos como Waldemar Berardinelli, Sette Ramalho, Floriano Stoffel e Peregrino Jr., ao se inserir como componente curricular de cursos de formação manifesta-se com intenção de orientar o fazer prático/acadêmico da Educação Física, ao mesmo tempo em que potencializa os mecanismos de seu dispositivo.

2.3.3 Componente 2 – A inserção do saber biotipológico nas Fichas Biométricas

Biometria é a ciência que tem por fim traduzir numericamente os fenômenos biológicos, estabelecendo entre os dados assim obtidos relações que visam determinar as leis que os regem. (RAMALHO, 1938a, p.04)

A Biometria estabelece-se como prática legítima, subsidiando a Medicina, Criminologia, Artes, Antropologia, Psicologia, dentre outras Áreas de Saber. Suas técnicas e instrumentos de medidas seriam capazes de extrair do corpo informações sobre a ascendência hereditária e prever legados biológicos às próximas gerações. Por meio de mensurações específicas e determinados cálculos, a Biometria teria competência para informar o tipo constitucional a que cada sujeito pertence e, com isso, suas possíveis aptidões, propensões a doenças, características psíquicas e intelectuais. Enfim, a Biometria forneceria à Eugenia e Biotipologia um modelo legítimo cientificamente.

Segundo Roquette-Pinto (1927), os fundamentos da Eugenia de Galton estariam alicerçados na Genética e na Biometria. Para o antropólogo do Museu Nacional, enquanto os estudos da hereditariedade esclareceriam os processos de transmissão dos caracteres de geração em geração, a Biometria “evidenciaria a ‘variação’ dos phenomenos e principalmente a ‘frequência dos caracteres’” (1929, p.172). No que tange às mensurações corpóreas direcionadas ao estudo estrito de seres humanos, Fernando R. da Silveira, em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, discute suas inserções na antropologia, genética e sociologia. No encaminhar de sua conferência cita Roquette-Pinto para atribuir peso ao argumento que evidencia a Biometria e hereditariedade como fundamentais no processo de conhecimento do ser humano, condição básica para promover o melhoramento da espécie.

Nos estudos sobre constituição, a Biometria forneceu, com seus aparatos técnico-instrumentais e fundamentos matemáticos/estatísticos, rigor científico e novo ânimo às propostas.

Na segunda metade do século XIX, enquanto parte dos estudiosos debruçava-se sobre as investigações da microbiologia, o italiano De Giovanni dedicou-se aos estudos do indivíduo, apoiado nas antigas doutrinas de temperamentos e constituições de Hipócrates e Galeno, reafirmando a importância dos fatores constitucionais nos processos de adoecimento, contrariando a “nova crença” que explicaria tudo por meio

dos micro-organismos. Para tanto, apoiou-se nas práticas antropométricas e descreveu seus processos metodológicos e instrumentais de investigação em sua obra “*La Morfologia del Corpo Umano*”, em 1891. De Giovanni relacionava morfologia a estados patológicos, como se houvesse uma predisposição de determinados tipos humanos a certas doenças, desse modo os corpos deveriam ser classificados e a Antropometria seria o mecanismo científico capaz de agrupar pessoas e, a partir disso, prever doenças e antecipar a cura (ALBRIZIO, 2007).

Fora dos limites da Eugenia e da Biotipologia, a Biometria ganha impulso nos seus processos de difusão, tornando-se linguagem corrente nos círculos intelectuais quando, em 1901, o periódico *Biometrika* começa a ser editado. Destinada ao debate e divulgação de estudos estatísticos acerca das ciências Biológicas e seus problemas, a editoração da revista ficava a cargo de Karl Pearson²¹¹ (1857- 1936), W. F. R. Weldon (1860-1906) e C. B. Davenport (1866-1944), tendo como consultor Francis Galton (ALBRIZIO, 2007; SILVEIRA, 1929). O referido periódico intencionava dar novo ânimo aos estudos em antropologia física, porém seu escopo incluía não só estudos sobre humanos, mas todo o campo da biologia.

Antes da data inicial de editoração do periódico, o termo Biometria já era utilizado e técnicas de mensurações biológicas já se constituíam como práticas de investigação no corpo (ALBRIZIO, 2007). Segundo Albrizio (2007), os primeiros usos da Biometria estiveram vinculados ao campo das artes e pouco interesse despertava no campo médico. Na segunda metade do século XVIII, a Antropometria foi adotada como prática capaz de investigar os corpos humanos e suas principais características, sendo adotada primeiramente por naturalistas e, em seguida, por antropólogos.

Johann Kaspar Lavater (1741-1801), fisionomista suíço, e Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840) introduziram metodologias de investigação próprias da matemática, geometria e estatística, porém aplicadas em seres humanos (ALBRIZIO, 2007). Nesse período, o crânio era considerado pelos antropólogos o elemento mais significativo do corpo, tornando-se privilegiado objeto de estudos.

Nos encaminhamentos da Biometria, a necessidade de mensurações cada vez mais precisas fez surgir a construção de uma série de instrumentos. Nesse sentido, inventou-se o “Pulsilogium”, eficiente na mensuração da frequência do pulso, “Manómetro” e o “Sphygmograph” instrumento para auferir a pressão arterial, assim

²¹¹ Segundo Albrizio (2007), as letras finais “KA”, correspondentes ao seu título, teriam relação com o nome de Karl Pearson, discípulo de Francis Galton, investigador dedicado às mensurações corpóreas e às proposições eugênicas.

como a Mesa Antropométrica horizontal, elaborada por Giacinto Viola e capaz de tomar inúmeras medidas de seguimentos corporais diferentes (ALBRIZIO, 2007).

No início do século XIX, Carl Friedrich Gauss (1809) e Marques de Laplace (1812) adotaram em seus estudos antropométricos os conceitos da probabilidade, uma teoria utilizada especialmente por matemáticos para gerenciar os erros nas mensurações astronômicas (ALBRIZIO, 2007; SILVEIRA, 1929).

Por sua vez, a introdução da probabilidade e estatística no campo das ciências sociais deve-se a Adolphe Quetlet que, em 1835, publicou “*Sur l’homme et le développement de ses facultés*” no qual desenvolveu a ciência da “física social”, à qual vinculou a noção de “média” e a curva de Gauss. Quetlet é apontado como incentivador das investigações quantitativas na antropologia, fornecendo subsídios à ampliação e difusão do campo (ALBRIZIO, 2007; SILVEIRA, 1929). Sua noção de “homem médio”, o estabelecimento da “lei binominal” e suas representações gráficas entraram na linguagem corrente da elite acadêmica, dentre elas o direito, a criminologia, as investigações acerca do crescimento e desenvolvimento humano e a clínica médica (ALBRIZIO, 2007).

Impulsionada pelo uso crescente de métodos matemáticos e estatísticos na análise de fenômenos biológicos e na prática clínica, a “matematização” da Biometria fornecia a possibilidade de controlar a significância da evidência médica (ALBRIZIO, 2007). O emprego de números e instrumentos tornou-se essencial para alguns médicos, principalmente os clínicos, seduzidos pela medicina constitucional entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, momento de emergência de muitas das escolas constitucionálicas (GOULD, 1999).

Paul Broca (1824-1880), anatomista e médico francês, investiu seus esforços no movimento antropológico, fundando, em 1859, em Paris, a *Société d’Anthropologie*²¹². Construiu ainda um Laboratório de Antropologia e estabeleceu *Revue d’Anthropologie* (GOULD, 1999; SÁ et alii., 2010). O objetivo do projeto antropológico de Broca situava-se na descrição numérica de tipos e características comuns a determinados grupos de indivíduos por meio de mensurações e cálculos estatísticos. Para Broca, mesmo características qualitativas deveriam ser traduzidas numericamente, uma expressão comum da segunda metade do século XIX que intencionava encontrar métodos rigorosos que permitissem a conversão das características humanas em elementos

²¹² Segundo Gould (1999) dois anos depois de fundada a *Société d’Anthropologie*, Louis Gratiolet defendeu a tese de que o tamanho do cérebro não teria relações com o grau de inteligência. Pressuposto básico para a antropologia de Paul Broca. Munido de seus argumentos, Broca desqualifica a tese de Gratiolet e a crença científica da craniometria continua.

numéricos (GOULD, 1999). Com isso, Paul Broca publicou as instruções para mensurações do crânio e seus esforços estimularam os encaminhamentos do campo antropométrico²¹³ (ALBRIZIO, 2007; GOULD, 1999).

Nesse contexto, outros tantos institutos de antropologia foram fundados nas cidades de Londres, Madri, Moscou, Berlim e Viena. Na Itália, em 1971, estabeleceu-se a *Società Italiana per l'Antropologia e l'Etnologia*. Em 1893, é fundada a *Società Romana di Antropologia*, instituição que daria origem, anos depois, ao Instituto Italiano de Antropologia. Em 1897, estabeleceu-se, em Livorno, o Instituto Antropológico Italiano, um laboratório que possuía algumas semelhanças ao *Anthropometric Laboratory of London*, fundado por Francis Galton (ALBRIZIO, 2007).

Segundo Albrizio (2007), o sistematizador da “ciência” Eugenia e seu discípulo e colaborador Karl Pearson têm sido apontados como personalidades importantes na introdução sistemática de métodos quantitativos para investigar fenômenos biológicos. Seus esforços desempenharam um papel relevante no encaminhamento da antropologia, dando-lhe legitimidade e *status* científico (ALBRIZIO, 2007; GOULD, 1999). Mais do que isso, tais intelectuais são indicados como os pioneiros da Biometria e, segundo Gould (1999), Francis Galton é considerado um dos precursores da estatística moderna.

No campo da Educação Física, a Biometria e seus aparatos técnico-teórico-instrumentais foram inseridos, contribuindo à “racionalização”, cientificidade e legitimidade de seu fazer prático. A esse respeito, em ocasião do I Congresso Brasileiro de Eugenia, Fernando R. da Silveira afirma: “Ella [a Biometria] é a base da educação physica [...]” (1929, p. 106). Ao longo de sua conferência intitulada “Biometrica”, o autor ressalta a inserção dos aspectos matemáticos e estatísticos como capazes de “exatificar” os fenômenos biológicos. Nesse sentido, afirma:

Já dissera Laplace – que tudo quanto se pode desejar de mais preciso, só, é encontrado na mathematica e, nesse domínio, o que há de mais preciso é o cálculo das probabilidades [...] (SILVEIRA, 1929, p.104)

Peregrino Jr., ao publicar em 1943 seu livro “Biometria aplicada à Educação”, debate os processos pedagógicos à luz da mensuração corpórea e acerca da Educação Física, e pronuncia-se em comum acordo com Silveira (1929), argumentando:

²¹³ Paulo Broca teria influenciado o campo da Antropologia Física no Brasil em fins do século XIX. Seu referencial teórico, indicações técnicas e instrumentais foram incorporados como prática de pesquisadores do museu nacional, com destaque a João Baptista de Lacerda (SÁ et ali., 2010).

Pode afirmar-se, sem sombra de exagero, que a Educação Física se libertou do empirismo e inaugurou sua fase científica no dia em que começou a se socorrer das luzes e dos informes da biometria. (PEREGRINO Jr. 1943, p.03)

As práticas forjadas na ignorância das leis biológicas e o empirismo grosseiro manifesto na exercitação física poderiam colocar em risco a saúde dos educandos, portanto, fazendo-se necessária uma intervenção coerente aos aspectos modernos da Educação Física, que segundo Ramalho (1932), apoiar-se-ia nas práticas do “Gabinete Biométrico”.

A cientificidade e racionalidade propalada por Peregrino Jr. (1943) e Fernando da Silveira (1929) manifestar-se-iam nos dados decorrentes dos processos de fichamento biométrico, informações fundamentais capazes de organizar turmas biologicamente homogêneas, de avaliar e de acompanhar os efeitos das práticas físicas, de indicar esporte adequado às necessidades e potencialidades físicas, de subsidiar a elaboração das aulas.

No debate suscitado na Educação Física, em diversos momentos as proposições biométricas estiveram vinculadas às diretrizes biotipológicas²¹⁴.

Entretanto, como apontado ao longo deste texto, a Biometria não se configura como um mecanismo exclusivo da Biotipologia, fornecendo subsídios a diversos campos do saber. Nesse sentido, alguns documentos referentes à Biometria na Educação Física não fazem menção direta à Biotipologia, indicando em alguns momentos sua intervenção independente das doutrinas constitucionalísticas²¹⁵.

Nesse sentido, a descrição do “Componente 2” pretende identificar, no debate sobre fichas biométricas, instrumento carregado de intenções técnico-científicas, as proposições antropométricas apoiadas nos fundamentos biotipológicos.

Em 1930, o Centro Militar de Educação Física era uma simples dependência da Fortaleza de São João [...]. Seu serviço médico, organizado com imensas dificuldades pelo então 1º Tenente Dr. Virgílio Alves Bastos se resumia

²¹⁴ A saber: Ramalho (1933c); Almeida (1942).

²¹⁵ Em março de 1933, a Revista de Educação Física (Exército) publica o artigo “Ficha Morfo-Fisiológica”, cujo conteúdo apresenta debate sobre as fichas, assim como um modelo de instrumento de mensuração. Apesar de o debate suscitar alguns autores próximos à Biotipologia, o exemplo de ficha parte, especificamente, dos elementos propostos pelo método francês de ginástica.

em um pequeno gabinete de biometria onde se fazia uma inexpressiva ficha biométrica, muito semelhante à que fazia na Escola de Joinville-le-Pont. Por esse motivo o grupamento homogêneo dos educandos do estabelecimento era grandemente falho e o controle médico dos exercícios era praticado sem orientação muito definida. (MORAES, 1941a, p.25)

O Método Francês de Ginástica, por meio do decreto 14.784, de 21 de abril de 1921, é oficialmente incorporado ao serviço militar como diretriz às práticas físicas para todas as armas. A partir de 1929, além das instituições militares, todas as escolas civis de ensino primário deveriam adotar o Método Francês. Em 1931, O “Regulamento Geral de Educação Física”, documento que sistematiza as proposições do referido método torna-se diretriz para as instituições de ensino secundário, normal e superior (GOELLNER, 1992).

Os pressupostos originários da Escola Militar de Joinville-Le-Pont sustentavam-se nas noções modernas de Fisiologia e pretendiam o máximo de eficiência do movimento motor com o menor gasto energético possível (GÓIS Jr., 2003; SOARES, 1999; GOELLNER, 1992). Dentre os procedimentos previstos pela escola francesa de ginástica encontram-se exames, cujos elementos estariam contidos em uma ficha biométrica e que teriam sua validade e aplicabilidade discutidas por Sette Ramalho em dois artigos publicados na Revista de Educação (Exército).

Em outubro de 1936, o texto “O exame médico na educação física da criança, pelo método francês” sinaliza quais as intenções de tal procedimento. Ao médico competiria distinguir fisiológica e psicologicamente as “crianças normais” das “anormais”, além de acompanhar os efeitos do exercício. Para tanto, deveria proceder um “Exame clínico” e um “Exame Antropológico”. Sem apresentar maiores detalhes sobre o instrumento utilizado nas mensurações, Sette Ramalho finaliza seu texto.

Aproximadamente um ano antes, em 1935a, o mesmo Capitão Médico, ao discutir as diretrizes biométricas do “Regulamento Geral de Educação Física”, pronuncia, de forma categórica, duras críticas àquela ficha antropométrica, desaconselhando o instrumento adotado pela Escola de Joinville-Le-Ponte. Em suas palavras, enumera seus argumentos contrários:

As experiências realizadas sobre a ficha de Educação física adotada no Regulamento Francês de Educação Física não aconselham seu uso em nosso Exército, por não serem encontradas ali as bases indispensáveis ao preenchimento de suas finalidades que são: 1º Determinação do valor físico do educando; 2º Controle dos resultados da Educação Física; 3º Controle fisiológico do exercício; 4º Determinação do biótipo; 5º Seleção atlético-desportiva; 6º Preparação bioestatística. (RAMALHO, 1935a, p.33)

Com base nos dados acessados, há indícios de que o debate sobre o modelo biométrico apregoadado pelo método francês não teria se estendido para muito além destes dois textos assinados por Ramalho.

Professor da cadeira de Biometria, chefe do departamento médico e do Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército, Augusto Sette Ramalho, publica um artigo centrado em indicações sem grandes aprofundamentos e outro carregado de críticas contundentes. Após a edição desses dois artigos, o autor sessa as discussões sobre a ficha biométrica proposta pelo método Francês. Desde os textos assinados por Ramalho, nas seguintes edições dos periódicos da Educação Física, o debate cede lugar ao silêncio, mas não à ausência.

Após ter publicado “O exame médico na educação física da criança, pelo método francês” (1936b), Sette Ramalho prossegue o debate sobre as fichas biométricas para as crianças²¹⁶, entretanto, sequer menciona a escola de Joinville Le-Pont. Assim também procedem os demais autores que se pronunciam acerca das planilhas de Biometria nos periódicos da Educação Física: Arthur Ramos (1936), reeditado em (1941), Áureo Moraes (1937), Waldemar Areno (1938), Washington Augusto de Almeida (1942a), Paulo Frederico F. de Araújo (1940a, 1940b), Floriano Stoffel (1937), João Lotufo (1942), Inezil Penna Marinho (1942, 1944), Peregrino Jr. (1943b), além de alguns tantos cuja publicação não consta autoria.

Em 1935a, no mesmo texto em que Sette Ramalho desaconselha o instrumento biométrico da Escola de Joinville-Le-Ponte, evidencia sua proposta de ficha biométrica

²¹⁶ A saber: Ramalho (1933b), reeditado em 1940a e 1940b; Ramalho (1936a).

para a Educação Física, cujos elementos já estavam sendo debatidos desde 1932²¹⁷ e sistematizados em formato de planilha desde janeiro de 1934²¹⁸.

Apesar das críticas ao modelo proposto pelo método francês, o instrumento construído por Ramalho sinaliza algumas semelhanças aos elementos propostos pelo “Regulamento Geral de Educação Física”. Estruturada em quatro partes 1) Identificação; 2) Ficha Morfo-fisiológica/Perfil Morfofisiológico, 3) Ficha individual (provas físicas); 4) Ficha Biotipológica, o instrumento construído por Ramalho possui similaridades à ficha proposta pelo método francês, especificamente nos itens “3” e “4”.

<i>Ficha Biométrica para Educação Física</i>	<i>Ficha e exame decorrente do Regulamento Geral de Educação Física</i>
<i>Item 2 - Ficha Morfo-fisiológica/Perfil Morfofisiológico</i>	<i>Fiche Individuelle (Cycle supérieur)</i>
<i>Perímetro Torácico – Repouso Inspiração Expiração Elasticidade Torácica</i>	<i>Perimètre Thoracique xiphoidien Inspiration maximum Expiration Maximum Difference (élasticité)</i>
<i>Força manual direita Força manual esquerda Força Lombar</i>	<i>Dynamometrie - fléchisseurs des avant-bras Dynamometrie – Muscles lombaires</i>
<i>Item 3 - Ficha Individual (Provas Físicas) Destinadas ao corpo da tropa</i>	<i>Certificat supérieur d'éducation physique – Examens físicos</i>
<i>Corrida de 100m Corrida de 1500m Salto em altura com impulso Salto em largura com impulso Tregar Lançamento de granadas Levantar e transportar</i>	<i>Course (vitesse) 100 mètres Course (résistance) 1000 mètres Saut en hauteur avec élan Saut en longueur avec élan Grimper Lancer Lever. Porter</i>
<i>Capacidade Vital Coeficiente pulmonar²¹⁹</i>	<i>Capacité vitele Coefficient pulmonaire</i>

Quadro 5: Comparativo entre Ficha Biométrica de Educação Física e Ficha e exame decorrente do Regulamento Geral de Educação Física.

Fonte: Elaborado pelo autor

²¹⁷ Em “O Gabinete Biométrico na Educação Física Moderna” (1932), primeiro texto assinado por Ramalho nos periódicos de Educação Física, já havia uma intenção de proposta da ficha morfofisiológica, cujo debate prossegue em Ramalho (1933a, 1933c, 1933d, 1933e, 1934).

²¹⁸ Cabe ressaltar que os modelos de ficha contidos em Ramalho (1934a) e reeditado em Ficha Morfofisiológica para Educação Física (1934) sofreram algumas pequenas alterações, mantendo a mesma estrutura e fundamentos.

²¹⁹ O Coeficiente pulmonar, do mesmo modo que o *Coefficient pulmonaire* é obtido por meio da fórmula Capacidade vital/ peso (RAMALHO, 1935a; RÉGLEMÉNT... 1928).

Cabe ressaltar que, em relação aos testes físicos, a ficha proposta por Ramalho manteve a mesma ordem de provas previstas pelo método francês e o único exercício não adotado foi um tipo de alongamento feito com auxílio de bastão. Quanto aos itens evidenciados no item “2”, Ficha Morfofisiológica/Perfil Morfofisiológico a disposição tornou-se outra, assim como alguns elementos foram descartados. Entretanto, dados sobre frequência cardíaca (em repouso, após exercício, e tempo de volta à calma) foram inseridos no instrumento proposto por Ramalho, possivelmente influenciado pelos conhecimentos fisiológicos presentes no “Regulamento Geral de Educação Física”.

Apesar dos silêncios sobre a *Fiche Individuelle* e os exames físicos propostos pelo método francês, as diretrizes decorrentes da Escola de Joinville Le-Pont estiveram presentes nos modelos de ficha propostos por Sette Ramalho e em boa parte das publicações que sistematizaram exemplos de instrumentos como esses ao longo da década de 1930, nos periódicos da Educação Física.

Outro elemento bastante criticado por Ramalho nos processos de determinação do valor físico seria as contradições e equívocos decorrentes do “Índice de Robustez”. A esse respeito, o médico militar sinaliza que o “valor físico” dos sujeitos seria determinado pelo tipo de índice utilizado e não pelas condições físicas do examinado. Desse modo,

[...] frequentemente [...] indivíduos considerados fortíssimos por um índice eram, ao mesmo tempo, considerados fracos por outro. Em um caso dêste, para a classificação, qual o critério a adotar? (RAMALHO, 1935b, p.06)

Além disso, preocupava-se com a facilidade de se proceder tais mensurações e cálculos, o que possibilitaria aos leigos a constituição de grupamentos homogêneos, a partir de poucas medidas (RAMALHO, 1935b). Atestando os perigos de se inferir o estado de higidez de um indivíduo por meio de dados escassos e mensurações estritamente antropomorfas, Ramalho ressalta a necessidade de médicos aptos a procedimentos mais complexos e fidedignos (RAMALHO, 1938b).

Do mesmo modo, em 1938b, o então Capitão médico publica “Os índices de robustez e a Escola de Educação Física do Exército”, no qual retoma as críticas aos Índices, sinalizando que as intenções de se expressar numericamente o valor de saúde e força de cada indivíduo acompanham os pesquisadores há longas datas.

[...] a ideia primitiva de, por meio da Matemática tornarmos o mais simples possível os conhecimentos biológicos teria aqui [no índice de robustez] mais alta aplicação a nosso ver, **os limites do abuso**. O fato é que, diante de nossas experiências, feitas com centenas de examinandos, um certo número de Índices de Robustez, justamente aqueles mais em uso, deram em resultado as mais desconstruídas classificações, absurdos os mais chocantes, que vieram nos trazer a evidência de um fato já bem suspeitado por nós: - **a falência dos mesmos**. (RAMALHO, 1938b, p.13; grifos do autor)

Às voltas com as críticas aos “Índices de Robustez” e à ficha proposta pelo método francês e a fim de “proteger os educandos”, dos perigos inerentes a classificações errôneas, e de fornecer um modelo mais seguro, Sette Ramalho (1935b) aponta:

Tivemos então que procurar um processo mais seguro [...]. Este processo, nascido das cogitações desta escola foi intitulado “Perfil-Morfo-Fisiológico”, gráfico em que todos os elementos são escalonados de acordo com a homogeneidade de suas finalidades, fazendo-se um traçado geral do indivíduo, onde se sobressaem suas qualidades ou deficiências, não somente morfológicas, como funcionais. (RAMALHO, 1935b, p.06)

Assim, nas cogitações da Escola de Educação Física do Exército, Sette Ramalho, como dito, propõe a “Determinação do valor físico” por meio de uma ficha “Morfofisiológica” que subsidiaria a construção do gráfico “Perfil-Morfo-fisiológico”.

Como mencionado, o debate nas revistas de Educação Física acerca de uma proposição de ficha data de 1932 e naquele momento já era solicitado um instrumento capaz de avaliar, classificar e subsidiar os processos avaliativos daqueles destinados às práticas de exercitação. O debate encaminha-se, ao longo dos anos seguintes, tendo como característica comum a textos, referências constantes à escola constitucionalista italiana.

Nos primeiros anos da década de 1930, o debate sobre fichas biométricas provinha majoritariamente dos artigos de Sette Ramalho e de alguns outros textos publicados, sobretudo no periódico do Exército, sem indicação de autoria. Cabe ressaltar, porém que os textos não assinados possuem conteúdo similar ao debate suscitado pelo capitão médico, com destaque às mesmas referências, argumentos semelhantes e, em alguns, o mesmo modelo de ficha defendido por Ramalho²²⁰.

Em agosto de 1933, o texto “Das fichas biométricas” é publicado na Revista de Educação Física (Exército) a fim de debater técnicas e organização dos dados biométricos em um instrumento para Educação Física. Ao longo de seu texto, após argumentar sobre a necessidade de construir uma ficha prática, exequível e ao mesmo tempo científica, aponta os itens que deveriam ser contemplados: Morfologia, Fisiologia, Psicologia, Relações numéricas, Controle e Provas atléticas. Ao abordar as especificidades dos aspectos físicos, Ramalho questiona: “Que elementos pois são fornecidos pela escola de Bárbara para a organização da nossa ficha?” (RAMALHO 1933c) e, em sequência, lista uma série de pontos anatômicos a serem mensurados, além de umas tantas medidas complementares para a Educação Física.

Em outubro de 1933, o autor publica a continuação do texto que, além de manter o mesmo título, retomou os pontos a serem mensurados, porém agrupando os conjuntos de elementos em Perímetros, Diâmetros, Cabeça, Tronco, Membros, etc. No mês seguinte, Sette Ramalho publica o artigo “Uma ficha para a Biotipologia de Bárbara”, onde trata especificamente de um instrumento baseado na Biotipologia com fins biotipológicos, diferentemente da proposta em debate até então, que tinha finalidades específicas da Educação Física.

E em janeiro de 1934, publica, enfim, um modelo de ficha biométrica no texto “Uma ficha para os corpos da tropa”. Nesse instrumento, Ramalho articula, como dito, os elementos advindos da escola francesa de ginástica (fisiológicos e testes físicos) aos aspectos morfológicos decorrentes da Biotipologia italiana. Assim, para a confecção da “Ficha Morfofisiológica” e “Perfil Morfofisiológico” seriam necessários, além dos dados citados no “Quadro 5”, elementos como altura, Busto, Membros inferiores, Diâmetro biacromial, Diâmetro bi-trocanteriano, Envergadura e Índice Ponderal. Segundo Ramalho (1933c), tais elementos seriam decorrentes da morfologia de Bárbara, entretanto,

²²⁰ Dentre as quais é possível citar: “Ficha morfo-fisiológica “tipo brasileiro” a ser adotada nos corpos de tropa e estabelecimentos militares” (1933), Ficha morfológica para crianças (1933), Ficha Morfofisiológica para a educação física (1934), A Ficha biométrica nos corpos da tropa (1936), Como fazer uma ficha do corpo da tropa (1936), dentre outras.

devido a seu caráter genérico, também eram solicitados por outros referenciais como as diretrizes do Regulamento Geral de Educação Física (Estatura, Busto, Envergadura), assim como os pressupostos da antropologia física, adotados pelos pesquisadores do Museu Nacional, liderados por Roquette-Pinto (Estatura, Envergadura, Índice Ponderal, Diâmetro biacromial e Diâmetro bitrocantariano).

No conjunto dos elementos constituintes da ficha biométrica, “Valor Tronco” e “Valor membros”, no entanto, presentificam o instrumento construído por Ramalho, marcando especificidades da morfologia de Bárbara. Tais dados, Segundo Berardinelli (1943) e Ramalho (1935a) seriam acessados por meio de alguns cálculos simples, quais sejam: “Valor Tronco” = abdômen total (abdômen inferior + abdômen superior) somado ao valor do tórax; “Valor membros” = membros inferiores somado aos valores dos membros superiores. Por meio desses dados, Sette Ramalho inseria na Ficha Morfofisiológica a relação tronco-membros capaz de classificar o indivíduo em: normolíneo, breviliâneo e longilíneo, segundo as categorias de Bárbara.

Assim, os itens “2” “Ficha Morfo-fisiológica/Perfil Morfo-fisiológico” proposta por Sette Ramalho é constituída por meio da articulação de elementos provenientes dos fundamentos da Biotipologia e Regulamento Geral de Educação Física, apresentando algumas semelhanças com as proposições da Antropologia física dos pesquisadores do Museu Nacional.

O item “4”, “Ficha Biotipológica”, entretanto, apresenta as 10 medidas fundamentais do sistema fechado de Viola, sem a articulação aparente com qualquer outro referencial. O método antropométrico de Viola, Segundo Berardinelli (1942), seria amplamente aceito por seu caráter racional e sofisticação dos instrumentos e do uso dos tratamentos estatísticos.

Dentre os elementos propostos pelo sistema de Viola e adotado por Ramalho constam: a) “Alturas segmentares” - Ponto jugular, Ponto xifoideu, Ponto epigástrico, Ponto púbico, Maleolo interno; Acrômio, Dobra do punho; b) “Diâmetros” - Transverso torácico, Transverso hipocondríaco, Transverso pélvico (bicrista), Sagital torácico, Sagital hipocondríaco; c) “Distâncias Verticais” - Júgulo-xifoídea, Xifo-epigátrica, Epigastro-pública, Membro superior, Membro inferior; d) “Valores” - Thorax, Abdomen superior, Abdomen inferior, Abdomen total, Tronco, Membros.

Em 1934, quando Ramalho agrega à sua proposta de ficha a “Determinação do Biotipo”, deixa claro que os dados e informações relativos aos fundamentos constitucionalistas seriam de “caráter complementar”. Segundo o autor, a morosidade

e complexidade de seus procedimentos poderiam dificultar os processos de formação de turmas homogêneas, indicando a classificação dos sujeitos por meio do “Perfil Morfofisiológico”.

Uma vez atendidas as demandas de primeira urgência, Ramalho propõe a confecção da “Ficha Biotipológica e Etnológica” que, apoiada na classificação de Bárbara, descreve os seguimentos a serem mensurados, o instrumental necessário e a técnica de correta execução.

O saber biotipológico é ainda solicitado pelo Capitão médico ao abordar a “Seleção Atlético-desportiva”. Nesse item ressalta a necessidade dos dados constitucionais, descrevendo as características dos “Saltadores e corredores de velocidade”, “Equipes de cabo de guerra”, “Corredores de maratona”, dentre outros.

Especificamente em relação à Biotipologia, as fichas sofreram ajustes ao longo da década de 1930, entre elas, mudança na sequência da ordem dos elementos a serem mensurados e a supressão do item “altura do trocanter”²²¹. Em novembro de 1935, Ramalho cria a possibilidade de se construir um “Perfil Biótipo-Etnológico” traçando-se um gráfico que liga os pontos decorrentes dos dados mensurados. A constituição desse perfil seria possível pela articulação de dados indicados pelos pressupostos biotipológicos já presentes nos modelos anteriores agregados dos elementos “Índice Nasal” e “Índice Cefálico”.

Ao longo da década de 1930, assinou aproximadamente 15 artigos tratando dos pressupostos e proposições dos fichamentos biométricos e, além disso, como dito, seus modelos de fichas foram publicados sem identificação de autoria em alguns números da Revista de Educação Física (Exército) e Educação Phisica²²².

Ramalho foi o maior expoente entre os anos 1930 e início dos anos 1940, o que sinaliza um esforço na busca de espaço político e acadêmico. Apesar do peso de seu nome sobre os aspectos Biométricos e Biotipológicos, o debate sobre Biometria não ficou a ele circunscrito. Outros autores²²³ se fizeram ver, contrapondo suas propostas e criando alternativas à “Determinação do Valor Físico” por meio do “Perfil Morfo-fisiológico”

²²¹ FICHA morfofisiológica... (1934).

²²² FICHA morfofisiológica... (1934); “A FICHA biométrica... (1936a; 1936b; 1937).

²²³ Waldemar Areo (1938) apresenta a constituição de grupos homogêneos para a natação a partir da “tabela de Cristian” para o sexo masculino e orientação morfológica de Pagliani para o sexo feminino. Apesar de o autor mencionar o termo “Morfofisiológico” ao longo do texto, não há indícios de adoção da ficha proposta por Sette Ramalho. João Lotufo publica em 1942 o texto intitulado “Treinamento”, cujo conteúdo evidencia desde os processos de seleção de atletas ao acompanhamento do treino, estado nutricional e de higiene. Sem mencionar termos relativos à Biotipologia, cita os procedimentos biométricos e a indicação esportiva por meio da ficha Morfo-fisiológica. Entretanto, sem reproduzir os elementos da referida ficha e sem maiores informações acerca do instrumento, não foi possível identificar a qual pertence.

Arthur Ramos, em sua conferência no VII Congresso Brasileiro de Educação, aponta:

O agrupamento das crianças para essa educação será feito, então, não apenas por uma arbitrária e errônea divisão por idade cronológica, mas, essencialmente por tipos morfológicos diagnosticados previamente pelo antropologista. (RAMOS, 1935, p.34)

A fim de subsidiar sua afirmação, Arthur Ramos menciona Waldemar Berardinelli, Theoris, o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental e Petre-Lazar, intelectual que teria estabelecido conexões entre a educação física dos escolares e os tipos morfológicos. De modo distinto de Sette Ramalho, a cientificidade, manifesta por meio do grupamento homogêneo dos educandos, deveria obedecer estritamente às proposições da Biotipologia.

Em 1936, a Revista de Educação Física (Exército) publica “O controle médico da Educação Física em suas relações com a biotipologia e a endocrinologia”, de autoria de Floriano Stoffel. No texto em questão, o então responsável pelo controle médico da Educação Física nas Escolas Técnicas Secundárias sinaliza o modo como tem organizado tal serviço, pronunciando-se da seguinte forma:

Procuramos, no Gabinete Médico de Contrôlo da Educação Física das Escolas Secundárias Técnicas, dar novos rumos à questão de Educação Física. (STOFFEL, 1936, p.11)

E nesse sentido, apresenta suas concepções e metodologia de trabalho. Para Stoffel, o primeiro passo da organização médica de Educação Física deveria ser: separar aqueles que aptos daqueles que não podem fazer educação física. O grupo dos inaptos é subdividido ainda entre “os que não podem transitoriamente” e “os que não podem permanentemente.” Feito isso, aqueles aptos às práticas de exercitação darão origem a turmas homogêneas, “condição *sine qua non* para que a Educação Física seja rigorosamente controlável, tornando-se capaz de produzir os benefícios que dela é justo esperar” (STOFFEL, 1936, p.09). Em outra passagem, Stoffel complementa:

O único meio preciso de separação dos indivíduos em grupamentos, é o obtido mercê da aplicação dos conhecimentos fornecidos pela Escola Constitucionalista Italiana [...] (1936, p.09).

Seguindo as orientações da Biotipologia, então, os alunos são classificados de acordo com os três grandes grupos constitucionais Normolíneos, Brevilíneos e Longilíneos, para então proceder à formação das turmas a partir do “Perfil Morfofisiológico”.

A partir dos indícios, Floriano Stoffel, assim como Sette Ramalho, opera duas classificações, uma Biotipológica e outra Morfofisiológica. Entretanto, contrariando as sugestões de Ramalho, a Biotipologia, em Stoffel, torna-se o elemento central, classificando os indivíduos em tipos constitucionais para só então proceder ao grupamento homogêneo a partir da morfofisiologia.

Em junho de 1942, Washington Augusto de Almeida, médico especializado pela Escola de Educação Física do Exército, publica o texto “Ficha biométrica simplificada para os corpos de tropa e estabelecimentos militares?”. Logo no início de seu texto, o autor aponta que os motivos para a proposta de simplificação da ficha desenvolvida por Sette Ramalho seriam devido a sua complexidade e dificuldade de execução. Em suas palavras:

Com efeito, o trabalho de alguns anos já demonstrou suficientemente que a execução da atual ficha, no comum dos casos está fóra dos limites da praticabilidade, em virtude, principalmente, da sua demasiada complexidade e minúcia. Essa afirmação é baseada não só na minha própria experiência da tropa como na prática de dois anos de um gabinete de Biometria e nos depoimentos dos relatórios médicos e fichas remetidas à Escola de Educação Física do Exército. (ALMEIDA, 1942a, p.55)

Em meio às críticas, Almeida propõe a simplificação nos seguintes termos: 1ª – Identificação; 2ª - Registro gráfico da altura e peso; 3ª- exame biótipo etnológico simples; 4ª - exame físico.

Referente ao exame “biotipoetnológico”, o autor ressalta a importância e cientificidade para o campo, sinalizando que se resumiria em prática e ágil coleta de dados feita ao longo dos exames e seu uso seria feito posteriormente pela Escola de Educação Física do Exército e serviria para estatísticas acerca do corpo da tropa. “Do estudo das medidas e valores biotipológicos resultará o levantamento estatístico do normotipo brasileiro das várias regiões dentro de cada grupo étnico específico. [...]” (ALMEIDA, 1942a, p.56; 57).

Diferentemente da ficha de Sette Ramalho, Almeida (1942a) ressalta a escola biotipológica italiana como fundamento teórico que conduziria o exame morfológico. Nesse sentido, apresenta os elementos corpóreos a serem mensurados, todos eles oriundos dos pressupostos Biotipológicos: Comprimento Júgulo Xifóideo; Comprimento Xifoepigástrico; Comprimento do Membro Inferior; “Comprimento do Membro Superior”; “Diâmetro torácico transverso”; “Diâmetro hipocôndrico transverso”; “Diâmetro hipocôndrico sagital”. As indicações de medidas seriam ainda efetuadas por meio do instrumental indicado pela escola italiana como, por exemplo, a Mesa de Viola (versão adaptada por Áureo Moraes).

Da ficha de Sette Ramalho, ficaram os dados referentes à largura e profundidade do nariz.

Washington Augusto de Almeida, em 1942(a), era instrutor das cadeiras de Biometria e Bioestatística na Escola de Educação Física do Exército, disciplinas anteriormente ministradas por Sette Ramalho. Em decorrência de seu artigo sobre a ficha simplificada, a editoração da Revista de Educação Física (Exército) assim se pronuncia:

Nota da Redação – O trabalho sobre a “Ficha Biométrica Simplificada” [...], constitui um estudo de grande relevância e atualidade, como está baseado em observações interessantíssimas e de acordo com as possibilidades dos nossos corpos da tropa.

Publicando-o na íntegra, visa a Revista de Educação Física interessar aos inúmeros camaradas com experiência no assunto, desejando que os mesmos enviem à nossa Escola as suas críticas e sugestões, afim de ser possível, em breve prazo, se estabelecer uma nova ficha, prática, e exequível²²⁴.

²²⁴ O fragmento transcrito, como dito, refere-se a uma inserção textual no artigo de Washington Almeida, entretanto, sem constar título e indicando autoria vaga atribuída ao(s) Editor(es) do periódico, mantém-se a referência Almeida (1942a).

A proposta elaborada por Washington de Almeida e endossada pelo periódico do Exército problematiza, com aparente propriedade e densidade empírico-acadêmica, a ficha biométrica de Ramalho e atribui relevância aos pressupostos da Biotipologia²²⁵.

Em 1943b, Peregrino Jr. publica na revista *Educação Physica* o texto “Aspectos modernos do fichamento biométrico em Educação Física”. De modo semelhante a Washington de Almeida, critica os modelos de ficha biométrica usados nos estabelecimentos militares e clubes esportivos, dizendo serem as fichas complexas, carentes de objetividade e extensas e sinaliza: “não teem validade comprovada nem mesmo na Itália, onde a Biotipologia é uma ciência de índole oficial.” (PEREGRINO Jr., 1943b, p.45).

Acerca do modelo de ficha adotada pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Peregrino Jr. emite o parecer de ser “inexequível”, “ociosa e inútil”. E conclui:

De mais, as fichas de tal tipo, na verdade, hoje não são mais utilizadas, nem no Exército nem em nenhum centro de Educação Física, de vez que sua principal finalidade - o grupamento homogêneo de acordo com as pesquisas de Ratisbona e Washington de Almeida, se faz agora na Escola de Educação Física do Exército, não segundo o perfil morfo-fisiológico, mas apenas levando em conta a correlação: peso mais a altura. (PEREGRINO Jr., 1943b, p.45)

Ao longo do texto, o professor da Escola Nacional de Educação Física ressalta seu valor como ficha especial para estudos da Biotipologia e refuta seu uso no cotidiano da Educação Física. Adiante, o autor ainda dirige críticas à perspectiva de Viola e questiona o motivo de fidelidade da Educação Física brasileira à escola de um dos mais importantes constitucionalistas da Itália. Ressaltando tendências da Biometria a ele contemporâneas, refere-se à Biotipologia de Viola como ortodoxa.

Ao criticar as fichas biométricas existentes em Educação Física, Peregrino Jr. dirige-se especialmente ao modelo oficial para as instituições militares. Em 28 de novembro de 1934, o Ministro da Guerra aprova as “Instruções Reguladoras das Atribuições do Oficial Regimentoal e do Médico de Educação Física”²²⁶. Nesse documento

²²⁵ Almeida assina outros dois textos no periódico do Exército: “Influência do exercício físico sobre o peso: observações feitas na E.E.F.E.” (1942b), cujo conteúdo não versava sobre o debate Biométrico e Biotipológico; “O exame biométrico na Escola de Educação Física do Exército” (1952), cuja data de publicação foge aos limites do estudo.

²²⁶ De caráter provisório até a publicação do novo Regulamento Interno e dos Serviços Gerais dos Corpos da Tropa do Exército, segundo consta no documento (MONTEIRO, 1934).

fica instituído o uso da Ficha Biométrica para Educação Física elaborada por Sette Ramalho, uma vez que a execução de seus elementos constituintes (FICHA... 1933; RAMALHO, 1934; FICHA... 1934) passam a ser atribuição do médico de Educação Física (MONTEIRO, 1934).

Ao passo em que Peregrino Jr. (1943b) opera as críticas às fichas Biométricas e ao “sistema de Viola”, referencia Leniti Sirio, vinculado ao Instituto de Patologia e Metodologia Clínica, da Real Universidade de Roma, dirigido por Nicola Pende e autor do estudo que versa sobre o tipo morfológico do desportista.

Ao criticar a Biotipologia, usa como referência a própria Biotipologia e assim sinaliza possíveis saídas para o problema do grupamento homogêneo. Segundo Leniti Sirio, citado por Peregrino Jr. (1943b), a organização das turmas e classificação dos atletas poderiam ser efetuadas de modo mais efetivo por meio do “Índice Ponderal” de Pende e do “Índice Esquelético” de Manouvrier.

Sem apresentar uma proposta de ficha, Peregrino Jr., em seu livro *Lições de Biometria Aplicada* (1943a), aponta a importância da Biometria para racionalidade das práticas físicas e cita os objetivos da ficha biométrica: determinar aspectos físicos e fisiológicos para a prática, acompanhar seus efeitos, avaliar; prever os aspectos maléficos decorrentes da fadiga²²⁷. Além disso, o autor ainda sinaliza a relevância de investigações científicas com base na Biometria, quais sejam: fisiológicas, antropológicas, psicológicas e biotipológicas. Com um caráter de livro didático, “*Biometria Aplicada à Educação*” discute conceitos, apresenta escolas e modos de representação gráfica. Apesar de não se deter à Biotipologia, Peregrino Jr., como dito, apresentava apropriação acerca das doutrinas constitucionais e a partir delas procedia a investigações e ministrava aulas.

Em alguns momentos criticada, em outros relegada a segundo plano, a Biotipologia insere-se no debate sobre Biometria presentificando a doutrina constitucionalista na maioria dos documentos produzidos pela/para Educação Física, entre a década de 1930 e primeiros anos da década de 1940.

Apontada por alguns como única perspectiva teórico-metodológica capaz de organizar turmas homogêneas e proceder à indicação esportiva, para outros legaria letargia e inutilidade no fazer prático da Educação Física. Sob críticas ou pronunciamentos elogiosos, a Biotipologia densifica o debate sobre Biometria e se insere em alguns dos instrumentos criados pela Educação Física, interferindo nas práticas de exercitação e se fazendo ver como Área de saber que “pesa” sobre os corpos daqueles postos sobre exame.

Desse modo, o segundo “Componente” do “Dispositivo Biotipológico” – “A materialização da Biotipologia nas Fichas Biométricas”, constitui-se como peça

²²⁷ Acerca desses elementos, Peregrino Jr. (1943) destaca investigações desenvolvidas pela escola de biometria norte-americana.

importante da engrenagem e insere-se numa estética biométrica que, juntamente com os procedimentos de mensuração, constituição arquitetônica/instrumental dos gabinetes de biometria, auxilia o funcionamento da “Tecnologia Biotipográfica”.

2.3.4 Componente 3: Instrumentos, arquitetura, estética e a produção da tecnologia biotipográfica

Se me permitem o simili é ele [o Gabinete Biométrico] o cérebro do sistema educativo e como tal ordena ou coordena os movimentos a serem executados ao mesmo tempo que sente os efeitos destes exercícios sobre os diferentes órgãos e células que compõem o organismo da Escola de Educação Física. (RAMALHO, 1932, s/p.)

A presença de um Gabinete Biométrico na Escola do Exército já se fazia evidente desde a primeira publicação sobre Biotipologia nas revistas de Educação Física. Sua história é contada pelos periódicos, evidenciando seus processos de mudança e ampliação, sinalizando o *status* adquirido por aquele setor.

Em princípio, instalado junto ao Ginásio Leite de Castro, as demandas de mensuração e tratamentos de dados teriam tornado suas dependências reduzidas diante do volume de tarefas. Nesse sentido, com auxílio do Ten. Cel. Raul Mendes de Vasconcelos e do Chefe do Departamento Médico Dr. Sette Ramalho, foram angariados recursos para a construção de um edifício para os serviços do Departamento médico (MORAES, 1941a).

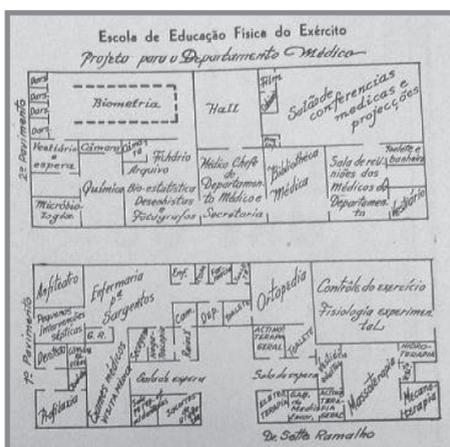


Imagem 10: Projeto para o departamento médico.

Fonte: Ramalho 1935, p.11

Inaugurado em setembro de 1937, o prédio abrigou os setores de Metabologia, Bioquímica, Radiologia, Laboratório de Psicologia Experimental, Fisiologia Aplicada e Massagem (MORAES, 1941a).

Além do Gabinete de Biometria da Escola de Educação Física do Exército, foi possível perceber a presença de estrutura similar nas dependências da Estrada de Ferro Central do Brasil (A ESTRADA, 1944), no Estado do Espírito Santo (GONÇALVES, 1935), Pernambuco (GOMES, 1935; DESENVOLVE-SE, 1934), Minas Gerais (O CENTRO de, 1934), São Paulo (ENGE, 1935), Rio de Janeiro no Colégio Militar (A EDUCAÇÃO, 1934), Instituto La-Fayette (A ORIENTAÇÃO, 1937), Escolas Técnicas Secundárias (STOFFEL, 1937) e Escola Nacional de Educação Física e Desportos (PEREGRINO Jr. 1943a).

Mais do que a simples menção, muitos dos gabinetes tiveram seu instrumental e organização fotografados, atestando “desenvolvimento da Educação Física²²⁸” naquelas instituições.

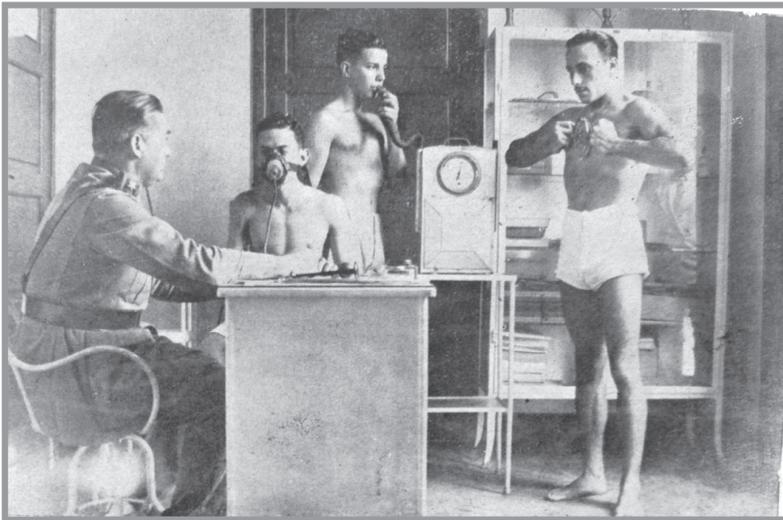


Imagem II : A Educação Física no Colégio Militar.

Fonte: A Educação Física..., 1934, p. 25.

Os Gabinetes Biométricos, uma vez fotografados e publicados nas páginas dos periódicos, além de espaço de prática científica, tornavam-se espaço de visita, aberto à

²²⁸ É recorrente a ideia de “desenvolvimento” e difusão da Área manifesta nos títulos de diversos artigos: “Desenvolve-se a Educação Física em Pernambuco” (1934); “Centro de Educação Física da força Pública Mineira” (1934); “A Educação Física no Colégio Militar do Rio de Janeiro” (1934), dentre outros.

contemplanção constante “como se fosse um [...] lugar de edificação de memórias” (TERRA, 2007, p.100). De outro modo, é possível dizer que o grande volume de imagens e menções a essa estrutura que “organizaria” a Educação Física, permite a produção de um “monumento²²⁹ da racionalidade” que guiava o fazer prático da Área.

Denominados ainda como “Laboratórios de Fisiologia”, “Departamento de Serviços Médicos”, etc., tais espaços continham inúmeros instrumentos organizados no seu interior, como é possível perceber nos textos “Gabinete de Biometria”, (1935) e “Ficha Morfofisiológica tipo brasileiro [...]” (1933), ambos editados pela Revista de Educação Física (Exército). Nessas publicações constam listas de aparelhos necessários para o serviço médico dos Gabinetes de Biometria. Dentre eles: Toeza, Fita métrica, Balança, Compasso Cefalométrico, Compasso Nasal, Compasso de Espessura, Quadro mural para envergadura, Goniômetro de Charp, Espirômetro, Estenômetro de Bloch, Cronômetro, Aparelho para pressão arterial, Manômetro, Banqueta, Eletrocardiógrafo, Mesa de Viola, etc.

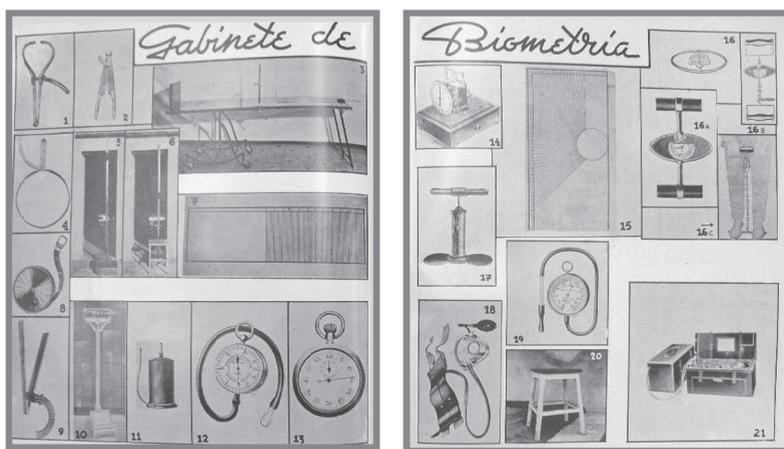


Imagem 12: Instrumental do Gabinete de Biometria.

Fonte: Gabinete de Biometria, 1935, p. 18-19.

O “Antropômetro de Viola”, específico para as mensurações da parte biotipológica, surge como elemento de distinção em várias imagens publicadas nas revistas. Sua imponência, valor de aquisição e signos de cientificidade conferiam-lhe posição de destaque, assim como, destacava o Gabinete Biométrico que dele era possuidor.

²²⁹ Le Goff, 2003.

Na imagem abaixo, os responsáveis pelo Gabinete Biométrico da estrada de ferro Central do Brasil são fotografados juntamente aos seus visitantes atrás da “Mesa de Viola”, cuja posição ocupa toda a extensão da fotografia, compondo uma estética que informa, educa e legitima.



Imagem 13 : Gabinete Biométrico da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Fonte: A Estada de Ferro..., 1944, p.71.

Os locais para exames e mensurações, entretanto, já eram previstos como obrigatórios desde o ano de 1931. Naquela data, a Portaria Ministerial número 70, de 30 de junho, sinalizava que:

A execução do programa de educação física, além do concurso periódico do médico e permanente do instrutor, necessita ainda de um pequeno gabinete destinado aos exames fisiológicos indispensáveis à organização das fichas e de observações de ordem estatística e biotipológicas, etc. (ARAÚJO, 1940a, p.55)

O “pequeno gabinete” previsto pelo referido documento ganha maiores proporções ao ser constantemente reiterado, fotografado e publicado. *Locus* de status, sua arquitetura e estética assim se constituem na relação com as representações de

cientificidade, “educando o olhar e os corpos” que por ali perpassavam (SOARES, 1999; TERRA, 2007).

Espaços criados para reificação dos cerimoniais e evidência dos exercícios de poder auxiliariam os procedimentos de inquisição dos corpos que ali adentrassem. A Biotipologia, manifesta nas fichas e instrumentos de exame e mensuração, contribui à composição de uma arquitetura e estética que apoia e potencializa ações ritualizadas que extraem do corpo informações capazes de classificar, prescrever e indicar suas regularidades, racionalizando práticas e produzindo saber no interior da Educação Física.

Pela balança nós teremos o peso nu do aluno; com a toesa a altura ou talhe, o comprimento do busto, a envergadura e subtraindo-se da altura o busto, os membros inferiores; com a fita métrica teremos os perímetros toraxicos, a ampliação ou elasticidade toraxica [...] (RAMALHO, 1932, s/p.)

Em 1933, Waldemar Berardinelli e João Mendonça apresentam um modelo de “Biotipograma” a ser utilizado pelas casas de detenção. A ideia seria construir um arquivo individual que fornecesse informações sobre o criminoso. De acordo com as proposições da Biotipologia o estudo do indivíduo deve “abranjer as sucessivas fases da sua formação e desenvolvimento [...]. Nessa conformidade o Biotipograma criminal estuda o delinquente no seu Passado e Presente e pretende definir-lhe o Futuro” (BERARDINELLI; MENDONÇA, 1933, p.135,136).

Em Educação Física, Sette Ramalho (1933c) propõe a adoção de “Cadernetas de Saúde” que, segundo o próprio autor, teria sido adotada pelo “Regulamento de Educação Física para os Corpos da Tropa” (RAMALHO, 1935c.). Sua função seria acompanhar o indivíduo e registrar seu histórico de lesões, “alterações de saúde”, “deformações encontradas ou perturbações intercorrentes” (RAMALHO, 1933c, p.03). Ao lado da “Caderneta de Saúde”, as fichas Biométricas teriam por fim escrutinar o corpo, extrair informações e construir registros.

Enquanto o “Componente 2 – Fichas Biométricas” colocou em debate a constituição do instrumento e o que se queria saber, a “Tecnologia Biotipográfica” evidencia os procedimentos de “fazer falar”, seus rituais, e o modo como “encharca” de sentidos a materialidade dos gabinetes biométricos e seu instrumental de mensurações.

Uma vez concebida como uma “tecnologia” (FOUCAULT, 2010b), os processos de medidas e seus resultados constituem-se a partir da conjunção de diferentes elementos como: fichas biométricas, instrumentos e técnicas de medida, conhecimentos anátomo-fisiológicos, arquitetura e estética etc., organizados por meio de uma prática metódica e protocolar que, por sua vez, assim se constituiu mediante certas intencionalidades.

As tecnologias humanas são montagens híbridas de saberes, instrumentos, pessoas, sistemas de julgamento, edifícios e espaços, orientados, no nível programático, por certos pressupostos e objetivos sobre os seres humanos. (ROSE, 2001, p.38)

Os processos de mensuração dos corpos, muitas vezes denominados de “exames²³⁰”, ao fazerem uso de seus diversos instrumentos e apuradas técnicas constituem práticas altamente “ritualizadas”, às quais colocam em jogo relações de poder.

Seguindo as “Indicações Técnicas”, os procedimentos de medidas deveriam ser feitos com critério e rigor, “sendo necessário seguir à risca as determinações” a fim de não prejudicar as intenções de classificação, prescrição, assim como de resultados estatísticos²³¹ (BIOMETRIA, 1939, p.38). Nesse sentido, ao longo dos documentos acessados, diversas foram as publicações que intencionavam ensinar/divulgar as técnicas de medidas e o “passo a passo” do cerimonial biométrico.

Com o “examinando sentado na planchêta” e com uso da toêza, acessa-se a medida do “Busto”. A altura, descrita em centímetros, utilizará “frações de até 0.05”. Para obtenção do valor da apneia voluntária, primeiro executa-se “[...] uma ligeira inspiração profunda, não deixando, porém, se contrair os músculos do pescoço”. Feito isso, registra-se o tempo que o examinando consegue manter preso o ar com as narinas comprimidas e boca fechada. A “Capacidade vital [seria] colhida no espirômetro em uma expiração forçada precedida de uma inspiração profunda”. Para o perímetro torácico, identifica-se o

²³⁰ O termo exame é constantemente vinculado ao fazer prático do médico de Educação Física e sua presença é constante nos documentos acessados para este estudo. O mesmo termo é usado por Foucault (2010) para intitular uma das técnicas do poder disciplinar que, articulada com a “sanção normalizadora” e a “vigilância”, potencializa relações de poder e produção de saber.

²³¹ Nesse sentido, o Departamento Nacional do Ensino do Ministério da Educação baixou instruções para o serviço médico de Educação Física nos Estabelecimentos de Ensino. Publicadas pela revista Educação Física em dezembro de 1939, sua intenção, enquanto artigo, seria divulgar tais diretrizes a fim de padronizar o fazer prático do médico responsável por tal serviço (BIOMETRIA, 1939).

“plano horizontal ao nível do ponto de implantação do apêndice xifoide no corpo externo (nota-se um ligeiro ressalto ósseo)” (FICHA... 1933; BIOMETRIA, 1939).

Nos exames Biométricos, os médicos dotados dos protocolos dão prosseguimento ao cerimonial que posiciona os instruendos/examinandos como objetos. “Ali, [...] o ser humano será ritualmente transformado em corpo” (TERRA, 2007, p. 130).

Aqueles indicados ao exame apresentam-se vestidos com o mínimo necessário²³² e, ao longo do processo, seguem às diversas solicitações. Assim, executam movimentos, ficam imóveis, sobem e descem dos aparelhos, sentam-se, alongam-se, exprimem força, respiram e param de respirar quando requeridos. Por vezes ficam inertes diante do médico que, vestido pelos sinais da ciência, do método e da verdade, mensura, aufere, revisa e anota. Segundo Foucault (2010b, p.177) “A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível”.

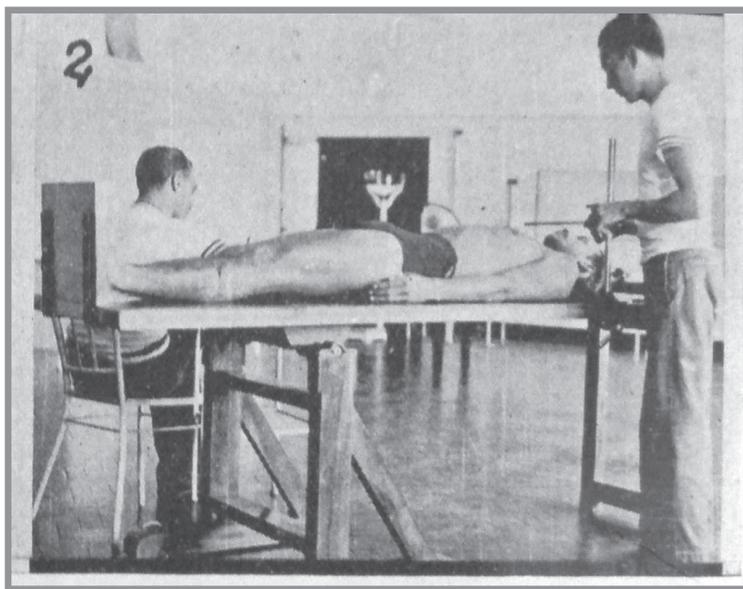


Imagem 14: “A Ficha Biométrica nos Corpos da Tropa”.

Fonte: A Ficha Biométrica, 1936, p.8.

²³² As práticas procedidas com delinquentes, no Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, segundo Berardinelli e Mendonça (1933), sugerem corpos nus.

E nesse processo operam-se perguntas, respostas, classificações e apontamentos em forma de notas e registros, gerando acúmulo de documentos, constituindo arquivos com datas, medidas, quadros de conversão de valores, tipos morfológicos e traçados gráficos.

A fim de se constituírem tabelas de comparação, o Departamento Nacional de Ensino do Ministério da Educação, por meio da “Portaria Ministerial nº161 de 11 de maio de 1939”, solicita às escolas a ele subordinadas que encaminhem os dados coletados nos exames biométricos à Divisão de Educação Física (BIOMETRIA, 1939).

Alguns anos depois, outro documento com intenções regulamentares é produzido pelo Departamento Nacional de Ensino, reiterando a necessidade de se constituir um “banco de dados” a partir dos exames biométricos dos educandos. Datada de 1944, a Portaria Ministerial nº 467 prevê, em seu artigo nº 26, “remeter à Divisão de Educação Física, a fim de cada ano, cópia das fichas médico-biométricas de todos os alunos matriculados;” (PORTARIA..., 1944, p.20).

Do mesmo modo, a Revista de Educação Física (Exército) publica, em 1934, as indicações dos procedimentos, cálculos e instrumentos para o fichamento do corpo da tropa. Dentre os elementos ali presentes, consta a seguinte solicitação:

Remeter, findo o ano de instrução, por intermédio do comandante do corpo, um relatório sobre seus trabalhos à Escola de Educação Física do Exército, do qual uma cópia será enviada ao chefe do Serviço de Saúde Regional; (...); e, enquanto forem necessárias as pesquisas biotipológicas e etnológicas, um exemplar de cada ficha que, para isso, será organizada em duplicata. (FICHA... 1934, p.5)

Por meio de uma “escrita disciplinar” (FOUCAULT, 2010b) “fabricam-se arquivos” (LEMOS; CARDOSO Jr, 2009) que ao mesmo tempo individualizam o sujeito e o agrupam em uma coletividade. As mensurações e seus registros colocam em evidência duas técnicas de poder: uma disciplinar centrada no corpo, individualizante, com intuito de docilizá-lo e torná-lo útil; e uma regulamentar voltada às massas, à população, visando ao equilíbrio e à média.

No que se refere às intenções da “Tecnologia Biotipográfica”, o exame fundamentaria a prescrição das práticas de exercitação, assim como o esporte mais adequado aos tipos constitucionais e, com isso, seria possível extrair o máximo de rendimento tendo riscos à saúde minimizados.

Ao passo que os corpos examinados forneceriam dados capazes de evidenciá-los em suas unidades e individualidades, tais resultados igualmente permitiriam direcioná-los aos grupos homogêneos, assim como, localizá-los em tipos constitucionais. Além disso, forneceria elementos básicos para os estudos da população a fim de identificar padrões e desvios. Por meio de conceitos da Matemática e da Estatística são processados cálculos, fórmulas e conversões de valores, a partir dos quais seriam possíveis curvas, gráficos, tabelas, assim como previsões e estimativas. Com isso a imaterialidade corpórea da média, da regressão e dos coeficientes constituiria referências manifestas em quadros representativos da população.

Floriano Sttoffel (1937), como dito, ao proceder aos métodos da biotipologia de Viola em alunas do ensino técnico secundário do Distrito Federal, encontrou o perfil do tipo somático de adolescentes de 15 anos.

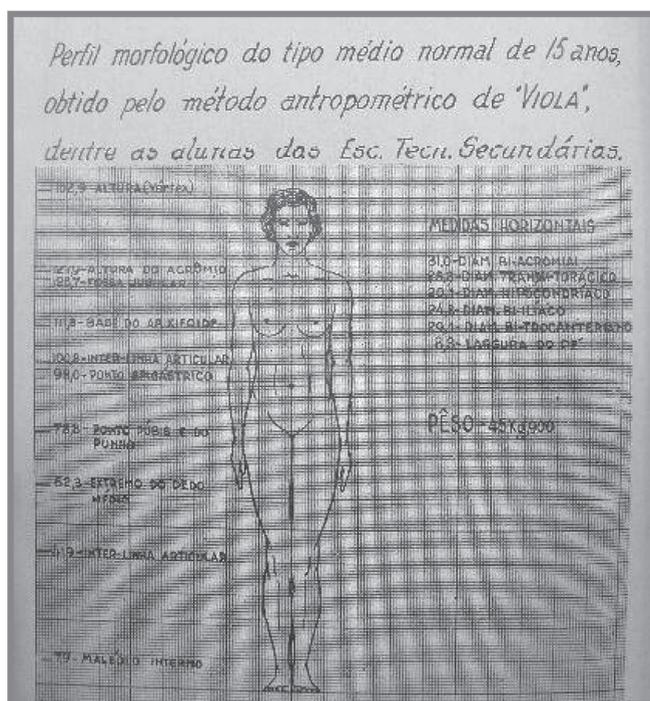


Imagem 15: Alunas das Escolas Técnicas Secundárias.

Fonte: Stoffel, 1937, p. 22²³³.

²³³ Esta imagem e o resultado do trabalho de Stoffel foram posteriormente publicados em Berardinelli (1942).

Waldemar Berardinelli, em seu Tratado de Biotipologia e Patologia Constitucional (1942), constrói um item intitulado “Tabelas de medidas normais brasileiras”, dentre as quais se encontra o referido perfil do tipo somático feminino, decorrente dos estudos de Stoffel, além de outras referências originárias de trabalhos antropométricos desenvolvidos no Brasil, evidenciados como parâmetros aos médicos e diretores de Educação Física.

Augusto Sette Ramalho também teria construído dados comparativos utilizando-se das mensurações e tratamentos oriundos da Escola de Educação Física do Exército, servindo-lhe como contraponto em suas investigações sobre a “Antropologia do Brasileiro do Interior Paranaense” (1943).

A “Tecnologia biotipográfica” além de localizar o sujeito em sua individualidade e de construir elementos representativos da média, atua ainda subjetivando os corpos. Ao longo do cerimonial que inquire e faz falar, constrói aptidões e tendências na medida em que os cálculos vão sendo gerados e os documentos ganhando corpo.

Ao longo dos processos que identificam biótipos, individualizam e agrupam os sujeitos, criam-se também perfis de aptidão física, tendências comportamentais, propensões a doenças, evidências às (des)proporcionalidades e, com isso, os sujeitos vão sendo subjetivados.

Nesse sentido, Peregrino Jr. (1940), com intenções em investigar a relação entre morfologia e conduta de escolares, agrupa os alunos em genéricos tipos físicos (altos e magros, altos e gordos, baixos e magros, baixos e gordos) e, partindo dos pressupostos das escolas constitucionalísticas, obtém os seguintes resultados: Os “Altos e Magros” tendem ao bom comportamento, chegando ao percentual de 85,36 e bom aproveitamento atingindo 82,92%. Dentre suas características apresentam-se mais sociáveis que insociáveis, mais sossegados do que turbulentos, mais estudiosos do que vadios. Já os “Altos e Gordos”, apesar de equivalentes no comportamento (85%), apresentam rendimento um pouco inferior atingindo 60%. Entre suas características comportamentais, apresentam-se mais alegres do que tristes, mais sossegados do que turbulentos, mais calmos que agitados, mais afetivos do que indiferentes. Acerca dos “Baixos e Magros”, destaca-se bom comportamento similar aos “Altos e Magros” e “Altos e Gordos”. Quanto ao “Aproveitamento”, atingiu um valor 20% superior aos “Altos e Gordos”. Acerca da conduta, apresentam-se um pouco mais tristes que alegres, mais sossegados do que turbulentos, mais calados do que faladores. Por fim, os “Baixos e Gordos” apresentam comportamento compatível aos outros tipos morfológicos e

aproveitamento somente superior aos “Altos e Gordos”. Dentre as características de conduta, apresentam-se bastante sociáveis e calmos, porém seriam lentos, desatentos e ligeiramente mais vivazes do que apáticos. Além disso, apresentam-se ainda afetivos, calmos, e alegres²³⁴.

E assim, as relações entre corpo e conduta constituem-se como “efeito e objeto de poder/efeito e objeto de saber” (FOUCAULT, 2010b), dando margem à localização dos sujeitos em determinados Biotipos cujos produtos são os agenciamentos de individualidades forjadas nas relações com o biodeterminismo.

Das articulações entre arquitetura, estética, técnicas e saberes, influenciados em grande medida pela Biotipologia, constitui-se uma tecnologia biotipográfica mediada por um ritual de mensurações cujo “palco” são os gabinetes biométricos e seu instrumental. Desse espaço de educação do corpo e de exercícios de poder resultam dados que ao mesmo tempo individualizam, subjetivam e localizam os corpos em uma dada coletividade.

Deste modo a tecnologia biotipográfica coloca em evidência os produtos do dispositivo biotipológico, ou seja, a produção de biótipos humanos e sua estreita relação com as práticas de exercitação. As turmas homogêneas para as práticas escolares e a identificação do esporte adequado a cada tipo constitucional podem ser considerados exemplos daquilo que se produz a partir da articulação entre peças e conectores do dispositivo biotipológico. Entretanto, outros biotipos são identificados e evidenciados em meio aos procedimentos desse dispositivo. Na justa medida em que corpos aptos às diversas práticas de exercitação são construídos como referência, outros tantos são apontados e subjetivados como inaptos, inapropriados e incapazes. Neste processo, as mulheres, biotipologicamente, deveriam praticar as danças e não os esportes de contato; os sujeitos de baixa estatura não estariam adequados à prática do basquete, nem de alguns tipos de corridas. Outros tantos estariam, ainda, restritos às práticas leves e moderadas dada a fragilidade de seu tipo constitucional. Assim, o estabelecimento do dispositivo biotipológico produziu corpos aptos e tipos constitucionais adequados. Produziu, sobretudo, os ineficientes, frágeis e incapazes.

²³⁴ Do mesmo modo, Hélio Vécchio Maurício, em seu texto: “Biotipologia, Arte e Cinema” publicado em maio de 1941 pela revista Educação Física, apresenta os estudos do psiquiatra alemão Kretschmer junto a indivíduos sadios e com diferentes patologias psiquiátricas, apurou que “[...] a totalidade dos esquizofrênicos eram indivíduos morfológicamente dos tipos leptosômico, displásico ou atlético – assim como a maioria dos indivíduos com psicose maníaco-depressiva ou circular eram do tipo morfológico pínico.” (MAURÍCIO, 1941b, p. 44).

2.4 Entre críticas e resistências, o auxílio da Biotipologia à constituição disciplinar da Educação Física

Desde os primeiros apontamentos sobre Biotipologia publicados nos periódicos da Educação Física, em 1932, Sette Ramalho, autor do texto, já anunciava críticas aos seus procedimentos. Naquela circunstância, envolto aos processos de sistematização de um modelo de ficha biométrica, sinalizava seu breve lançamento em formato simplificado a fim de agilizar e facilitar os processos de mensuração e classificação (RAMALHO, 1932). Cabe ressaltar que a ficha que estava sendo preparada apresentava como intenção estender-se a toda população militar, sendo executada, regularmente, duas vezes por ano (RAMALHO, 1934).

A respeito disso, Washington Augusto de Almeida, pronuncia-se, em 1942, categoricamente contrário ao modelo adotado para os estabelecimentos militares, sinalizando ser complexo, moroso e que, portanto, sua proposta de inserção populacional era inexecutável. Seus argumentos estariam baseados na lida direta com as fichas, tratamentos estatísticos e mensurações corpóreas e, como alternativa, propõe, então, um modelo simplificado (ALMEIDA, 1942a).

De modo semelhante, Peregrino Jr. (1943b), como mencionado, critica duramente o modelo adotado para as instituições oficiais, atribuindo ao método de Viola o caráter de obsoleto e às fichas propostas a partir de seu modelo de ociosas e impraticáveis.

Floriano Stoffel, em seu trabalho desenvolvido junto ao serviço médico de Educação Física das Escolas Técnicas Secundárias do Distrito Federal, ao adotar como subsídio teórico as proposições estritas de Giacinto Viola, sinaliza, ao longo de seu trabalho:

Depois de longo período de silencioso trabalho de gabinete, tomando medidas, fazendo operações e tentativas sem conta para a correta aplicação de um método rigoroso e exigente [...] vimos apresentar o produto desse labor [...] Podemos afirmar, [...], que os percalços não foram poucos, já porque empregávamos técnica complicada [...]. Cada passo dado, cada vitória alcançada custava-nos não pequeno esforço e não poucas horas de tentativa [...]. Atravessado período em que, aparentemente, o rendimento do Gabinete era nulo, [...] chegamos

finalmente, embora por enquanto só apresentando os dados já obtidos das meninas de 15 anos, ao período que podemos dar publicidade ao resultado dessa luta [...] (STOFFEL, 1937, p.17)

Nos meses de outubro e novembro de 1940, Paulo Araújo, Médico especializado formado pela Escola de Educação Física do Exército, vinculado à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, publica na revista *Educação Phisica* o texto “Educação Física nos estabelecimentos de ensino: como realizar os grupamentos homogêneos nas condições atuais”. Dentre outros pontos abordados pelo texto, o autor trata do conteúdo da “Portaria Ministerial nº161 de 11 de maio de 1939”, que organiza e põe em execução as “Instruções para o serviço médico de educação física nos estabelecimentos de ensino” e as fichas para os registros dos exames. Ao longo do artigo, Araújo evidencia que o trabalho com as fichas biométricas estava deficitário. Poucos foram os dados decorrentes do fichamentos dos educandos encaminhados, como previsto, à Divisão de Educação Física. Acerca dos percalços e da pouca eficiência do processo previsto para inserção nos estabelecimentos de ensino, Araújo assim se pronuncia:

Quiseram seguir desde o início a orientação constitucionalística de Viola na confecção das fichas, por julgá-la a mais perfeita, entretanto, isto acarretaria grande aumento de despesas, por parte dos estabelecimentos de ensino, e obrigaria a utilização de pessoal habilitado, em grande número, o que não se conseguiria tão cedo. (ARAÚJO 1940a, p.56)

Considerando a importância do grupamento homogêneo para a eficiência das aulas de Educação Física, Paulo Araújo, em contrapartida às dificuldades técnicas e materiais encontradas pelos estabelecimentos de ensino, propõe:

No estado atual dos nossos trabalhos, ainda sem possuímos as tabelas mencionadas em outra parte deste estudo, temos de contentar-nos com a realização mais ou menos empírica do grupamento homogêneo [...] (ARAÚJO, 1940b, p.38)

Em 1942, Inezil Penna Marinho publica, na revista de Educação *Physica*, o texto “Grupamento Homogêneo: considerações em torno desse problema em educação física”. Desde 1939, antes mesmo de sua formação, já havia se vinculado à Divisão de Educação Física, assumindo diferentes cargos dentro do setor. Seu envolvimento com a Área já apresentava estreitos laços e Inezil era apontado como importante referência (MELO, 2008).

Iniciando sua colaboração ao periódico *Educação Physica*, Inezil inaugura também um novo debate acerca do grupamento homogêneo em Educação Física. Sem questionar a morosidade e complexidade dos processos de fichamento biométrico, sem abordar os pressupostos da Biotipologia, qualificando ou desqualificando os tipos de classificação e os modos de mensurar próprios das escolas constitucionalísticas, Inezil Penna Marinho, sistematiza a seguinte problematização:

Antes de tudo: em relação a que, objetivamente, foi feito esse grupamento homogêneo? Admitamos que tenha sido para reunir indivíduos de condições físicas equivalentes. Nada mais acertado; mas será isso suficiente? Corresponderá isso às verdadeiras finalidades das escolas de educação física? Não resta a menor dúvida de que no Exército, na Marinha, nas forças auxiliares e em todas as instituições que tenham por finalidade antes de tudo, manter o perfeito equilíbrio morfo-fisiológico de seus homens, para que se apresentem, a qualquer momento, em boas condições físicas, o grupamento por esse perfil satisfaz inteiramente. Mas as escolas de educação física visam à formação de professores e técnicos; esta é a sua finalidade. (MARINHO, 1942, p.29)

Dois anos depois, em março de 1944, o mesmo texto é reeditado a pedido de vários leitores, como sugere os editores da revista. O artigo “Grupamento Homogêneo: considerações em torno desse problema em educação física” indica que, nos primeiros anos da década de 1940, um dos elementos fundamentais sobre o qual a Biotipologia se articulava com o “objeto determinado da Educação Física” é colocado sob suspeição. Inezil Penna Marinho coloca em “xeque” a necessidade do grupamento homogêneo e com isso sinaliza possível inflexão na mecânica do “Dispositivo Biotipológico”²³⁵.

²³⁵ Acerca das possíveis reconfigurações dessa mecânica, os limites temporais estabelecidos para este texto não permitem alcançar.

Entretanto, por mais que críticas fossem proferidas aos processos de mensurações corpóreas, a sua validade científica, à utilidade e exequibilidade, ao longo dos anos 1930 e início da década de 1940, os pressupostos da Biotipologia são apropriados pela Educação Física, gerando, em decorrência disso, uma série de efeitos de ordens diversas.

O funcionamento do Dispositivo Biotipológico, suas conexões e seus componentes ao mesmo tempo em que geravam “produtos” dessa mecânica eram realimentados por eles. Nesse sentido, a ideia de efeito não deve ser concebida como resultado final de uma maquinaria linear, ao contrário, parte da compreensão de algo que ao mesmo tempo constitui-se como fruto e substrato do Dispositivo Biotipológico²³⁶. Além disso, cabe ressaltar que as tramas do dispositivo, como sugere Foucault (1979) produz efeitos “desejáveis” ou “indesejáveis” ao funcionamento do dispositivo. Alguns dos produtos negativos do dispositivo biotipológico foram apontados acima e podem ser entendidos como críticas aos procedimentos e instrumentos constituídos pela Biotipologia, assim como os questinamentos de vínculo ao objeto determinado da Educação Física, como faz Marinho (1942), especificamente no que se refere ao grupamento homogêneo. Segundo Foucault (1979), as críticas e resistências aos efeitos do dispositivo realimentariam sua própria organização colocando em funcionamento seu caráter “plástico” e de autorefazimento.

Abaixo foram listados alguns dos efeitos do dispositivo biotipológico, cujo caráter reforçam seu funcionamento e são revestidos de certa positividade para si e para a Educação Física.

<i>Efeitos do Dispositivo Biotipológico</i>	
<i>Leis e resoluções</i>	
<ul style="list-style-type: none"> • A Portaria Ministerial, de 30 de junho de 1931, previa a necessidade de um gabinete destinado a exames fisiológicos, assim como organização das fichas biométricas, tratamentos estatísticos e biotipológicos (ARAUJO, 1940a; VIEIRA, 1940). • 28/09/1934 - Aprovação, pelo Ministro da Guerra, em caráter provisório, das “Instruções Reguladoras das Atribuições do Oficial Regimental e do Médico de Educação Física”, cujo conteúdo previa a adoção do modelo de ficha biométrica com os elementos propostos por Sette Ramalho (MONTEIRO, 1934). • O Departamento Nacional do Ensino do Ministério da Educação baixa instruções para o serviço médico de Ed. Física nos estabelecimentos de ensino, destacando que a indicação esportiva deveria obedecer à classificação biotipológica de Mário Bárbara (BIOMETRIA, 1939). 	
<i>Inserção como componente curricular dos cursos de formação</i>	

²³⁶ Muitos dos efeitos listados apresentam outras partes deste texto, sendo retomados aqui com a intenção de síntese em formato de quadro.

- Escola de Educação Física do Exército – Curso de Medicina Especializada. Cadeiras de: Constituição (Morfologia), Biometria e Bio-estatística. Cursos de Mestre de Armas, Instrutores e Monitores de Educação Física; cadeira de: Prática elementar de morfologia, biometria e bioestatística (MISTÉRIO da Guerra, 1933).
- Curso de Educação Física no Estado do Espírito Santo. Cadeira de: Antropometria, Noções de Biotipologia e de Estatística (GONÇALVES, 1936).
- Proposta de composição curricular para os Cursos de Ensino Normal. Cadeira de: Noções de Biotipologia e de Antropometria pedagógica (TORRES, 1936).
- Proposta de composição curricular da “Escola de Educação Physica” no Estado de Pernambuco – Curso Especial de Médicos, cadeira de: “Bio-typologia” (GOMES, 1935).
- Escola Nacional de Educação Física e Desportos – Curso Normal e Curso de Técnica Desportiva, cadeira de: “Noções gerais de fisiologia, morfologia, biotipologia e caracterologia”. - Curso Superior, cadeira de “Biotipologia de adultos e crianças, de homens e de mulheres” - Curso de Medicina Especializada prevê cadeira(s) cujo programa de aprendizagem aborda Biotipologia e Caracterologia (PEREGRINO Jr. 1943).

Produção de Saber em Educação Física

- Lauro Studart (1938) apresenta o resultado de seus estudos desenvolvidos a partir da classificação de Bárbara-Viola, cujos dados foram obtidos a partir de 746 fichas biométricas de militares de 21 a 35 anos.
- Floriano Stoffel (1937) apresenta parte dos resultados de seu trabalho no serviço médico de Educação Física das Escolas Técnicas Secundárias do Distrito Federal. Partindo das proposições biotipológicas de Viola, determina o valor somático das alunas de 15 anos. Posteriormente, os resultados completos seriam publicados nos Anais do I Congresso Pan-americano de Educação Física.
- Reis (1946) publica “Contribuição à Biotipologia Ontogenética”, artigo em que propõe o “Método Bionormográfico” de classificação do indivíduo. O mesmo texto teria sido publicado nos Anais do I Congresso Pan-americano de Educação Física.
- Peregrino Jr. (1940), publicação em formato de livro - “Biotipologia Aplicada à Educação”.
- Augusto Sette Ramalho (1938), publicação em formato de livro “Lições de biometria aplicada” Ramalho (1933d; 1934; 1935a) insere e ajusta os elementos da Biotipologia em sua Ficha Biométrica para “Educação Física”.
- Aproximadamente 100 textos publicados nos periódicos Educação Physica e Revista de Educação Física (Exército).
- Inserida nos debates, trabalhos apresentados e resoluções de Congressos.

Inserção no fazer prático da Educação Física

- O Instituto La-Fayette, em 1937, seria possuidor de um Gabinete de Biotipologia equipado com o instrumental necessário aos estudos e classificações biotipológicas, como por exemplo, a “Mesa de Viola”. Fichava semestralmente os alunos indicando a prática física adequada. Além disso, auxiliaria o “Gabinete de Psicologia Experimental” (A ORIENTAÇÃO, 1937).
- A prática da Educação Física nas Escolas Técnicas Secundárias do Distrito Federal seria prescrita a partir dos fichamentos e classificações propostas pela Biotipologia de Viola (STOFFEL, 1937).
- Nas instituições militares, a prática da Educação Física seria iniciada mediante prévio fichamento biométrico que contemplaria elementos da Biotipologia (MONTEIRO, 1934; ALMEIDA, 1942a).

Quadro 6: Efeitos do “Dispositivo Biotipológico”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao mesmo tempo em que produtos são gerados da articulação entre Biotipologia e Educação Física, a maquinaria biotipológica estabelece vínculos e arquiteta peças capazes de otimizar e manter seu funcionamento. Assim, o dispositivo biotipológico constituiu e foi constituído por meio de conexões com outras Áreas de saber e instituições, constrói e é construído por componentes que produzem e divulgam o saber biotipológico em suas aproximações com a Educação Física, assim como cria e ajusta instrumentos, técnicas, forja arquiteturas e sensibilidades.

Apoiado em um contexto que intencionava a formação de uma identidade nacional/ racial por meio da trama de um homem novo, o dispositivo biotipológico intervém no corpo uno, indivíduo e no corpo enquanto coletividade.

A Biotipologia articula-se ao “objeto determinado da Educação Física”, fornece um horizonte teórico e modelo legítimo cientificamente e, com isso, produz efeitos nos campos de saber, propõe método e organização a seu fazer prático, racionalizando e padronizando condutas de professores e médicos. Assim a Biotipologia oferece suporte teórico-metodológico legítimo ao processo de constituição disciplinar da Educação Física.

TECENDO CONSIDERAÇÕES

Em um contexto marcado pela forja de um sentido de identidade nacional, os anos de 1930 e 1940 foram palco de intenso debate racial, modernização institucional, revisões constitucionais e ampliação de serviços vinculados à saúde e educação. Concebido como país jovem, cujo tempo ainda não teria sido suficiente para configurar uma homogeneidade racial, a Educação Física é indicada como importante ferramenta nesse processo, além de servir às emergentes intenções Estatais de disciplinamento e controle.

Assim, interessantes argumentos foram construídos em favor da legitimação da Educação Física no projeto de constituição nacional que se queria por volta dos anos 1930 e 1940 e, com isso, resultou em importante auxílio à manutenção e legitimação da Área. A Educação Física que se pretendia disciplinar clamava por racionalidade e cientificidade, uma necessidade premente nas publicações datadas da década de 1930.

Nesses meandros, Eugenia e Biotipologia inserem-se nos domínios da Educação Física, como dito, inaugurando o debate “orgânico-hereditário”. Entretanto, seus fundamentos foram apropriados de modos distintos. Enquanto o termo Eugenia era utilizado como linguagem corrente, sem maiores explicações, inserido em frases como recurso retórico, a Biotipologia, frequentemente, foi balizada por seus pressupostos ou pelas referências acadêmicas da Área como Pende, Bárbara, Sigaud, Berardinelli, Rocha Vaz, dentre outros. Ao passo que os fundamentos da Eugenia são apresentados de acordo com as prescrições eugênicas da década de 1910 e 1920, a Biotipologia é descrita sincronicamente ao que se produzia por Biotipologistas nacionais e internacionais.

Assim como a Educação Física apropria-se do debate biotipológico, a Biotipologia, em suas produções, acolhe e evidencia produção de saber, instituições e intelectuais oriundos da Educação Física. Em contrapartida, a Eugenia da década de 1930 passa a negar as possíveis influências das práticas de exercitação para a “melhoria da espécie”. Autores que, na década de 1910 e 1920, teriam argumentado em favor dos benefícios das práticas sistemáticas de exercitação física, como Renato Kehl e Fernando de Azevedo, passam a se posicionar categoricamente contrários aos efeitos da Educação Física para os processos da Eugenia.

Com base nos documentos acessados, a “ciência de Galton” parece não ter fornecido substratos à produção do saber e inserções no fazer prático da Educação Física, a Biotipologia, entretanto, fornece fundamentos teórico-metodológicos à produção de pesquisas, à racionalização e organização da prática médica, de instrutores

e professores de Educação Física. Fornece instrumentos, diretrizes técnicas, insere-se como componente curricular nos cursos de formação e em leis e resoluções.

Altamente afinada com o “plano de objeto determinado da Educação Física”, ofertando “prática legítima cientificamente” e “horizonte teórico”, a Biotipologia constitui/constitui-se como um dispositivo biotipológico no interior da Educação Física.

Deste modo, o dispositivo biotipológico foi capaz que articular elementos heterogêneos como arquitetura, estética, instrumentos, técnicas e saberes. Nesse processo estabeleceu e/ou potencializou relações com outras Áreas de saber e instituições, produziu pesquisas, divulgou saberes, construiu e adaptou instrumental técnico e visibilizou possíveis inserções no fazer prático da Educação Física.

Assim, as peças e conexões do dispositivo biotipológico geraram efeitos diversos, assim como substratos para sua manutenção e, por meio desses mecanismos, forneceu importantes ferramentas ao processo de constituição disciplinar da Educação Física.

Entretanto, em torno das considerações apresentadas, podem decorrer algumas tantas questões, dentre as quais: A Biotipologia teria efetivamente se inserido no fazer prático da Educação Física? Ou teria se construído como um projeto defendido por grupos próximos à Área influenciados pelas doutrinas constitucionalistas?

A inserção da Biotipologia e do dispositivo biotipológico, assim como a “ausência” dos mecanismos da Eugenia, apresentam-se como uma de tantas possibilidades de se narrar aquela história. Nesse sentido, tensiona questões acerca da verdade, do real, elementos que não guiaram os encaminhamentos deste texto. Ao sinalizar sobre as concepções de história que regem essa trama, os leitores são “chamados” a conceber que as influências da Eugenia e Biotipologia no processo de constituição disciplinar da Educação Física não foram arquitetadas obedecendo a um sentido histórico. Ao contrário, o estabelecimento dos argumentos aqui apresentados situa-se na concepção de que seus encaminhamentos não obedecem a determinações interiores ou exteriores, mas sim às condições de possibilidade que permitem o exercício de determinadas práticas. Nas palavras de Foucault:

[...] o verdadeiro sentido histórico reconhece que nós vivemos sem referência ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos. (FOUCAULT, 1979, p.29)

Desse modo, os agenciamentos “orgânico-hereditários” narrados neste texto, obedeceriam a correlações de força que se encaminham em várias direções, sem sentido condutor nem racionalidade metafísica. (VEYNE, 1998).

Nas imediações dessa investigação, no contato com as fontes e, sobretudo, com as lacunas deixadas nos entremeios dos documentos, outras questões foram suscitadas, indicando outros estudos.

No que se refere à Eugenia, como mencionado, Stepan (2005) aponta um declínio do movimento em função dos acontecimentos da segunda grande guerra. Neste sentido, a revista Educação Physica publica o texto “Sangue, Deus da liberdade”, de autoria de Waldemar Calmon, em 1945:

Pensava Hitler, mergulhado num mundo de tara, depois de tantos anos de cruzamento sucessivo de tôdas as raças, fundar um clube de “arianos puros” fazendo da Alemanha o seu “picadeiro” e espalhando por toda a plateia que o assistia a sua gargalhada de terror e loucura.

Não adiantou a esterilização de mulheres, a matança de crianças, nem o extermínio de cientistas para deter a marcha vitoriosa e livre do sangue, garantindo por todos os princípios a liberdade humana. (CALMON, 1945, p.20)

As críticas feitas por Calmon às barbáries da segunda grande guerra evidenciam manifestações contrárias ao racismo de Hitler, cujos fundamentos alicerçaram-se nas convicções “científicas” da Eugenia.

Entretanto, ainda em 1945, dois números após a publicação do referido texto, a revista Educação Physica publica: “Bem vinda a Força Expedicionária Brasileira”, texto cujo conteúdo apresenta homenagem aos militares que se integraram ao exército das Nações Unidas, durante os acontecimentos da segunda guerra mundial. Ao abordar condições “sub-humanas” vividas pela FEB, o texto comparativamente, ressalta as intempéries vividas pela revista Educação Physica.

Ironicamente, em meio ao louvor às “lutas” de um dos periódicos especializados da Área e aos feitos do exército brasileiro na segunda guerra mundial, a Eugenia é evocada para garantir positividade aos elogios.

Nos vários escalões que ora tornam à pátria, voltam também numerosos entusiastas da educação física, moral

e intelectual de nosso povo. Alguns dêles já dispuseram das páginas de “Educação Física”, colaborando destarte para a divulgação dos princípios que defendemos. Os que ainda não fizeram, saibam que “Educação Phisica” é o periódico vanguardeiro dos ideais eugênicos no Brasil, e que, portanto, sob sua bandeira modesta, mas já possuidora de tradições, se orgulhará de acolher os novos paladinos da cruzada pelo aperfeiçoamento humano que sois vós, os expedicionários experimentados na vida árdua da campanha. (BEM vinda... 1945, p.7;41)

Se é possível pensar que a inserção do vocábulo “eugenia” no fragmento acima reforça a tese de que a Educação Física não teria se apropriado adequadamente de seus fundamento/proposições, outras investigações sobre seus usos pela Educação Física devem ser feitas, sobretudo, suspeitando de uma pretensa ingenuidade que possa ter permitido, por exemplo, publicações como a do texto citado acima e do artigo “Boletim de serviço de recreação, esportes e educação física do SESI: a natação sob o duplo ponto de vista eugênico e social” pela Revista Brasileira de Educação Física, em 1948.

Ademais, como apontado anteriormente, na Argentina as incursões da Eugenia continuam após os acontecimentos da II Guerra Mundial e seus efeitos, como o tratado de Nuremberg. Naquele país, foi criada a *Facultad Engenesica Integral e Humanistica* na Universidade do Museu Social Argentino, em 1957 (PALMA; DI VICENZO, 2009). Dentre os cursos ali ofertados, estariam: Auxiliares Técnicos em relações humanas (2 anos); Conselheiros Humanistas Sociais (3 anos); Licenciados em Eugenia Integral e Humanismo (4 anos). Além da criação de Consultórios Eugenéticos Humanogógicos cujo primeiro, data de 1966, com criação de outros dois: em Buenos Aires e San Martin.

Em 1942, foi criado o Curso de *Derecho Eugênico Argentino*, vinculado à Universidade Nacional de La Plata. Nesse curso, estudava-se, dentre outras tantas coisas: Melhoramento humano eugênico; Taras congênitas indeterminadas e hereditárias; Herança criminal; Esterilização; Matrimônio eugênico; Exames biométricos periódicos; Os monstros (que compreendiam a homossexualidade e o hermafroditismo).

Contam ainda a Primeira, Segunda e Terceira Jornada Eugênica, datadas, respectivamente, de 1955, 1961 e 1970. Além de Congressos Internacionais sediados em Buenos Aires nos anos de 1964, 1966, 1969, organizados pela Liga Argentina de Profilaxia Social, cujos debates giraram em torno de certificado médico pré-nupcial;

controle sanitário de imigrantes; luta antivenérea e matrimônio eugênico (VALLEJO; MIRANDA, 2004).

A Faculdade Eugenesica Integral e Humanistica teria funcionado até 1980.

Na década de 1970, Nicola Pende ainda argumentava em favor do desaconselhamento nupcial de degenerados. Pende se colocava como defensor dos certificados pré-matrimoniais voluntários, porém como obrigação moral. Propunha ainda revisar as normas jurídicas que desconheciam a necessidade de impedir o casamento dos erroneamente considerados “normais” (MIRANDA, 2003).

Em relação à Biotipologia, os documentos datados, sobretudo os dos anos iniciais da década de 1940, indicam um redirecionamento de suas ações no interior da Educação Física, mas não seu esquecimento.

Em 1971, João Luongo e Raimundo Hegg publicam: “Elementos de Biometria Humana”, livro que apresenta os fundamentos da Biotipologia, seus modelos de classificação. Em seus argumentos, apesar de datados da década de 1970, ainda há referências a Nicola Pende, Mário Bárbara e Giacinto Viola, dentre outros. Além dessa obra é possível destacar “Biometria: Antropometria e Biotipologia” de autoria de Maria Teresa Silveira, publicada em 1978.

Assim sendo, partindo de indícios de que a Biotipologia permanece sendo apregoada como saber legítimo, no interior da Educação Física é possível questionar:

Que encaminhamentos político-acadêmicos tomou a Biotipologia após os primeiros anos da década de 1940? De que modo foi reelaborada na/pela Educação Física? Que condições permitiram sua permanência? Além disso, nas proximidades dos anos 1920 para a década de 1930, que rede de relações permitiu a inserção da Biotipologia na Educação Física?

Tais questões poderiam, entretanto, romper os arredores das décadas vizinhas aos anos 1930 e 1940 e avançar até os dias de hoje.

Em 2011, Oliveira *et al.* publicam seus estudos sobre as “características antropométricas e funcionais de crianças e adolescentes velejadores” (p.173). Ao longo da pesquisa que submeteu atletas a testes físicos e medidas antropométricas de estatura, massa corporal e dobras cutâneas, chegaram ao resultado de que entre as crianças e adolescentes pesquisados encontra-se um perfil longilíneo.

Nos estudos de Santos e Fernandes Filho (2004), há referências ao conceito de Somatopia, definido como a quantificação da forma e da composição atual do corpo humano. Para tanto, utiliza-se de medidas de dobras cutâneas, circunferências e diâmetros

ósseos, a fim de classificar os corpos como Endomórficos, Mesomórficos e Ectomórficos.

Ao longo dos artigos acessados, Santos e Fernandes Filho (2004), Oliveira et al. (2011) fazem uso de termos como: “longilíneo”, “biótipo”, “diferenças de biótipo entre nadadores e velejadores” etc.. Ainda nesse sentido, destacam:

Os autores afirmam que o escalador de elite adulto apresenta baixa estatura e peso corporal e muito baixo percentual de gordura, tendo biótipo longilíneo com ombros estreitos em relação ao quadril. (OLIVEIRA et al, 2011, p. 177)

Nas primeiras décadas do século XX, na Itália, Mário Bárbara, apropriado das proposições de Giacinto Viola, contribuiu para a sistematização da Biotipologia, criando uma nomenclatura para classificar os corpos humanos em tipos, ou dito de outro modo, Biótipos. Assim, os sujeitos deveriam ser agrupados em Longilíneos, Brevilíneos e Normolíneos.

Os usos dos mesmos termos de classificação, assim como a adoção da palavra Biótipo, sinalizam as proximidades com a Biotipologia do início do século XX.

Em 2004, Santos e Fernandes Filho utilizam a impressão digital como elemento capaz de diagnosticar e revelar talentos, assim como, cargas étnicas populacionais.

A dermatoglia concebe a impressão digital como uma manifestação no corpo que permite verificar potencialidades dos sujeitos, uma vez que estudos que fazem uso desta técnica têm apontado a associação das digitais com manifestações funcionais como: velocidade, força, capacidade aeróbica, resistência coordenação e combinações motoras complexas (SANTOS e FERNANDES FILHO, 2004).

Pelos indícios trazidos por Santos e Fernandes Filho (2004) e Oliveira *et al* (2011), talvez, o dispositivo biotipológico tenha se reajustado e se constituído como uma permanência no interior da Educação Física. Além disso, ainda é possível pensar em biodeterminismos vinculados às práticas de exercitação. E neste sentido, cabe novamente questionar a produção de sentidos e referências que hierarquizam corpos, representações de gênero, cor de pele e etnia, assim como marcas corporais que “distinguem” homens de mulheres para os esportes, danças detre outras tantas práticas de movimento.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. Às margens d' O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços. *In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz; VIEGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de. (Orgs.) Cartografias de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.*

_____. **História: A arte de inventar o passado.** Bauru: Edusc, 2007.

ALBRIZIO, A. Biometry and Anthropometry: from Galton to Constitutional Medicine. *In: Journal of Anthropological Sciences* Vol. 85, pp. 101-123, 2007.

ALMEIDA, A. L. **Viajando pelo agridoce toque da Ciência:** O serviço de Ortofrenia e Higiene Mental no Rio de Janeiro, seus efeitos na Escola, Família, Comunidade. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação: Universidade de São Paulo, 2010.

ALMEIDA, M. A Liturgia Olímpica. *In: Carmen Lucia Soares. (Org.). Corpo e História.* Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

MARCELLO, F. A. **Dispositivo da Maternidade:** Mídia e produção agonística de experiência. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFRGS, 2003.

ANDRADE, A. C. “Oscar Pistorius – ‘The blade runner’ – e a questão do pós-humano”. **Revista Digital Hipertextus**, vol. 03, jun. Recife [Disponível em <http://www.hipertextus.net/volume3/Antonio-Cleriston-de-ANDRADE.pdf> - acesso em 04/04/2011] (2009)

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade:** reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo, UNESP, 1999.

BEZERRA, J. A. B. Educação alimentar e a constituição de trabalhadores fortes, robustos e produtivos: análise da produção científica em nutrição no Brasil, 1934-1941. **História, Ciências, Saúde –Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.mar. 2012, p.157-179.

BICUDO, H. Defesa dos direitos humanos: sistemas regionais. **Estud. Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 47, Abril de 2003.

BIZZO, N.M.V. Eugenia: quando a biologia faz falta ao cidadão. **Caderno de pesquisa.** São Paulo SP. fev. 1995.

BLACK, E. **A guerra contra os fracos.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

BOMBASSARO, Ticiane; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a formação de professores para a disciplina Educação Física em Santa Catarina (1937-1945): ciência, controle e ludicidade na educação dos corpos. **Educar. rev.**, Curitiba, n. 33, 2009

BORINSKY, M. Todo Reside en saber que es un niño: aportes para una história de la divulgación de las prácticas de crianza en la Argentina. In: **Facultad de Psicología – UBA / Secretaría de investigaciones**, Vol XIII, año, 2005.

CAMARGO, E. A. S. P. **A militância de Fernando de Azevedo na Educação Brasileira: a Educação Física**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

_____. A poesia do corpo: A defesa moral austera. In: **Revista Educação e Realidade**, vol 27, nº 94, p. 13-46, jan/abr. 2006.

CASTANEDA L. A. Eugenia e casamento. **História, Ciência e Saúde: Manguinhos**. N.1 Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo cruz, 2003.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CORREA, M. Eugenia no calor da hora. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, jun. 2006

CUNHA, M. C. P. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

CUNHA, O. M. G. Sua alma em sua palma: identificando a “raça” e inventando a nação. In: PANDOLFI, D. **Repensando o estado novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. Povo Negro. In: **Revista USP**. São Paulo (28), p. 142-163, Dez/Fev, 1996.

CYTRYNOWICZ, R.: ‘A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial’. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, VII(1): 73-91, mar.-jun. 2000.

DIWAN, P. S. **Raça Pura**: Uma história da Eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

DOMINGUES, R. P. **Desejo diferença e sexualidade na educação infantil**: uma análise da produção dos sujeitos nas práticas escolares. Dissertação de Mestrado em Educação apresentado ao PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre, 2007.

FARIA, C. A. de. **Função autonômica em pacientes portadores de Lipodistrofia Generalizada Congênita – Síndrome de Berardinelli-SEIP**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA NETO, A. et al. **Catálogo de periódicos de educação física e esporte. (1930-2000)**. Vitória: PROTEORIA, 2002.

_____. **A pedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950)**. Aracruz, ES: FACHA, 1999.

_____. Escola de Educação Física do Exército (1920-1945): Origem e Projeto Político-Pedagógico. In: Amarílio Ferreira Neto. (Org.). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. Pesquisa Histórica na Educação Física. Aracruz,ES: FACHA, 1998, v. v. 3, p. 69-95.

_____. Projeto militar na Educação Física. In: FERREIRA NETO, A. **Pesquisa Histórica na Educação Física**, vol. 2 Vitória: UFES, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979

_____. **Em defesa da sociedade: Curso no College de France**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999b.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010a.

_____. **História da Sexualidade 1: A Vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2010b.

FERLA, L. **Feios, sujos e malvados sob medida: A utopia médica do biodeterminismo, São Paulo (1920-1940)**. São Paulo: Alameda, 2009.

FRAGA, A. B.; GOELLNER, S. V.; e SILVA, A. L. S. “Toda la gran ciencia es de imaginación”: representaciones de género en las obras inaugurales de Fernando de Azevedo. In: SCHARAGRADODSKY, Pablo. **La invención del “homo gymnasticus: fragmentos históricos de la educación de los cuerpos en movimiento en Occidente**. Buenos Aires: Editora Prometeo Libros, 2011.

GALERA, A. La escuela criminológica italiana: Determinismo y patologia del delito. In: VALLEJO, G.; MIRANDA, M. A. **Políticas del Cuerpo: estrategias modernas de normalización del individuo y la sociedad**. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2007.

GOELLNER, S. V. e SILVA, A. L. S.; Biotecnologia e Neo Eugenia: olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. **O Triunfo do corpo: Polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____. **O método francês e a educação física no Brasil: da caserna a escola**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, 1992.

GOIS JUNIOR, E. ; GARCIA, A B. A Eugenia em periódicos da Educação Física Brasileira (1930-1940). **Revista da Educação Física/UEM** (Impresso), v. 22, p. 247-254, 2011.

GOIS JUNIOR, E. e LOVISOLO, H. R. A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930. **Rev. Port. Cien. Desp.**, set. 2005, vol.5, no.3, p.322-328.

GÓIS JR, E. **O século da Higiene: uma história de intelectuais da saúde (Brasil século XX)**. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2003.

GOTLIB, N. B. **Clarice – Fotobiografia**. São Paulo: Imprensa Oficial Sp, 2ª Ed. 2009.

GOULD, S. J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABIB, P. A. B. B. **Agricultura e biologia na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ): os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2010.

_____. **“Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou”**: raça, Eugenia e nação. 2003. 175 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade de Campinas

KOBAYASHI, E.; FARIA, L.; COSTA, M. C. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 22, Dec. 2009.

KUHLMANN JÚNIOR, M; FERNANDES, F. S. Construção de bases de dados e Análise Histórico-gráfica de propostas Educacionais: um estudo sobre o parque infantil paulistano (1947-1957) In: Anais da 31ª Reunião Anual da Anped. Caxambu, MG, 2008

LEMOS; CARDOSO JR. A Genealogia em Foucault: uma trajetória. **Psicologia & Sociedade**; 21 (3): 353-357, 2009.

LIMA, Clarissa. **Violência tem componentes genéticos, diz especialistas**. Correio Braziliense, Distrito Federal, 17 de outubro de 2006. Disponível em: < <http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/noticia-clipping/violencia-tem-componentes-geneticos-diz-especialista>> Acesso em: 06 de outubro de 2011

LINHALES, M. A. Militares e educadores na Associação Brasileira de Educação: circulação de interesses em torno de um projeto para a educação física nacional (1933-1935). **Revista Educador**, Curitiba: Editora UFPR, n. 33, p. 75-91, 2009.

LINHALES, M. A.; LIMA, D. M. D. e OLIVEIRA, L. T. Médicos e Educadores na “Secção de Educação Physica e Hygiene” da Associação Brasileira de Educação. In: **XVI Conbrace e III Conice**. Salvador – BA, 2009. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/viewFile/489/825> Acesso em 16-11-2011

MAIA, C. A. Biopoder, Biopolítica e o tempo presente. In NOVAES. A (Org.) **O Homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MAIO, M. C. Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista no Brasil (1870-1930) In: MAIO, M. C. e SANTOS, R. V. **Raça como questão: História, Ciência e Identidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2010a.

_____. “Estoque Semita”: a presença dos judeus em *Casa Grande e Senzala*. In: MAIO, M. C. e SANTOS, R. V. **Raça como questão: História, Ciência e Identidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2010b.

_____. Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30. In: PANDOLFI, D. **Repensando o estado novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

MARQUES, V. R. B. e FARIAS, F. C. de S. Á. “Façamos dessa gente um elemento seguro do nosso progresso material e moral”: a inspeção médico-escolar no Paraná dos anos 1920. **Educação em revista**. [online]. 2010, vol.26, n.1.

- MARTINS R. de A. August Weismann, Charles Brown-Séquard e a controvérsia sobre herança de caracteres adquiridos no final do século XIX. **Filosofia e História da Biologia**, v. 5, n. 1, p. 141-176, 2010.
- MARTINS, L. A.-C. Pereira. Herbert Spencer e neo-Lamarckismo: um estudo de caso. *In*: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A.-C. P; SILVA, C. C. ; FERREIRA, J. M. H. (eds). **Filosofia e História da ciência no Cone Sul: 3º Encontro**. Campinas: AFHIC, 2004. Pp. 281-289.
- MASIERO, André Luis. A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Agosto 2003 .
- MAYR, E. **O Desenvolvimento do Pensamento Biológico**: diversidade, evolução e herança. Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília, DF: Editora da UNB, 1998.
- MELO, V. A. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**: uma possível historia. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física. UNICAMP. Campinas, 1996.
- MIRANDA, M. La antorcha de cupido: Eugenesia, Biotipología, y Eugamia en Argentina, 1930-1970. *In*: **Revista Asclepio**. Vol LV - 2 - 2003.
- MOTA, A. J. Horácio, Poeta e Crítico Social. *In*: **Revista do GELNE**. Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Vol. IV, nº 2; Fortaleza: GELNE/UFC, 2002.
- NAVARLAS, V. E. Los Anales de Biotipología Eugenesia y Medicina Social y um cambio en la nosografía psiquiátrica relacionado con el origen de la psicología em la argentina. *In*: **Anuário de investigaciones** (Facultad de Psicología – UBA). Volume 15. Buenos Aires, 2008.
- NICHOLSON, L. “Interpretando o gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- OLIVEIRA, L. F. Et al. Perfil antropométrico e funcional de velejadores da classe “Optimist”. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p.173-79, jan./mar. 2011
- PALMA, H.A.; DI VINCENZO, J A G. **Biotipología, eugenesia y orden social en la Argentina de 1930 a 1943**. eä, vol 1, n2, diciembre 2009
- PANDOLFI, D. Apresentação. *In*: PANDOLFI, D. (Org.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p.

PEREIRA, N. G. **Evolução no ensino de graduação da disciplina de doenças infecciosas e parasitárias da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 1963 ao primeiro semestre de 2006.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Medicina Tropical. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

PEREIRA, C. M. E.; GUTMAN, G. Primitivo e loucura, ou o inconsciente e a psicopatologia segundo Arthur Ramos **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 10, núm. 3, -septiembre, 2007, pp. 517-525

PERROT, M. O inspetor bentham, *In*: SILVA, T. T. (Org.) **O Panóptico/Jeremy Bentham.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PESAVENTO, S. J. Negritude, mestiçagem e lusitanismo: O Brasil positivo de Gilberto Freyre. *In*: AXT, G e SCHÜLER, F. **Intérpretes do Brasil:** Ensaios de cultura e identidade. Porto Alegre, RS: Artes e ofícios, 2004.

POLIZELLO, A. Modelos microscópicos de herança no século XIX: a teoria das estirpes de Francis Galton. **Filosofia e História da Biologia**, v. 3, p. 41-54, 2008.

REIS, J. R. F. **Higiene mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30).** 1994. 353 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Campinas, 1994.

RIBEIRO, A. M. M.. Marina de Vasconcellos e as ciências sociais cariocas: a perspectiva dos círculos sociais. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2008.

RIBEIRO, A. M. **Contribuições históricas do exército brasileiro para o esporte nacional.** Rio de Janeiro, 2009.

RIBEIRO, L; BERARDINELLI, W. Um capítulo do Premio Lombroso, 1933. *In*: **Revista Brasileira:** synthesi do momento contemporaneo. Nº 06, Janeiro e Fevereiro de 1935. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=139955&pagfis=16289&pesq=Waldemar+Berardinelli+premio+Doutorandos+1900>, acesso em 15/07/2012.

ROCHA, S. A educação como ideal eugênico: o movimento eugenista e o discurso educacional no boletim de eugenia 1929-1933. *In*: **Cadernos de Pesquisa** – Pensamento educacional. Vol 06, nº13, julho de 2011.

ROQUETTE-PINTO, Vera R. Roquette-Pinto: o rádio e o cinema educativos. *In*: **Revista USP.** São Paulo, n.56, p. 10-15, dezembro/fevereiro 2002-2003.

ROSA, A. **Quando a eugenia se distancia do saneamento:** as idéias de Renato Kehl e Octavio Domingues no 'Boletim de Eugenia' (1929-1933). Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde, 2005.

ROSE, N. Como se deve fazer a história do eu. **Educação & Realidade**, v.26, n.1, 2001, p.33-57.

SANTOS, M. R. e FERNANDES FILHO, J. Perfis dermatoglífo, somatotípico e das qualidades físicas básicas dos pára-quedistas do exército brasileiro do ano de 2003. **Fitness e performance journal**, v. 3, n. 2, p.88-97, 2004.

SANTOS, R. V. Mestiçagem, Degeneração e a viabilidade de uma Nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). In: SANTOS, R. V. e MAIO, M. C. **Raça como questão: História, Ciência e Identidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

SCHWARTZMAN, S. **Um espaço para a ciência**. A formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

SENNETT, R. **Carne e Pedra:** O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2003.

_____. **O Declínio do Homem Público:** as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe — São Paulo; Companhia das Letras, 1988.

SILVA, A. L. S. Imperativos da beleza: corpo feminino, cultura *fitness* e a nova eugenia. In: **Cad. Cedec**, Campinas, v. 32, n. 87, maio/ago.2012 - no prelo.

_____. **A perfeição expressa na carne:** A educação física no projeto eugênico de Renato Kehl 1917 a 1929. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS. Porto Alegre, 2008.

_____. Entre Lamarck e Mendel: Olhares eugênicos sobre a Educação Física In: GOELLNER, S. e JAEGER A. (Orgs.) **Garimpendo Memória:** Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SILVA, A. L. S. e GOELLNER, S. V. A invenção do homem eugênico: Enlaces entre Eugenia e Educação Física nas obras de Renato Kehl (1917-1929). In: KNIJINIK, J. D. e ZUZZI, R. P. **Meninas e meninos na Educação Física**. Jundiá, SP: Fontoura, 2010.

_____. Sedentárias e *Coquettes* à margem: corpos e feminilidades desviantes na obra de Renato Kehl. In: **Pensar a Prática**. Vol 11, nº3, set/dez, 2008. Goiânia: Ed UFG.

_____. Universo biotecnológico e fronteiras partidas: esporte, gênero e novo eugenismo. **Revista do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero – NUTEG**, Niterói: EdUFF, 2007.

SILVA, A. L; MORENO, A. Frankenstein e Cyborg: pistas no caminho da ciência indicam o ‘novo eugenismo’. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n° 2, p.125-139 Jul-Dez/2005.

SILVA, R. Mulheres e Ciência: uma análise histórica dos Arquivos de Medicina Legal e Identificação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

_____. **“Abandonados e Delinquentes”**: A infância sob os cuidados da medicina e do Estado – O Laboratório de Biologia Infantil (1935-1941).

Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde)– Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2003.

SILVA, T. T. Nós cyborgs: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: SILVA, T. T (Org.) **Antropologia do cyborg: as vertigens do pós humano: Autêntica**, 2000.

SIMÕES, R.D.; GOELLNER, S.V. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.263-72, abr./jun, 2012.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 3ª Ed. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

_____. **Imagens da Educação no Corpo**: Campinas: Autores Associados; 1999.

_____. Imagens do corpo educado: um olhar sobre a Ginástica no século XIX. In: FERREIRA NETO, A. **Pesquisa histórica na Educação Física**. Vol 2, Vitória, ES, 1997.

SOUZA V. S. **Em busca do Brasil**: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) –Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2011.

_____. **A Política Biológica como projeto**: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós graduação da COC/Fiocruz, 2006.

_____ et al. Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional: fontes para a história da eugenia no Brasil. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, Set. 2009.

STEPAN, N. L. **A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

_____. **The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin América**. London: Cornell University Press, 1996.

TEIVE, H. A. G. et al. Professor Antonio Austregésilo: o pioneiro da neurologia e do estudo dos distúrbios do movimento no Brasil. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 57, n. 3B, Set. 1999.

TERRA, V.D. **Memórias anatômicas**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação, Unicamp, Campinas, 2007.

TRACY, S. An Evolving Science of Man: The Transformation and Demise of American Constitutional Medicine, 1920–1950. In: **Greater than the Parts: Holism and Biomedicine, 1920–1950**. New York: Oxford University Press, 1998.

VALLEJO, G. Cuerpo y representación: la imagen Del Hombre em la eugenesia latina. In: VALLEJO, G. e MIRANDA, M. A. **Políticas del Cuerpo: estratégias modernas de normalización del individuo y la sociedad**. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2007.

_____. El ojo del poder en el espacio del saber: Los institutos de Biotipologia. In: **Revista Asclepio**. Vol LVI – 2004.

VALLEJO, G; MIRANDA, M. A. (2004), Los saberes del poder: Eugenesia y Biotipología en la Argentina del siglo XX, In: **Revista de Indias**, Vol. LXIV, N° 231, Madrid.

VASCONCELOS, F. de A. G. de: 'Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves'. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, vol. VIII(2): 315-39, jul.-ago. 2001

VAZ, R. **A mulher e as glândulas de secreção interna**. Rio de Janeiro: Revista Médica Brasileira. s/d.

VECHIA, A. LORENZ, K, M. Fernando de Azevedo e a questão da “Raça Brasileira: sua regeneração pela Educação Física. In: **Cadernos de História da Educação** vol 8, n°1, jan-jun, 2009.

VELLOSO, V. P. **Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro**. S/P; S/D. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/escancimerj.htm>. Acesso em 08/07/2012.

VEYNE, P. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

VIGARELLO, G. e HOLT, R. Ginastas e esportistas no século XIX. *In:* CORBIN, A. COURTINE, J.J. e VIGARELLO, G. **História do Corpo:** Da revolução à grande guerra. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WAIZBORT, R. Notas para uma aproximação entre o neodarwinismo e as ciências sociais. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** , V. 12, maio-agosto de 2005, N. 2.

Sites:

ACADEMIA Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=539&sid=308> acesso em 22/04/2012.

ARQUIVO João Batista Lusardo. Disponível em: <http://arquivolusardo.vilabol.uol.com.br/joabaptistalusardo.htm> Acesso em 16/07/2012.

Francis Galton. Disponível em: www.galton.org Acesso em 13 abr. 2010.

Revista de Educação Física. Disponível em: <http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/paginas/arevista.htm> . Acesso em 10 abr. 2010.

FONTES PESQUISADAS

A CIÊNCIA brasileira apreciada no estrangeiro. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p. 9, abr. 1934.

A EDUCAÇÃO física no colégio militar. **Revista de Educação Física**, outubro, 1934.

A ESTRADA de ferro central do Brasil contribui, de maneira eficiente, no preparo físico-intelectual dos seus milhares de funcionários. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 79/80, p. 70-75, maio/jun. 1944.

A EUGENIA e a constituinte. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n.4, [s. p.], jan. 1933.

A FICHA biométrica nos corpos de tropa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 8-9, out. 1936a.

A FICHA biométrica nos corpos de tropa. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 70-71, dez. 1936b.

A FICHA biométrica nos corpos de tropa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 34, p. 32-33, ago. 1937.

A GINÁSTICA como fator de desenvolvimento cerebral na espécie humana. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 26, p. 8-10, set. 1935.

A LIMITAÇÃO DO NASCIMENTO: In: **Boletim de Eugenia**. Ano II, nº 20, agosto de 1930.

A ORIENTAÇÃO da Educação Physica no instituto La-Fayette. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 58, fev. 1937.

ABREU, J. R. Toledo. Responsabilidades de uma geração. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, p. 39, jun. 1933a.

_____ Toledo de. Hegemonia e raça. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 1, ago. 1933b.

_____ Toledo de. Cruzada civica e eugenia do C.M.E.F. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 1, abr. 1933c.

_____ Ich rufe die jugend der welt! (eu chamo a mocidade do mundo). **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 11, p. 1, out. 1933d.

ACTA da segunda reunião – 2 de julho de 1929. In: **Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**. Conferências. Rio de Janeiro, 1929.

ACTAS e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929.

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Rio de Janeiro, 1935.

ATA DA TERCEIRA SESSÃO. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Rio de Janeiro, 1935.

ALMEIDA, W. A. Ficha biométrica simplificada para os corpos de tropas e estabelecimentos militares. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 55-60, jun. 1942a.

_____. Influência do exercício físico sobre o peso: observações feitas na E.E.FE. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 52, p. 43-54, abr. 1942b.

_____. O exame biométrico na Escola de Educação Física do Exército. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 71, p. 38-44, out. 1952.

AMARAL, A. O problema eugênico da imigração. In: **Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**. Conferências. Rio de Janeiro, 1929.

ANAIS do I Congresso Panamericano de Educação Física, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

ANAIS do VII Congresso Nacional de Educação. Rio de Janeiro, 1936.

APERT, E. A Hereditariedade em patologia. In: **Boletim de Eugenia**. Ano 2, nº21, setembro de 1930.

ARAÚJO, P. F. de Figueiredo. Fenômenos fisiológicos do treinamento desportivo. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 78, p. 15-16, abr. 1944.

_____. Contribuição à história da educação física no Brasil: ligeiro relato sôbre as atividades médico-esportivas do último quinquênio. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 55-59, ago. 1941a.

_____. Contribuição à história da educação física no Brasil: o que foi o I congresso sul-americano de medicina desportiva. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 58, p. 57-59, set. 1941b.

_____. Educação física nos estabelecimentos de ensino. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 55-56 e 74, out. 1940a.

_____. Educação física nos estabelecimentos de ensino. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 38-40, nov. 1940b.

ARENO, Valdemar. A classificação morfo-fisiológico da liga de natação do Rio de Janeiro: pelo Dr. Valdemar Areno, chefe do departamento médico. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 44, p. 36-37, nov. 1938.

AUSTREGÉSILO, A. O cultivo da alegria. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 74, p. 2, maio/jun. 1943a.

- _____ A imaginação. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 73, p. 2, mar./abr. 1943b.
- _____ Ascensão espiritual. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 66, p.14, jul. 1942a.
- _____ Forças do egoísmo. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 70, p. 14 e 50, nov. 1942b.
- _____ Tédio. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 14-15, jun.1939.
- _____ Desportos – jogos, passeios – diversões – viagens. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 18-19 e 61, jan. 1938a.
- _____ Apelo às mães. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 41, p. 1, ago. 1938b.
- _____ Optimismo salutar. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 17, p.8, abr. 1938c.
- _____ Saúde espiritual. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 18, p.10-11 e 76, maio 1938d.
- _____ A serenidade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 16, jun. 1938e.
- _____ O segredo da vida. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 11, jul. 1938f.
- AZEVEDO, F. **História de minha vida**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971.
- _____ **Da Educação Física**: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960. 3ª. ed.
- _____ Aforismos de educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 74, p. 14-15, maio/jun. 1943b.
- _____ Aforismas de educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 73, p. 12-13, mar./abr. 1943a.
- _____ Sociologia Educacional: Introdução aos estudo dos fenômenos educacionais e suas relações com outros fenômenos sociais. São Paulo: **Companhia Editora Nacional**, 1940.
- _____ Os esportes e sua justa situação num programa escolar – atletismo e atlética. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 10-11 e 71, jan. 1939.
- _____ Antinoüs: padrão da educação integral – physica, moral e intellectual. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 10-11 e 67, nov. 1938c.
- _____ Educação integral: intellectual – moral – physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 9 e 64, mar. 1938b.
- _____ Escola anglo-americana: predominancia esportiva. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 9-12, jan. 1938a.

- _____ O problema da hygiene social pela educação physica: medidas que o resolvem. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 8-10, set. 1937c.
- _____ Origem e evolução da educação physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 10-12, abr. 1937b.
- _____ O papel do professor moderno de educação physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 15-17, fev. 1937a.
- _____ Aphorismas de educação athletica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 67-69 e 85, dez. 1936d.
- _____ Marathona. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 13, dez. 1936c.
- _____ Antinoüs. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 13-14, set. 1936b.
- _____ O problema da regeneração. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 12-14, abr. 1936a.
- _____ Da Educação Physica: o que é, o que tem sido e o que deveria ser. São Paulo Edições Melhoramentos, 1920a. 2ª. ed.
- _____ Antinüos: Estudo de cultura Athletica. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920b.
- _____ A Poesia do Corpo: A gymnastica escolar, sua história e seu valor. Belo Horizonte: Imprensa oficial do Estado de Minas, 1915.
- _____ Figuras de meu convívio. São Paulo: Melhoramentos. n/d.
- BARBOSA, R. Parecer de Ruy Barbosa sobre a instrução pública – 1882, nº222. **Revista Educação Physica**. Nº04, p.33, 34 e 52 a 56. Mar de 1934.
- BARROS, Raul Clemente do Rego. Considerações sobre o ensino da psicologia aplicada a educação física. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 24-25, dez. 1941.
- BELETTI, E. Higiene do ciclista. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 66, p. 50-51, jul. 1942.
- BELLEZA, N. Consanguinidade. In: **Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**. Conferências. Rio de Janeiro, 1929.
- BEM-VINDO à força expedicionária brasileira. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 87, p. 7 e 41, jul./ago. 1945.
- BERARDINELLI, W. **Tratado de biotipologia e patologia constitucional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1942. 661 p.
- BERARDINELLI, W. A prisão de ventre. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 48 e 50-52, dez. 1941b.

_____. A prisão do ventre: grande interesse no assunto. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 60, p. 32-35, nov. 1941a.

_____. As formas femininas e a educação física: a moda social e a moda biológica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 37-38, out. 1940.

_____. As fôrmas femininas e a educação física: a moda social e a moda biológica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 28/29, p. 14-15, mar./abr. 1939.

_____. Título e Trabalhos do Doutor Waldemar Berardinelli. Rio de Janeiro: Typografia ALBA. 1938.

_____. As formas femininas e a educação física: a moda social e a moda biológica. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 1, out. 1936.

_____. Noções de Biotipologia: constituição, temperamento, caracter. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 2.ed. 1933a.

_____. Casos Clínicos Comentados. Rio de Janeiro: Distribuidora Soria e Boffoni. 1933b.

BERARDINELLI, W; MENDONÇA J. Biotipologia Crimina. Rio de Janeiro: Editora Guanabara; Waïssman Koogan, 1933.

BIOMETRIA. **Revista de Educação Física**. Nº 39, p.06, Dez de 1939.

BISQUERTT, L. S. A educação physica hodierna. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.23, p. 12-15 e 66-70, out. 1938.

BOLETIM Oficial de Atletismo da Diretoria de Esportes de São Paulo. Salto em altura. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 66, p. 37, jul. 1942.

BOLETIM de serviço de recreação, esportes educação física do SESI: a natação sob o duplo ponto de vista eugênico e social. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 55, p. 8-9, out. 1948.

BOLETIM de Eugenia: Rio de Janeiro (1929-1933).

BIOTIPOLOGIA do professor Berardinelli. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 42, p. 8, set. 1938.

BRANCO, Pacífico Castello. A educação física e a eugenia. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 54, p. 45, ago. 1942.

_____. Da eugenia. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 19, nov. 1933.

BRETAS, A. S. Bases científicas de Educação Física – Aspecto Psicológico. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Rio de Janeiro, 1935.

BROWN, I. **Normotipo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934

BUSCH, Reinaldo Kuntz. Como evitar uma prole doentia. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 71, p. 58, dez. 1942.

CAIFANO, A. O valor social da educação physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 9-10, jul. 1938.

CALMON, Pedro. Educação. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 2, maio 1940.

_____ Uma política de cultura! **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 40, p. 1, jul. 1938.

CALMON, Waldemar. Sangue, deus da liberdade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 84, p. 20, jan./fev. 1945.

CARDOSO, A. A Educação Física e a constituição de 10 de novembro. **Revista de Educação Física**. Nº 45, p.06, jul de 1939.

CARREL, A.. O amor conjugal. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 14-16, out. 1939.

CASSINIS, Ugo. O serviço militar e o indice constitucional em biologia e patologia. Tradução de Marques Porto. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 9, abr. 1933.

CHATEAUBRIAND, Assis. Dinâmica corporal. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 18, p. 1, dez. 1934.

CIANCIO, N. Crianças nervosas. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 27-28, jul. 1940.

COELHO NETO. Hygiene e cultura physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.13, p. 81, dez. 1937.

COMO fazer uma ficha de corpo de tropa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 32, p. 31-33, ago. 1936.

_____ Higiene e cultura física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 18, p. 36, dez. 1934.

COTEAU, B. D. Nem sempre são de origem raquítica os desvios vertebrais. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 19-20, nov. 1940.

_____ Como e quando começar a educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 79/80, p. 60-61, maio/jun. 1944.

CRUZ, Ismario. Arremesso do disco. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 63, p. 45-48, mar./abr. 1942.

CURSO de Eugenia. *In: Boletim de Eugenia*. Ano I, nº 11, nov - 1929.

D'ALBUQUERQUE, A. T. Estadio, stadium ou stadio? **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 51-52, jul. 1937.

DESENVOLVIMENTO da Educação Física em Minas Gerais. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, nº 15, p. 29, abr. 1934.

DOMINGUES, O. **Hereditariedade e Eugenia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. **Eugenia: seus propósitos, suas bases, seus meios**. São Paulo; Companhia; Editora Nacional, 1933.

_____. Limalhas de um eugenista: A Educação sob o ponto de vista eugênico. *In: Boletim de Eugenia*. Ano IV, nº40, outubro a dezembro – 1932c.

_____. A pretensa hereditariedade alcoólica. *In: Boletim de Eugenia*. Ano IV, nº 39, jul-set – 1932a.

_____. Limalhas de um Eugenista. *In: Boletim de Eugenia*. Ano IV, nº 39, jul-set – 1932b.

_____. Birth Control: esterilização e pena de morte. *In: Boletim de Eugenia*. Ano III, nº 30, jun - 1931.

_____. **Os programmas de ensino e genética**. *In: Boletim de Eugenia*. Ano II, nº 13, jan - 1930.

_____. **A Hereditariedade em face da educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1929.

DR. RENATO Kehl. **Educação Physica**. Rio de Janeiro, nº 69, out/42, p.03.

DREYFUS, A. O estado atual da hereditariedade. *In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 87-98.

E. R. O exame médico pré-nupcial e o voto da Sociedade Francesa de Eugenia. *In: Boletim de Eugenia*. Ano III, nº 27, março de 1931.

EDITORIAL: uma evolução que se deve operar em nossos clubes. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 5, maio 1939.

EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, n. 6, p. 03, out. 1942.

ENCERRAMENTO dos cursos na Escola de Educação Física do Exército: a solenidade da entrega dos diplomas. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 18, p. 8-10, dez. 1934.

ENGE, A. A organização dos serviços do departamento de Educação Física do estado de São Paulo. *In: Anais do VII Congresso Nacional de Educação*. Rio de Janeiro, 1935.

ESCUADERO, P. A alimentação do desportista. Tradução de W. Berardinelli. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p. 3-5, abr. 1934a.

_____. A alimentação do desportista. Tradução de W. Berardinelli. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 16, p. 3-5, jul. 1934b.

_____. A alimentação do desportista. Tradução de W. Berardinelli. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 17, p. 3-4, out. 1934c.

ESTERILIZAÇÃO PARA O APERFEIÇOAMENTO HUMANO. *In: Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro. Ano I, nº12, Dezembro de 1929.

ESTERILIZAÇÃO TEMPORÁRIA. *In: Boletim de Eugenia*. Ano II, nº16, março de 1930.

FERRAZ, A.; LIMA JUNIOR, A. **A Morfologia do Homem do Nordeste**: Estudo biotipológico. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 1939.

FICHA morfo-fisiológica para a educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p. 39-40, abr. 1934.

FICHA morfo-fisiologica “tipo-brasileiro” a ser adotada nos corpos de tropa e estabelecimentos militares. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, [s. p.], mai. 1933.

FICHA morfológica para crianças. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, [s. p.], mar. 1933.

FONTENELLE, O. Banhos de mar. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 31, jul. 1940a.

_____. Os que não teem fome. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 64, ago. 1940b.

FREITAS, A. S. de. Estudo do biotipo em face dos arremessos pelo 1º ten. Airton Salgueiro de Freitas instrutor da E.E.FE. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 32, out. 1938

GABINETE de biometria: material necessário à confecção da ficha biométrica da E.E.FE. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 22, p. 18-19, maio, 1935.

GOMES, A. C. V.; DALBEN, A. O controle médico esportivo no Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo: aproximações entre esporte e medicina nas décadas de 1930 e 1940. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.2, abr.-jun. 2011, p.321-335.

GOMES, A. C. V.; SILVA, A. L. S.; Vaz, Alexandre Fernandez . O Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército: medir e classificar para produzir corpos ideais, 1930-1940. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** (Impresso), 2012.

- GATES, R. R. Eugenia e educação: as práticas da sociedade antiga, primitiva e medieval. *In: Boletim de Eugenia*, Vol 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, pp. 55-59.
- GRASSO, Gofredo. Que esporte escolher. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 14-18, jan. 1939.
- GOMES, O. O Mestre. Rocha Vaz *In: Revista Brasileira de História da Medicina*. Nº 1 Vol 1, 1949.
- GONÇALVES, H. C. A organização dos serviços administrativos de Educação Física. *In: Anais do VII Congresso Nacional de Educação*. Rio de Janeiro, 1935.
- H. V. M. Comentando... esportividade e estética. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 59, p. 32, out. 1941.
- HITLER: De pintor a ídolo do povo alemão. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 108 fev. 1937.
- HYGIENE geral: conselhos fundamentaes. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 118, [s. m.] 1932.
- HIGIENE pratica: o banho de sol. Tradução de Ivanhoé G. Martins. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, [s. p.], mar. 1933.
- I CONGRESSO Brasileiro de Eugenia: Relação dos inscriptos. **Boletim de Eugenia**, Vol I, nº 4, abr – 1929.
- INICIATIVA. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 3, jan. 1938.
- JAMES, William. A psicologia vista por um psicólogo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 21, p. 24, abr. 1935.
- JUST, Gunter. As aptidões inatas... *In: Boletim de Eugenia*. Ano V, nº 40, outubro-dezembro de 1932.
- KEHL, R. **Tipos vulgares**: contribuição á psicologia prática. 7ª. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1958.
- _____ **A cura do espírito**. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1947.
- _____ O jogador. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 74, p. 16-17, maio/jun. 1943.
- _____ O banho. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 26-28, dez. 1941b.
- _____ As férias – aumenta o “capital saúde” quem goza, anualmente, algumas semanas de férias. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 36, ago. 1941c.
- _____ A arte de conservar a saúde. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 56, p. 33, jul. 1941a.

- _____ A luz solar. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 44, jun. 1941d.
- _____ Capacidade de trabalho. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 25-26, maio 1941e.
- _____. Alimentação das crianças. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 39 e 60, abr. 1941f.
- _____ Digestibilidade dos alimentos. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 45, nov. 1940d.
- _____ A mocidade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 16-17, set. 1940c.
- _____ A puberdade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 37 e 76, ago. 1940d.
- _____ Higiene do sono. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 29-30, jul. 1940b.
- _____ A beleza feminina: raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 16-17, abr. 1940a.
- _____ Rápidos traços caráteriológicos dos frívolos e fúteis. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 26 e 68, nov. 1939.
- _____ O jogador. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 65-66, dez. 1938.
- _____ **Por que sou eugenista**: 20 anos de campanha eugênica 1917-1937. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1937.
- _____. **Tipos vulgares**: contribuição á psicologia prática. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1936.
- _____ **Lições de Eugenia**. 2ª. Edição refundida e aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1935a.
- _____ **Como escolher um bom marido?** Regras práticas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ariel Editora Ltda, 1935b.
- _____ **Aparas Eugênicas**: Sexo e Civilização. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933.
- _____ Organização dos deficientes, dos criminosos e dos socialmente inadaptados. *In*: **Boletim de Eugenia**. Ano IV, n° 39, julho-setembro de 1932.
- _____ Casamentos e natalidade nas classes média e inferior *In*: **Boletim de Eugenia**, vol 3, n° 35, Novembro, 1931a, p.1.
- _____ Tal Pai Tal Filho? Filhos de gordos e filhos de magros. *In*: **Boletim de Eugenia**, Vol 3, n° 26, Fevereiro, 1931b, pp. 2-4.
- _____ Qual o mecanismo da hereditariedade normal e mórbida? *In*: **Boletim de Eugenia**, vol 2, n° 16, Abril, 1930a, p. 2.

- _____. Linhagens pais e avós. *In: Boletim de Eugenia*, Vol 2, nº 14, Fevereiro, 1930b, p.1.
- _____. Nova theoria sobre a hereditariedade. *In: Boletim de Eugenia*, nº 23, Novembro, 1930c.
- _____. Limitação da natalidade. *In: Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro. Ano I, nº12, Dezembro de 1929a.
- _____. Eugenia e Eugenismo. *In: Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro. Ano I, nº8, agosto de 1929b.
- _____. A Eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. *In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1929c, pp. 45-62.
- _____. **Formulário da Beleza: Fórmulas Escolhidas**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1927.
- _____. **Bíblia da Saúde (hygiene)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926a.
- _____. Mulheres Bellas. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro: 5 de junho de 1926b.
- _____. **Como escolher uma boa esposa?** Rio de Janeiro: Pimenta de Mello e C, 1925.
- _____. **A cura da fealdade: Eugenia e medicina social**. São Paulo: Monteiro Lobato & Co-Editores, 1923.
- _____. **Melhoremos e prolonguemos a vida: a valorização eugênica do homem**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922.
- _____. **Eugenia e Medicina Social: Problemas da vida**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.
- LAGES, W. Iniciação indispensável à verdadeira puericultura. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 67, p. 26-28, ago. 1942.
- LAMARTINE, O. Algumas considerações sobre as corridas de meio fundo. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 66, p. 22-25 e 55-58, jul. 1942.
- LESSA, O. Amizade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 15, mar.1934a.
- _____. A decadência do “muque”. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 4,p. 63-64, mar. 1934b.
- LOTUFO, João. Treinamento. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 63, p. 30-32 e 51-52, mar./abr. 1942.
- LOURENÇO FILHO. Educação física e a futura raça brasileira. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 10-12 e 60, nov. 1939.

LOYOLA, H. Importância da educação física feminina. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 66, p. 15-16 e 18-21, jul. 1942.

_____ Congressos. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 9 e 73, ago. 1941.

_____ Os primeiros profissionais do esporte. **Educação Physica**. Nº 46, p. 09, set. 1940a.

_____ Saúde, Beleza e Alegria. **Educação Physica**. Nº45, p.09, ago. 1940b.

_____ Forja da nacionalidade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 9, abr. 1940c.

_____ Educação sexual. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 9, mar. 1940d.

_____ Educação Física. **Educação Physica**. Nº35, p. 09 e 65, out de 1939a.

_____ Educação Integral. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 9 e 67, set. 1939b.

LUNDBORG, H. Cruzamento de raças. *In*: **Boletim de Eugenia**. Ano III, nº34, outubro de 1931.

MAGALHÃES, F. Editorial - Educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 80, p. 1, jul. 1955.

_____ Educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 48, jun. 1942.

_____ Oração à Pátria. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 51, p.67, fev. 1941

_____ Editorial - Educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 1, dez. 1939.

_____ Oração à pátria. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 25, p. 1, ago. 1935.

_____ Escola de Educação Física do Exército. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 1, jan. 1934.

MARINHO, Inezil Penna. Grupamento homogêneo: considerações em torno desse problema em educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 15-16; 29-30 e 52-54, jun. 1942.

_____ Grupamento homogêneo: considerações em torno desse problema. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 77, p. 57-61, mar. 1944.

MARQUES, J. C. Nos domínios da eugenia: cuidados necessários à conservação da saúde e melhoramento da raça. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 26, p. 6-7, set. 1935.

MAURÍCIO, H. V. Comentando: A Biotipologia e a plástica feminina. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 50, p.26, jan. 1941a.

_____. A biotipologia, o cinema e a arte. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 44-46, maio 1941b.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **Regulamento da Escola de Educação Física do Exército**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1933

MOLINA, A. de. A importância da educação física para um povo: o método adotado. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, nº. 3, [s. p.], jul. 1932.

MONTEIRO, P. G. Instruções reguladoras das atribuições do oficial regimental e do médico de educação física: nos corpos de tropas e estabelecimentos militares. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 18, p. 4-5, dez. 1934.

MORAES, A. Da dinâmica da caixa torácica: estudo cinesiologico dos movimentos respiratórios. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 36-42; 58 e 63-64, dez. 1941b.

_____. Contribuição à história da educação física no Brasil: ligeiro relato sobre as atividades médico esportivas do último decênio. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 56, p. 26-29, jul. 1941a.

_____. Contribuição ao desenvolvimento da biotipologia no Brasil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 35, p. 29-30, out. 1937.

_____. Do registro de acidentes desportivos e indicações para a sua profilaxia. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 19, p. 3-4, fev. 1935.

_____. Como fazer a prova fisiologica em campo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, [s. p.], jan. 1933.

MORAES, J. Da Educação Physica como fator eugênico: sua orientação no Brasil. In: **Actas e Trabalhos do I Congresso Brasileiro de Eugenia**. Rio de Janeiro, 1929.

MORAIS, C. A organização de institutos ou escolas de Educação Física. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Rio de Janeiro, 1935.

NA CASA de correção. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 24, p. 3-4, jul. 1935.

NARDI, A. M. A sciencia do homem perfeito: biotipologica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 23-26, jan. 1938.

NORMOTIPO brasileiro. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p.10, abr. 1934.

- O ABORTO. *In*: **Boletim de Eugenia**. Ano II, nº 16, março de 1930.
- O CENTRO de Educação física da força publica mineira. **Revista de Educação Física**. Nº15, abril de 1934.
- O ESPORTE fascista, segundo uma conferência do general Giorgio Vaccaro. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 26, p. 35-37, set. 1935.
- O PROJECTO SOBRE O DELICTO DE CONTÁGIO. *In*: **Boletim de Eugenia**. Ano I, nº 1, jan de 1929.
- OITO anos de luta. **Revista Educação Physica**. Nº 42, p.07, Mai. 1940.
- OS CORPOS do exército são verdadeiras escolas de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 42, p. 38, set. 1938.
- OUVINDO um apostolo da educação physica no Brasil: Fernando de Azevedo fala a nossa revista. **Revista Educação Physica**. Rio de Janeiro, n. 5, p. 45-47, abr. 1936.
- PARANAGUÁ, João. O sentido da vulgaridade do moço brasileiro. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 86, p. 31, maio/jun. 1945.
- PENDE, N. **Endocrinologia**: Patologia y clínica de lós organos de secreción interna. Barcelona: Salvat, 1937.
- PENDE, Nicola. Biotipologia e atletismo. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 33-34 e 42, jun. 1939.
- PEREGRINO Jr, J. **Biometria aplicada à Educação**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1943a.
- _____. O papel da educação física na formação do homem moderno. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 62, p. 15-16 e 28-32, jan./fev. 1942.
- _____. Aspectos modernos do fichamento biométrico em educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 72, p. 44-46, jan./fev. 1943b.
- _____. **Biotipologia pedagógica**. Rio de Janeiro: Imprensa/Liv. Odeon ed., 1940.
- _____. **Doença e Constituição de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed, 1938.
- OS ARREMESSOS e os tipos indicados. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 57, out. 1940.
- PERRUSI, L. Donde provem a força muscular? **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 56-57 e 92, jul. 1937a.

_____ A que typo humano pertence? os quatro typos fundamentaes, os característicos especies de cada um. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 11, p.46-48 e 106, set. 1937b.

PIZA JR. S. T. A hereditariedade da cor de pele no casamento branco com preto. *In: Boletim de Eugenia*. Ano V, n° 41, janeiro-março de 1933.

PORTARIA n. 467 - de 16 de julho de 1944. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 82, p. 14 e 19-21, ago. 1944.

PORTO-CARRERO, J.P. Resposta de um especialista. *In: Boletim de Eugenia*, Vol 2, n° 24, Dez – 1930.

_____ É aconselhável um tal casamento? *In: Boletim de Eugenia*, n° 36, Dez - 1931.

_____ A sexualidade Infantil *In: Boletim de Eugenia*, n° 39, Jul/Set 1932.

_____ A Redenção *In: Boletim de Eugenia*, n° 42, Jun – 1933.

_____ Exercício físico para equilíbrio social. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 16, p. 1, jul. 1934.

PRIMEIRO congresso paulista de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 48, p. 39-40, set. 1941.

RAMALHO, S. **Antropologia do Brasileiro do Interior Paranaense**. Rio de Janeiro: Gráfica Lemmert LTDA, 1943.

_____ Média ou moda? – qual o valor central a ser escolhido como ponto de partida para determinarmos a situação de um indivíduo, relativamente aos elementos biométricos nele tomados? **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 51, p. 30-36, fev. 1942.

_____ Fichas para crianças. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 60-62, abr. 1940a.

_____ Ficha para crianças. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 14 e 16, jun. 1940b.

_____ A correlação capacidade vital e estatura pelo cap. Dr. Sette

Ramalho. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 45, p. 28, jun./jul. 1939a.

_____ A correlação capacidade vital e a estatura. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 46, p. 31, out. 1939.

_____ **Lições de Biometria aplicada**. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1938a.

_____ Os índices de robustez e a Escola de Educação Física do Exército. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 13, out. 1938b.

_____ Estudos originais de bio-estatístico: faixas de normalidade – sugestões ao Dr. Lauro Studart: pelo cap. Dr. Sete Ramalho. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 44, p. 32-33, nov. 1938c.

_____ Determinação da idade fisiológica das crianças pelos dados antropológicos registrados graficamente: método brasileiro. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 32, p. 2-3, ago. 1936a.

_____ O exame médico na educação física da criança, pelo método francês. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 10, out. 1936b.

_____ Contribuição para a educação física militar: a ficha para os corpos de tropa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 19, p. 33-40, fev. 1935a.

_____ O trabalho médico na educação física: exposição esquematizada. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 28, p. 5-11, nov. 1935b.

_____ Cadernetas de saúde. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, v. III, n. 29, p. 33, dez. 1935c.

_____ Uma ficha para os corpos de tropa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 30-33, jan. 1934.

_____ Das fichas biométricas. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 11, p. 10, out. 1933a.

_____ Fichas para crianças. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 40-46, maio 1933b.

_____ Das fichas biométricas. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 3-5, ago. 1933c.

_____ Uma ficha para a biotipologia de Barbara. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 5-6, nov. 1933d.

_____ Representação gráfica das qualidades biomensuráveis: perfis. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 13, p. 6-7, dez. 1933e.

_____ Gabinete Biométrico na Educação Física Moderna. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 03. Jul. 1932.

RAMOS, A. Antropologia e educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.69, p. 12-13 e 43-46, out. 1942.

_____ Formação física e caráter. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 10-11 e 72, abr. 1941c.

_____ A formação física e o caráter. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 52, p. 10-11, mar. 1941b.

_____ Conselhos de higiene mental. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 52, p. 68-69, mar. 1941a.

_____ Os dois pólos da criança mimada da criança escorraçada. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 21-22 e 65, set. 1940.

_____ A educação física elementar sob o ponto de vista da caracterologia. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 35-36, out. 1936.

_____ A Educação Física elementar: sob o ponto de vista da caracterologia. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Rio de Janeiro, 1935.

RAMOS, Souza. Individuo, esporte e raça. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 31, p. 38, maio 1936.

RÉGLEMENT Général D' Education Physique – Methode Français. Paris: Imprimerie Libraire Militaire Universelle, 1928.

MEDEIROS; M. de. Homens para a Natureza. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro, nº 26, p. 01, set. 1935.

REIS, N. O. Comentários sobre o metodo de “Niekls Buck” pelo cap. Newton Oliveira Reis. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 33, out. 1938.

REIS, J. D. B. **Contribuições à Biotipologia Ontogenética**. Departamento de Cultura. São Paulo, 1946.

ROCHA, A. U. BRETAS, A. Contribuição ao estudo dos psychogramas. In: **Actas e trabalhos do I Congresso Brasileiro de Eugenia**, 1929.

RODRIGUES, M. de Q. A educação física feminina na escola Paulo deFrontin. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, [s. p.], mar. 1933.

ROLIM, Inácio de Freitas. Educação moral e educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 10-11 e 72-74, ago. 1940.

ROQUETTE-PINTO. O Rádio e a Educação Física. In: **Anais do VII Congresso Nacional de educação**.p. 218-220, 1935.

_____ Notas sobre os typos antropológicos do Brasil. **Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 119-148.

_____ **Seixos Rolados**. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado e C, 1927.

ROSSI, A. R. **Tratado teorico practico de biotipologia y ortogenesis**: v.1 herencia, eugenesia, ortogenesis: v.2 biotipologia, constitucion morfologica, endocrinologia, dinamismo humoral: v.3 el alma y sus secretos. Buenos Aires: Editorial Ideas, 1944.

SALGUEIRO, A. Estudo do biotipo em face dos arremessos pelo 1º ten.

Aírton Salgueiro de Freitas instrutor da E.E.F.E. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 32, out. 1938.

SAMPAIO, A. J. Genética Vegetal. In: **Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 195-204.

SCHOPENHAUER, A. Amor e eugenia. In: **Boletim de Eugenia**. Ano IV, nº 40, outubro-dezembro de 1932.

SESSÃO INAUGURAL. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Rio de Janeiro, 1935.

SILVA, L. L. Cruzamento do Branco com o Preto. In: **Boletim de Eugenia**. Ano III, nº30, junho de 1931.

SILVEIRA, F. R. Biométrica. **Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 99-106.

SILVEIRA, M. T. **Biometria**: Antropometria e Biotipologia. Viçosa: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Viçosa, 1979. 49 p.

STOFFEL, Floriano Peixoto Martins. Biotipologia. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 37, p. 17-24, dez. 1937.

_____. O controle médico da educação física em suas relações com a biotipologia e a endocrinologia. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 31, p. 9-11, maio 1936.

_____. Educação: de como póde a medicina moderna influir para a melhoria da sociedade. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, [s. p.], mar. 1933.

STUDART, Lauro. Aspectos morfo-fisiológicos dos biótipos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 41, p. 29-31, ago. 1938.

TABELA das vitaminas: uma contribuição para facilitar, às donas de casa e aos interessados em geral nos problemas de alimentação, a aplicação dos bons princípios da nutrição. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 52, p. 40-41, mar. 1941.

TAPEDINO, A. A sífilis e o casamento: exame pré-nupcial. In: **Boletim de Eugenia**, ano 2, nº 15, março de 1930

TELLES, A. Q. O problema immigratorio e o futuro do Brasil. In: **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro. Ano I, nº11, novembro de 1929.

UMA grande Victoria da sciencia brasileira no estrangeiro: Leonídio Ribeiro e Waldemar Berardinelli conquistam o Premio Lombroso de 1933. In: **Revista Brasileira**: synthesesi do momento contemporaneo. Nº 06, Janeiro e Fevereiro de 1935. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=139955&pagfis=16289&pesq=Waldemar+Berardinelli+premio+Doutorandos+1900>, acesso em 15/07/2012.

UMA Nova Entidade Científica que aparece: A Comissão Central Brasileira de Eugenia. *In: Boletim de Eugenia*, março de 1931, N. 27, p.01-02.

THOORIS, A. **Gymnastique et massage médicaux**. Paris: G. Doin e C. Editeurs, 1951

TORRES, A. A Educação Física nas escolas normais. *In: Anais do VII Congresso Nacional de Educação*. Rio de Janeiro, 1935.

TÓRRES, Orlando M. A educação física no Pará. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 39, out. 1936.

VALERIO, Américo. Educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, [s. p.], fev. 1933.

VARIGNY, H. de, Da Eugenia, Tradução e anotações de Octavio Domingues. *In: Boletim de Eugenia*, Vol. 3, janeiro de 1931, N. 25, p.03.

VIEIRA, Ricardo Rodrigues. Pioneiros da educação physica: Fernando de Azevedo. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 59-60, abr. 1936.

VII CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 23 de junho a 7 de julho de 1935, RJ, Distrito Federal. *Anais do VII CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO*. Rio de Janeiro, 1935.

ZAULI, B. Os atletas do anno 2000. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, [s. p.], fev. 1933.

Anexo

Revista	Autoria	Título	Data	Nº	Página	Digitalizado	Organização dos Capítulos	Extos de argumentação	Temáticas paralelas
Educação Física 1932 - 1945	Fernando de Azevedo	O problema da regeneração	abr/36	5	p. 12 a 14	Doc. Fot.	Eugenia	F. Az. Ufanismo	(A. 1920a), Concep Eugenia
Educação Física 1932 - 1945	X	a Educação Física no Brasil: Fernando de Azev	abr/36	5	p.45 a 47	Doc. Fot.	Eugenia	F. Az	Eugenia # EF
Educação Física 1932 - 1945	Fernando de Azevedo	Maratona	dez/36	7	p.13	Doc. Fot.	Eugenia	F. Az	(A. 1920b), Eugenia - ciência exp.sist.
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Sete Ramalho	Gabinete biométrico na educação física modern	jul/32	3	s.p.	Doc. Fot.	Biometria	Dispositivo/Tecnologia	Componente 2/Fichamento
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Américo Valério	Educação Física	fev/33	5	s.p.	Doc. Fot.	Eugenia e Biopediologia	Dispositivo	Ind. esportiva
Educação Física 1932 - 1945	Fernando de Azevedo	Origem e Evolução da Educação Física	abr/37	9	p. 10 a 12	Doc. Fot.	Eugenia	F. Az	(A. 1920a)
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Florianio Stoffe	Como pode a medicina moderna influir para a melhor	mar/33	6	s.p.	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo	Componente 2/Ind. esportiva/Conector 1 - Psicanális
Educação Física 1932 - 1945	X	Comentários	set/37	11	p.6	Hiperlinks PDF	Eugenia	Dispositivo	Necessidade da Eugenia
Educação Física 1932 - 1945	Fernando de Azevedo	Higiene social pela Educação Física: Medidas	set/37	11	p.8 a 10	Doc. Fot.	Eugenia	F. Az/Trad. higienico sanitária	(A. 1920a), Eugenia = higiene
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	X	O brasileiro "a ser abdoado nos corpos de tropa e	mar/33	6	s.p.	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo/Tecnologia	Ind. esportiva/Fichas biométricas/Fichamento
Educação Física 1932 - 1945	Coelho Neto	Higiene e cultura física	dez/37	13	p.81	Doc. Fot.	Eugenia	Desy com a Eugenia	Resig. Concep Eugenia; Eugenia = Higiene
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	João Ribeiro Pinheiro	A Inquietação espiritual e a Educação Física	jan/33	4	s.p.	???	Eugenia	Desy com a Eugenia	
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	X	A Eugenia e a Constituinte	jan/33	4	s.p.	???	Eugenia	Vinculo com o Mov. Eugénico	S/ relação com a EF
Educação Física 1932 - 1945	X	Iniciativa	jan/38	14	s/p	Doc. Fot.	Eugenia	com a Eugenia; (A nacional); Ufar	Concep Eugenia
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Ugo Cassinis	O Pilar e o Índice-Constitucional em Biologia e F	abr/33	7	s.p.	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo	Componente 2/Vinculos com o exercício italiano
Educação Física 1932 - 1945	Antonio Carfano	O valor social da educação física	jul/38	20	p.9 e 10	Doc. Fot.	Eugenia	Trad. higienico-sanitária	Concep Eugenia; Hered
Educação Física 1932 - 1945	Luis Bisquet S.	A Educação Física Holandesa	out/38	23	12 a 15 66 a	Doc. Fot.	Eugenia	Desy com a Eugenia	Idoi alemã; Hered; Trad. Higienco-sanitária
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Sete Ramalho	Ficha para crianças	ma/33	8	42 a 46	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo/Tecnologia	Componente 4 (Componente 2)/Fichamento
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	X	Ficha morfológica para crianças	ma/33	8	p. 40 e 41	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo/Tecnologia	Componente 2/Modelo
Educação Física 1932 - 1945	Hollandia Loyola	Educação Integral	set/39	34	p. 09 e 67	Doc. Fot.	Eugenia	Desy com a Eugenia; (A nacional)	Eugenia = raça, povo e nação; Abr. racial via EF
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Sete Ramalho	Das Fichas biométricas	ago/33	10	s.p.	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo/Tecnologia	Componente 2 /Procedimentos
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Sete Ramalho	Das Fichas biométricas - continuação	out/33	11	p.3 a 5 e 10	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo/Tecnologia	Componente 2 /Procedimentos
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	X	O método escolar e a Educação Física	out/33	11	p.34 e 35	Doc. Fot.	Biometria	Dispositivo/Tecnologia	Componente 2/Grupoamento homogêneo
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Sete Ramalho	Uma ficha para tipologias de Barbara	nov/33	12	p.45	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo/Efeito	Componente 2/Modelo/Procedimentos/Resig
Revista de Educação Física (Exército) - 32 a 09	Sete Ramalho	Uma ficha para os corpos de tropa	jan/34	14	p.30 e 33	Doc. Fot.	Biopediologia	Dispositivo/Tecnologia	ente 2/Ind. esportiva/Grupoamento homogeneo/Fic
Educação Física 1932 - 1945	Hollandia Loyola	Forja de nacionalidade	abr/40	41	p.09	Doc. Fot.	Eugenia	Desy com a Eugenia; Ufanismo	Raça = povo e nação



Prêmio CBCE de Literatura Científica

NOS DOMÍNIOS DO CORPO E DA ESPÉCIE: EUGENIA E
BIOTIPOLOGIA NA CONSTITUIÇÃO DISCIPLINAR DA
EDUCAÇÃO FÍSICA

André Luiz dos Santos Silva

DEMAIS OBRAS DA COLEÇÃO:

- ❖ Educação Física: Atuação Profissional e Condições de Trabalho em Academias / *Adriana Cristine Koch Buttelli*
- ❖ Educação Física: Atuação Profissional e Condições de Trabalho em Academias / *Alessandra Dias Mendes*
- ❖ Quando o silêncio é rompido: Homossexualidades e Esportes na Internet / *Luíza Aguiar dos Anjos*
- ❖ Efeitos de Diferentes Programas de Treinamento de Força no Meio Aquático com Diferentes Volumes nas Adaptações Neuromusculares de Mulheres Jovens / *Maira Cristina Wolf Schoenell*
- ❖ Efeitos Agudos e Crônicos do Treinamento em Hidroginástica no Perfil Lipídico e na Enzima Lipase Lipoprotéica de Mulheres Pré-Menopáusicas Dislipidêmicas / *Rochelle Rocha Costa*